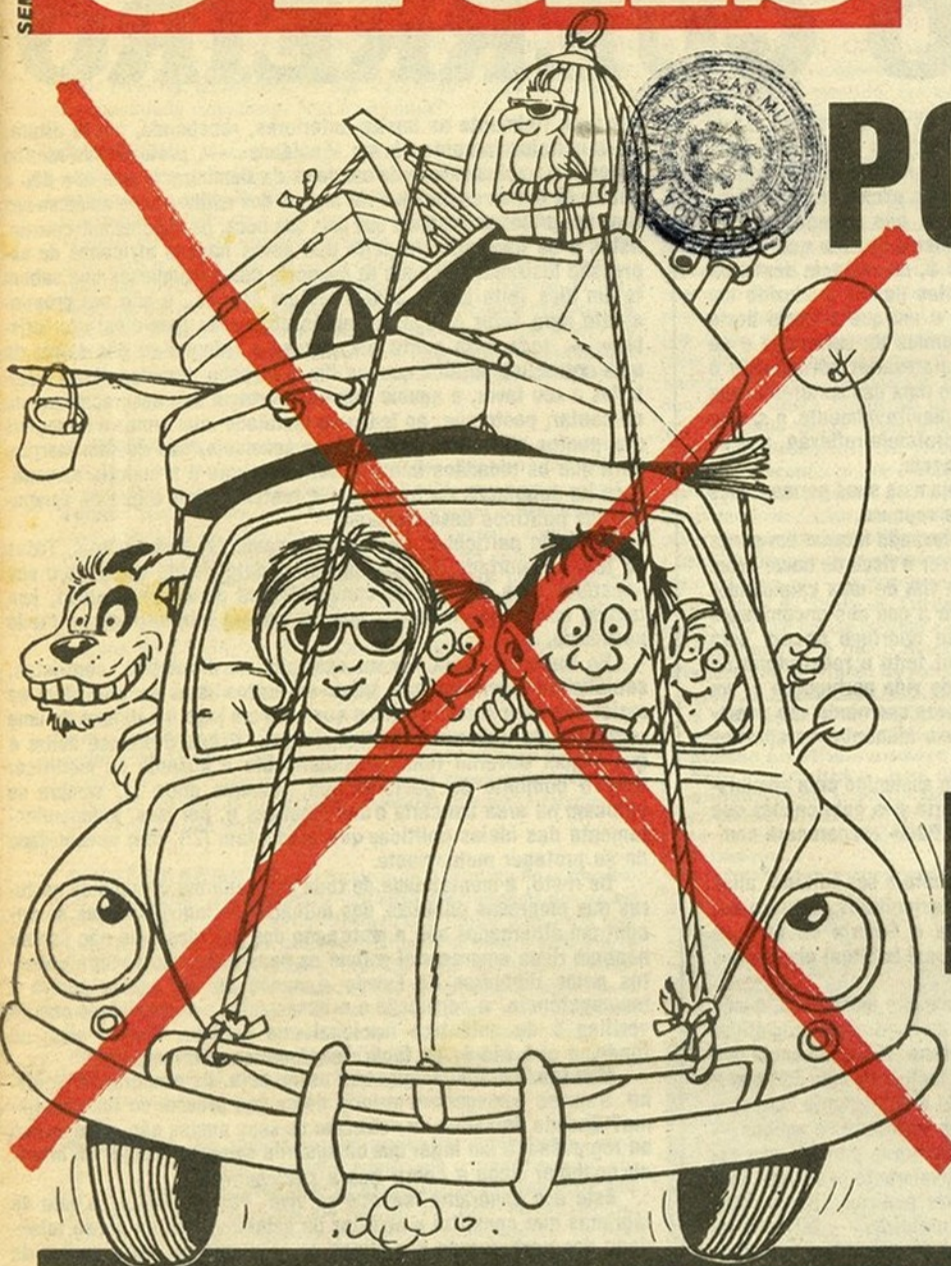


o País

Cada vez pior...



PORTUGUESES PASSAM FÉRIAS... EM CASA!

Afinal, com mais ou menos Plano de Recuperação Económica, com D. Branca ou sem ela, a crise instalou-se definitivamente e há quem comece a desesperar por não ver qualquer «luz no fundo do túnel». Os portugueses, comprimidos pelos seus cada vez mais apertados orçamentos, não sabem onde ir buscar o dinheiro para satisfazer despesas essenciais e, chegados às férias, estão a optar em grande número por, muito simplesmente, passá-las em casa.

Pág. 7

UM NOVO **o País** EM OUTUBRO

«O descanso do guerreiro» — ver editorial na pág. 2

Pequenos e médios empresários têm nas suas mãos o futuro da indústria e da economia

Forum das Pme

1º Salão de criação de empresas

12
PÁGINAS
ESPECIAIS

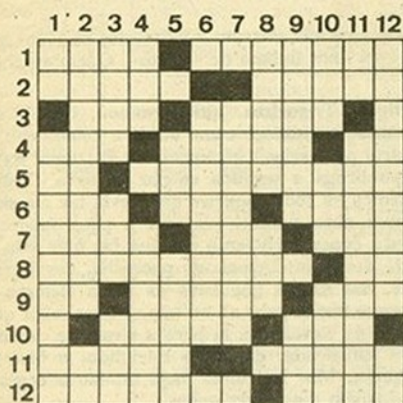
URBANIZAÇÃO
CHAVES
MONTALEGRE
CIC

por: F. de Andrade

CRUZADISMO

DAMAS

XADREZ

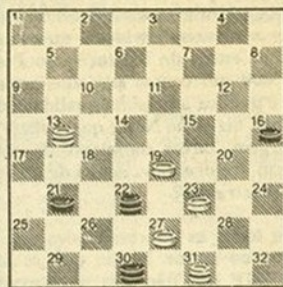


Horizontais

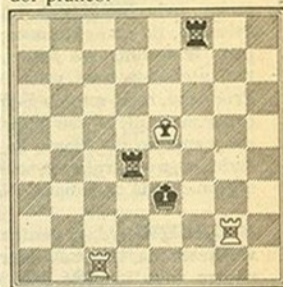
1 — Terreiro descoberto, em frente e às vezes em volta da igreja; encontraram. 2 — Chegara; desenvolve. 3 — Cinco cadernos ou vinte e cinco folhas; rajada de eloquência. 4 — Nome próprio masculino ou apelido; derrama; pago (abrev.ª). 5 — Meio ano; estado de abatimento causado por afastamento dos lugares ou das pessoas. 6 — Espaço de um mês; fruta-do-conde; sulcar. 7 — Odeia; eia; partida (inv.º). 8 — Acautelada; o meio do sete. 9 — Autores; quartzo translúcido de cores variadas; letra grega. 10 — Excede-se; acreditei. 11 — Lubrificai; lápide. 12 — Montanhês; salterio de dez cordas.

Verticais

1 — Ouro (s.q.); úlceras na coroa dos cascos dos solípedes. 2 — Subtraia um número de outro; interpreta o que está escrito. 3 — Verdadeiro; decâmetro quadrado; prefixo de ar. 4 — Rezo; finalizar. 5 — Desloca-se no ar; pessoa de grande talento e perspicácia (fig.º). 6 — Restolhos. 7 — Planta medicinal também conhecida por pão-de-porco. 8 — Leilão; nome de mulher. 9 — Variedade de pera; tribo constituída por um certo número de famílias. 10 — Abundância; tecido tinto de escarlate; épocas. 11 — Amerício (s.q.); que tem piada. 12 — Molusco que produz o nácar; aspecto.



As brancas saem e vencem em quatro lances.



E. B. Cook
«Illustrated London News» 1854
(as brancas ganham)

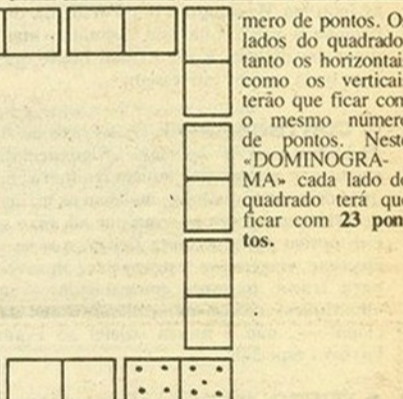
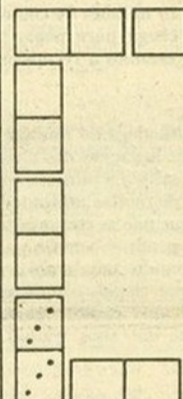
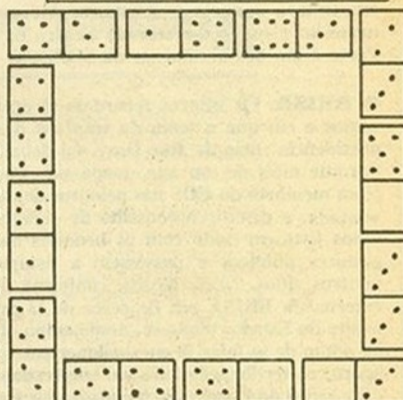
Descubra as 8 diferenças.



DIFERENÇAS

DOMINOGRAMA

Complete o quadro da direita com as peças de dominó que se encontram misturadas no quadro da esquerda, de tal maneira que se verifique a regra principal do dominó isto é que os lados adjacentes de 2 peças diferentes tenham o mesmo número de pontos.



mero de pontos. Os lados do quadrado, tanto os horizontais como os verticais terão que ficar com o mesmo número de pontos. Neste «DOMINOGRAMA» cada lado do quadrado terá que ficar com 23 pontos.

MEMOGRAMA

3	x	-	= 2
+	x	+	
	x	-	= 4
-	+	-	
	x	-	= 2
= 6	= 7	= 6	

Resolva o memograma utilizando apenas números de 1 a 9, de tal maneira que as operações indicadas na horizontal e na vertical deem os resultados apresentados.

SOLUÇÕES

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontal: 1 — Ave; galapagos. 2 — Diminuir; ic. 3 — Real; arc; aer. 4 — Oro; acubar. 5 — Voz; água. 6 — Restos. 7 — Aranha. 8 — Abus; cri. 11 — Olear; placa. 12 — Serrano; asor. Vertical: 1 — Precavid; et. 9 — AA; agata; eta. 10 — rago. 4 — Gil; verde. 5 — An; nostalgia. 6 — Lua; ara; ar. 7 — Adro; acharam. 2 — Viera; anima. 3 — Mão; pladético. 12 — Margarita; sr.

DAMAS

B. 13-18. N. 22-13. B. 23-20. N. 30-14. B. 31-28. N. 16-23. B. 28-26.

XADREZ

Solução: 1 Tc+; T d3 2 T g3+; a T d3 e tomada e o final esta ganho.

DIFERENÇAS

1 — Pedra à esquerda. 2 — Oculos da velha. 3 — Patilha do corredor. 4 — Chama olímpica. 5 — Vestido da velha (punto). 6 — Chapéu do homem de bigode. 7 — Camisola do rapaz. 8 — Símbolo na camisola olímpica.

DOMINOGRAMA

MEMOGRAMA

Horizontal: 3x2-4=2; 5x2-6=4; 2x3-4=2. Vertical: 3+5-2=6; 2x2+3=7; 4+6-4=6.

TESTE

Verifique o seu quociente de confiança

Este teste destina-se a fazê-la tomar consciência do seu nível de insegurança relativamente à confiança. Responda rapidamente a estas perguntas; não reflita sobre elas. Concorda com estas afirmações?

- Quando o fim do mês se aproxima, está geralmente falida, e nunca consegue perceber como é que o seu dinheiro desaparece.
- Talvez tivesse mais sucessos no trabalho se fosse mais bonita.
- Durante a infância, foi obrigada a fazer coisas que considerava serem desnecessárias ou que não compreendia.
- É uma pessoa simpática e afável. Esta qualidade poderá ajudá-la a superar as dificuldades da sua vida.
- Nenhum dos seus amigos gostava de um determinado filme. Assim, ficou certa de que também não ia gostar.
- Raramente faz o balanço do seu livro de cheques.
- Os últimos cinco livros que leu eram best-sellers.
- Era medíocre numa determinada disciplina, quando frequentava a escola. Dessa forma, recusa-se a tirar um curso dessa cadeira.
- O seu namorado diz-lhe que acha a Meryl Streep extremamente atraente. Assim, evita ir ver o seu último filme.
- Quando se zanga com alguma pessoa, não suporta vê-la.
- Quando era criança mentia e roubava frequentemente.
- Nunca discute com o seu marido ou namorado.
- Não procura subir de posto na sua empresa, porque suspeita de que não terá capacidade para exercer funções de maior responsabilidade e assim perderá o emprego.
- Nunca aceitará um emprego onde tivesse que vestir roupas de trabalho.

- A confiança em si própria ficará seriamente abalada se falhar num emprego.
- Suspeita de que o seu namorado ou marido a engana mas não protesta com receio de uma ruptura.
- Foi já casada uma vez. Depois do divórcio jurou que não voltaria a casar.
- Devia saber que era preferível comprar uma casa a alugá-la todos estes anos.
- Se uma mulher é vice-presidente de uma empresa, deve obviamente ter confiança em si própria.
- É uma maníaca do trabalho e orgulha-se secretamente disso.
- O trabalho é uma maçada. Preferia ser rica e não ter de trabalhar.
- Geralmente não sai com homens que não sejam atraentes.
- Se herdasse uma grande soma de dinheiro, ofereceria provavelmente uma boa parte.
- Ao fim de um dia de trabalho, vai normalmente para casa vê televisão.
- Pensa que a coisa mais importante na vida é ter bons amigos.

- desenvolver a atitude «Nunca compreenderei o mundo dos adultos... Podia igualmente desistir».
- A simpatia é coisa muito agradável mas não pode constituir uma forma de sobrevivência. Muitas pessoas disfarçam a falta de confiança tentando ser amáveis.
- Provavelmente não irá gostar, mas como pode ter a certeza? Tome as suas próprias decisões.
- Esta atitude revela, mais uma vez, a sua falta de confiança e de firmeza.
- Também aqui não leva em consideração os seus próprios gostos. Tente explorar a literatura como uma forma de amadurecimento intelectual.
- Alimenta a convicção de que nunca compreenderá nada sobre esse assunto. É uma atitude negativa para a sua confiança.
- Calma! Ela é casada mas você parece ter problemas com a sua própria imagem.
- Está a deixar que as emoções afectem o seu equilíbrio e por conseguinte, a confiança.
- Outra boa forma de se tornar um adulto sem confiança em si

- «Devia saber» é uma expressão pesada, que implica que você precisa de uma bola de cristal para adivinhar tudo.
- Ah, mas terá também sucesso na sua vida privada? A confiança em si própria aplica-se a todos os domínios.
- Está a substituir outros aspectos igualmente importantes na sua vida, pelo trabalho.
- Sente uma enorme dificuldade em conseguir prazer neste mundo de problemas, o que é uma indicação da pouca estima que tem por si. O dinheiro não é uma forma de escapar à realidade ou às responsabilidades.
- «Atraente para si» é natural, mas se sair só com homens elegantes, revela que está provavelmente a tentar disfarçar o seu sentido de atracção sexual. («Se eu consigo sair com um homem elegante, é porque sou concerteza atraente»).
- A caridade e o altruísmo não são substitutos da confiança.
- Você revela uma certa incapacidade para se divertir e compreender toda a plenitude da vida. Isto é o reflexo, mais uma vez, da sua falta de confiança.
- Os bons amigos são uma das coisas mais importantes na vida, mas você é a coisa mais importante na sua vida. Se tiver confiança em si própria, apreciará melhor aquilo que a vida tem para lhe oferecer e os seus amigos.

ALBUFEIRA
o País
vende-se em
A. J. Santos

Explicações

Se discordou com todas as afirmações deste teste, então o seu grau de confiança é perfeito. Claro que a confiança de qualquer pessoa nunca é perfeita a menos que tente disfarçá-lo. Aqui está o significado das perguntas, no caso de ter concordado.

- É uma falta de confiança e de sentido de organização.
- Se não é nem uma locutora nem um modelo, isso significa que tem pouca consideração por si própria.
- Uma boa forma de uma crian-

próprio. Aprendeu, desde muito cedo a desconfiar de si.

- Tem medo de protestar? Recreia perdê-lo? Está a permitir que o medo regule a sua vida.
- Dúvida da sua capacidade de adquirir conhecimentos para lidar com novas responsabilidades.
- Não é capaz de abdicar da necessidade de parecer feminino.
- Deveria abalar talvez o seu orgulho mas nunca a sua confiança.
- Esta é óbvia.
- De novo, ameaça a sua confiança, ao pensar que nunca será feliz no casamento.

Contagem

Conte o número de afirmações com que concordou.

De 1 a 4: Não tem problemas com a sua confiança.

De 5 a 8: A sua confiança anda um pouco por baixo.

De 9 a 12: Tem alguns problemas de insegurança.

Mais de 12: Precisa realmente de fazer algo para melhorar a sua confiança.



Filipa

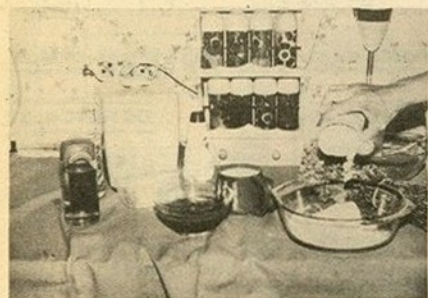
Cozinhar é fácil

90

É EVIDENTE que os meus leitores e leitoras já terão visto, pelo Editorial do número de hoje, que esta edição é a última do actual período, posto que «o País» vai sofrer um interregno até ao dia 4 de Outubro. Como, por outro lado, os meus programas da televisão foram interrompidos desde que o actual conselho de gerência (?) e a consequente direcção de Programas tomaram posse (vale mais cair em graça do que ser engraçado!), quer isto dizer que o contacto que mantenho com um vasto público, há muitos anos, sofrerá também um tempo de repouso. Seja como for, o empenho que sempre tive de ajudar tanta gente — e cada vez mais — que não sabe como enfrentar a grave situação que atravessamos, tendo necessidade de economizar o mais possível e não deixando por isso de apresentar nas suas mesas pratos que parecessem aceitáveis, essa minha campanha vai ter de esperar para prosseguir mais tarde. E é pena, porque se trata de uma luta que, de dia para dia, maior número de pessoas trava. Pode ser que o bom senso regresse um dia à RTP e as cabeças que por lá existirem compreendam que eu ou qualquer outro especialista (autêntico) tem uma missão importante a cumprir e que é o ensinar a cozinhar dentro das severas restrições que a vida de hoje em Portugal impõe. Entretanto aguardemos... com muita fé.

«Pizzas» rápidas

CADA vez se vão tornando mais conhecidas e sobretudo a juventude tem por elas grande predilecção. A primeira qualidade das «pizzas» é a sua variedade, o seu valor nutritivo e a economia que representam. No mundo inteiro se vêem «pizzerias» cheias de gente nova, que, por pouco dinheiro, pode comer uma refeição que os deixa satisfeitos. Vamos aproveitar este Verão para tirar delas o maior partido.



As quantidades necessárias para a preparação de 8 «pizzas» pequenas são: 4 dl. de farinha de trigo, 1/2 colher (de chá) de sal, 2 colheres (de chá) de fermento em pó, 50 gr. de manteiga ou margarina, 1 1/2 dl. de leite, 300 gr. de fiambre cortado muito fino, 150 gr. de cogumelos frescos, 200 gr. de queijo ralado, 1 chávena de molho de tomate, 1 colher (de sopa) de manteiga ou margarina, oregãos e azeite q.b.



Primeiro prepara-se a massa da seguinte forma: misturam-se a farinha, o sal e o fermento dentro de uma tigela.



Corta-se a margarina aos bocados e mistura-se na farinha com uma faca ou com a ponta dos dedos até se obter uma massa grumosa.



Verte-se o leite na tigela e mistura-se rapidamente até a massa ficar bem lisa e homogénea.



Pega-se então na massa e formam-se as «pizzas» do tamanho que se quiser. Estende-se com o rolo e coloca-se na chapa untada estendendo-a ainda até ficar fina.



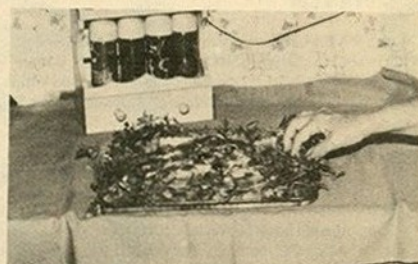
Quando a base da «pizza» estiver estendida sobre a chapa espalha-se primeiro o molho de tomate, com a ajuda de uma espátula grande, tendo o cuidado de deixar em toda a volta 1 cm.



Corta-se o fiambre em tiras que se colocam sobre a «pizza» e cortam-se os cogumelos às fatias depois de previamente salteados com manteiga, espalhando-se também pela superfície da massa.



Polvilha-se com os oregãos e o queijo ralado, rega-se com um fio de azeite e mete-se finalmente no forno.



Estas «pizzas» de massa rápida cozem num forno à temperatura de 225°C durante cerca de 15-20 minutos.

...e assim fica o prato pronto!

«Comida de Urso»

TENHO cada vez mais admiração pela juventude de hoje, especialmente aquela que se atira de cabeça a trabalhar em ramos que não eram habituais na esfera em que viviam.

Esta introdução refere-se a um restaurante que visitei esta semana, que, sem qualquer pretenciosismo, sabe como servir o público e que apresenta uma comida igualmente despretenciosa, muito bem confeccionada e a preços verdadeiramente acessíveis. Senão vejamos.

Cada dia da semana apresentam um prato diferente: carne de vaca assada (275\$00), esparguete à Urso (250\$00), chocos gratinados (280\$00), bifinhos de cebolada (275\$00) e bacalhau (300\$00). Todos os dias há uma sopa diferente e os acompanhamentos, que são pedidos à parte, são: arroz branco (30\$00), batata frita (30\$00), esparguete (40\$00). Seguem-se as saladas que, caso raro, têm temperos de ervas bem portuguesas e diversas composições à escolha: podem ser de tomate e cebola temperados com oregãos, de pepino pimento e tomate, de alface ou de agriões (60\$00), todas elas com molhos à escolha tais como maionese de alho, molho cor de rosa, azeite e vinagre, etc. Há ainda uma açorda (75\$00) conforme a carta indica «para combinar» com o atrás descrito pode-se escolher também bifinho de vaca (80\$00), bife panado (80\$00), costeletas de porco (120\$00), carne de porco assada (120\$00), salada russa de atum (150\$00), salada de peru fumado ou frango (150\$00), rissóis de atum (25\$00), croquetes de carne (30\$00), crepes vários

(40\$00), tarte de fiambre e queijo (120\$00) e omeletes simples (80\$00), de tomate (100\$00) e de queijo ao mesmo preço. De sobremesas têm arroz doce (40\$00), mousse de chocolate (60\$00), quadrados de laranja, cubos de chocolate, tarte de maçã e pão de ló, todos a 60\$00, o salame de chocolate (40\$00), brigadeiros (30\$00), «bavaroise» (75\$00), bolo de bolacha (60\$00), quente e frio (85\$00) e salada de fruta (90\$00). Depois têm ainda várias bebidas não alcoólicas, como batidos de chocolate (60\$00), morango, melão e alperce (100\$00), sumos de máquina de laranja e groselha (25\$00) e sumo de laranja natural (80\$00), para além de todos os refrigerantes normais, águas, vinhos e cervejas.

Quando lá fui almoçar cheguei cedo, pois tinham-me avisado que estava sempre cheio e, foi a última mesa vaga que havia. Eram as 12,45 horas. Escolhemos para almoçar — e como habitualmente éramos duas pessoas —, uma salada com pepino, tomate e pimentos, 2 crepes de camarão, 1 bóia caseira de tamanho individual, deliciosas, que substituí o pão com vantagem — muito embora aquele que apresentam seja bem apetitoso —, um arroz de manteiga, um esparguete, um panado, uma Docacola, uma água mineral, uma dose de bolo de chocolate e dois cafés. O total da conta foi de 545\$00. Sem comentários!!!

A casa estava cheia de juventude que, por pouco dinheiro, se deliciava com panadinhos e saladas. A receber, um dos donos, simpaticíssimo, atento a todos os pormenores e sabendo aconselhar o que de melhor havia nesse dia. É um Pereira Coutinho Velasco que, efectivamente, sabe o que está a fazer. A decoração não pode ser mais simples mas está fresquinha, despretenciosa e engraçada. Paredes caídas de branco e pintadas as soleiras das portas e janelas de azul forte a condizer com as toalhas das mesas em riscado bem português, de quadrados azuis e brancos. Como balcão de serviço da sala para a cozinha o móvel frigorífico expositor, onde a

maioria dos doces e saladas estão colocados à vista do cliente. Está tão bem enquadrado e sobretudo tão bem recheado de «coisinhas» boas que até passa desapercibido. O serviço de loiça branca com umas pintas azuis da mesma tonalidade dos restantes azuis é de cerâmica tosca, para meu gosto girríssima. Sobre as mesas uma mini jarriinha, da mesma loiça, com malmequeres brancos.

Não posso deixar passar em branco nenhum detalhe porque são estes restaurantes que eu julgo serem os necessários no momento presente. A boa comida simples, caseira, da qual se pode tirar rendimento e que satisfaz muito mais que a outra complicada, cheia de molhos, pesada e que não dá defesa ao dono do restaurante. Com as dificuldades com que hoje deparamos, numa época em que todo o mundo trabalha, há cada vez mais necessidade de se criarem lugares onde a juventude — e não só ela — que estuda possa comer, racionalmente, por pouco dinheiro e com uma relativa rapidez.

Posso afirmar que tudo o que me foi dado provar neste almoço estava com um paladar caseiro, muito bem feito e com doses perfeitamente aceitáveis. Pode-se entender que um prato que custa 80\$00 como os panados de carnes seja concebido para um só bifinho até porque os acompanhamentos são fartos. O que não é admissível é que pratos que custam 600\$00 e mais venham de tal forma mal servidos que deixam quem os escolheu com fome. Não é restaurador quem quer, tem de se ter minimamente a noção das regras a que se tem de obedecer e o conhecimento suficiente para quando acontece algum percalço no pessoal os clientes não se apercebiam disso. Esta ignorância tem concorrido na maior parte das vezes para o encerramento dos estabelecimentos.

Não tenho qualquer dúvida em atribuir ao «Comida de Urso» uma das minhas notas altas e julgo não me enganar quando aqui digo que eles irão ter o maior sucesso.

Tal como prometi, um dia destes voltarei a visitá-los.

crítica

Recomendamos estes livros — encomende-os pelo Correio!

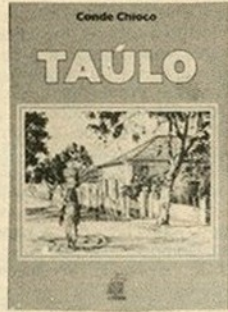
Preencha o cupão e os livros (estes ou outros) seguirão contra-reembolso, sendo os portes de sua conta



O COMANDANTE DO NORTE
Jean Lartéguy
350\$00



SÁ CARNEIRO
E A SOCIAL-DEMOCRACIA
Evaristo Fernandes
490\$00



TAÚLO
Conde Chioco
140\$00



NÔ CEGO
Carlos Vale Ferraz
475\$00

(recortar e devolver)

À Livraria «o País»
Rua da Rosa, 248
1200 Lisboa

Nome

Morada

Localidade

Desejo que me remetam à cobrança o(s) seguinte(s) título(s):

Data..... Assinatura

Prof. Rakar
Telef. 54 26 28



CARNEIRO

TRABALHO: Deve nesta altura receber e concordar com conselhos dos colegas. DINHEIRO: Esteja atento com algum negócio que possa surgir agora. Será bom. SAÚDE: Não teremos nada a assinalar de importância.

TOURO

TRABALHO: Vigoram os aspectos positivos astrais, mas cuidado com traições. DINHEIRO: Fuja aos compromissos que veja não possam ser cumpridos nesta altura. SAÚDE: Nada a assinalar de importância. AMOR: Deve rever os seus assuntos sentimentais e decidir-se.

GÊMEOS

TRABALHO: Não se esquive às suas responsabilidades. Tenha coragem... DINHEIRO: Como é natural, quanto mais trabalho maiores benefícios de dinheiro. SAÚDE: Explândido para fazer terias e desportos no campo, mais que na praia. AMOR: Veja que Vénus, planeta do amor está agora mal para si. Esteja precavido.

CARANGUEJO

TRABALHO: Estude qualquer outra profissão mais de acordo com a sua personalidade. DINHEIRO: Avance agora com toda a força e seja audacioso nalgum negócio. SAÚDE: Retorçada com algum descanso merecido... AMOR: Vigie essas emoções... não brinque com mais de um amor....

LEÃO

TRABALHO: Está numa boa altura para estudar a sua posição e definir situações... DINHEIRO: Se receber algum reforço - o que é natural - poupe... SAÚDE: Nada tem a assinalar de importância. AMOR: Por fim podemos dizer que está protegido no amor.

VIRGEM

TRABALHO: Poderá conseguir agora uma melhor posição no seu trabalho. DINHEIRO: Não force nada e tente a sorte com o jogo... SAÚDE: Não faça esforços e terá a saúde sólida. AMOR: Uma nova vaga de inspiração pode agora apanhar-vos. Seja prudente no amor.

BALANÇA

TRABALHO: Veja se faz alguma viagem relacionada com a profissão ou o trabalho... DINHEIRO: Será possível beneficiar com um novo ritmo de vida... SAÚDE: Nada a assinalar. AMOR: Nada de violências nem cóleras por causas tortas sem amor ou ciúmes.

ESCORPIÃO

TRABALHO: Aceite a protecção que lhe querem dar e siga na sua azáfama... DINHEIRO: Um certo equilíbrio pode agora contar muito na sua vida. SAÚDE: Apenas uma pequena atenção com os seus nervos. AMOR: Esperanças fagueiras. Promessas que deve cumprir e aceitar...

SAGITÁRIO

TRABALHO: Ainda que pareça impossível nesta altura melhorará. DINHEIRO: Desperdice o menos possível e especialmente com o jogo ou com os amigos... SAÚDE: Mantenha-se em forma fazendo algum exercício. AMOR: Terá que fazer grandes esforços para compreender a pessoa de quem gosta

CAPRICÓRNIO

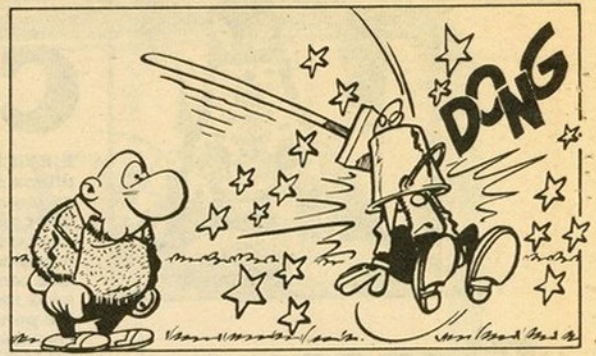
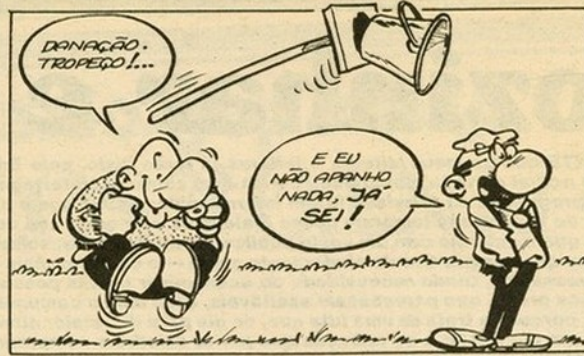
TRABALHO: Tantas pretensões que teve, para agora estar aflito no seu posto... DINHEIRO: Não o largue e tente averiguar a fonte que pode ter para aumentá-lo. SAÚDE: Evite exposições ao Sol nesta altura e em excesso. Evite também voar... AMOR: Guardado está o bocado para quem o tem de comer, e pode esperar positivamente.

AQUÁRIO

TRABALHO: Todas as ilusões podem agora cair por terra no que diz respeito a promoções... DINHEIRO: Viva e baste-se com o que tem. Não tenha ambições agora, espere tempos melhores. SAÚDE: Não tenho a aconselhar nada de especial. AMOR: Verifique a quantidade de erros que tem feito e rectifique-os...

PEIXES

TRABALHO: Cuidado com os esgotamentos. Descanse o mais possível agora. Férias. DINHEIRO: Os seus gastos vão aumentar quase assustadoramente. Cuidado... SAÚDE: Beneficiará muitíssimo com os descansos impostos ao seu corpo. AMOR: Grande actividade sentimental e amorosa.



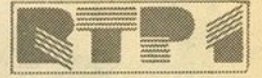
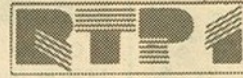
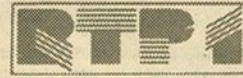
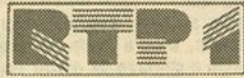
TELEVISÃO

QUINTA, 19

SEXTA, 17

SÁBADO, 21

DOMINGO, 22

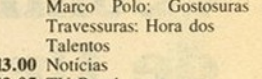
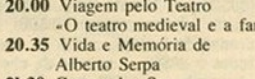
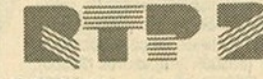


- 18.02 Notícias
18.10 A Ilha de Coral
18.35 Teleregiões
19.05 Energias Solares
19.30 Cine-Teatro Apresentação de Ana Zanatti e Eládio Climaco
20.00 Telejornal e Boletim Meteorológico
20.35 O Bem Amado
21.10 Aplauso
Em tempo de literatura, dará aos telespectadores a oportunidade de ficarem a conhecer a faceta dramática de grande intérprete e "discur" de Paulo Autran.
22.05 Mike Hammer
23.00 Volta à França em Bicicleta
22.45 Últimas Notícias

- 18.02 Notícias
18.10 Vasco Granja apresenta... Filmes para todos
18.30 Teleregiões
19.00 Capitais Culturais da Europa -Veneza-
20.00 Telejornal e Boletim Meteorológico
20.35 O Bem Amado
21.10 Grande Informação
22.20 O Misterioso dr. Cornelius
23.15 Volta à França em Bicicleta
23.30 Últimas Notícias

- 11.02 Histórias da Conceição: D. Quixote de La Mancha: Era uma Vez o Espaço: Contos de Andersen
13.00 Notícias
13.10 Uma Casa na Pradaria Jornalinho
14.30 O Mundo à Mesa -Portugal - Açorda de Marisco-
14.45 Revista de Touros
16.15 Aventura é Aventura -As Asas da Águia-
17.45 Pontos de Vista
19.00 Buck Rogers no Séc. XXV
20.00 Telejornal e Boletim Meteorológico
20.30 O Julgamento do Amor

- 09.32 Eucaristia Dominical
10.30 Setenta Vezes Sete



- 19.32 Notícias
19.40 Desenhos Animados -Godzilla-
20.05 Mosaique

- 19.32 Notícias
19.40 Desenhos Animados -Rickety Rocket-
20.00 Viagem pelo Teatro -O teatro medieval e a farsa-
20.35 Vida e Memória de Alberto Serpa
21.30 Guerra dos Sexos -Roberta conta a Nando as razões que a levaram a se apaixonar por ele. Emocionando NANDO beija Roberta...-
22.15 Jornal da Noite
22.45 Clube de Jazz



- 11.00 Bell e Sebastião: Aventuras de Marco Polo: Gostosuras e Travessuras: Hora dos Talentos
13.00 Notícias
13.05 TV Rural
13.35 No Mundo dos Fraggles
14.00 A Terra dos Mil Milagres
15.00 A Festa Continua
19.00 Fama
20.00 Telejornal e Boletim Meteorológico
20.30 Fontes do Som - -O Rock-
21.00 l Ano -Eles e Elas-
22.00 Domingo Desportivo
23.00 Tudo em Família
23.30 Últimas Notícias



- 21.30 Guerra dos Sexos
22.15 Jornal da Noite
22.45 A Voz e a Voz Espectáculo musical dado por Paco Bandeira



- 18.02 Troféu
21.00 A Epopeia dos Bacalhaus
21.30 A Tragédia da Rua das Flores
22.20 Festival de Folclore do Inatel

- 19.02 Troféu
20.00 A Vida e a Obra de Machado de Castro
20.55 Cine-Clube -A Capital do Crime-

DESTAQUE Na RTP-1 às 21.10 "Paulo Autran"

DESTAQUE Na RTP-1 - As 22.20 O Misterioso dr. Cornelius

DESTAQUE Na RTP-1 - As 23.10 "Espioes"

DESTAQUE Na RTP-1 - As 23.00 Tudo em Família

ISTO É ESPECTÁCULO



Cena do filme "Aconteceu no Oeste"

ACONTECEU NO OESTE, filme realizado pelo italiano Sergio Leone, será projectado no próximo dia 23 em Silves, integrado num ciclo de cinema nas noites de Verão, que o Racal Clube com o apoio da edilidade local leva a efeito até 17 de Setembro. O filme tem como principais intérpretes, Claudia Cardinale, Henry Fonda, Jason Robards e Charles Bronson.

MARIA GUINOT e CARLOS DO CARMO actuaem no próximo dia 28 na Quinta dos Aciprestes, em Linda-a-Velha, no encerramento do II Festival de Verão organizado pela Câmara Municipal de Oeiras. Entretanto, e no âmbito desta iniciativa, nos próximos dias 21 e 22, a Companhia Nacional de Bailado fará duas apresentações, no Jardim do Palácio Marquês de Pombal.

A COMPANHIA DE BAILADO DA GULBENKIAN dá hoje a partir das 21.30 um espectáculo com a participação de bailarinos estrelas e solistas: Angelina Bacelar, Margarida Bettencourt, Elisa Ferreira, Birte Lundwall, Olga Roriz, Zaire Zeyde e João

Afonso, Carlos Carvalho, José Grave e Francisco Rousseau. Este espectáculo integra-se nas iniciativas que visam assinalar a passagem do primeiro aniversário do Conselho Português de Dança. Além deste espectáculo do Ballet Gulbenkian que, tal como todas as outras realizações, terá lugar no Teatro Nacional de São Carlos, estão ainda programados: dia 20, colóquio por Ivo Cramér, director do Cramér Dance Company, às 18 horas e às 21.30, repetição do espectáculo do bailado do dia anterior e dia 23, concerto "Novos Intérpretes" do Porto, com Maria José Sousa Guedes e Pedro Burmester (piano) e Palmira Troufa e Fernanda Salema (canto e pia-

no) que cantarão e interpretarão obras de Chopin, Schumann, Mozart, Brahms, Wolf, Fauré, Berlioz e Debussy.

O TEATRO NACIONAL D. MARIA II estreia hoje às 21.45, no Experimental, «A Birra do Morto», de Vicente Sanches, com o qual se encerra o Ciclo Autores da Gaveta. O horário de representação será de terça a sexta-feira às 21.45, sábado às 18.30 e 21.45 e domingo às 16 horas. Esta peça, cuja encenação pertence a Orlando Neves, tem cenários de Garizo do Carmo e assistência de Manuel Coelho, é interpretada por Luz Franco, Carlos Pimenta, Lurdes Lima, Maria Amélia Matta, Lucia Ma-

ria, Madalena Braga, Manuel Coelho, Carlos Fonseca, Guilherme Filipe, João de Carvalho, e António Banha.

O VI FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA DA COSTA VERDE, inaugurado no passado dia 12, apresenta hoje e amanhã, no Monumental Casino da Póvoa do Varzim, respectivamente, espectáculos do soprano Michele Pena e José João Gomes (música francesa) e a pianista Maria Tipo. No dia 21, na Matriz de Caminha, actua a harpista espanhola Maria Rosa Calvo-Manzano, e finalmente no dia 26, novamente no Casino da Póvoa do Varzim, o Quarteto de Cordas de Praga.

1914 - 1984



**Do passado
colhemos a experiência
com que dia a dia
construimos o futuro**

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
Factor de Progresso

Crise «arruma» as férias

ESTAMOS em plena época de férias. É tempo de repouso, de descanso, de passeio, de encontro com amigos distantes e com a natureza também. Mas, a crise económica em que estamos afundados, atinge igualmente o tempo e o modo de se passar férias.

Já não se vai onde se quer, mas apenas onde o magro dinheiro consente. A liberdade de deslocação, por este andar, depressa morrerá.

É certo que nas praias continuaremos a ver milhares e milhares de corpos a dourarem-se ao Sol, mas ocultando no ventre, sombrio e triste, a dor de privações sem conta.

Não dispomos de dados que nos permitam dizer, com verdade e certeza, qual a elevada percentagem de portugueses que este ano não poderão sair do seu local de residência para fora durante as férias. Tanto a Direcção Geral de Turismo como o Instituto Nacional de Estatística não nos forneceram porque nos disseram não possuí-los, elementos indicadores do número dos que não têm posses para ir de férias.

Há, no entanto, factos concretos que nos levam a pensar que vai diminuir significativamente este ano a percentagem das pessoas que vão para outras paragens durante as férias.

Os «factos concretos» aí estão. Dados fornecidos pela CGTP/Intersindical Nacional revelam que os desempregados e os subempregados atingem já um milhão. São cerca de 150

mil os trabalhadores com salários em atraso. A mesma Central Sindical sustenta ainda que 400 mil trabalhadores têm um vencimento inferior ao salário mínimo nacional, que é actualmente de 12.480 escudos.

O custo de vida tem subido na proporção inversa do nível de vida. Na passada terça-feira o Instituto Nacional de Estatística revelava que de Janeiro a Junho deste ano os preços no consumidor no domínio dos bens essenciais (alimentação e despesas de habitação) aumentaram mais de 33 por cento em relação a igual período de 1983.

Um dirigente sindical, altamente colocado, frisava-nos há dias que os próprios quadros das empresas (muito mais bem pagos que os restantes trabalhadores) viviam agora com dificuldade. Ele próprio, um quadro do sector têxtil, garantia-nos nunca ter sentido tantas dificuldades como nestes tempos.

E como pano de fundo deste cenário inquietante, que se aproxima a passos largos dos antipodas da justiça social que se desejava ver implantada, surgem vozes autorizadas a afirmarem que há fome e miséria em vários pontos do País. De entre essas vozes, destaca-se a do Bispo de Setúbal, o qual repetidamente tem chamado a atenção dos responsáveis para a grave situação que se vive na sua diocese. Porque tem sido uma voz incómoda, porque denuncia com vigor as injustiças sociais, a miséria e o



Os degraus da crise obrigam a ficar ao pé da porta!

desemprego, D. Manuel da Silva tem sido acusado de andar a fazer política. A esta acusação o Bispo de Setúbal responde, sem rodeios, «apenas cumprimos o Evangelho na missão de alertar aqueles que se encontram à frente dos povos para que garantam a justiça nas comunidades».

São estes os elementos concretos que nos levam a afirmar que a esmagadora maioria dos portugueses terá de passar as suas férias em casa. Isto é a percentagem dos que não gozam férias vai ser bastante su-

perior aos cerca de 60 por cento já assinalados no ano passado.

Os poderes públicos não parecem nada preocupados com esta situação. Consumem-se energias, corrompem-se vontades, esbanjam-se horas preciosas a discutir nulidades, como conversas de comadres, e não se arranja talento e engenho e coragem para abordar o que é essencial para o bem da comunidade, para o progresso do País.

As férias não são um luxo mas constituem uma necessi-

dade. O organismo humano precisa de repouso, de recompor energias, de se restabelecer e fortificar. Este objectivo, em grande parte, está condicionado pela mudança de ambiente e pela mudança de ares.

O facto de as pessoas não poderem demandar outras paragens, por falta de dinheiro, para passar as suas férias (e este pormenor será muito mais significativo para quem, noutros anos, não sentiu esse problema) constitui uma enorme frustração, que terá reflexos negativos, quando voltarem ao trabalho, quer na produção quer no relacionamento com os outros trabalhadores.

A frustração pessoal, que se junta às mil e uma dificuldades vividas ao longo do ano em que se assistiu a constantes aumentos de tudo, pode vir a ter custos sociais... graves.

Destacado dirigente sindical traduzia-nos sinteticamente a situação presente com estas palavras: «há muito responsável político a acender cigarros sobre um barril de pólvora, mas continuam a querer dar-se conta do perigo...»

Em casa, no bairro ou na freguesia onde moram, está a maioria condenada a passar, mais propriamente, a gastar os seus dias de férias, à espera de tempos melhores, que não devem ser ainda os próximos 18 meses.

Assim aos poucos e insensivelmente vamos perdendo um pouco de liberdade. Somos livres de viajar, é verdade; mas

falta-nos o dinheiro com que se compram os direitos (bilhetes) de transporte.

Para exemplificar os custos proibitivos (em relação à melhoria dos vencimentos) dos bilhetes vamos indicar alguns preços para um agregado familiar composto por quatro pessoas.

De Lisboa para a Costa da Caparica (para a praia) o bilhete custa 150 escudos. O referido agregado terá de dispendir (ida e volta) 1.200 escudos.

De Lisboa para a Ericeira (ida e volta) seriam 2.080 escudos.

Sendo de combóio, de Lisboa para o Porto, o agregado familiar gastaria (ida e volta) no rápido e em segunda classe, 8.600 escudos. Se o destino fosse a cidade de Faro, em idênticas circunstâncias, teria de pagar 7.760 escudos. Se, porém, pretendesse ir até Braga, teria de gastar, em segunda classe, 9.280 escudos.

E evidente, cristalino até, que para além da viagem estão ainda as despesas da alimentação e possivelmente as do alojamento.

Posto isto, feitas as contas das deslocações e feito o confronto com o dinheiro da carteira, férias... adeus. Foi isto que apurámos também num breve, mas elucidativo, inquérito de rua, onde a mágoa e a tristeza deixavam rastros, senão mesmo feridas, no «não posso ir para férias» que as pessoas tinham na ponta da língua.

A.R.

INQUÉRITO DE RUA • INQUÉRITO DE RUA • INQUÉRITO DE RUA • INQUÉRITO DE RUA



ALICE ISABEL DOS SANTOS RODRIGUES
dona de casa

NÃO VAMOS passar férias. Não podemos ir este ano. O meu marido está reformado e a reforma não dá para isso. A vida cada vez está pior: tudo a aumentar... tudo a aumentar.

DEOLINDO ALBERTO PERRY MEIS
fotocompositor

JÁ GOZEI dez dias. Fui passá-los ao Porto à casa dos meus pais. Quanto aos restantes dias não sei bem. Mas, com as condições de vida que temos (condições tão difíceis), o único que há a fazer é como se faz com o limão: espreme-se, espreme-se até onde der, como é costume dizer-se, depois... logo se vê. Ainda espero gozar os 20 dias a que tenho direito. Nada de Algarve ou de coisas de luxo... enfim, irei outra vez até à casa dos meus pais.



PAULA ALEXANDRA CORREIA DE ALMEIDA SIMÕES
estudante

VOU PASSAR férias na Costa. As dificuldades económicas dificultam bastante que se possa gozar uns dias de descanso longe do ambiente onde vivemos. Creio que este ano, por causa dessas dificuldades, vai meros gente passar férias.

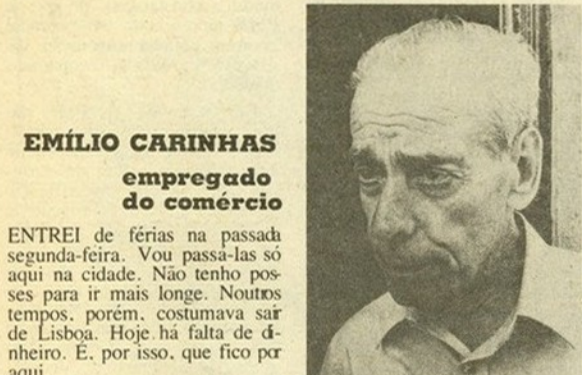
ROSA MARIA
empregada de escritório

VOU PASSAR uns 15 dias a Castelo Branco, que é a terra do meu marido. O custo de vida não dá para passarmos férias como e onde gostaríamos de passar. As coisas estão realmente muito, muito caras. Eu gosto de fazer campismo; mas, o certo é que até os próprios parques de campismo estão muito caros. Aquilo que nós ganhámos não dá para passar umas boas férias. Em anos anteriores costumava ir para Vila Nova de Mil Fontes e também ao Norte do País, que é onde se passam as melhores férias, porque além das coisas serem mais em conta do que para o Sul, há mais sossego.



OLINDA DE JESUS PATROCÍNIO
dona de casa

VOU fazer campismo selvagem, pois não tenho dinheiro para fazer outra forma. Sou reformada e a minha reforma é tão pequenina que não dá para nada. Noutros anos as minhas férias também não foram muito famosas, porque eu tenho tido sempre uma vida difícil, sempre ganhei pouco.



EMÍLIO CARINHAS
empregado do comércio

ENTREI de férias na passada segunda-feira. Vou passa-las só aqui na cidade. Não tenho posses para ir mais longe. Noutros tempos, porém, costumava sair de Lisboa. Hoje há falta de dinheiro. É, por isso, que fico por aqui.



AMÉLIA FERNANDES
alfaiate

TENHO férias mas não vou passá-las a lado nenhum. Em anos anteriores ia até às praias nos arredores de Lisboa, mas este ano tudo aumentou e nós não podemos ir. O custo de vida é aquilo que se sabe, os ordenados são pequenos e, além disso, somos cinco pessoas. De modo que teremos de ficar aqui pela cidade.



EDUARDO FERNANDO
empregado de comércio

ESTOU precisamente a passar uns 15 dias de férias; mas, infelizmente, não saio daqui. O di-

nheiro não chega. O mesmo acontece com vários rapazes meus amigos que se sentem obrigados a passar férias por cá pela mesmíssima razão. Em anos anteriores costumava ir para Castelo de Vide; mas agora, como a família aumentou e o dinheiro encurtou, tenho de ficar por cá



ANA MARIA DE ALMEIDA
empregada do comércio

COSTUMO ir uns dias para o Norte para casa dos meus sogros, porque, realmente, a vida não está muito boa para se ir além disso. Está tudo muito caro. As minhas férias são mais ou menos sempre a mesma coisa: uns dias na casa dos meus sogros e, depois, também uns dias nas praias junto da capital.

MANUEL SERRA
motorista

ESTOU com ideias de ir uns dias para a Costa da Caparica. Já há três anos que vou para lá. Antes não tinha tenda de modo que nem para lá podia ir. Em qualquer caso, mesmo só para ir passar umas férias para a Costa está um bocadinho difícil com este custo de vida. Aliás, isto está mau não só para ir de férias, mas para tudo.

Forum das Pme

1 Salão de criação de empresas

Presidente do IAPMEI a **o País**:

«Êxito das propostas depende do empenhamento dos empresários»

SOLICITADO pelo nosso Jornal, o eng.º Amadeu Pires, presidente do APMEI (Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas Industriais), afirmou que «o êxito das propostas apresentadas durante o Forum das PME, dependerá muito do maior empenhamento dos empresários na sua elaboração, o que justifica o relevo atribuído, nas conclusões, ao associativismo empresarial».

O presidente do IAPMEI afirmou que: «o Forum das PME/I.º Salão de Criação de Empresas terminou com assinalável sucesso, tendo constituído sem dúvida um importante acontecimento, com particular significado e interesse face ao contributo dado pelas PME à nossa economia. Foi também oportuno, dadas as perspectivas abertas pela preparação de medidas para o relançamento económico, e estamos certos que novas ideias concretas foram suscitadas.»

«A presença do senhor Presi-

dente da República e dos ministros e secretários de Estado das áreas económicas nas sessões do Forum, a que assistiram cerca de 1500 pessoas e as visitas realizadas aos 120 expositores, foram reveladores da atenção dispensada a esta iniciativa, do interesse efectivo dos trabalhos, e permitiu, ainda, ver como todos se prepararam para da melhor forma possível mostrar como se pode estabelecer e melhorar o diálogo entre as PME e as várias entidades — públicas e privadas — designadamente instituições de crédito, organismos públicos, empresas de serviços, instituições

de carácter científico e tecnológico e as associações empresariais.»

«Aliás, o funcionamento da própria Comissão Organizadora, constituída por instituições públicas (IAPMEI e CGD) e privadas (A. I. Portuguesa e A. I. Portuense), foi bem o exemplo de que é possível e desejável este tipo de colaboração para o lançamento de iniciativas de interesse comum e ampla projecção económica. Mais de 5000 pessoas, de todos os pontos do País e muitas empresas puderam, assim, contactar e dialogar com as mais diversas instituições que

Durante cinco dias, de 11 a 15 do corrente, a Feira Internacional de Lisboa foi palco de uma das mais importantes manifestações do género que se realizou até hoje em Portugal: o Forum das PME/I.º Salão de Criação de Empresas, numa iniciativa conjunta das Associações Industriais Portuguesa e Portuense e da Caixa Geral de Depósitos e Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas Industriais. Considerando a grande importância de que se revestiu esta realização que levou centenas de interessados participantes à FIL, «o País» apresenta nesta edição o balanço possível dos trabalhos, com excertos das principais intervenções dos ministros das Finanças e do Plano e da Indústria e Energia, do presidente da AIP, eng. Rocha de Matos, um depoimento em exclusivo do eng. Amadeu Pires, presidente do IAPMEI e as conclusões a que chegaram os participantes no Forum.

Presidente da AIP:

Veiga Simão aos empresários

Apostar na qualidade para ultrapassar a crise

A ÚNICA forma de vencer a crise que Portugal atravessa é utilizá-la para «dar saltos qualitativos que nos aproximem dos níveis de vida dos países mais desenvolvidos» — afirmou o ministro da Indústria Veiga Simão, no encerramento do Forum das PME, manifestação que considerou uma «das mais importantes de natureza económica dos últimos anos».

Apostando como possíveis soluções para ultrapassar a crise, Veiga Simão adiantou que as PME devem «orientar a sua actividade no sentido do desenvolvimento», não apenas através de «esquemas de saneamento financeiro, mas também de modernização estrutural do ponto de vista tecnológico, de economia ou diversificação energética e de qualidade de produtos».

O ministro acrescentou ainda que «os empresários portugueses que estão hoje a produzir com tecnologia dos anos 50 e 60, têm que, através da utilização de tecnologia de ponta na electrónica, electromecânica, bio-tecnologia e novos materiais, transitar para os anos 80. A modernização do tecido industrial deverá ser acompanhada pela modernização estrutural da administração do Estado, pelo incremento da formação profissional especializada, pelo melhoramento do relacionamento das empresas com o sistema bancário e pela introdução de métodos modernos de gestão» — afirmou Veiga Simão.

Componentes fundamentais da política industrial

Uma ligação dinâmica entre o sistema educativo e a indústria, o estabelecimento de condições favoráveis à inovação tecnoló-

gica e à procura de qualidade e o desenvolvimento de meios de financiamento adaptadas às necessidades da indústria, são as três componentes fundamentais da política industrial para a próxima década, anunciou o ministro da Indústria.

O titular da pasta da Indústria referiu a seguir que «as indústrias extractivas e transformadoras representam no conjunto da economia portuguesa cerca de 38 por cento do PIB, 27 por cento da população activa, 85 por cento das exportações e 43 por cento da FBCF. No seu conjunto as PME's representam cerca de 69 por cento das empresas da indústria transformadora e contribuem com cerca de 63 por cento para o emprego.»

Acréscimo ainda que «a dependência tecnológica das PME's é muito grande, reflectindo-se para além da importação generalizada de equipamentos no subaproveitamento dos recursos naturais nacionais.

A participação de capital estrangeiro, não sendo muito significativa no seu total, assume especial relevo nas indústrias extractivas, farmacêuticas, electromecânicas, automóvel e vestuário...»

Contudo, disse o ministro da Indústria, «o desenvolvimento industrial apresenta ainda flagrantes assimetrias regionais que importa ter em conta na futura expansão do sistema industrial designadamente no que se refere a empresas baseadas em recursos naturais. Há distritos do interior particularmente carentes, mesmo de indústrias primárias. Assim, por exemplo, dez desses distritos contribuem com menos de 7 por cento para o produto industrial, enquanto cinco distritos do litoral produzem cerca de 80 por cento.»

Para vencer o dilema, e segundo Veiga Simão, «os cenários de desenvolvimento por que temos de optar são fundamentalmente três: remetermo-nos para uma estação deserviços de mão-de-obra barata com pressões insustentáveis sobre a nossa vida, continuando a ser um País marginalizado à periferia da Europa com uma estrutura industrial «ad hoc», fortemente dependente; recorreremos à via dos grandes investimentos para realizar um processo de recuperação progressiva imitando os países já avançados e basearmos o nosso futuro na utilização dos nossos recursos naturais de uma maneira nova com uma valorização maximizada associada a uma decisiva entrada na 3.ª revolução tecnológica. Este último é o único caminho aceitável» — sublinhou.

Já na parte final da sua intervenção, depois de se referir aos aspectos técnico-políticos do programa de recuperação financeira e económica recentemente posto em prática pelo Governo, o ministro da Indústria assinalou que o Executivo de que faz parte deve surgir perante o País com uma autoridade, eficiência e rectidão, mas que «acima de tudo deve ser uma entidade moral». Todos sabem, acrescentou, que os governos se desprestigiam perante o Povo, que governam quando preconizam uma política que na prática não executam, quando anunciam medidas de carácter económico e financeiro que a burocracia enreda e conduz ao adiamento e «quando sufocam a iniciativa e a dinâmica de decisão oportuna (...) quando pregam a reforma da Administração Pública e não são capazes de adoptar algumas medidas exemplares que permitam colocá-la ao serviço dos cidadãos.»

A terminar, disse ainda o mi-

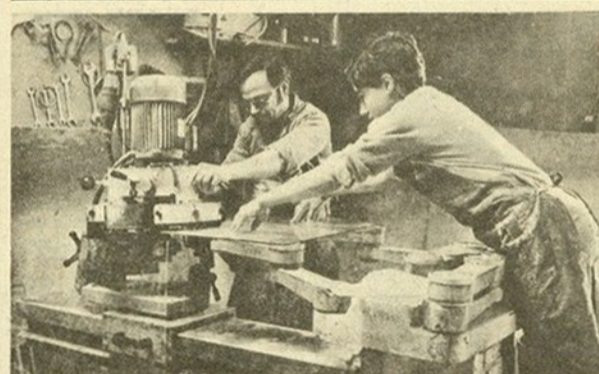
lta se encontravam para esse efeito, mostrando qual o seu possível contributo para ajudar o desenvolvimento de ideias inovadoras, a concretização de investimentos, a pesquisa de oportunidades comerciais, a obtenção de informação científica e técnica, etc.»

«A natureza das conclusões e os discursos dos senhores ministros das Finanças e do Plano e da Indústria e Energia, permitiram também demonstrar que há condições efectivas para definir uma política global integrada de PME, dinamizada por um IAPMEI reestruturado e dotado de maiores meios de intervenção, com uma

mais estreita articulação com as instituições de crédito e com os organismos ligados com a exportação, tecnologias e emprego e formação profissional. Aliás, uma das conclusões aponta basicamente neste sentido. De notar, finalmente, que tendo sido abordadas nos debates todas as principais áreas de interesse para o desenvolvimento das PME, incluindo a criação de novas empresas, se considerou que a importância desses temas e os tempos limitados de discussão e análise que sempre existem, justificam a continuação dessas reflexões para permitir, com maior

profundidade e rigor, apresentar ao Governo, até ao fim do corrente ano, propostas concretas de acção a integrar na política económica para os anos futuros, em que o processo de integração europeia virá exigir um grande esforço de transformações estruturais.»

«Ficou, também, bem presente que o êxito das propostas dependerá muito do maior empenhamento dos empresários na sua elaboração, o que justifica o relevo atribuído, nas conclusões, ao associativismo empresarial.» — Concluiu o eng.º Amadeu Pires.



Pequenas e médias empresas — nelas está o futuro

Forum das PME conclui

quotidianos, organizando-se em estruturas regionais e locais, intervindo nas suas associações, dialogando aberta e responsabilmente com os poderes públicos e pugnando por soluções justas em lugar de proteccionismos.

Enorme potencial

Do Forum e do Salão resultou ainda a constatação, de que as PME representam um potencial enorme para a superação das graves dificuldades económicas actuais.

Efectivamente, as PME dão um contributo decisivo para o desenvolvimento geral, equilíbrio socioeconómico, descentralização regional, diversificação do tecido industrial, criação de emprego, qualificação profissional, aumento das exportações e reforço da capacidade empresarial. Tendo em conta o tratamento diferenciado a que estão muitas vezes sujeitas e as frequentes dificuldades que defrontam no acesso aos órgãos de decisão, justifica-se a adopção de uma política global integrada e coerente de apoio às PME.

Neste sentido, torna-se urgente que se proceda à reorganização do Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas Industriais, dotando-o de um estatuto e meios adequados de intervenção, assegurando maior participação das organizações empresariais, bem como uma melhor articulação com as instituições bancárias, que devem adoptar orientações e procedimentos específicos a favor das PME.

Igual preocupação deve presidir numa acção conjugada com as instituições especializadas nos

nistro Veiga Simão: «O Povo entende melhor os governos que confessam as dificuldades e as limitações da sua acção e que exercem a sua autoridade com eficácia e transparência.

É só nesse clima de abertura e de limpeza que será possível surgir uma nova classe de empresários e de funcionários essenciais ao progresso do País. Mas eles só aparecerão se a opção governativa o permitir.»

António Marta: PME representam 90 por cento das empresas da CEE

Por seu lado, António Marta, presidente da Comissão de Integração Europeia, afirmou que as PME's representam cerca de 90 por cento do total de empresas do Mercado Comum, acrescentando que 70 por cento do volume de negócios da CEE resulta de transacções entre pequenas e médias empresas.

Segundo dados de António Marta, as PME's são ainda responsáveis por 60 por cento do total de emprego, sublinhando que a política comunitária em favor das pequenas e médias empresas assenta em três áreas fundamentais: o financiamento e a cooperação, a concorrência e a informação. Assim, adiantou, os apoios às PME's têm-se traduzido em medidas fiscais e financeiras como subvenções, bonificações de juro e isenções ou reduções fiscais.

PME são 96% das unidades industriais

«AS PME constituem mais de 96 por cento do total de unidades industriais, numa mancha de cerca de 15 mil pessoas que garantem 70 por cento do volume de emprego industrial, 62 por cento do valor acrescentado e quase metade do investimento global» — disse o eng.º Rocha de Matos, presidente da Associação Industrial Portuguesa, para quem são «muitos e variados os problemas que afectam as PME's: asfixia do fisco, dificuldades no acesso à exportação, estrangulamentos no processo de sucessão, intervencionismo autoritário da burocracia, rigidez laboral e retracção do mercado».

A adesão à CEE

«A partir de Janeiro de 1986, este universo de empresários representativo do pensamento e sentimento de uma fatia maioritária da população nacional estará integrado no espaço institucional mais próspero e mais livre o papel das PME's no âmbito da CEE.

«Nós estamos entre aqueles que sempre pensamos e disseram que Portugal deve entrar para a CEE e lá deve permanecer», disse, para acrescentar que o segredo das vantagens económicas e sociais de adesão reside em três vectores: trabalho, informação, capacidade de adaptação.

«Os pequenos e médios empresários deste País deram provas sobejas de capacidade de trabalho, abertura à informação, espírito de adaptação, mas não podem, nesta empreitada histórica, avançar sós», afirmou Rocha de Matos, que acrescentou: «Estamos aqui perante o grande desafio deste final de século e talvez nunca tenha sido tão necessária a articulação concertada e participada de esforços, estratégias e condutas, neste grande projecto nacional.»

Defendeu depois que os empresários estão à altura dos desafios e dos sacrifícios, prontos para as transformações necessárias, «mas é-lhes impossível isoladamente conduzir o processo em termos globais», pois que «a adesão é um processo técnico complexíssimo, que exige a globalidade da acção governativa e implica valores sagrados para a soberania nacional».

Referiu seguidamente a vontade dos empresários em participarem no processo, mas manifestou o receio de que «estejamos a perder muito tempo na tarefa imensa de iniciar o processo de reorganização do País para tornar mais suave o choque que a adesão implica». Concluiu o seu pensamento afirmando que, contudo, o Programa de Recuperação Financeira e Económica recentemente divulgado «poder vir a ser, esperamos,

um passo importante na acção e na esperança».

Para Rocha de Matos, os três dias de intensos debates foram «um grande testemunho de capacidade de intervenção e disponibilidade de participação, na medida em que nos congregámos, em tempo integral para, conjuntamente, estudar os problemas que afectam a economia em geral e as PME em particular e analisar as soluções imprescindíveis à sua recuperação e modernização».

O grande significado do Fórum, segundo Rocha de Matos, pode influir na condução da política económica e na vida nacional, porque os empresários são «criadores directos de riqueza e de postos de trabalho». Considerou ainda que o regime democrático, que a esmagadora maioria dos empresários acata e quer aperfeiçoar, «só será coerente se à liberdade política somar a liberdade económica».

«Isto significa que de pleno direito queremos participar, como empresários que somos e através da nossa institucionalidade específica, na condução da vida económica nacional», disse o presidente da AIP, que se afirmou disposto a insistir sempre «na ilegitimidade de qualquer política que nos ignore, ou que nos reserve o mero papel de contribuintes pontuais e de eleitores regulares».

Considerando que o poder po-



Um «grande empresário» preocupado com as PME

lítico raramente ouve os empresários, chegando mesmo a ignorá-los, Rocha de Matos considerou que esta situação é tanto mais grave «quanto é certo que o processo conducente à adesão à Comunidade Económica Europeia se continua a fazer sem que nos seja dada a possibilidade de minimamente influirmos nas condições de negociação».

Reafirmando a sua total adesão

à Europa, apontou no entanto que as condições mínimas que têm de ser dadas ao País para enfrentar «as dramáticas mudanças estruturais que se exigem», as quais não estão satisfeitas, nomeadamente no que se refere a: informação, integração na estratégia global do Estado, capacidade de manobra dentro das grandes linhas da política nacional de adesão, garantia de um período adequado à transição,

acesso aos mecanismos comunitários de apoio empresarial e maleabilidade do próprio «timing» de adesão.

Considerou que este secretismo das negociações igualmente se verifica quanto à política económica do Governo.

«Congratulamo-nos com a existência de um plano de recuperação financeira e económica, que está em estudo nas nossas empresas e nas nossas associações, mas como teríamos poupado tempo se nos tivessem chamado a colaborar na própria formulação do programa», acrescentou.

A concluir, Rocha de Matos afirmou que a realização do Fórum «constitui um belo exemplo de concertação entre o sector público, representado pelo IAPMEI e pela Caixa Geral de Depósitos, e o sector privado, representado pela Associação Industrial Portuguesa e Associação Industrial Portuense e Associação Industrial Portuguesa», remetendo o sucesso da iniciativa para a participação maciça dos empresários. «Participação na vossa presença, nas vossas intervenções, nas vossas críticas e aplausos e que foi uma lição de participação, empenhamento, generosidade e humildade.»

Fortalecer o apoio às pequenas e médias empresas e valorizar o seu papel na economia nacional

domínios da exportação tecnológica, emprego e formação profissional. Face às graves dificuldades que as PME apresentam defrontam e que em grande número de casos se traduzem por situações de ruptura de tesouraria, impõe-se a adopção de medidas de emergência, tomando designadamente em consideração experiências de outros países e dentro de um espírito da solidariedade social.

A eficácia do diálogo e a conjugação de esforços entre a administração pública e as empresas têm sido prejudicadas por excessivo peso burocrático, fazendo os empresários consumir inutilmente o seu tempo e recursos. Neste sentido uma vez mais se verificou a premência da simplificação das tramitações administrativas, da clara definição de competências e da celeridade de decisões, para o que as associações empresariais representativas devem ser chamadas a pronunciar-se e a participar no estudo e na adopção das medidas adequadas.

Integração na CEE

A próxima integração na Comunidade Económica Europeia imporá às PME portuguesas níveis acrescidos de produtividade e competitividade semelhantes às dos restantes países da comunidade.

A dinâmica da internacionalização significa maiores esforços e maior atenção às oportunidades quer em termos de mercado quer em termos de evolução tecnológica. As estruturas representativas da indústria deverão desempenhar um papel relevante. Tor-

na-se para tanto indispensável uma maior abertura por parte do Governo nos domínios da informação e do diálogo.

No decorrer dos debates prestou-se especial atenção: à problemática da Formação Profissional, constatando-se a insuficiência de estruturas especializadas e considerando-se que o lançamento de centros de cooperação empresarial dirigidos à formação — a funcionar de preferência nas associações empresariais, especialmente as regionais (de âmbito plurisectorial) — deverá ser uma via a incentivar; à necessidade de manter um diálogo permanente e sistemático entre a Indústria, a Universidade e os laboratórios públicos e privados, por tal forma que as necessidades reais da indústria, nesta matéria, influenciem a definição dos programas de I. D & D das aquelas instituições; reconhecendo-se igualmente o papel determinante, neste domínio, dos Centros tecnológicos e das Unidades Móveis de Assistência Tecnológica, cujos programas respectivos deverão ser implementados e desenvolvidos; à instante necessidade de, na área financeira, se proceder à redução de custo do crédito de curto prazo, o que pressupõe a redução concomitante da inflação e do défice orçamental e à urgência de dar continuidade à acção empreendida pelas Associações Industriais Portuguesa e Portuense e Comercial e Industrial de Coimbra, com vista à alteração do Sistema Fiscal, no sentido de o simplificar, racionalizar, conferir-lhe maior equidade, e estimular o investimento, o autofinanciamento, a iniciativa e o risco em-

presarial, tendo em conta a especificidade das PME.

O mérito da iniciativa

O mérito do «Forum das PME/I.º Salão de Criação de Empresas», traduzido no nível e número de participações, bem como a necessidade de dar seguimento às conclusões gerais e recomendações das diversas sessões parciais levadas a efeito pelas entidades promotoras deste certame a continuar de forma organizada a sua colaboração, até à realização, no Porto, de idêntica iniciativa em 1986. Nesta perspectiva, dever-se-á manter uma estrutura de acção conjugada entre a Associação Industrial Portuguesa, a Associação Industrial Portuense, a Caixa Geral de Depósitos e o Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas Industriais, assim como outras entidades públicas e privadas que já manifestaram o seu propósito de participar — designadamente a Associação Comercial e Industrial de Coimbra e o Instituto do Emprego e Formação Profissional — com vista a fortalecer o apoio às PME e valorizar o seu papel na economia nacional.

Esta colaboração traduzir-se-á num trabalho continuado que, tomando em consideração o teor dos debates e das comunicações, conduzirá numa primeira fase à apresentação ao Governo de uma série de propostas concretas até ao fim do corrente ano, contando-se para o efeito com o empenhamento das associações empresariais e de todos quantos — empresários e organismos — participaram em 1984 no «Forum das PME/I.º Salão de Criação de Empresas».

Ministro Ernâni Lopes

Modernização de Portugal joga-se nas PME's

A POLÍTICA das pequenas e médias empresas terá de ser «mais um meio de concretização das políticas financeira e industrial e instrumento capaz de escolher entre o que não tem futuro e o que pode ser renovado» — afirmou o ministro das Finanças e do Plano, Ernâni Lopes, na sessão inaugural do Fórum das PME/I.º Salão de Criação de Empresas.

Para aquele membro do Governo, a saída positiva e durável da crise assenta em dois pressupostos: «a quebra da tendência da auto-reprodução da crise e contrariar o ciclo estabilização-expansão-estabilização», e, por outro lado, compreender a crise como um ponto de inflexão e decisão, valorizando o potencial transformador e renovador.»

O apoio às PME's deve ser considerado nesta perspectiva, disse Ernâni Lopes e, como tal, não faz sentido pensar no apoio às pequenas e médias empresas ou na criação de novas unidades produtivas como «fenómenos isolados». «A política de apoio às pequenas e médias empresas tem de ser entendida como um instrumento complementar de uma estratégia de renovação do tecido económico» — disse ainda Ernâni Lopes, para quem o mercado deverá assumir uma «posição de comando na determinação do sentido e do conteúdo das reformas estruturais exigidas pelo lançamento de uma dinâmica desenvolvimentista».

Sucesso da modernização

«É no âmbito das pequenas e médias empresas que o País joga

o sucesso da sua modernização» — rematou o ministro das Finanças e do Plano, para quem «o investimento e a confiança que o fundamento não se conquistam por decreto. Entre outras condições que não têm existido em Portugal, pressupõem a estabilidade governativa, a continuidade das orientações fundamentais da política económica e o efeito demonstrativo resultante da generalização das experiências concretas bem sucedidas».

Ernâni Lopes que falava perante mais de mil empresários, considerou que a estratégia referida coloca nas PME's «um dos núcleos centrais da sua acção, porque delas dependem, em última instância, a salvaguarda do nível de emprego, a concretização do progresso tecnológico, a integração da malha industrial interna e a profundidade de internacionalização do sistema económico no seu conjunto».

Na sessão solene estiveram ainda presentes o presidente da Assembleia da República, os ministros da Indústria e Energia e Trabalho e Segurança Social, secretários de Estado, membros do corpo diplomático e outras individualidades.

Prometendo aos empresários o empenhamento do Governo no saneamento financeiro das unidades produtivas viáveis, avisou, no entanto, que o mesmo «não poderá fazer-se em condições saudáveis e duradoras sem um reforço de capitais próprios, que terá de ser também a mola real do investimento em sectores e projectos, sem os quais o desenvolvimento estará conde-

nado a permanecer uma piedosa intenção».

Novos empresários

O ministro das Finanças considerou fundamental o alargamento do campo de recrutamento da classe empresarial, cuja renovação, disse, «é condição indispensável para a modernização do tecido industrial».

Ernâni Lopes referia antes que a «reestruturação industrial, a modernização agrícola, o saneamento de empresas e, de um modo geral, as oportunidades abertas pela adesão às Comunidades Europeias criam condições de capitais e ao aparecimento de novos investimentos».

Disse, então que o Programa de Recuperação Financeira e Económica prevê a introdução de mecanismos destinados a apoiar o processo que referia, através da criação de sociedades de capital de risco, de sociedades de investimento e recuperação de empresas privadas e de empresas gestoras de investimentos financeiros, «onde as instituições de crédito, juntamente com os investidores privados, poderão associar-se para a aplicação de fundos em novos projectos ou na recuperação de unidades viáveis».

Considerou, a concluir, o seu pensamento que este processo, baseado numa estreita articulação com as acções destinadas a promover a inovação tecnológica e administrativa, «deverá criar novas perspectivas de ajustamento positivo para a iniciativa privada e pública».

Universidades aceitam menos de 50%

No final do Secundário 50 mil jovens lutam por um lugar no seu País

ESTE ano acabaram o ensino secundário cerca de 50 mil jovens, as universidades entreabrem a porta para aproximadamente 13 500 (menos de 30 por cento) e as possibilidades de arranjar emprego são quase nulas: um relatório da OCDE, tornado público há dois dias, revela que 65 por cento dos desempregados portugueses têm menos de 24 anos.

OS NUMEROS falam de modo indiscutível da falta de perspectivas para estes jovens que, na sua maioria, rondam os vinte anos. Entre eles há os que optam por entrar de imediato no mercado de trabalho... se isso fosse viável. Mas os empregos faltam, falta também uma formação especializada que o actual ensino unificado não dá, e então, do mal o menos: antes ficar na escola e ser estudante, que ser desempregado.

A estes juntam-se os outros, os que sentem em si uma vocação profissional muito acentuada e que exige um curso. E ainda os outros, de famílias que não dispõem do filho, uma formação de nível superior. Começa então a luta pelas 13 500 vagas.

Em Lisboa, a Universidade Clássica tem lugar para 2454, a Universidade Técnica para 1505 e a Universidade Nova para 815. O Porto, por sua vez, aceita 1874 candidatos e Coimbra, 1923. «Cabem» ainda no ano lectivo de 84/85 mais 390 novos alunos na Universidade dos Açores, 60 na do Algarve, 385 em Aveiro e 390 no Minho. Os restantes institutos e escolas superiores do País admitem mais 3390 candidatos, e é tudo.

Mas o problema é mais visível se as vagas forem avaliadas por cursos. Assim, para Medicina e demais cursos do ramo da saúde existem 274 vagas em todo o País, para Direito 1050, para Engenharia 2860 e para Economia, Gestão e Administração, 2035. Estes são os cursos mais procurados e, por isso mesmo, aqueles que só estão ao alcance dos alunos com médias muito elevadas.

As regras do jogo

A portaria n.º 262/84 de 24 de Abril, «considerando que a

transformação que urge introduzir no processo de acesso ao ensino superior não se encontra suficientemente amadurecida para que se incluam alterações profundas no ingresso ao ensino superior no ano lectivo de 84/85», determina o modo como o mesmo se irá processar, admitindo logo à partida que as coisas não estão bem.

A Secretária de Estado do Ensino Superior, a actual equipa, tomou posse em Janeiro deste ano, e segundo nos disse o chefe do gabinete, chegou à conclusão que «não seria correcto alterar as regras do jogo quando o jogo já ia a meio». «Apenas se fez alterações pontuais para moralizar o sistema», acrescentou.

«Para o ano o modelo de acesso será outro e sobre ele deverá sair legislação já em Outubro próximo. Em 85/86 poderá contar-se com uma abertura significativa de escolas do ensino superior politécnico, bem pensada em termos regionais», disse. Mas agora o problema põe-se em relação ao ano de 84/85 que, segundo o mesmo elemento da Secretária de Estado do Ensino Superior, Nuno Dierue, sofre justamente pelas deficiências ao nível do ensino politécnico.

E isto porque, diz ele, as nossas universidades são mais do que suficientes para as necessidades do País. O padrão ideal é de uma universidade por cada milhão de habitantes e nós temos 12 para dez milhões de habitantes. Como exemplo, Nuno Dierue refere o caso dos cursos de Medicina: Estudos do Ministério da Saúde revelam que a proporção médico/habitante considerada ideal já foi ultrapassada e as faculdades propunham-se fechar a porta à entrada de novos alunos durante dois anos, o que não foi autorizado para não desapro-



Muitos jovens continuam sem emprego

veitar grandes vocações e porque era injusto.

Ondulação das vagas

Além de questões como a acima referida, as limitações de entrada para as faculdades e escolas superiores é evidentemente determinada também pela impossibilidade das escolas de receberem mais alunos, por falta de estruturas.

Quanto ao planeamento, previsões a médio e a longo prazo sobre o número e o tipo de técnicos que o País precisaria, ele não existe de forma rigorosa. O sistema é mais liberal e os estudos fazem-se na abertura dos cursos (quando uma nova escola é criada).

Seja como for, os candidatos são mais do que as vagas e, de modo geral, os jovens que acabam o Secundário levam, de um modo ou de outro, com a porta na cara.

Que qualidade de vida para estes jovens é pergunta pertinente. Nós colocamo-la ao ministro da Qualidade de Vida mas aí não obtivemos resposta. Aos cinco milhares de jovens de que aqui

falamos resta ir reclamar qualidade de vida ao Ministério da Educação e do Trabalho. Porque o problema é nacional, é do País e é do Governo.

Para os candidatos, pena é que não seja ano de eleições, porque, se estivemos atentos, verificamos que os maiores números de vagas coincidem com estes anos. A forma como se processa o sistema de avaliação — contínua ou por exames — também influencia o número de candidatos.

Em 78/79 apresentaram-se 12 322 candidatos, em 79/80, o ano lectivo em que terminou o ano propedéutico, apresentaram-se 11 312 candidatos e no ano seguinte, 80/81, começou a vigorar o sistema de avaliação contínua e o número de candidatos elevou-se para 24 mil, mais do dobro. Em 81/82 houve, de novo, provas globais finais e o número de candidatos baixou para 20 701, voltando a reduzir-se para 18 535, em 82/83.

Finalmente, em 83/84 apresentaram-se 26 362 candidatos, entraram na Universidade 14 496 novos alunos e ficaram de fora 12 mil, contingente este

que contribui para engrossar as fileiras dos que, este ano de 84/85, aguardam entrada. Só este grupo de candidatos, que transitam do ano passado, quase que basta para preencher as vagas deste ano, as tais 13 500, no fundo apenas inferiores às do ano passado em cerca de seis por cento.

Ninguém vai para onde quer

Os exames de aferição, etapa obrigatória e decisiva do processo de entrada para o ensino superior, estão em curso. Em princípio só os alunos que tirarem o mínimo de oito valores nestas provas nacionais (que, segundo a Secretária de Estado, visam o nivelamento dos diferentes critérios de avaliação das escolas) se podem, a partir daí considerar candidatos.

No entanto, para conseguirem entrar, os estudantes têm que ir mais longe e obter notas e médias bem altas, tanto mais altas quanto mais reduzidas forem as vagas do curso desejado.

Alunos e professores garantem que os exames estão a ser difíceis, enquanto os responsáveis governamentais sublinham o facto do programa mínimo das provas ser de tal modo reduzido, que podiam ter sido dados em cinco ou seis semanas.

Por outro lado, o actual processo de entrada no ensino superior baseia-se em três aspectos que se podem dizer, completamente negativos. O primeiro deles é a Universidade não participar na seleção dos alunos que, afinal, vão ser os seus. A prova é feita por professores do ensino secundário.

O segundo aspecto é a nota de candidatura ser calculada por uma fórmula em que as classificações do 10.º e 11.º anos têm um grande peso. O problema neste caso é que estas notas têm variações brutais, detectadas facilmente de região para região, de escola para escola e mesmo consoante os professores. Há casos de alunos que nestes anos obtêm valores da ordem dos 17 e 18 e nas provas nacionais tiram três e quatro.

Finalmente, o terceiro factor negativo está a criar ou a permitir graves distorções vocacionais. Ao aluno é permitido inscrever-se em 12 faculdades diferentes, por ordem de preferências e, embora o candidato não seja obrigado a preencher todas as opções, ele acaba por o fazer, na ânsia de entrar a todo o custo.

Os próprios alunos admitem-no, ao afirmar que «ninguém vai para onde quer». Mas mais uma vez esta atitude dos jovens reflecte a falta de oportunidades com que deparam. Que fara cada um deles de agora em diante e nos próximos anos? Os dirigentes deste País descursam, estudam, falam de necessidades imperiosas, de nova legislação, de ensino politécnico, de ensino técnico profissional, de alternativas profissionais, de novas escolas regionais, mas o presente, ninguém muda, e os jovens sentem-se a escorregar para um verdadeiro «buraco negro».

Maia Meireles

VIDA EMPRESARIAL

cantigas de amigo



Pinto Machado

Chegados ao hotel ninguém encontrava a reserva do Sr. Smith até que um rececionista de barba por fazer e atirando o fumo do cigarro para a cara da gente disse que o pessoal estava em greve de zelo que esperássemos se quiséssemos.

Deixando as malas no hall (por especial favor do porteiro) levei-o às maravilhosas praias da Caparica. O homem ficou mais bem disposto quando atravessou a ponte e viu aquela maravilhosa paisagem. Da Costa da Caparica à terceira praia demorámos em horrora bicha meia hora e foi-nos depois impossível parcar o automóvel.

No regresso da inesquecível experiência, perante um silencioso John, eu não sabia o que dizer. De repente disse-me «se nós tivéssemos estas praias o que a gente lá faria».

Ainda tenho uma mala dele em minha casa, mas sinceramente duvido que volte.

Destruam-se os filmes do SNI, já!

Tecnologia Electrónica da MESSA

A MESSA, cujo processo de aquisição pela Centrel está em curso, caminha para a transformação da sua tradicional base industrial de mecânica de precisão para uma perspectiva actualizada de inserção de tecnologia electrónica e informática.

Esta transformação só foi possível mediante a assinatura do protocolo assinado entre a MESSA Indústria de Precisão, a Empresa de Investigação e Desenvolvimento de Electrónica e a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

Assim, irão ser desenvolvidas acções com vista ao aumento da capacidade da MESSA como empresa de produção de equipamento de escritório e de microelectrónica para poupança da energia, sem prejuízo de outras áreas de interesse. Pretende-se, desta forma, incrementar a capacidade exportadora através da modernização tecnológica da MESSA apostando decididamente na colaboração Universidade/Indústria.

Sete consórcios para a Marina de Lisboa

FORAM APURADOS sete consórcios ao concurso de pré-qualificação com vista à construção da «Marina de Lisboa, dos 13 inicial-

mente concorrentes, três dos quais não foram admitidos e outros tantos não foram qualificados».

Uma vez apurados os concorrentes, será agora aberto aos mesmos o concurso internacional para a construção da marina, previsto para o início do próximo mês de Agosto.

Segundo uma nota do Ministério do Mar, para a apreciação das propostas do concurso de construção será nomeada por aquele departamento governamental uma «Comissão de Avaliação», constituída entre outros, por representantes da Direcção Geral de Portos Administração Geral do Porto de Lisboa, Ministério da Qualidade de Vida, Direcção Geral de Turismo, Câmara Municipal de Oeiras e Direcção Geral dos Transportes Terrestres.

VENDAS DE EUROMINAS

ACABA de ser lançado o número dois da revista «Aspectos», o qual inclui um artigo acerca da empresa «Eurominas Electro-Metalurgia», bem como a respectiva tradução e resumo.

Nele se adianta, entre outros pontos, que a «Eurominas é uma empresa que fabrica e vende produtos electrometalúrgicos e que possui uma fábrica que se encontra em laboração desde 1975, pertencendo a maioria do capital a accionistas franceses, o principal dos quais é o Grupo Pechiney».

ACMETAL TRABALHAMOS "O ALUMÍNIO ANODIZADO" À MEDIDA DAS SUAS NECESSIDADES

Estuda e fabrica:
Portas, Montras,
Balcões, Vitrines,
Expositores,
Marqueses,
Resguardos...



Divisórias tipo centro comercial

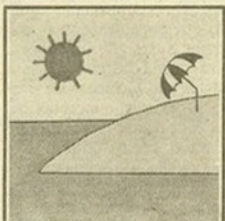
Quiosque para revistas e jornais

Podemos aplicar VIDRO DUPLO na nossa caixilharia CONTE COM A NOSSA EXPERIÊNCIA, CONSULTE-NOS.

R. Alexandre Sá Pinto, 16 · 1300 LISBOA · 631258 · 646218

ORÇAMENTOS GRÁTIS

NÃO tome banho em praias sem assistência



«Para promover relações comerciais»

Banca de Macau instala-se em Lisboa

O BANCO Comercial de Macau encontra-se representado oficialmente em Lisboa desde a passada semana, sendo a primeira instituição bancária macaense a abrir um escritório de representação em Portugal. Fomos, pois, saber os «porquês» desta decisão.

VÁRIAS razões se prendem com a abertura de um escritório deste tipo em Lisboa (onde existem já 22), mas os objectivos fundamentais são, segundo o seu director, Cristóvão Olímpio Martins, «promover, esclarecer e apoiar as relações comerciais entre Portugal e Macau, que são muito diminutas de parte a parte e, por outro lado, proporcionar aos investidores macaenses todo o apoio em relação aos seus possíveis investimentos em Portugal, designadamente no sector têxtil».

Para já, o BCM em Portugal terá como objectivo a promoção de relações comerciais com o território de Macau e não a intensificação dos negócios, porque, neste caso concreto, a responsabilidade é de outros organismos, nomeadamente do Instituto de Investimentos Estrangeiros. Por isso mesmo, o escritório de representação do BCM em Portugal fornecerá «em matéria de logística e em matéria de prática, todo o apoio e todas as informações necessárias a futuros investidores», como nos referiu Olímpio Martins.

Independentemente de todo o tipo de informações, o BCM poderá servir de entreposto com-

lo que o interesse desses mesmos empresários é redobrado.

O que não passa despercebido também, é o facto de a orientação da economia macaense tender para o exterior, com elevados e sustentados níveis de crescimento do produto nos últimos anos, o que tem possibilitado a expansão do BCM, que foi constituído em Fevereiro de 1979 e que agora abriu um escritório de representação na rua de S. Nicolau, em Lisboa, possuindo já cinco agências em Macau.

Como curiosidade, refira-se que só este ano abriram nove balcões de bancos em Macau (três dos quais portugueses), existindo neste momento 24 agências bancárias num território com apenas 16 quilómetros quadrados de superfície.

Com sede em Macau, o BCM é um banco privado, apesar do maior capital pertencer a uma entidade estatal, como é o caso do Banco Português do Atlântico (com 60,3 por cento), enquanto o maior e único accionista estrangeiro, o Barclays Bank International Limited detém sete por cento do capital. A abertura de um escritório de representação não significa que o BCM seja a primeira entidade bancária privada a instalar-se em Portugal. No entanto, e como nos deu a entender Olímpio Martins, a ideia não está posta de parte, mas para já «trata-se de um primeiro passo para que, num futuro a médio



prazo, possamos abrir uma delegação. Não a curto prazo». Por outro lado, o BCM não pensa, de momento, abrir outro escritório em Portugal (possivelmente poderia ser na cidade do Porto), até porque, como comentou o nosso entrevistado, «é muito cedo para pensar nisso».

Olímpio Martins está apostado no bom trabalho que o escritório de representação do BCM poderá desempenhar em termos futuros, até porque «as relações comerciais entre Portugal e Macau são diminutas, havendo várias explicações para o facto, como sejam a distância e o

preço dos transportes. É mais fácil negociar com um País que esteja aqui à nossa porta».

Mas apesar deste desânimo (se assim poderemos considerar), «está a verificar-se um aumento de investimentos, nomeadamente no sector de obras públicas e construção civil, onde as maiores empresas portuguesas do género estão a instalar-se em Macau», salientou.

O escritório de representação do Banco Comercial de Macau está, pois, a iniciar a sua actividade em Portugal. O seu «staff» é composto por três pessoas, incluindo o seu director. Tão quanto possível, será uma equipa dinâmica, funcional e simpática, de onde se destaca um elemento que fala fluentemente o português, inglês e o cantonês, tornando mais fácil os contactos e os negócios.

Tendo tido já diversas solicitações e apoiando a delegação macaense que se deslocou à Semana de Macau, que recentemente se realizou no norte do País, o BCM tem os seus projectos. Olímpio Martins disse-nos que em termos «não se pode falar em acções pontuais, mas sim num desenvolvimento a médio prazo, pois há que estabelecer relações, assim como há que desenvolver um trabalho com os nossos responsáveis em Macau. Os objectivos vêm a médio prazo e o investimento de mora o seu tempo».

Banco privado com maior accionista português

O previsível investimento em Portugal por parte de empresários de Macau ou mesmo de Hong-Kong, passa, obviamente, pela próxima integração do nosso País no Mercado Comum, pe-

Almeida e Costa:

«Dizem que sou o mandarim português»

NA sua edição de 3 de Junho do corrente ano a revista bilingue (inglês e chinês) «Hong Kong Profile» publica uma entrevista realizada por Melvyn A. Hopper ao Governador de Macau.

Apresentamos parte do texto e da entrevista nas suas passagens mais relevantes:

«O actual Governador de Macau encontra-se no exercício do seu cargo apenas há 3 anos, mas durante esse período têm-se verificado mudanças e factos novos relevantes no Território.

É como se Macau tivesse permanecido adormecida enquanto a sua grande irmã, Hong Kong, se encontrava ocupada em construir uma reputação industrial comparável a muitas nações inteiras. Ao longo dos hiper-activos anos 60, e mesmo dos primeiros anos da década de 70, Macau continuou adormecida. Esta era uma calma e pequena cidade, aparentemente alheia do facto de o mundo exterior ser um vasto e atarefado local.

A inevitável mudança em Macau surgiu, finalmente, como resultado de duas transformações políticas. Primeiro, a mudança de governo em Portugal, e, o reencetar das relações diplomáticas com a República Popular da China provocaram um esclarecimento sobre o futuro de Macau. Os portugueses desistiram de todas as reclamações respeitantes à soberania. Por sua vez, os chineses clarificaram que preferiam não assumir a responsabilidade pela administração da antiga colónia num futuro previsível.

O outro facto que ajudou a despertar Macau foi a incerteza quanto ao futuro de Hong Kong, uma incerteza que, de repente, pareceu tornar-se mais importante há 3 anos atrás. Por essa altura, Macau tinha já reconhecido que o mundo moderno dos negócios internacionais tinha que ser tomado em consideração se Macau alimentava esperanças de ter um futuro, um futuro moldado pelo sucesso de que Hong Kong usufruiu durante mais de uma década.

Macau tem, obviamente, dependido de Hong Kong no que respeita a diversos e cruciais serviços de comunicação. O aeroporto, o porto e ligações de telecomunicação têm sido todos fornecidos por Hong Kong. Efectivamente, Macau tem realizado todas as suas trocas comerciais ou com Hong Kong, ou através de Hong Kong.

Mas tudo isto se está a transformar.

Em 30 de Maio, foi oficialmente inaugurada, na Ilha de Coloane, a estação terrestre de satélite pertencente a Macau, cortesia da Cable and Wireless. Macau possui

criadas em Macau. Os homens de negócios que ajudaram a fazer de Hong Kong uma história de superlativo sucesso capitalista são exactamente o tipo de investidores de que Macau necessita agora. Um aumento de 25% nas exportações



O jogo é mola real da economia de Macau

agora ligações directas de telecomunicações com Portugal, o Reino Unido e vários outros países. A rede expandir-se-á nos próximos anos e tomará parte de uma crescente infra-estrutura moderna e eficiente que, espera-se, tornará Macau num centro de negócios de nível internacional.

Mesmo a ideia de um aeroporto para Macau não é assim tão fantasiosa. Não existe, notoriamente, espaço para um aeroporto à escala internacional em Macau sem se proceder a uma massiva redefinição de terreno, mas como salienta o Governador na sua entrevista à «Hong Kong Profile», um aeroporto «para» Macau não é necessariamente o mesmo do que um aeroporto «em» Macau. A província de Guangdong fica a uns escassos (vinte) 20 minutos de distância de carro, uma distância de longo muito menor do que Heathrow (aeroporto de) a Londres (cidade), por exemplo.

Mas Macau tem ainda um longo caminho a percorrer antes de perder por completo a sua imagem de «cidade adormecida». Mesmo o incremento de hotéis da mais elevada categoria internacional e de outras facilidades constitui apenas uma resposta parcial, o que se apresenta agora como necessário é uma exploração integral das condições económicas propícias à realização de negócios recentemente

sentir que a tecnologia avançada e produtos de alta qualidade constituem o caminho a seguir em frente para Macau, concorda com isto?

G — Sim, esperamos isso! Penso que o nosso futuro está claramente dependente, em certa medida, da aprendizagem do fabrico de produtos de alta qualidade. Tal como em Hong Kong, terminaram os dias de uma mão-de-obra barata (ou força de trabalho barata) que produzia produtos a baixo custo.

HKP — O nome de Macau começa a ser conhecido no estrangeiro. Nos Estados Unidos e na Europa pode encontrar-se vestuário com a etiqueta «Made in Macau». Isso faz parte de uma política deliberada, ou é apenas um troço do caminho pelo qual a expansão de Macau enveredou?

G — Bem, sabe que a nossa política em Macau é aquilo a que os observadores políticos chamam de um sistema não intervencionista. Temos uma determinada estrutura principal porque durante o período desde a minha chegada aqui, há 3 anos, muitas fábricas se mudaram de Hong Kong para Macau. Existiam melhores oportunidades devido a custos menores com quotas, força de trabalho e impostos. Alguns investidores têxteis, industriais de brinquedos e electrónica, por exemplo, mudaram-se para cá. Mas Hong Kong tem um poder considerável na economia mundial. E um sistema económico muito importante, talvez o 3.º ou 4.º centro financeiro do mundo. Macau é tão pequena que podemos partilhar com Hong Kong algumas das oportunidades existentes. E, evidentemente, algumas companhias optaram por mudar-se para Macau ou abrir uma filial aqui por terem um maior acesso a outros mercados.

O que fiz quando aqui cheguei há 3 anos atrás, foi implementar a infra-estrutura de um modo que me permitiu aumentar o tamanho e a sofisticação das oportunidades que Hong Kong já tinha. Começamos por melhorar o sistema telefónico, a capacidade hoteleira e de divertimentos e toda a infra-estrutura: energia eléctrica, saneamento básico, etc. e continuamos ainda a trabalhar nestas áreas. Quando aqui cheguei existiam apenas 15 000 telefones e uma lista de espera para 18 000, não havia telexes, sistema de telecomunicações, nem televisão. Mas, por um lado, isso não era assim tão importante porque não pretendíamos ser uma 2.ª Hong Kong. Tenho plena consciência de que seria ridículo

pensar que iria transformar Macau numa nova Hong Kong. A nossa ideia é, simplesmente, criar estruturas de forma a que as pessoas que saem de Hong Kong tenham a possibilidade de encontrar condições que as satisfaçam. Construímos mais 5 hotéis internacionais e melhoramos os «nightclubs» (ou as discotecas...) e abrimos novos campos de desporto. Esperamos abrir, por volta do fim do ano, um novo complexo para espectáculos e exposições, concertos e teatro. Nada disto se encontrava disponível anteriormente.

Também projectámos uma nova lei bancária que tornou Macau mais atractiva para os bancos internacionais. Inicialmente demos autorização a 9 bancos para se estabelecerem aqui, incluindo o Citibank, o Chartered Bank e o BNP. E os bancos que vieram para aqui têm obtido lucros muito superiores aos que tinham imaginado serem possíveis.

HKP — Talvez haja mais potencialidades em Macau agora do que nunca. Companhias internacionais estão prontas a encarar Macau como uma segunda porta para a China, e embora Macau não possa esperar vir a ser uma segunda Hong Kong, parece estar no bom caminho para um futuro proveitoso.

G — Absolutamente. O prazo limite para Hong Kong torna de facto Macau mais atractiva. Mantemos na verdade, boas relações com os chineses. Somos tão pequenos que é fácil, por essa razão, lidar conosco. Hong Kong tem uma maneira diferente de tratar o problema porque é forte, rica e poderosa. A nossa fraqueza é tão grande que de certo modo nos dá uma certa força.

HKP — A entrada de Portugal para membro da CEE provocará alguma diferença no que respeita às restrições de importação que afectam a manufatura têxtil local?

G — A adesão de Portugal à CEE não trará repercussões significativas ao panorama do nível das exportações de têxteis e vestuário em Macau. O Território terá de estabelecer um acordo bilateral com Portugal que constituiria uma parte totalmente integrada da Comunidade Económica.

HKP — Seria justo dizer-se que a administração portuguesa é essencial para governar Macau?

G — De certo modo penso que sim. A essência da alma de Macau necessita da presença dos portugueses, principalmente dos macaenses porque a maioria deles são funcionários públicos e sabem falar chinês e português. Infelizmente, o sistema

de educação em Macau não favoreceu o conhecimento técnico a essa pessoa. E, uma vez que as necessidades no campo técnico em Macau aumentaram imenso fomos obrigados a requisitar pessoas mais qualificadas vindas de Portugal. E estas pessoas mais qualificadas ocupam os cargos mais elevados da função pública, facto que perturba os macaenses. Os portugueses não se encontram nesses lugares mais destacados pela razão de serem expatriados, mas porque para tal são qualificados. Nos últimos 4 anos temos dado uma nova estrutura à administração. Isto provocou a necessidade de recrutamento de maior número de contabilistas, economistas e técnicos de informática. Temos enviado macaenses para Portugal com o propósito de serem treinados, mas claro que se trata de um processo moroso. Temos cerca de 160 jovens em universidades no estrangeiro, mas é preciso esperar. Evidentemente que há chineses com elevada formação a quem devem ser fornecidas oportunidades. Temos de enfrentar o problema das línguas de molde a darmos oportunidades a toda a gente que as mereça.

HKP — Talvez agora, que se discutiram uma variedade de tópicos políticos, possamos considerar alguns outros tópicos que sei que as pessoas têm em mente. Pensa, por exemplo, que obterão finalmente a ligação por helicóptero entre Hong Kong e Macau?

G — Não, surgiu uma solicitação feita pelas Linhas Aéreas Britânicas, mas o governo de Hong Kong pediu um investimento em Hong Kong de tal envergadura que as L.A.B. disseram não existir viabilidade financeira. Assim, não temos planos de momento para uma ligação por helicóptero entre Macau e Hong Kong. Mas realmente necessitamos de melhores ligações entre as duas cidades. Se o governo de Hong Kong fornecesse condições adequadas, mais exactamente um heliporto convenientemente situado, penso que esse serviço de transportes seria viável.

HKP — Qual será a dimensão da nova estação de televisão?

G — Bom, o território é pequeno, mas muita coisa foi implementada aqui nos últimos anos. Será uma estação de pequenas dimensões sem pretensões em competir com estações de televisão há longo tempo estabelecidas em Hong Kong. Tentará preencher as necessidades da população local, mostrando o quotidiano das pessoas aqui, os seus problemas, os seus êxitos, etc.

Trás-os-Montes

Projecto de desenvolvimento promove cultura da vinha

RÉGUA
do nosso correspondente
Jaime Ferraz Gabão

«O PROJECTO de Desenvolvimento Rural Integrado de Trás-os-Montes (PDRITM) contempla a Região Demarcada do Douro com medidas que visam, fundamentalmente, promover o arranque do processo de viabilização técnico-económica da cultura da vinha nas áreas produtoras de vinhos de mais elevada qualidade» — disse o prof. Valente de Oliveira, presidente da Comissão de Coordenação da Região Norte aos órgãos de informação durante uma recente deslocação à Quinta de Santa Bárbara — Pinhão, do Centro de Estudos Vitivinícolas do Douro, onde abordou os problemas ligados à reconversão de vinhas na região demarcada do Douro.

«Durante a primeira fase do PDRITM — avançou Valente de Oliveira — irá implementar-se um conjunto de acções piloto e com carácter demonstrativo, no sentido de evidenciar a possibili-

dade de atingir uma relação produção-qualidade capaz de garantir, em simultâneo, um aumento significativo dos rendimentos dos viticultores e o indispensável equilíbrio produção-comercialização, sem prejuízo, antes com melhoria, da imagem de qualidade e tipicidade impar que, sem dúvida, constitui o principal garante da competitividade do vinho do Porto nos mercados internacionais».

«E numa perspectiva de renovação e desenvolvimento, que se enquadram as propostas do PDRITM, as quais contemplam, fundamentalmente três tipos de acções: reconstituições de vinhas transferências de vinhas e novas implantações em Mortórios» — disse ainda Valente de Oliveira.

Extinção do IFADAP prejudica crédito?

No entanto, e apesar das promessas feitas, uma dúvida ficou quanto à possível extinção do IFADAP (Instituto Financeiro de Apoio ao Desenvolvimento da Agricultura e Pescas), organismo geralmente apontado como uma

das «fontes» de crédito para a viticultura, anunciada na televisão pelo ministro das Finanças e do Plano, Ernâni Lopes.

Assim, verificou-se que no próprio dia em que eram lançadas as linhas de crédito à lavoura dourienese, surgiu esta afirmação dum membro do Governo, o que veio lançar sérias dúvidas quanto à concretização do plano em causa.

Entretanto, e em documento tomado público no dia seguinte às declarações de Ernâni Lopes na TV, o IFADAP manifestou-se contra tais afirmações, estranhando as razões apontadas pelo ministro para a sua eventual extinção.

Viticultores descontentes

OS VITIVICULTORES da Região do Douro manifestaram-se contra «as imposições» do Governo no que se refere ao escoamento do vinho de pasto do Douro, e ameaçam tomar «posições que julgarem convenientes» no caso de não serem atendidas as suas propostas até ao próximo

dia 31 de Julho.

Por intermédio da União das Adegas Cooperativas da Região Demarcada do Douro os vitivinicultores solicitam que o governo fixe, com a maior brevidade, os preços de intervenção para os vinhos de pasto produzidos na Região Demarcada do Douro da colheita de 1983 e que os mesmos sejam propostos pela Direcção da Casa do Douro, tendo em conta que os preços propostos por estas «apenas são superiores em cerca de 11% em relação às tabelas dos vinhos de pasto da colheita de 1982, enquanto que as tabelas dos vinhos generosos sofreram um aumento de 25% a 41% em relação também à colheita de 1982.

Segundo os produtores de vinho do Douro as adegas cooperativas e os vitivinicultores individuais da Região têm os seus armazéns cheios de vinhos, por falta de compradores e devido à concorrência dos vinhos das outras Regiões do País, que têm maiores produções por hectare, custos de produção inferiores e estão mais perto dos grandes centros de consumo.

Recado aos emigrantes e aos assinantes de «o País»

COMO se pode ler no Editorial deste número, ao cabo de 446 números (exactamente 8 anos e 30 semanas) de publicação de «o País», vamos parar para reflectir, remodelar, melhorar. Não só este Jornal como a Empresa em si.

Quer isto dizer que, segundo a Administração da IMPRELVIVO determinou, reapareceremos no dia 4 de Outubro, isto é, depois das férias grandes.

No decorrer deste período, portanto, estaremos empenhados em reestruturar uma publicação que, tendo passado já por bastantes dos momentos difíceis de Portugal, tendo sido de extrema e indiscutível utilidade a muitos espoçados, tendo-se batido pela justiça e pela verdade — sobretudo na altura em que a maioria das pessoas voltava a cara e não se queria comprometer —, regressará fortalecida.

Nos diferentes países onde existe larga emigração portuguesa obtivemos uma projecção que não foi igualada sequer por outros semanários também de expansão nacional do nosso género. «o País» encontrou-se semanalmente à venda em milhares de quiosques espalhados pelo mundo, desde a República Federal da Alemanha até à Austrália das empresas distribuidoras conseguimos despertar o interesse junto de milhares de compatriotas nossos que aguardavam pelo dia em que nova edição de «o País» surgia.

Pararemos, assim, até ao dia 4 de Outubro. Mas regressaremos nessa altura com plena força.

Os milhares de assinantes do nosso semanário não têm que se preocupar. O tempo de duração das suas assinaturas contará descontando o período em que se verifica a interrupção. Para além disso, durante este interregno, continuaremos a trabalhar... e muito. A preparação do novo «o País» vai absorver toda a nossa atenção, mas teremos o maior prazer de receber as vossas cartas e as vossas sugestões.

Os muitos amigos que temos mantido ao longo dos quase nove anos de vida ficarão a aguardar com entusiasmo o regresso. Tenham confiança. Que é o que sucede conosco.

Operação «Verão 84» apoia emigrantes em férias

ESTÁ calculado em cerca de um milhão o número de emigrantes que virá este ano passar férias a Portugal, estimando-se em seiscentos mil os emigrantes que entrarão no país pela fronteira de Vilar Formoso.

Para apoiar os emigrantes está a ser accionada uma operação de acolhimento — Verão 84 — que funcionará durante todo o período de férias, com maior incidência no período que decorre entre 2 de

Julho e 6 de Agosto.

Equipas de acolhimento da Secretaria de Estado da Emigração serão instaladas em locais devidamente assinalados nas fronteiras terrestres de Vila Verde da Raia, em Vilar Formoso, em Irun-Handaia, e nos aeroportos de Lisboa e Porto serão reforçados os serviços permanentes que a Secretaria de Estado da Emigração tem em funcionamento.

A Cruz Vermelha Portuguesa

participará também na operação «Verão 84» com postos de atendimento na Vila Verde e em Vilar Formoso. Em colaboração com a Cruz Vermelha Espanhola a CVP vai também assegurar a instalação de postos de apoio nas estradas de Espanha, em colaboração com a polícia de trânsito espanhola que, entre outras formas de apoio, indicará aos emigrantes portugueses parques de estacionamento guardados onde poderão repousar em perfeita tranquilidade.

Nas estradas do nosso país os Serviços de Segurança Rodoviária garantem postos de apoio a automobilistas e exercerão acções várias tendentes a evitar os acidentes. Os emigrantes serão convidados a parar e descansar bem como a conduzir com a necessária prudência.

Durante a sua estadia em Portugal, os emigrantes poderão ainda recorrer aos serviços das delegações do Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas existentes no Porto, Coimbra, Guarda e Faro bem como em Braga e em Chaves. Nestas delegações assim como na sede em Lisboa serão prestadas todas as informações e resolvidos os problemas que eventualmente os emigrantes tenham.

Pela primeira vez, os postos de atendimento das fronteiras terão um serviço de fotocópias para a reprodução de documentos que sejam precisos entregar nas alfândegas e um serviço para aquisição de valores selados.



Só para matar saudades...

HABITAÇÃO «RENDA RESOLÚVEL» RENDA MENSAL DE 15 A 25 000\$00

* Em grandes Urbanizações Residenciais com mais 2000 fogos habitacionais com todo o equipamento de apoio.
* Empreendimentos situados a 15 e 25 minutos de Lisboa (Zona Norte) com transportes públicos «mesmo à porta».
* 3-4-5 assoalhadas com salão, cozinha moderna e casas de banho com louças e azulejos de cor, etc.
* 1.ª série de 300 apartamentos já prontos a habitar e os restantes a atribuir em programas de entregas trimestrais.
As atribuições dos apartamentos são efectuadas rigorosamente pela ordem das datas das inscrições respectivas.

Pedidos de inscrição provisória e sem compromisso — apenas por Bilhete Postal — dirigidos ao Apartado 21 005-126 LISBOA CODEX, indicando: Nome - Profissão - Local e horas de contacto, além do número de telefone, se possível.

Novo livro sobre emigração

UM NOVO livro sobre emigração portuguesa, «The portuguese americans» da autoria do professor Leo Pap, acaba de ser lançado nos Estados Unidos. O livro em questão, o terceiro do autor, trata da história dos portugueses na América e aborda aspectos socio-económicos e culturais da vida do emigrante português nos Estados Unidos.

Leo Pap, publicou a sua primeira obra em 1949, precisamente a sua tese de doutoramento na Universidade de Columbia, intitulada «Portuguese american speech» («O falar luso-americano»). A segunda publicação foi «The Portuguese in the United States: a bibliography» («Os portugueses nos Estados Unidos: uma bibliografia»).

Na foto, o autor e sua mulher.



«Almada Antiga e Moderna»

NO ÂMBITO das exposições «Almada Antiga e Moderna» e «A Imprensa de Almada», a decorrerem na Oficina da Cultura daquela cidade, outras realizações terão lugar. Assim, no dia 20 deste mês, pelas 21.30 h. será efectuado um concerto pelo Grupo Percusta, enquanto no dia 21, pelas 16 h., na Biblioteca Municipal de Almada, será proferida uma palestra sobre «O Liberalismo e Evocação da Vitória Liberal na Batalha da Cova da Piedade», por Reinaldo Varela Gomes.

Valecambrenses confraternizam

NO CLUBE Português de Hartford, Connecticut, nos Estados Unidos da América, realizou-se, no passado mês de Maio, a quinta festa de confraternização dos emigrantes naturais de Vale de Cambra.

O nosso correspondente, o médico Manuel Luciano da Silva, tesoureiro do grupo, apresentou o balanço positivo de 3735 dólares tendo sido eleitos os novos corpos gerentes, ficando na presidência da Direcção Ernesto Tavares Vieira.

Depois da missa, cerca de trezentos sócios reuniram-se num



almoço tipicamente português, utilizando os métodos característicos de Portugal. A foto apresenta os directores e delegados eleitos para 1984/5.

BREVES

I Exposição Canina Internacional de Sintra

ORGANIZADA pela Comissão de Festas da Vila Velha e com a promoção da Câmara Municipal de Sintra, vai decorrer nos próximos dias 28 e 29 de Julho, a II Exposição Canina Nacional de Sintra, as quais serão regidas pelos regulamentos do Clube Português de Cinicultura e aberta a todos os exemplares de todas as raças e variedades oficialmente reconhecidas, registadas em livros de origem. As exposições terão lugar no ringue de patinagem do Parque da Liberdade, estando a entrada dos exemplares fixada para as 11 horas iniciando-se a classificação uma hora depois.

Melhoramentos no litoral sintrense

A CÂMARA Municipal de Sintra, no âmbito da sua política de beneficiação de zonas turísticas, com especial incidência no litoral sintrense, tem vindo a realizar diversos melhoramentos na Praia Grande e na Praia do Magoito. Assim, em fase de conclusão encontram-se já novos acessos e um parque de estacionamento que muito vai contribuir para um maior descondensamento de trânsito, nesta época de Verão.

RR

RÁDIO RENASCENÇA

A Estação de Maior Audiência Nacional

EMISSORA CATÓLICA PORTUGUESA

Mais!

A rádio que se ouve

Câmaras do Algarve à beira da falência pedem socorro ao Governo

AS CAMARAS Municipais do Algarve, reunidas no passado dia 9 em Lagoa, confessaram a situação de pré-ruptura financeira e de bloqueio funcional em que se encontram na sua esmagadora maioria, tendo delegado nos presidentes dos municípios de Portimão (Martim Gracias) e Loulé (José Bota) o estabelecimento de um diálogo com o governo no sentido de serem encontradas saídas para as dificuldades.

As edilidades algarvias (16 no total, sendo 11 PS duas APU, duas PSD e uma AD-PSD) manifestaram-se, designadamente, contra o aumento das taxas de juro relativas ao empréstimo de 3 milhões de contos concedido em 1981: de 3%, o seu valor actual cifra-se em 13,75%. Os autarcas denunciaram a capacidade de endividamento legal a que as câmaras estão sujeitas (já ultrapassada) e

a situação de bloqueio a que vários municípios chegaram em relação a obras fundamentais para a vida das populações. Há projectos de estradas, arruamentos, esgotos, saneamento básico, que não poderão avançar, e algumas obras terão mesmo de ser suspensas. A tudo isto, acrescem factores adicionais que foram criados por decisões governamentais incorrectas — como a transferência para o âmbito autárquico de algumas responsabilidades do Ministério da Educação quanto ao suporte financeiro de parte dos encargos do ensino primário, em transportes e alimentação — as quais os autarcas algarvios querem ver «resolvidas e esclarecidas quanto antes». Não falando sequer na questão da não aplicação da Lei das Finanças Locais, é impossível não se reconhecer gravidade e razão neste encontro dos principais autarcas do

Algarve, embora não resistamos a duas ou três considerações de ordem geral, que não anulam a urgência e importância dos problemas levantados, mas questionam alguns deles.

Antecipadamente, equaciona-se esta questão segundo 3 ordens de razão, que se prendem com a natureza e a prática do Poder Central, de agora e de «antes»:

Má organização

1. O Algarve é uma província organizada, administrativamente, de forma distorcida: a tendência é para privilegiar o litoral, de onde chegam os ventos da caça às divisas, em detrimento do interior; dos mais de trezentos concelhos do país, o Algarve tem dos mais ricos (Faro) e dos mais pobres (Alcoutim).

2. O interior não é, ele próprio,

perspectivado com simetria: há o interior que funciona como «pivot» entre o litoral e as zonas do país mais procuradas do Algarve — turístico, e há o interior — serra: o primeiro vai ainda gozando de algumas migalhas e benefícios por tabela, o segundo é um enteado proscrito, vitalício e de saídas lechadas. Zonas há na serra algarvia onde os índices de analfabetismo estão próximos dos que havia em Abril de 74, e em que a assistência médica é uma utopia.

3. A população algarvia tem uma vocação de combate e de apego à terra extremamente viciada por tradições de emigração interna e externa que se instalaram ao longo dos anos, que ainda hoje geram tenõmenos de alheamento e de semi-hostilidade em relação às decisões dos autarcas. O Presidente de uma câmara socialista algar-

via confessava a «o País» que «o Algarve é decerto a zona do país onde é mais difícil mobilizar e consciencializar os cidadãos para as tarefas e ocupações gerais que se tentam levar para o seu quotidiano».

Dinheiros mal usados

Embora os factos atrás indicados, sem preocupações de erudição, não sejam da responsabilidade dos municípios, a verdade é que nem sempre se verifica que a utilização dos dinheiro públicos, ao serviço dos municípios, se executa de forma nem transparente nem parcimoniosa. Existem no Algarve casos concretos de autarcas que se sabe terem sido subornados para avalizarem obras ou caucionarem operações — disso nos ocuparemos proximamente — e há manifestações exteriores de saúde finan-

ceira que contrastam com a situação geral.

Temos dúvidas sérias de que o encontro de Martim Gracias e José Bota com o Governo resulte no plano das necessidades das autarquias, a menos que sejam decisivas as circunstâncias do primeiro ser um indelével soarista, e o segundo um recém-promovido à Comissão Política do PSD, depois do Congresso de Braga, que em parte presumimos que tenham sido factores determinantes para a escolha dos mandatários da semi-bancarota algarvia, para o diálogo com o Poder.

Com a ruptura ninguém terá a ganhar — nem sequer o primeiro-Ministro cuja casa de veraneio, sobranceira numa colina à praia do Vau, (concelho de Portimão...) só ganhará com a conclusão e melhoramento de obras em curso naquela zona.

No Algarve, por iniciativa do Racal

36 países inscritos no 10.º Salão Internacional de Arte Fotográfica

UMA INICIATIVA conjunta do Racal Clube de Silves e do Hotel Algarve, em Portimão, permitirá a realização do 10.º salão internacional de Arte Fotográfica do Algarve, que regista já mais de três mil trabalhos de artistas oriundos de 36 países.

Segundo os realizadores, esta manifestação cultural — que consideram antecipadamente, pelo volume de adesões, «um êxito» — constitui uma das mais profundas mostras da realidade do sul do país, estando já em condições de adiantar que,

pela primeira vez, aparecerão entre os expositores nomes de reconhecida categoria internacional, entre os quais não é de excluir que a tática mais importante seja a da representação portuguesa.

O 10.º salão internacional de arte fotográfica é promovido por uma unidade hoteleira e uma agremiação desportiva que, ambos, dispensam qualificativos. Sobre o Racal Clube, que atribui a Eduardo Cabrita dos Santos a direcção geral do salão, trata-se de uma colectividade que organiza provas automobilísticas de categoria

internacional e que já dispõe de um invejável palmarés em matéria de investimento na dinâmica da cultura do Algarve e do país em geral. Clube sediado em Silves, o Racal é hoje uma colectividade cuja qualidade das iniciativas goza, internamente e no estrangeiro, de um prestígio que justifica que, em próximas edições, lhe demos o destaque devido, designadamente depois da pré-inauguração do 10.º Salão, que se verificou especialmente para os órgãos de informação no passado dia 15 no Hotel Algarve.

Ao sul, política «mexe»

CDS reorganiza forças PCP «fez» Jornadas Algarvias

O CENTRO Democrático Social e o Partido Comunista Português (CDS e PCP) acabam de dar passos decisivos nas respectivas implantações no Algarve. Os comunistas realizaram, com êxito, as Jornadas Algarvias pulverizadas pelos mais importantes concelhos do sul, em que foi feito um levantamento dos principais temas e áreas da vida algarvia, no plano social e laboral, e o CDS realizou em

Faro eleições para a sua concelhia, ficando os lugares de Presidente da Mesa da Assembleia concelhia confiada a Luis Soares e a Comissão Executiva entregue a João Andrade. De notar que o PCP fez destacar para o Algarve alguns dos mais importantes nomes dos seus órgãos de decisão, que orientaram as sessões das Jornadas (Carlos Brito, Margarida Tenggarrinha), e que o CDS se encontra a tentar uma recupera-

ção de eleitorado e de capacidade organizativa no Algarve — tradicionalmente uma zona de maioria socialista — depois de vários meses de quase nula actividade, nem sempre isenta de questões e disputas pessoais de poder. Em Beja, aliás, o CDS acaba de tomar a decisão de manter a sua sede aberta nos períodos da manhã e da tarde, desaliando os militantes a fazer da sede «um ponto de entro».

XII Semana das Migrações

EM FÁTIMA de 10 a 12 de Agosto vai decorrer a XII Semana Nacional de Migrações que abordará entre outros aspectos o tema «A emigração na História da Expansão Portuguesa no Mundo». «As consequências da Emigração nos campos cultural, familiar, social, religioso e político»: «A emigração e os problemas económicos do País: investimento e Retorno» entre outros.

No âmbito das realizações da Semana realiza-se uma exposição sobre as actividades das Missões e paróqui: portuguesas nos diversos países onde há emigrantes.

Mais de cem mil jovens estudam português no estrangeiro
Mais de cem mil jovens portugueses e de ascendência portu-

guesa radicados no estrangeiro frequentaram no ano lectivo de 1982/83 Cursos de Língua e Cultura Portuguesa — revela um estudo do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

Os 104.703 alunos frequentaram cursos da responsabilidade do Governo português e da iniciativa das próprias comunidades.

Mil seiscientos e quarenta e sete professores, foram mobilizados para leccionarem estes cursos.

Mais de metade dos alunos está radicada em França (64.402) distribuindo-se os restantes por mais 20 países de todos os continentes com destaque para a República Federal da Alemanha (12.794), Canadá (6.466), Estados Unidos da América (4.765) e África do Sul (2.989).

750 estrangeiros pedem concessão de nacionalidade portuguesa

DE JANEIRO a meados de Maio deste ano entraram no Ministério da Administração Interna cerca de 750 pedidos de concessão de nacionalidade portuguesa, o que corresponde a uma média de 200 pedidos por mês.

Em 1983 deram entrada no MAI 2281 processos dos quais 1287 foram indeferidos. De Janeiro de 1977 a Abril deste ano deram entrada no MAI 27.298 processos pedindo a concessão ou conservação de nacionalidade portuguesa.

O maior número de pedidos é de pessoas provenientes de Angola e Moçambique, naturais dessas ex-colónias, e de origem portuguesa, paquistanesa e indiana.

No Alentejo

Rosado Correia: reunião partidária anunciada pelo ministério...

O MINISTRO do Equipamento Social Rosado Correia deu, em duas oportunidades de «visita» ao Alentejo, dois maus exemplos de homem de Estado. Em Reguengos de Monsarraz, distrito de Évora, o ministro anunciou uma mão-cheia de obras de importância indiscutível — o novo quartel dos bombeiros, a Escola Secundária, o pavilhão gimnodesportivo e um centro para a coordenação dos transportes — mas aproveitou para exigir uma contrapartida que está a causar repúdio entre as populações, como de costume a ser aprovei-

tado pelo PCP: tratar-se-ia da extinção do ramal ferroviário entre Reguengos e Évora, que foi já objecto de um comunicado dos comunistas. Rosado Correia parece que não ficou satisfeito com esta má estadia entre os alentejanos. Fez também distribuir, em papel timbrado do seu Ministério (embora com responsabilidades para o Chete de Gabinete do Secretário de Estado das Obras Públicas...) o programa da inauguração do novo troço de auto-estrada Alvalade-Ourique (via rápida n.º 1), no qual constavam as iniciativas em que ele próprio, assim como o vice-pri-

meiro-Ministro Mota Pinto, participariam. Entre elas, consta do documento a que tivemos acesso, um «convívio partidário» às 18 horas, que se efectuariá na creche da Misericórdia de Ourique, antes da partida (de helicóptero...) para Lisboa.

Esta de se anunciarem manifestações partidárias em papel timbrado do ministério, já não é, intelizmente, novidade. Não achará o senhor ministro Rosado Correia que a originalidade é capaz de chocar os sentimentos das populações, entre as quais se contam os seus próprios correligionários?



ISLA

Um Diploma de Competência

Gestores de Empresas
Gestores de Recursos Humanos
Técnicos de Informática
Tradutores Especializados
Secretárias de Administração
Secretárias Europeias
Técnicos de Turismo
Guias - Intérpretes Nacionais

ISLA

Rua do Sacramento à Lapa, 16 - 1200 LISBOA
 Rua das Praças, 47 - 1200 LISBOA
 Telefones: 60 40 80 - 60 43 10 - 60 49 92 - 66 66 67 - 67 37 66

Greves nas minas e nas docas

Verão «amargo» para a senhora Thatcher

LONDRES
do nosso correspondente
William Gilman

O GOVERNO britânico enfrenta neste momento um dos períodos mais difíceis desde que Margaret Thatcher subiu ao poder em 1979. Em primeiro lugar a greve do carvão que já atingiu a sua décima nona semana não parece mostrar sinais de terminar e Arthur Scargill, líder do Sindicato dos Mineiros, insiste que somente uma capitulação total da Junta Nacional do Carvão poderia resolver a greve. Scargill insiste em especial que nenhuma mina deveria ser encerrada por motivos económicos mas apenas quando o carvão estivesse totalmente esgotado custasse o que custasse.

Mas a Junta do Carvão e o Governo não podem concordar com tal exigência. A oposição trabalhista diz que chegou a altura de Margaret Thatcher intervir na disputa. O governo não está porém disposto a enveredar por este caminho, pois sabe que qualquer concessão seria imediatamente considerada como uma grande vitória dos mineiros contra Thatcher, que seria interpretada no estrangeiro como fraqueza e resultaria numa grave falta de confiança no país.

A outra greve, a das docas, apoenta mais Margaret Thatcher, pois com todos os portos encerrados desde segunda-feira passada e centenas ou mesmo milhares de camiões paralisados em ambos os lados do Mar da Mancha, a situação económica

podia deteriorar-se. O governo tem esperanças de que a organização de conciliação arbitrária e oficial ACAS, que está em contacto com o sindicato que representa os mineiros e também com a Associação Nacional de Empregados dos Portos consiga resolver a greve.

Mas apesar de manter uma atitude não militante o Governo reconhece a necessidade de tomar as medidas necessárias para assegurar os serviços essenciais ao País tais como o fornecimento de água, de géneros, electricidade e carvão e outros produtos necessários para que a indústria e o comércio não sejam paralisados.

De momento não há problema nas lojas, em particular no que diz respeito a produtos alimentícios, vegetais tomates e fruta. Mas se a greve continuasse sem solução durante várias semanas, o povo sentiria certamente e seriamente o seu efeito não só em faltas como em subida de preços. Os resultados destas greves já se fizeram sentir, entretanto, no valor da libra esterlina, que já atingiu o seu valor mais baixo contra o dólar na taxa de juros oficiais que já subiu de nove para doze e meio por cento nos últimos dias, aumentando consideravelmente o custo de empréstimos de capital.

Finalmente a decisão esta semana, por um juiz do Supremo Tribunal, de que o governo britânico tinha actuado ilegalmente ao insistir em Fevereiro passado que os empregados no Centro de Escuta secreta oficial em Cheltenham não podiam per-

tencer a sindicatos, deu um último e sério choque a Margaret Thatcher e ao seu Governo.

O juiz diz que o Governo tinha poderes para tal decisão mas actuava ilegalmente por não ter primeiro consultado os sindicatos e portanto, a ordem era inválida.

O Governo vai estar como é claro contra esta sentença mas os sindicatos e a oposição parlamentar estão radiantes. Os sindicatos dizem que a decisão do juiz foi uma vitória da sua campanha contra a decisão de Margaret Thatcher e os trabalhistas afirmam que se provou que o Governo quebrara as regras de Justiça Natural. Porém, foi o líder dos sociais-democratas que fez a declaração mais incisiva sobre o caso, afirmando que Margaret Thatcher foi o primeiro chefe de Governo na História da Grã-Bretanha acusado por um tribunal de ter actuado ilegalmente.

Sem dúvida Margaret Thatcher encontrará solução para este desagradável problema. Um dos muitos que neste momento assediavam o Governo, que parece apto a escorregar em muitas cascas de banana, para gáudio da oposição. Porém, mais seriamente, no Parlamento de Westminster, pensa-se que o caso poderá reflectir mal na reputação do ministro do Interior, do ministro dos Estrangeiros e do ministro do Funcionalismo Público, cuja influência levou o primeiro-ministro a impor a proibição dos sindicatos no Centro de Escuta Secreta Oficial de Cheltenham.

Congressistas norte-americanos responsabilizam EUA pela sorte dos timorenses

AS RECENTES posições assumidas pelo Papa João Paulo II, por congressistas norte-americanos e pelo secretário de Estado George Schultz deram um novo alento aos esforços dos sectores que procuram resolver a questão de Timor Leste, em parte contrariado pela recente decisão dos trabalhistas australianos de não incluírem a questão de Timor no seu programa político.

Em Portugal, durante esta semana o presidente da República, general Ramalho Eanes desenvolveu também uma notória actividade tendente a aferir a posição portuguesa face a Timor-Leste, tendo para isso reunido com a Comissão para os Direitos do Povo Maubere, a Comissão Eventual criada na Assembleia da República e com o primeiro-ministro Mário Soares.

Ao receber as credenciais do novo embaixador da Indonésia na Santa Sé o Papa João Paulo II afirmou que a «Santa Sé continua a seguir a situação de Timor Leste com muita preocupação e com esperança de que será dada particular consideração, em todas as circunstâncias, à identidade cultural, religiosa e étnica do povo de Timor-Leste».

A Indonésia tem sido acusada de travar uma guerra de genocídio para pacificar o antigo território português de Timor, formalmente anexado pelas autoridades de Jacarta, em 1976, numa acção condenada pelas Nações Unidas.

Entretanto na véspera da sua partida para Jacarta onde se iria encontrar com os dirigentes indonésios, George Schultz, secretário de Estado norte-americano, recebeu uma carta de um grupo de 123 membros da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, apelando para debater com a Indonésia «iniciativas construtivas» que resolvessem «a tragédia de Timor Leste».

Os congressistas referem que «não podem ignorar a situação em Timor Leste onde, tal como no Afeganistão, vive um povo sob um regime militar imposto pela força, numa violação da lei internacional». Fazendo referência a uma carta de monsenhor Carlos Ximenes Belo, representante máximo da Igreja Católica em Dili, dirigida ao seu antecessor Monsenhor Martinho Lopes, os congressistas referem que o povo de Timor é vítima «da doença, da fome, da falta de liberdade e da perseguição».

Ximenes Belo refere que a Igreja está a ser perseguida e acusada, tendo uma residência de padres salesianos sido «selvaticamente revistada» por tropas de elite indonésias.

Tony Hall, representante do Estado de Ohio na Câmara dos representantes e autor da carta dirigida a Schultz é autor de uma secção na lei da ajuda externa em que se insta os Estados Unidos a ajudar a resolver as dificuldades de Timor Leste e tem criticado frequentemente o Departamento de Estado por ignorar a questão.

«A condição dos timorenses é em grande parte da responsabilidade dos Estados Unidos, pois estamos a fornecer à Indonésia as próprias armas que estão a ser usadas para suprimir os seus direitos», afirmou Hall.

A carta de Hall, que é assinada por representantes de 30 estados norte-americanos, indica ainda que, desde a invasão de 1975 «mais de 100 mil timorenses morreram devido aos efeitos da ocupação indonésia».

Recorde-se que a FRETILIN proclamou a independência de Timor-Leste, após um agitado período de confrontos com os restantes partidos do espectro político timorense, nomeadamente a UDT. Após a proclamação de independência seguiu-se a forte reacção da Indonésia, que desde o início do processo de descolonização se mostrava francamente sensível à instalação de um regime pró-comunista em Timor, temendo assim o alastramento dos respectivos ideais para dentro da sua fronteira.

Esta atitude da Indonésia era há muito esperada, e muito embora delegações portuguesas tivessem realizado esforços para resolver a situação, Portugal foi acusado de não ter conduzido de forma mais correcta o processo de descolonização de Timor-Leste, deixando-o um pouco ao abandono, permitindo que a Indonésia se movimentasse a seu bel-prazer. Estas opiniões estão expressas no relatório sobre Timor-Leste, do Governo de Timor na altura, à frente do qual se encontrava o coronel Lemos Pires.

A nova fase em que entra o caso de Timor-Leste, leva a crer que poderá acontecer o isolamento da Indonésia no caso de não corresponder aos apelos internacionais, o que poderá vir a pôr fim a um dos processos mais dramáticos do século.

Convenção Democrática confirma: Mondale vai enfrentar Reagan

«UMA guerra de sexos» é como alguns observadores internacionais classificam a situação que se vive e irá viver até ao dia da realização das eleições gerais americanas, precisamente a 6 de Novembro próximo. Pelo menos uma mulher se encontra mais directamente envolvida no processo eleitoral norte-americano — Geraldine Ferraro, de 48 anos. Pela primeira vez o partido dos burros vai apresentar como candidato ao lugar de vice-presidente uma mulher.



Geraldine Ferraro — a mulher de quem se fala...

Cerca de quatro mil delegados, metade dos quais do sexo feminino, nomeados no decorrer das eleições primárias, debateram em S. Francisco, durante quatro dias, o programa do partido democrático, tendo designado por fim os seus candidatos à presidência e à vice-presidência dos Estados Unidos.

Walter Mondale, de 56 anos, foi escolhido para representar o Partido Democrata, numa Convenção em que se apresentaram também outros dois candidatos: o senador do Colorado Gary Hart, de 47 anos e Jesse Jackson, o reverendo negro de 42 anos.

Entretanto, Geraldine Ferraro foi já considerada por Edward Kennedy como «um dos mais qualificados líderes dos Estados Unidos». Para a Organização Nacional de Mulheres trata-se de «uma vitória de todas as mulheres e em geral de todos os americanos».

No entanto, se para alguns essa nomeação poderá trazer mais alguns votos para os democratas, vindos nomeadamente das classes médias e das feministas, os republicanos são de opinião que

esse facto não irá alterar «as perspectivas de reeleição» do presidente Ronald Reagan e do vice-presidente George Bush.

O presidente Reagan constituirá sem dúvida um grande obstáculo para Mondale quando for designado oficialmente candidato republicano durante a Convenção de Dallas, nos fins de Agosto. As sondagens apontam-no como o virtual vencedor das eleições de Novembro, vantagem essa conseguida principalmente devido à sua responsabilidade no relançamento económico americano.

Por outro lado, quer se queira quer não, Mondale continua a ser para muitos potenciais eleitores o ex-vice-presidente de Jimmy Carter, com todos os aspectos negativos que essa situação acarreta. O seu perfil discreto e as suas palavras mornas e gastas opõem-se à exuberância e ao brilhantismo discursivo de Ronald Reagan.

No fim de contas e como já alguém escreveu «Walter Mondale é em muitos aspectos uma espécie de negativo de Reagan» e esse facto poderá pesar significativamente na escolha do eleitor americano.



África do Sul

Apartheid: «adapt or die»

APARTHEID: qualquer coisa que por si só constitui unidade distinta; os historiadores consideram as nações como «apartheids»; linha de conduta política na África do Sul, fundada nos seguintes princípios: a) da Diferenciação correspondente a diferenças de raça e/ou de cor e/ou de nível de civilização; por oposição a Assimilação. b) da Manutenção e da Perpetuação da individualidade (identidade) dos diferentes grupos de cor de que a população se compõe, e do desenvolvimento separado destes grupos, de acordo com a sua própria natureza, tradição e faculdade; por oposição a Integração.

ESTA, a forma como é feita a definição de Apartheid no grande dicionário «afrikander» (população branca da África do Sul, de origem holandesa) de 1950. O termo, usado pela primeira vez em 1936 pelos então futuros membros do Instituto Científico, é formado pela palavra «apart» (separação) e por um sufixo designativo de «estado». Lançado realmente em 1948 em substituição do termo «segregação», viria a tomar tal carga pejorativa que nos últimos tempos tem-se tentado antes empregar mais a expressão «eiesoortige ontwikkeling» — desenvolvimento separado.

Um pouco de história

Após a publicação do «South Africa Act» em 1910, proclamando a formação da União Sul-Africana, pôs-se à minoria branca a residente o problema racial, levantado pela enorme superioridade numérica dos negros, e por uma considerável comunidade asiática na Província do Natal, cuja causa desde 1906 vinha a ser defendida por Gandhi. Para conservar o Poder, a população branca vai então concentrar em si a força política, e impede aos negros qualquer compra de propriedades fora das «reservas» que lhes são atribuídas e que em 1913 representavam apenas 7,3% do território.

Em 1921, dando início a uma política de verdadeira segregação

todas as cidades passariam a ser interditas aos negros que não fossem lá empregados. Um conjunto de medidas segregacionistas é publicado nos anos seguintes, mas será só em 1948 com a subida ao poder do Partido Nacionalista do Dr. Malan, que um novo impulso será dado a todo este sistema. A partir deste mesmo ano, os cidadãos asiáticos ver-se-ão privados dos seus direitos eleitorais.

Uma nova série de legislação cedo viria a dar corpo e mais força à verdadeira estrutura racial do regime: em 1949, a Lei Sobre a Proibição dos Casamentos Mistos, declara nulos todos os casamentos entre europeus e membros de outra raça. E, em 1950, três novas leis são editadas: A Emenda à Lei sobre Imoralidade — dá carácter delitual às relações sexuais entre brancos e africanos/mestiços; a Lei sobre Regiões de Reagrupamento, divide a população segundo três raças principais (branca, indígena e mestiça) atribuindo a cada uma delas regiões determinadas; e a Lei sobre a Inscrição da População refere que cada um passará a ser registado consoante a raça, a qual será inscrita no respectivo cartão de identidade. Isto implicou para muitos casos, mudanças de residência, emprego, escola, a uma baixa de salários e rendimentos.

Em 1956, a proibição de voto estende-se também aos mestiços, os quais são retirados das listas eleitorais. No princípio da década

de 60, o Partido Nacionalista viria a organizar um referendo, o qual decidiria trocar a monarquia pela república, retirando-se então a União Sul-Africana em 15 de Março de 1961 da Commonwealth. Em 31 de Maio do mesmo ano, era proclamada a República da África do Sul.

Parlamento multi-racial: nova página do apartheid

Na passada sexta-feira, e desferindo um rude golpe no sistema de Apartheid até aqui construído e defendido, uma nova folha era virada na história da República da África do Sul: a Assembleia Sul-Africana, o único parlamento inteiramente branco do continente, reunia-se pela última vez na Cidade do Cabo, para votar a sua própria extinção.

Criado há 74 anos aquando da fundação da União Sul-Africana, pela junção das 4 províncias — Cabo, Estado Livre de Orange, Natal e Transvaal —, foi ele o responsável pela aprovação da maior parte das leis que actualmente fundamentam o sistema de Apartheid, principalmente após a subida ao poder do Partido Nacionalista. Na sua câmara figuras proeminentes emergiram, como o antigo primeiro-ministro Hendrik Frensch Verwoerd, assassinado em Cape Town no próprio parlamento em 1966. O seu sucessor, John Balthazar Voerser, terminaria a sua carreira ingloriamente, ao ser envolvido por um escândalo ligado aos meios de informação. O actual chefe do executivo sul-africano, Pieter W. Botha, distingue-se por seu lado por ser o precursor da nova política reformista da R.S.A., de adaptação («adapt or die»), e viu-se já indicado pelo Partido Nacionalista como seu candidato para o futuro lugar de Chefe de Estado, que ao contrá-

rio do que até agora aconteceu, terá poderes executivos assegurados pela nova constituição que entrará em funcionamento em Setembro.

O actual parlamento será então substituído por uma assembleia com três câmaras, correspondentes às comunidades branca, mestiça e asiática.

Reacções

Reagindo já à nova situação, Desmond Tutu — bispo negro e secretário-geral do Conselho Sul-Africano das Igrejas e um dos mais acérrimos opositores ao sistema, considera que as actuais mudanças apenas se destinam a manter no poder por mais tempo um governo controlado pela minoria branca. Desmond Tutu acusa as actuais reformas como aparentes, e acrescenta que apenas trariam a perdição e destruição ao país, pois que apesar da criação dos três parlamentos determinados etnicamente, continua-se a excluir a maioria negra, a qual representa 70% da população.

Os negros, segundo a nova constituição, permanecem sem qualquer papel político na R.S.A. Os seus «direitos» ficarão limitados e poderão exercê-los nas chamadas «homelands» — terras tribais de origem, os bantustões, áreas remotas do país, para onde muitos africanos são convidados a ir ou levados a lá se fixarem, pelas autoridades. A alguns destes territórios foi dada já uma pretensa independência, como no caso do Transkei, Ciskei, Venda e Bophutatswana, não sendo porém qualquer destes «estados» reconhecido por outro país que não a África do Sul.

O que fará o novo parlamento sobre a legislação Apartheid? Esta, uma pergunta que muitos hoje fazem. Principalmente, qual o futuro das Leis da Imoralidade proibindo as relações entre etnias diferentes. É bastante provável

segundo analistas, que o novo parlamento venha a abolir a legislação actual que proíbe casamentos inter-raciais — um princípio fundamental do Apartheid. Além disto, perspectiva-se todo a imensa estrutura do sistema se poderá desmoronar a médio prazo, ao originar-se uma população de novos mestiços, não tão significativa em números práticos, mas relevante no que representa a nível de processo ideológico.

Tal, será um verdadeiro golpe, uma mudança traumática para o sentimento «boer», que já hoje se começa a manifestar no seio das camadas mais conservadoras. Vários altos oficiais das forças armadas, descontentes com a nova política externa e reformas estruturais do regime, têm-se retirado nos últimos meses de membros do Partido Nacionalista e outros abandonam mesmo a vida militar.

Em contra-partida, as reformas operadas até agora não constituem para a maioria negra mais que uma alteração cosmética, considerando os africanos que o domínio branco não está de modo algum a enfraquecer.

O ANC — Congresso Nacional Africano, apela por seu lado na voz de Oliver Tambo, aos indianos e mestiços, para que boicoteem os próximos processos eleitorais em Agosto, para as câmaras respectivas. «Caso o não façam, considera, as duas minorias estarão a ajudar o «inimigo» a semente a destruição e a criar um conflito azedo e prolongado».

As duas comunidades referidas têm agora um dilema: o seu futuro imediato ao lado dos brancos ou juntarem-se à maioria negra, engrossando a oposição. Até à década passada, refere-se, a minoria asiática e mestiça preferiu uma colagem à comunidade branca como meio de ascender socialmente. No entanto, e a partir dos confrontos do Soweto, uma divisão parece ter-se operado, e já não é estranha a presença ao lado dos negros, de jovens indianos e mestiços, de frente nas ruas as forças policiais.

Mas, mais relevante que as divisões no seio dos mestiços e asiáticos, será a cisão que o projecto de P. W. Botha induziu à própria população branca, não só no geral, mas particularmente até, entre o próprio povo «afrikander». Divergências no Partido Nacionalista ocorrem em cada vez maior número, vindo a engrossar ainda mais um movimento ultra-direitista, que numa série de eleições intercalares realizada recentemente em três círculos eleitorais no Transvaal, revelou uma subida espectacular, apresentando-se maioritário em relação ao partido do primeiro-ministro.

Em última análise, quem terá ganho «à priori» com a nova

situação, são os movimentos negros, através das cisões havidas nas comunidades minoritárias. Enfraquecida a minoria branca, e divididos os asiáticos e mestiços, a maioria negra surge como um bloco enorme, compacto, mas segregado, ainda. Da população branca, uma pequena franja — jovens principalmente, como os universitários de Witwatersrand — estaria hoje a colocar-se progressivamente ao lado dos negros. Num ponto estão os opositoristas (excluindo a extrema-direita) todos de acordo: a maioria negra não pode ser excluída politicamente e o Apartheid deve terminar.

Os meios para esse fim, esses são vários. Mas, aos diversos movimentos estudantis e sindicalistas, ou outros como a UDF (United Democratic Front) advogando formas de luta pacíficas, sobrepõe-se a força e militância da organização dirigida por Oliver Tambo, o ANC. E, se no passado este movimento cuidava até que os seus ataques evitassem fazer vítimas civis e inocentes, os últimos factos indicam que uma facção mais militante e agressiva estará em ascensão no seio dos nacionalistas, principalmente após o «raid» das tropas sul-africanas ao Lesotho nos fins de 1982, onde meia centena de refugiados e militantes foram mortos.

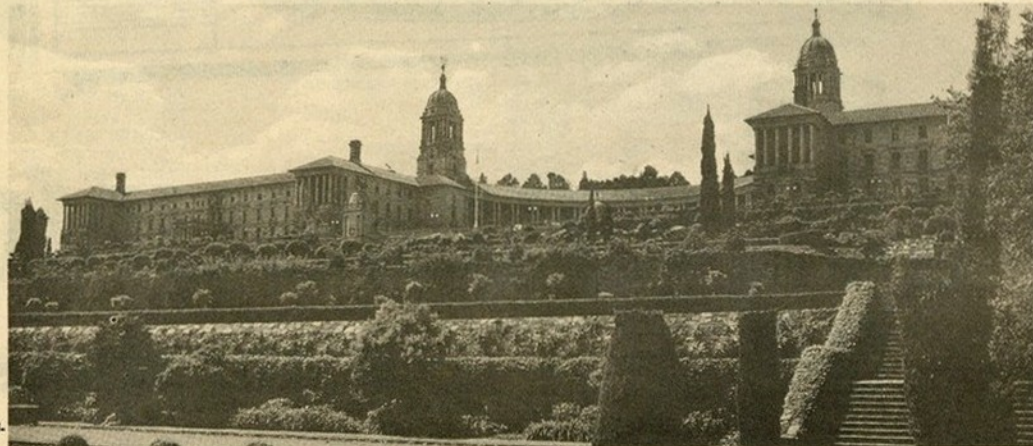
Em 20 de Maio do ano passado, uma potente bomba deflagrou no centro de Pretória, matando duas dezenas de pessoas e ferindo mais de duzentas. Na última quinta-feira, uma explosão registada na cidade de Durban — capital da província do Natal — provocava sete mortos — todos eles negros — e perto de 30 feridos. Na acção, tal como aconteceu em Pretória, foi usado um carro armadilhado, contendo cerca de 65 quilos de explosivos. Embora o ANC não tenha revelado ser ele o autor da explosão de Durban, o ministro sul-africano da Lei e Ordem, Louis Le-grange, imputou já o acto àquela organização.

Apesar de P. W. Botha diplomaticamente ter marcado alguns pontos com a sua recente viagem à Europa, expondo a nova face sul-africana surgida por via das reformas exigidas pelas pressões americanas e europeias, a violência vai decerto continuar. É certo que o ANC sofreu um recuo logístico, mercê do rearranjo na região conseguido por Pretória, Moçambique, Swazilândia e Lesotho são hoje países com que o ANC só minimamente pode contar, e nunca, para oficialmente poder daí organizar e lançar operações, ou reivindicá-las. Angola está actualmente envolvida num processo progressivo de negociação com as autoridades da R.S.A. O Zimbábwe e o Botswana por seu lado, nunca serviram de retaguarda militar para as acções do movimento sul-africano.

A força do ANC estará cada vez mais dependente dos meios e potencial interno que consegue mobilizar. Mas, embora Pretória tenha tido o cuidado de assegurar a não-agressividade dos países vizinhos, estes são muito dificilmente conseguem ter um controlo efectivo sobre todas as movimentações que nos seus territórios se operam. E além do mais, a R.S.A. apresenta uma extensão costeira bastante vasta, por onde poderá ser introduzido muito do material necessário às acções militares dos activistas negros.

Violência: uma constante da África de hoje e não só da África do Sul. Como diz ainda Desmond Tutu, do Conselho Sul-Africano das Igrejas: «O Conselho, condena tanto a violência do sistema injusto e violento que é o Apartheid, como a violência dos que o procuram derrubar».

A situação actual impõe ao ANC uma reestruturação de logística e métodos e isto não será de forma alguma sinónimo de paralisação militar, como o provam as últimas acções. A violência, infelizmente, continuará decerto a ser a tal constante e a fazer as suas vítimas — de ambos os lados: até que, passos mais arrojados e firmes sejam finalmente dados, pelo governo que estiver em Pretória. Mas isso, não será já para amanhã...



Para quando o Parlamento multi-racial?

Predappio

Terra natal de Mussolini quer esquecer o «Duce»

ANTES de ser morto e pendurado de cabeça para baixo, Benito Mussolini escreveu: «Seria terrivelmente ingénuo se pedisse para me deixarem em paz depois de morto. A volta da sepultura dos líderes não há descanso».

Mussolini tinha razão. Se fosse vivo, o ditador italiano fundador do fascismo, faria no próximo dia 29, 101 anos. Há um ano a população de Predappio, ao norte de Itália estava preoetpada, com as possíveis repercussões que poderiam ter as comemorações do centenário do nascimento do «Duce».

Além do mais, o povo de Predappio, sabe que aquele filho da terra, mais não trouxe que inimigos, dor e morte. O próprio presidente da Câmara local avança: «Foi azar ele ter aqui nascido. Tornou Predappio num local de peregrinação para os homens que seguem as suas ideias. Estamos sempre com a respiração suspensa...».

«Todos os fins de semana de um verão passado — diz Mauro Strocchi — chegam a Predappio homens com as velhas camisas negras fascistas que cantaram velhas canções sobre a conquista do mundo. Depois embebedam-se e as lutas começaram».

Em 1945, no final da guerra, Predappio era um reduto esquerdista determinado a esquecer o seu papel de berço do nascimento do movimento fascista». Apesar de todos os nossos esforços, os fascistas continuam a visitar-nos — diz Strocchi acrescentando que, agora contudo, o fazem com mais moderação. «Agora tiram as velhas camisas negras e não gritam mais os antigos «slogans». Depois, vão-se embora, pois sabem que não são bem vindos em Predappio».

Em 1983, os jornais neo-fascistas italianos fizeram um chamamento público para a organização de uma romagem ao túmulo de Mussolini. «Eles pu-

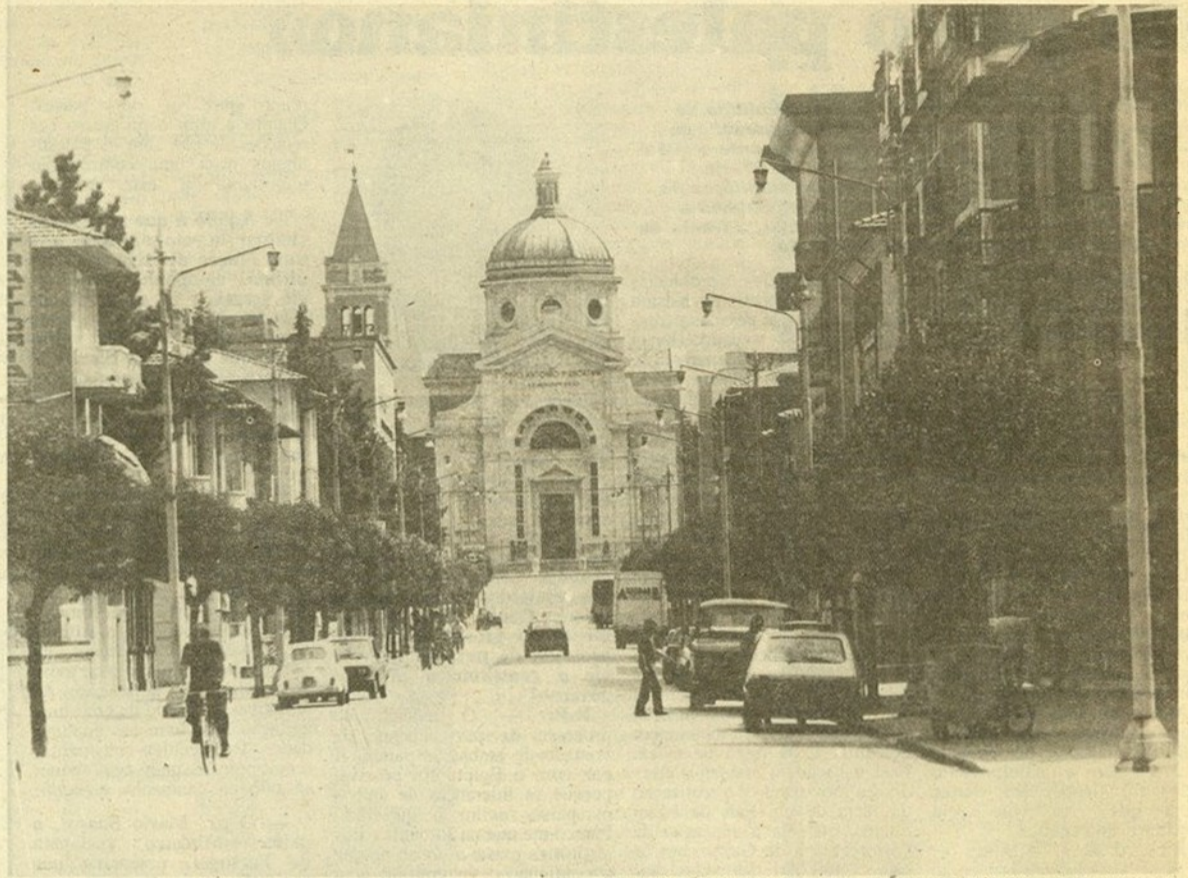
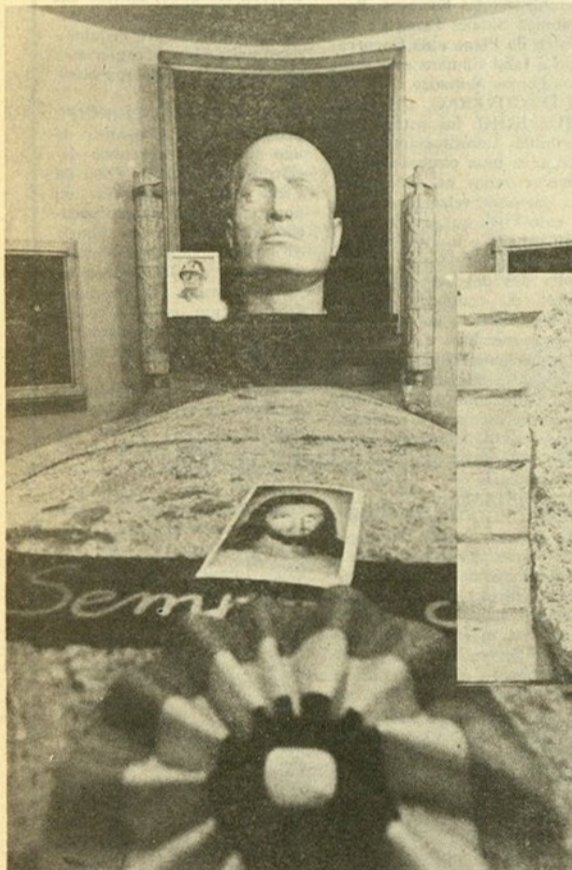


Imagem de Predappio, terra natal de Mussolini a cidade que tenta esquecer o seu mais indesejável filho. Ao lado, a cripta de Mussolini, fora da cidade.



blicaram um programa das manifestações que queriam organizar. Aqui não!» — diz firmemente o presidente da Câmara local.

«Ainda tiveram a insolência de me perguntar se eu apoiava uma parada fora dos muros da cidade, onde iam condecorar e entregar medalhas aos 20 fascistas — mais entusiásticos do velho partido. Até os homens de extre-

ma direita do meu concelho, indignaram-se com esta provocação» — diz Mauro Strocchi.

No entanto, estas manifestações foram organizadas em Villa Carpena, terra natal da família Mussolini, apenas a poucos quilómetros de Predappio. Por altura do centenário foi organizada uma festa privada, cuja lista de convidados não foi revelada.

Amores de Mussolini no cinema



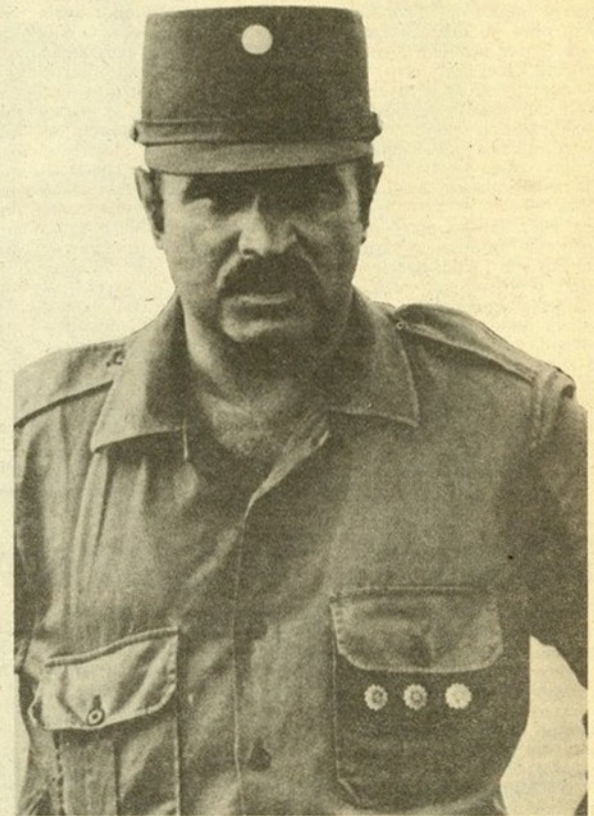
Annie Girardet fará o papel de Raquel mulher de «Duce».

OS AMORES secretos de Benito Mussolini com Claretta Petacci e as suas públicas declarações de amor a sua mulher Rachele vai ser o tema principal de uma série televisiva na qual intervirão actores de nível internacional.

A história, intitulada «Eu e o Duce», que será transmitida em Itália nos primeiros meses de 1985, será dividida em quatro episódios e custará à RAI, sua produtora, cerca de 10 milhões de dólares.

A conhecida actriz francesa Annie Girardot e Bob Hoskins, que vimos recentemente em «O Cônsul Honorário» personificarão Rachele e Mussolini, respectivamente, enquanto Barbara de Rossi interpretará o amor clandestino do ditador italiano, Claretta Petacci.

A ambiguidade será a chave permanente de «Eu e o Duce» que, segundo declarações do realizador Alberto Negrin, tem por objectivo eliminar as situações esquemáticas e os papéis defini-



Bob Hoskins no papel de Mussolini

dos. A série conta — desde 1942 até ao fim da guerra — os destinos cruzados das mais importantes famílias do regime fascista os Mussolini e os Ciano, seguindo ambas as suas histórias privadas.

«Eu e o Duce» será a história

da mulher, da amante, da filha e do genro — e também o seu final. A rodagem iniciou-se em meados de Maio nos locais da República de Saló, em Garda, e nas residências que são magníficos exemplos do estilo «liberty».

José Carlos
Teixeira

Stalker

crítica de cinema

Volta Jimmy Dean, volta para nós

PELÍCULA insólita, angustiante, alucinada ou simples e poética como a natureza e seus sons que a perpassam do princípio ao fim? Rea lizado por Andrei Tarkovski, STALKER é antes de mais uma profunda reflexão filosófica sobre o homem, que se isenta de qualquer pessimismo ou desespero. Diálogos intensos e complexos, imagens belas, mágicas e frias, exemplar movimentação da câmara, numa procura da felicidade ou constante interrogação sobre esta. VOLTA JIMMY DEAN, VOLTA PARA NÓS, de Robert Altman, é um filme por vezes admirável e comovente; contudo, demasiadamente sujeito a regras próprias do teatro acaba por se perder quase por completo, apesar da força dos diálogos e do espantoso jogo das actrizes.

● Quarteto e Star

ESTREOU-SE entre nós *Stalker* a sexta película de Andrei Tarkovski, o realizador de *Solaris* e *Andrei Roubliov*.

Algures, onde o espaço e o tempo não contam, existe uma extensão de terreno que se estende por dezenas de quilómetros quadrados, conhecida pela «Zona», e que apresenta estranhas características. E uma interrogação persiste sobre o que originou aquele estranho local. A queda de um meteorito? A intervenção de seres vindos de outros planetas? Pouco se sabe sobre o assunto e jamais se virá a saber, as explicações rareiam e mesmo o governo nega-se a dá-las e proíbe o acesso ao local. O que é certo é que a «Zona» é algo extremamente perigoso para os que a visitam, um local cheio de armadilhas, uma paisagem hostil, embora calma e serena, que se modifica constantemente. No coração deste lugar existe um recanto que possui a singular particularidade de tornar reais todos os desejos dos humanos que nele consigam penetrar. Mas só os «stalkers» conhecem o caminho seguro para lá chegar, evitando os perigos e armadilhas e os agentes do governo que vedam os acessos.

E *Stalker* é a história da odisséia de um desses homens, conduzindo um escritor e um cientista, pela «Zona», em direcção ao quarto onde os desejos se realizam, numa viagem, que não terá fim, em busca da felicidade...

O «stalker» é o único que acredita no quarto dos desejos e é o único que continuará a acreditar, já que os outros sempre acalentaram dúvidas em relação a ele e à «Zona». Mas será que esta existe mesmo ou é apenas real na mente do «stalker», um produto da sua imaginação? Qual

a razão do insucesso da viagem, porque regressam o escritor e o cientista de mãos vazias, só porque os seus desejos e corações não eram sinceros e como tal não se realizavam, uma vez que a «Zona» exigia sinceridade? De qualquer forma, por que razão o governo bloqueava o acesso a esta com forças militarizadas? Talvez porque certos desejos poderiam ser perigosos para a sociedade que governava?



E poderíamos continuar a formular outras e muitas questões. *Stalker* é um filme difícil irre-



obra de arte e o pode ser; porque *Stalker* é, antes de mais, uma obra de arte, e uma das mais belas, perturbantes e enigmáticas do cinema contemporâneo. A película é um caso à parte na produção soviética, e de tal modo se afasta do que é habitualmente permitido realizar neste país que as mentes esclarecidas que o dirigem acharam por bem recusar-lhe parecer favorável. Este facto pode constituir uma pequena pista que, embora insuficiente na totalidade, nos permite uma primeira tentativa de classificação, ou seja: a existência de uma crítica velada a um regime que se caracteriza pela rigidez e intolerância dos seus métodos.

Contudo, estamos longe de definir este indefinível filme. Muito mais do que uma crítica política a um regime totalitário, *Stalker* é como que uma reflexão filosófica sobre o homem, sua natureza e alma, sobre a ausência de um lado «espiritual» no homem moderno, que prefere o «material»... Podendo parecer desesperado, *Stalker* é bem mais um objecto de fé e de esperança...

Enfim, uma película de uma beleza excepcional: jamais um realizador tratou com Tarkovski os elementos naturais — a água, o fogo, a terra, o verde da natureza, o nevoeiro — motivos plás-

ticos que tão grande sedução aqui exercem.

James Dean,
o eterno mito

O FILME de Robert Altman *Volta Jimmy Dean, Volta Para Nós (Come Back To The Five & Dime Jimmy Dean, Jimmy Dean)* baseia-se num texto — uma peça teatral — extremamente rico e pleno de interesse.

Em 1975, numa pequena al-

deia do Texas, algumas amigas reúnem-se num velho supermercado (onde funcionou em tempos um clube de admiradoras do malogrado James Dean) para lembrarem o vigésimo aniversário da morte do actor de *A Leste do Paraíso*. Nenhuma falta ao encontro marcado, mas a reunião está longe de ser festiva; passadas duas décadas todas mudaram e não são o que sempre aparentaram ser; então, gradualmente, os seus verdadeiros rostos vão sendo descobertos...

Contudo, Altman quase que fracassa por completo ao transpôr para o cinema esta peça. A princípio, jogando habilmente com o «flash back» — se bem que abuse deste processo — consegue fazer-nos sentir que estamos perante um objecto que, embora um pouco indefinido, se poderá ainda afastar de uma estreita ligação com o teatro, encaminhando-se a passos largos para algo que será quase, quase, cinema. Acaba por falhar, e o filme des-camba para pouco mais do que um jogo de actrizes (Karen Black, Cher, Sandy Dennis, Studie Bond — estupidas, sublinhe-se) encurraladas num décor imutável num espaço fechado (o interior restrito do supermercado), actrizes estas que se apoiam somente no seu talento e num texto denso e belo, rico em referências e sugestões.

Contudo, a beleza e a poesia das imagens e o que estas acordam na nossa memória, sobretudo à medida que nos aproximamos do fim, talvez valham a deslocação.

ENCICLOPÉDIA VERBO

COMPLETE OU ADQUIRA A SUA
ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA
DE CULTURA «VERBO»
(20 VOLUMES)

Grátis e sem compromisso, solicito que me enviem completa informação sobre a(s) obra(s) que assinalo com X.

- A PRONTO PAG. ■ PRESTAÇÕES SUAVES □
- Grande Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura «Verbo» (20 Volumes)
- Mundo da Cultura «Verbo» (11 Volumes)
- Grandes Religiões do Mundo «Verbo» (10 Volumes)
- Psicologia Moderna «Verbo» (9 Volumes)
- Curso de inglês / francês para crianças (audiovisuais)
- Dicionário Inglês / Port. / Ing. c/ 100 000 termos técnicos «Verbo» (5 Volumes)

Nome.....

Profissão..... Indicativo telef.

Telef. emprego..... Telef. casa.....

Morada..... Código Postal.....

SEM FIADOR

RECORTE E ENVIE HOJE MESMO:
AO CUIDADO DO DR. ELOY MORA
APARTADO 2938 1100 LISBOA CODEX

PODE TAMBÉM TELEFONAR PARA:
243 59 12 ou 57 99 91

18 400 Páginas
55 000 Vocabúlos Enciclopédicos
1500 Colaboradores (escrit.)
40,5 kg de peso

PROF. RAKAR

O mais antigo profissional dos estudos extrasensoriais.
ASTRO-COSMOLOGIA
MAGIA DA ERA ESPACIAL
Trinta anos ausente de Portugal,
regressa para vos esclarecer sobre MAGIA ESPACIAL.
TUDO POSSO FAZER POR SI.

RUA PASCOAL DE MELO, 124-1.ª. ESQ. — TEL. 54 26 28

HALL DE ENTRADA

O HOMEM QUE VEIO
DE LONGE (**)
de Krzysztof Zanussi

Tratar em cinema uma tão importante figura da cena mundial, como a do Papa João Paulo II, tem os seus riscos; e parece que o realizador os não arrostou...
Las Vegas I e Mondres

CIDADE EM PÂNICO
(***)
de Michael Wadleigh

Se a película tivesse como simples objectivo incutir «terror» no espectador seria algo plenamente conseguido; mas tal não sucede. Contudo, se gosta de sentir um ou outro arripio pela espinha acima...
Las Vegas 2

IDENTIFICAÇÃO
DE UMA MULHER
(****)
de Michelangelo
Antonioni

Um cineasta que procura um rosto, um homem (o mesmo) na demanda de um corpo, de um rosto, de uma mulher, ou, o cinema, o amor, a existência, o conhecimento

segundo Antonioni. Belíssima, esta película
Estúdio 444 e Quarteto

JOGO DE MÃO (****)
de Monique Rutler

Um fresco seguro e entrecendedor da moderna sociedade portuguesa. Um filme interessante, que por vezes consegue ser corrosiva e eficazmente crítico.
Quarteto

CHINATOWN (****)
de Roman Polanski

Um olhar particular sobre o «filme negro». A ambiência deste é perfeita — o detective solitário, a mulher fatal, a cidade, as ruas, etc. — o realizador injecta-lhe sangue novo. Jack Nicholson e Faye Dunaway fascinantes.
Xenon

DECAMERON (****)
de Pier Paolo Pasolini

Um filme alegre, jocoso, terno, sensual, expansivo, feito numa época em que o cineasta ainda se não inclinara para o lado da morte. A não perder.
São Jorge 3

JÚLIA (****)
de Fred Zinneman

Um filme excelente, a (re)ver. O tratamento conferido às situações, às personagens (interpretadas pelos fabulosos Jason Robards, Jason Robards e Vanessa Redgrave) ou aos seus sentimentos (amor, dor, saudade) é inegalável.
Cine 222

O LEOPARDO
(*****)
de Luchino Visconti

É admirável a mestria e arte deste cineasta em captar o lado crepuscular das matérias que trata. Aqui, um retrato da Itália na época da sua unificação. Um filme excepcional, uma viagem de descoberta sempre permanente.
City Cine

MY FAIR LADY
(*****)
de George Cukor

Um dos mais fulgurantes momentos da carreira do ci-

neasta das mulheres. Adaptando G. Bernard Shaw o realizador oferece-nos um musical em que os corpos, as vozes, as palavras, a música, os cenários e os figurinos se conjugam numa admirável sinfonia do espectáculo.
Castil

VIDAS EM JOGO (**)
de Taylor Hackford

Uma película, fortemente comercial, que desperta no espectador um certo prazer, apenas momentâneo, que se apaga quando as luzes se acendem.
São Jorge 1

INFIELMENTE TUA (***)
de Howard Zieff

Pouco original ou inventiva a película, apesar destas limitações, oferece ao espectador alguns bons momentos. E se Nastassia Kinski o força a decidir-se...
Londres

J.C.T.

Classificação
de 0 a *****

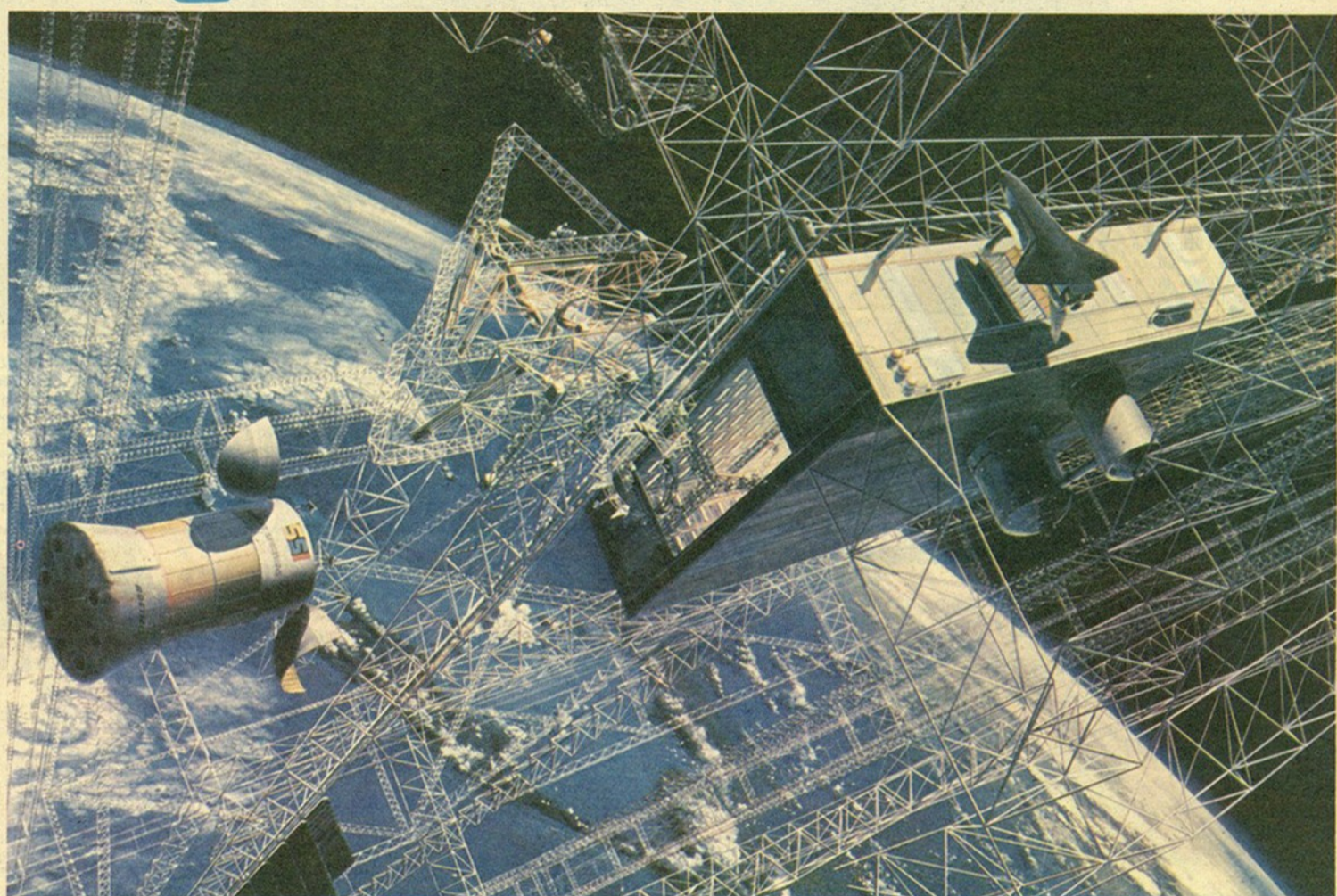
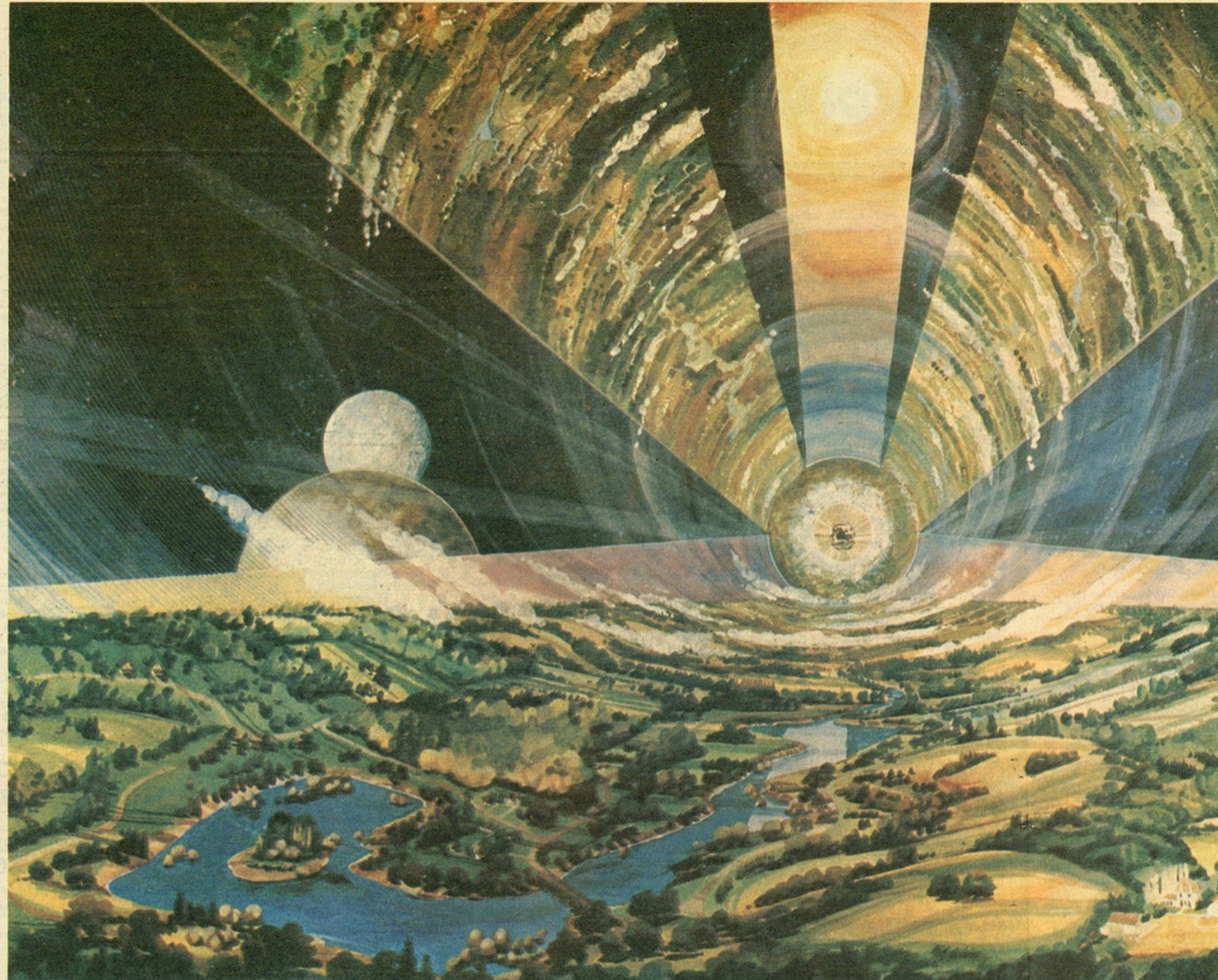
O que o futuro nos reserva

Viver no espaço para preservar espécie humana

A MESMA tecnologia que parece estar a levar o homem rumo a catástrofe, pode tornar a civilização indestrutível, levando a vida para o espaço. A Humanidade poderá assim manter-se a salvo, em carácter definitivo, de guerras nucleares ou fugir ao superpovoamento da Terra.

Alguns cientistas já fazem mesmo ponderações sobre as implicações sociais da exploração maciça do espaço, uma peregrinação sem precedentes na história. Que acontecerá, perguntam eles, quando um grande número de pessoas abandonar definitivamente o planeta que guarda a totalidade da herança humana?

Para várias centenas de cientistas e outras pessoas ligadas às actividades espaciais, a nova fuga não desperta nenhum terror. É apenas mais uma travessia rumo ao desconhecido, como tantas vezes aconteceu no passado da Humanidade: a expansão da vida pelo Universo constitui um início e não um fim.



PODE dizer-se que o elemento responsável pela diferença entre o ser humano e as formas mais primitivas que vivem sobre a Terra encontra-se no facto de ele — depois de, finalmente, se consciencializar do desafio proposto pela sobrevivência — ter tomado a si o encargo de moldar o seu próprio futuro. E, em face disso precisamos de nos debruçar sobre o dia de amanhã, sem nos limitarmos sequer ao espaço de uma única geração.

A perspectiva daquela que parece ser, a longo prazo, uma proliferação praticamente inevitável das armas nucleares, empresta seriedade maior ao perigo do desaparecimento dos factores de intimação recíproca. Daí o perigo cada vez maior a que todos nós estamos sujeitos.

Única saída possível: a organização — ainda que continue a parecer fantástico para muitos de nós — de colónias espaciais permanentes, bem sucedidas e auto-suficientes, em termos de crescimento populacional, afastadas da Terra, mas, de início, situadas nas proximidades do planeta.

A sobrevivência ou o bem-estar dos moradores de tais colónias sustentadas por uma quantidade ilimitada de energia solar, não dependeriam do nosso antigo planeta. Tampouco dependeriam das sociedades originárias, que não deixariam de existir, num processo análogo ao das sociedades europeias que não desapareceram da Europa após a fundação das colónias norte-americanas.

Mesmo no caso de se concretizar a tragédia máxima — ou seja, a extinção da vida na Terra —, a existência e a civilização da nossa espécie teriam prosseguimento no espaço, e ela haveria de se multi-

plicar e expandir à medida que se criassem novas colónias, destinadas a acomodar populações sempre mais numerosas.

Embora nada diminuísse o horror dos acontecimentos na Terra ancestral, a vida originalmente sobre ela engendrada não seria, desse modo, extinta; longe disso, pois os seres humanos sobreviveriam, contando com a perspectiva do que haveriam de constituir, então, um futuro ilimitado. A bondade da verdade, a civilização humana tornara-se, em essência, indestrutível.

Abandonar a Terra: uma ideia que assusta

Existe um precedente que podemos considerar, correctamente, como a iminente passagem da vida, da atmosfera terrestre para o espaço. Até há 350 milhões de anos atrás, e depois de três bilhões de anos de evolução, todas as formas de vida estavam confinadas aos oceanos, que constituíam o seu único habitat natural. Contudo, os mares tornavam-se, naquela época, cada vez mais superpovoados. Ao analisarmos o passado, a partir da nossa actual posição vantajosa, temos condições de observar que os seres vivos, em processo de proliferação naquela era, não dispunham de outra alternativa senão a de passar para o ambiente -artificial-: a terra seca e o meio aéreo, situados acima da superfície da água, o que representava para eles, o equivalente ao nosso espaço exterior.

Foi o desenvolvimento do ovo amniótico nos répteis, o ovo em uma casca, que finalmente possibilitou essa transferência, pois encerrava em si o líquido, ainda im-

prescindível à célula germinativa. Podemos imaginar um peixe inteligente daquela época revoltado perante a ideia de trocar o seu conhecido meio aquático pelo ambiente hostil e -artificial- do espaço.

Entretanto, ele estaria enganado, pois a emergência das formas de vida na água — que hoje podemos ter na conta de predestinada — aumentou incalculavelmente as suas possibilidades de se expandir e de se desenvolver ainda mais. A bem da verdade, conforme agora nos é possível verificar numa percepção tardia, todos os aspectos promissores de vida giravam em torno daquele abandono de um tradicional espaço restrito. Transportado para o presente, isto quer dizer que todos os aspectos promissores da vida agora giram em torno do abandono do invólucro terrestre.

A analogia entre a situação das formas de vida daquela distante época e da que vivemos não é, simplesmente, metafórica, pois as diferenças são secundárias e não básicas. O facto do nosso superpovoado planeta hoje se encontrar ameaçado por uma crescente contaminação do seu meio ambiente, produzida pelos detritos da civilização humana em fase de expansão, aliado ao perigo proposto pelas armas nucleares, torna a actual crise muito mais premente do que a ocorrida há 350 milhões de anos.

Todavia o ritmo de evolução tem acusado uma aceleração constante, em especial nos últimos 10 mil anos. E, no decorrer destes, os progressos culturais vieram, cada vez mais, completar e determinar o ritmo da evolução biológica. Ao contrário do ovo amniótico produzido pela evolução genética, a nave

espacial e os trajes espaciais amnióticos, por reproduzirem as condições necessárias à sobrevivência dos seres humanos no espaço, constituem os frutos tecnológicos da evolução cultural que podem ocorrer durante a vida de uma única geração. Assim, a presença da crise actual corresponde à rapidez com a qual hoje se podem obter progressos.

Entretanto, a natural atitude conservadora das sociedades humanas, que as impede a associar a ideia de segurança ao útero da -Mãe Terra-, parece eliminar a possibilidade de que a nossa espécie torne real essa possibilidade de salvação com a presteza que, na ausência de tal atitude, seria de esperar.

Mesmo depois de levarmos em consideração o quanto se encontra em jogo, e de concluirmos que a medida mais sensata consistiria na concessão de prioridade máxima à colonização do espaço, em termos práticos, vemos-nos confrontados com o dado real de reduzidos orçamentos das duas maiores potências que desde há um quarto de século se lançaram na conquista espacial.

As esferas de Bernal

O vaivém espacial, verdadeiro camião do espaço e pioneiro das futuras linhas regulares Terra-espaciais, parece ser o veículo ideal para, no seu porão, transportar as peças que a pouco e pouco irão formar a primeira grande estação orbital, onde muito trabalho espera os cientistas.

Na realidade, as propriedades do espaço incentivam o desenvolvimento de indústrias: o óleo e a água, no espaço, misturam-se pre-

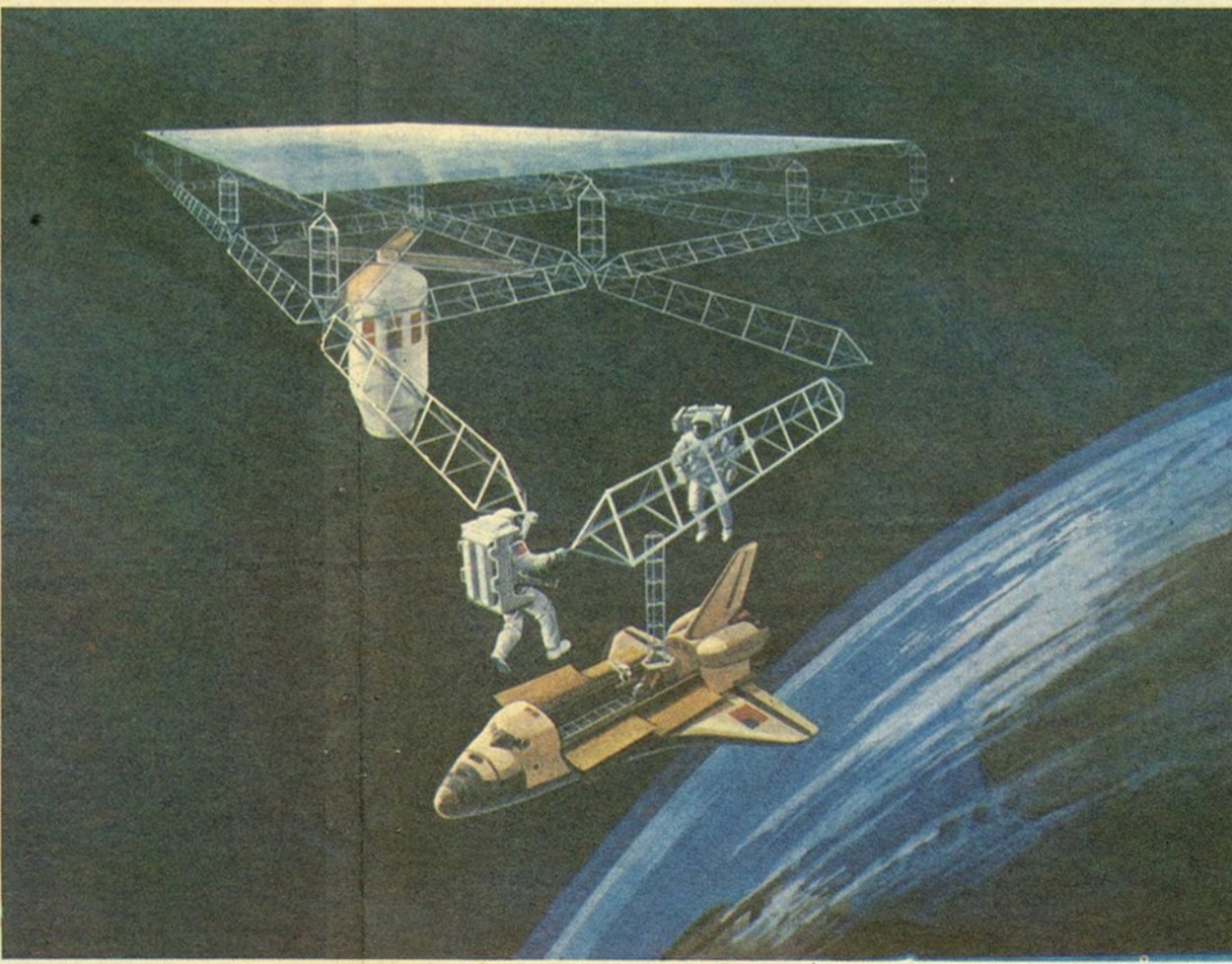
feitamente. Isto já era um facto conhecido, mas a bordo dos primeiros laboratórios espaciais americanos e soviéticos é que foram observados os estranhos fenómenos produzidos no estado de imponderabilidade, sob efeito da microgravidade ou gravidade zero.

Acima dos 100 quilómetros de altitude, os materiais não se unem da mesma maneira que sobre a Terra. Metais que se recusam obstinadamente a aliar-se as suas qualidades recíprocas nos laboratórios terrestres aceitam fazê-lo no espaço e continuam unidos ao voltarem à Terra, com por exemplo, o alumínio (densidade 2,6) e o tungsténio (densidade 19), o que resulta num material ao mesmo tempo refractário, capaz de resistir a altas temperaturas, e leve.

Ora, as indústrias avançadas precisam, com urgência, de novas ligas para carros ou para aviões: cada quilo a menos nas carrocerias ou fuselagens diminui o consumo de energia. Essa indústria precisa ainda de novos materiais electrónicos, pois apesar dos fantásticos progressos dos últimos anos, os especialistas reclamam: os seus cristais não são perfeitos. No espaço, pode-se fazer isso muito melhor.

Segundo os cientistas, 80% dos materiais a serem utilizados pela indústria mundial no ano 2000 ainda não existem e somente o espaço possibilitará mais de 400 ligas de metais revolucionárias, impossíveis de serem feitas na Terra.

Está, portanto, chegado o momento de realizar o grande passo, de colocar o homem a viver no espaço, de colocar em funcionamento as indústrias espaciais. O engenheiro Peter Glaser, o primeiro a projectar satélites com energia so-



lar há quase duas décadas, disse que na década de 90 esperava ver um bando heterogêneo de 500 tripulantes espaciais, -vivendo e trabalhando tão confortavelmente como as pessoas que hoje vivem junto aos poços de petróleo no Alasca-.

Mas o homem que levou as coisas mais longe foi o físico Gerard O'Neill, especialista em partículas de alta energia que trabalha na Universidade de Princeton. Ele concebeu uma aglomeração de habitats, em forma de pneu, em rotação no espaço, chamadas -esferas de Bernal-, em homenagem ao divulgador científico britânico J. D. Bernal. Elas abrigariam 50 mil felizes habitantes do espaço, em gravidade igual à da Terra, piscinas, rios artificiais, clubes e sumptuosos apartamentos com terraços. Em torno dos apartamentos haveria faixas agrícolas livres de pragas e com clima controlado.

Um sistema complexo forneceria o necessário a esta vida artificial: espelhos poderiam seleccionar a duração do dia, simulando o nascimento e o pôr do sol e assim proporcionar o clima apropriado para cada colheita. O plano excitou uma legião de seguidores e provocou uma tempestade de críticas de cientistas e parlamentares americanos, que se queixavam de que os -vales felizes- de O'Neill haviam deixado de levar em conta detalhes como o custo proibitivo dos abrigos contra a radiação cósmica e da manutenção de uma ecologia completamente controlada.

Conflitos sociais no céu?

Desde então, O'Neill redimensionou as suas visionárias esferas

de Bernal, de acordo com as realidades orçamentais — e na verdade a NASA cancelou as verbas que destinava a esse projecto.

Desde o início, a ideia de O'Neill era a de que, usando materiais extraterrestres para construir colónias e fábricas espaciais auto-suficientes, a ciência poderia aliviar a Terra da sua penúria de energia, congestionamento industrial e superpopulação. Mas para os chamados terrestres de gema, as colónias espaciais de O'Neill permanecem desesperadamente utópicas e mesmo perigosas. Nada na história, argumenta, sugere que os seres humanos não vão simplesmente reproduzir no espaço os seus conflitos sociais.

Alguns pensadores perguntam se os seres humanos devem virar as costas à Terra ou se podem fazer parte do mundo espacial. Diz o escritor-filósofo norte-americano William Irwin Thompson: -O que me causa maior preocupação é ouvir essa gente dizer que não precisamos de mudar os aspectos internos da nossa sociedade, mas que podemos simplesmente embarcar numa continuação linear da sociedade industrial. São essas pessoas que têm uma atitude peculiar em relação à Terra — use-a e deite-a fora.- Thompson receia que as colónias espaciais possam fazer nascer um governo mundial elitista de cientistas e tecnocratas.

Na verdade, certos cientistas não duvidam que os colonizadores espaciais levarão para os cosmos as suas debilidades. A socióloga B. J. Bluth, da Universidade da Califórnia, prevê conflitos durante os longos voos, envolvendo trabalhado-

res e especialistas juntamente com astronautas.

Os -subsistemas sociais humanos- não estão a ser levados em conta pelos projectistas dos grandes engenhos espaciais, acrescenta Bluth. E Stephen Cheston, da Universidade de Georgetown, que estuda os aspectos sociais do espaço com financiamento da NASA, preocupa-se com o que poderá acontecer psicologicamente com um maquinista ou soldador que ficasse a olhar para a Terra a 30 mil quilómetros de distância durante seis meses. Diz Cheston: -Se o trabalhador não estiver preparado, do para isso, poderá haver uma influência desestabilizadora sobre ele.-

A maior parte destas conjecturas no entanto, são produto de mentalidade ainda tendencialmente terrestre. Alguns cientistas veem uma consciência totalmente nova desenvolver-se desde que os viajantes espaciais se acimatem a um ambiente sem limitações. No espaço infinitamente extenso, especula o optimista O'Neill, os seres humanos perderiam o senso de competição e territorialidade que alimenta tanto a sua agressividade.

Com as colónias funcionando rotineiramente, toda a noção fantástica de viagem espacial poderá tornar-se um lugar-comum, tanto quanto as alunagens degeneraram em aborrecimento. O espaço pode ser simplesmente visto como uma continuação económica da Terra, um outro lugar para viver com todos os confortos e desconfortos de um bairro qualquer. A ele as nossas gerações vindouras terão de habituar-se, se quiserem preservar a Humanidade.

Sérgio Vieira

Qualidade na RTP
com duas séries
britânicas

«Marlowe» e «Os Mallens»

Duas novas séries deverão estreiar dentro de dias na RTP, caso não haja alterações de última hora: «OS MALLENS» e «MARLOWE», nos dias 21 e 26, respectivamente, ambos no primeiro canal.

«Os Mallens» é uma série britânica da Granada Television International com 13 episódios (divididos em duas séries de 7 e 6 episódios) que, como o título indica, nos conta a história e saga dos Mallens, neste caso, de Thomas Mallen, um irrequieto fazendeiro de High Banks Hall, cujos filhos ilegítimos o levam à ruína económica e o obrigam a trocar o sumptuoso palacete onde vivia por uma modesta casa de campo.

Ai viverá com as suas sobrinhas Barbara e Constance que morrerão em circunstâncias trágicas depois de darem à luz um filho e uma filha, respectivamente, de Thomas e de Donald, seus filhos.

A saga dos Mallens é, finalmente, uma história de escândalos, paixão e romance situada no século XIX. São principais intérpretes Caroline Blakinston, John Duttine, Ian Saynor, Pippa Guard e Julia Chambers, que dão vida às personagens saídas da imaginação da escritora Catherine Cookson, que Jack Russel adaptou para televisão.

«Marlowe» o detective

A outra série em estreia, e que já esteve inclusivê programada na



Cena de «Os Mallens»



Powers Boothe em «Marlowe»

RTP, é «Marlowe», constituída por cinco episódios de uma hora cada baseados em histórias de Raymond Chandler, e produzidos pela companhia britânica London Weekend Television.

Philip Marlowe é o rei dos detectives. O mundo de Chandler é um mundo de corrupção, chanta-

gem, medo e morte. Situadas nos anos 30 em Los Angeles (onde foi filmada a série além dos Estúdios de Twickenham, em Londres), as histórias em que Marlowe é herói inspira-se na vida dos milionários norte-americanos da West-Coast, cuja riqueza foi ganha por meios duvidosos e fáceis.

Políticos, pistoleiros e belas mulheres povoam esta série, filmada por uma equipa de produção inglesa chefiada por David Wickes, pela primeira vez nos Estados Unidos. São intérpretes Powers Boothe Kathryn Leigh Scott, William Kearns e Gayle Hunnicutt, entre outros.

Yvette Centeno: e o dinheiro para estudar o imaginário?

É RECORDAÇÃO algo perdida no tempo. Então, há pouco mais de dezena e meia de anos, a vida era-lhe bem dura. Quatro crianças muito pequenas (o mais novo tem agora catorze anos e o mais velho dezoito) às quais tinha de dar alimentação a horas e cuidar devidamente; e oitocentos alunos na Faculdade de Letras. «Trabalho de cão, muitas noites a fio preparando lições e mal dormindo. Foi um período muito duro. Mesmo assim, mal ou bem, consegui conciliar as duas vidas», desabafa, expressão feliz. Yvette Centeno, romancista, contista, poetisa e docente na Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Nova de Lisboa.

Universidade na qual, desde há seis anos, trabalha no campo de simbologia «especialidade bastante interessante», afirma-o com paixão nas palavras e que absorve todo o nosso entusiasmo. O seu empenhamento nesta experiência é bastante profundo, arrostando inclusivê com dificuldades operacionais e outras — as mais graves; total ausência da verba para o Gabinete de Estudos de Simbologia. Barreira que, a exemplo de outros cargos, noutros campos, por esse país fora, não conseguiu travar o caminho de Yvette e daqueles que estão com ela no GES. Neste País, muita coisa positiva, às vezes ignorada do grande público, continua a resistir à aversão do Poder a sectores que não conseguem ou não lhe interessa politizar.

O GES funciona na Faculdade de Ciências Humanas há quatro anos. «Há um interesse bastante grande dos especialistas mundiais por conhecer os resultados dos nossos estudos no campo da simbologia». Matéria que «facilita a explicação para muitas dúvidas e realidades da nossa vida». Apesar de se tratar de matéria que não proporciona grandes resultados práticos acessíveis à especulação político-partidária ou de penacho além fronteiras «Portugal não chegou atrasado a este tipo de investigação», diz-nos Yvette Centeno.



Tranquiliza-nos «estamos plenamente na época em que estudos semelhantes se desenvolvem em países sempre atentos à investigação como é o caso da França». E a revelação dir-se-ia inexplicável «o primeiro Centro de Estudos do Imaginário a aparecer fora da França, foi o nosso». Lamentavelmente «a falta de dinheiro impede que os nossos projectos possam avançar ao ritmo desejado». A Faculdade de Ciências Humanas não dá um tostão sequer para o GES que vive do «nosso entusiasmo e de alguns subsídios que, às vezes, dá a Fundação Gulbenkian».

Pudemos consultar a biblioteca do GES bem fornecida (algo desfalcada pelo esquecimento de alguns em devolver livros emprestados) e saber do plano moderado de estudos no campo dos símbolos e da edição do resultado desses estudos.

Não tem hábito de escrita regular

Yvette Centeno vive num mundo aparte — a simbologia, os livros e a família. Reparte-se igual, disse nos apercebemos, por qualquer uma destas paixões. É raro encontrá-la num convívio de escritores. Mostra-se muito pouco. E isto não significa que seja insociável — mas pouco ou nenhum apreço por frivolidades e ambientes ou o mal dizer seja moeda corrente. «Sou bastante marginal». Desabafa, a justificar-

-se da sua ausência dos meios onde os intelectuais falam de si e dos outros. «Sempre manive grande independência», o que lhe «agrada» e da «qual não quero abdicar».

Claro esta independência em o seu preço «... um certo silêncio sobre o trabalho que se faz». Em Maio do ano passado publicou «Jardim das Nogueiras». O que prepara agora não é a continuação do anterior «mas vive bastante do espírito de aventura que caracterizava aquela obra».

A escritora «nasceu» em 1960, ainda era estudante. Primeiro, um livro de poemas; depois, um romance. «Há um nítido equilíbrio, entre a poesia e o romance publicados». Não o quer confessar — a poetisa é mais forte nela, do que o romance ou o conto.

«Não tenho muito o hábito de uma escrita regular, diária, semanal ou mensal, se não estou em fase de escrever. Quando não escrevo, leio. Mesmo que tenha uma obra entre mãos, como é o caso agora de um romance, não tenho pressa em terminar e posso interromper por um período prolongado para atender a outra solicitação».

«Brincadeiras» que nem todos entenderam

Em 24 anos apenas — quatro romances. Explica «demoro

muito tempo a elaborar um texto. Escrevo primeiro o esboço, as-cunhado. Deixo-o descansar um tempo. Mais tarde, detenho-me sobre o que quero desenvolver e volto a escrever». Com tudo isto... passam os anos. «O Jardim das Nogueiras» levou dez anos a fazer — onde trabalhar o material, escrever, re-escrever e dar o texto por definitivo.

O seu livro «Jardim das Nogueiras» não é de fácil leitura, afirmamos. Yvette Centeno defende-se: «Talvez... Faço brincadeiras entre a forma e o apagamento do texto que nem todos os leitores entendem. As pessoas julgam tratar-se de má impressão. O livro desagradou a alguns por ter distanciado a primeira vista o leitor. Mas prefiro que tenham sido poucos os leitores a pegar no livro, mas fazendo-o bem, do que muitos e mal».

Tive muitas cartas de pessoas que leram o livro e gostaram. Curiosamente, a maioria eram jovens — que entendem melhor este tipo de experiências literárias.

Insistimos: «Se fosse a Yvette a comprar um livro apresentado com as características «brincalhonas» do «Jardim das Nogueiras» teria acabado a leitura?»

Sem indecisão: «Não abandonava o livro. Gosto do desafio e do mistério. «Ulisses» de James Joyce não é uma leitura fácil e já o li várias vezes. Para mim o «Jardim das Nogueiras» foi apaixonante de escrever».

Segundo nos diz, a terminar, o seu próximo romance deverá ser entregue ao editor, a «Bertrand» em meados de Outubro. Título? «Ainda não escolhi o definitivo e dá azar falar dele antes da entrega da obra ao editor!» — uma gargalhada franca a matizar a última imagem que registamos desta escritora de personalidade muito própria — por isso, mesmo, como diz «apareço pouco nos jornais».

José Reis

Eu sou caçador

Eu escolhi
porque...



Em Vale da Telha encontrei a satisfação da caça rica e abundante: rolas, codornizes, coelhos, lebres e patos bravos, são algumas das espécies que abundam.

Para além disso, Vale da Telha é a maior urbanização turística do País, com cerca de 700 ha., onde estão inseridos 350 ha. com lotes para a construção de moradias, quintas, blocos de apartamentos, aparthotel, etc.

Vale da Telha é em pleno Algarve, mas fora das áreas superlotadas e está apenas a duas horas e meia de Lisboa.

Sim! O velho Algarve ainda existe!

O Algarve das areias limpas e das águas cristalinas.

O equilíbrio necessário entre o Homem e a Natureza.

As férias tranquilas. O investimento certo. Para si e para os seus filhos.



SOCIEDADE TURÍSTICA DO ALGARVE, LDA.
Av. Miguel Bombarda, 163
Tels.: 57 40 69 - 57 42 23 - 57 83 12
1000 LISBOA-PORTUGAL

Agradeço que me enviem informações detalhadas sobre o empreendimento VALE DA TELHA

Nome: _____

Morada: _____

Código Postal: _____ Telef: _____

Carlos Cruz e o «1, 2, 3»

«Julgava que a implantação fosse mais lenta!»

HÁ JÁ QUEM diga que depois do «1-2-3» até pode candidatar-se à presidência da República que a vitória é certa, depois de ter passado alguns meses a distribuir semanalmente dinheiro, bons prémios e uma grande dose de divertimento nas noites de segunda-feira. O seu nome é Carlos Cruz e do seu «charme» falam eloquentemente os sucessivos êxitos obtidos com programas tão diferentes como o «Zip-Zip» ou o «Pão com Manteiga». Simpático, conversou connosco nos estúdios da Tobis, ali ao Lumiar, num momento de pausa entre o muito trabalho que antecedeu a gravação da última sessão da primeira série do já famoso programa da nossa TV. O seu sentido de humor está bem patente nessa conversa e, também, o seu oportunismo (no bom sentido, é claro), pois sabe como poucos evitar a saturação dos seus programas junto do grande público, prolongando-lhes naturalmente o sucesso com atempadas interrupções, em períodos de menor audiência previsível. E foi este «expert» de TV que nos garantiu sobre o «1-2-3»: «Eu julgava que a implantação fosse mais lenta, embora suspeitasse que um dia teria um impacto muito grande».

antes de adormecer. Os últimos autores que leu foram Agustina Bessa Luís, José Saramago e José Cardoso Pires, sempre que tem oportunidade lê os novos autores portugueses, até porque algumas editoras lhe oferecem livros.

«1-2-3»

Depois conhecemos melhor Carlos Cruz, como não podia deixar de ser, centrámos a conversa no «Um, Dois, Três»: «Vi o programa em Espanha e achei que era um formato, como nós dizemos em gíria da Televisão, que eu nunca tinha experimentado, o grande espectáculo, simultaneamente



da informação: o êxito junto dos espectadores. Se o êxito fosse alcançado, seria uma oportunidade para, com doses pequenas, mas pensadas, despertar o interesse dos espectadores por alguns temas. Em termos de produção eu nunca tinha experimentado como primeiro responsável, e era o grande desafio profissional da minha vida e, aí sim, a oportunidade de pôr em prática aquilo que está guardado nos tais apontamentos. Digamos que é quase um ponto de chegada em toda a minha carreira em televisão.

Os temas são escolhidos com bastantes semanas de antecedência; os 12 primeiros temas foram programados um mês antes do primeiro programa e, neste momento, os 12 primeiros temas da segunda série já estão escolhidos.

Em relação a todos os programas feitos, há certos pontos que ele gostava que tivessem sido diferentes, e considera isso exactamente o incentivo, acrescentando que se fizer algum programa desta série sem qualquer falha, para e não faz mais nenhum.

Os textos dos programas são escritos, em reunião conjunta, por Hélder Costa, Rolo Duarte e Carlos Cruz — «O personagem histórico é o Hélder que escreve em casa e nessa reunião a três podemos dar uma sugestão».

Nas rúbulas ou «sketches» são os três, embora às vezes um dos elementos possa levar trabalho para casa, depois volta para ser analisado em reunião dos três e alguns actores, no dia do ensaio, também introduzem coisas novas.

Para a segunda série, Carlos Cruz disse-nos que vão introduzir alterações, mas não quis levantar «uma pontinha do véu».

Como apresentador do «Um, Dois, Três» sente-se «optimamente, divertidíssimo, muito à



vontade, por muito que isso possa parecer vaidade, não é, sinto-me francamente bem, física, anímica e psicologicamente».

O êxito que o programa-concurso alcançou ao fim de poucas semanas, ultrapassou as expectativas de Carlos Cruz. «Eu julgava que a implantação fosse mais lenta, embora suspeitasse que um dia teria um impacto muito grande».

Relativamente a problemas, quase não têm surgido, por vezes a madeira não chega para o cenário, não existem chaves de tendas necessárias, com o calor no estúdio, falha uma câmara... «Este estúdio não é da RTP, mas tem sido magnífico; contudo, não tem ar condicionado, levanta problemas de aquecimento de material, as sessões de gravação demoram 5 a 6 horas, mas temos resolvido tudo».

Em relação à escolha do melhor momento que o «Um, Dois, Três» lhe proporcionou, pensou e disse: «Para lhe responder muito sinceramente eu vou parecer demagógico, se

you escrever isto previna os leitores que não têm o mínimo de demagogia, mas foi a visita de surpresa de 25 crianças, de idade entre os 4 e os 6 anos de um infante de Leiria, que apareceram num dia tranquilo em que não havia gravações, queriam conhecer o estúdio onde se faz o «Um, Dois, Três» e conhecer o Carlos Cruz. Foi uma manifestação de alegria no meio da rua, saltaram fisicamente sobre mim aos beijinhos, deram-me um presente muito bonito, e uma pequenina, que não devia ter mais de 5 anos, voltou-se para mim com os seus olhos redondos, um olhar brilhante e disse-me — Tu és muito bonito! De facto foi comovido, dou-lhe a minha palavra de honra que foi para mim o melhor momento». Pela ternura e carinho, com que nos falou deste momento foi, decerto, magnífico.

Quando anda na rua, costumam brincar com ele, chamam-lhe sádico, bricallhão, vendedor de «banha da cobra» mas, salientou, «sempre com envolvimento de simpatia, às vezes é cansativo, mas gratificante».

Antes de começarem as férias tem como objectivo deixar as novidades que vão introduzir na segunda série completamente assentes e os quatro primeiros programas escritos, porque depois só tem 15 dias para a primeira gravação.

Pedimos ao Carlos Cruz para nos dizer se tinha gostado mais de trabalhar em «... E o Resto são Cantigas» ou em «Um, Dois, Três», apesar das características serem completamente diferentes, disse-nos que não conseguia fazer esse género de comparação, em «... E o resto são cantigas» não era autor, mas convidado do Raul Solnado e do Filho Gouveia, para fazer algumas entrevistas. «Trabalhar com os dois era já uma grande alegria, muito mais numa altura que eu tinha saído da Televisão de uma forma conflituosa, e eles sujeitaram-se a uma situação não totalmente de boas relações com a R.T.P....»

Contudo o «Um, Dois, Três», em Portugal é da responsabilidade do Carlos Cruz. «Eu dir-lhe-ei, para ser muito honesto, que, em qualquer um, me sinto, me sentiria e me sentirei muito bem».



«Altíssimo júri!...»

CARLOS Cruz, figura sobejamente conhecida da televisão e da rádio, surgiu na Comunicação Social por acaso, em Angola: pensavam que ele era outra pessoa e puseram-lhe um microfone na mão, para fazer um relato de futebol em directo; despenhou bem a nova profissão e foi contratado. «Quem me pôs o microfone na mão foi o Rui Romano, eu nunca me canso de citar isso».

E hoje, se um jovem com gosto pela locução ou pelo jornalismo se abeirasse de Carlos Cruz e lhe perguntasse a sua opinião muito sincera acerca de enveredar por esse caminho em Portugal? «Respondo o que responderia a qualquer pessoa que pensasse enveredar por qualquer tipo de profissão, mesmo que eu a desconhecesse: primeiro, que se apaixone pela profissão e que essa paixão o leve ao aperfeiçoamento. Qualquer profissão tem o seu lado em termos de sacrifícios e de sobrevivência, para mais em Portugal...»

Gosta muito de fazer televisão e rádio. «Se me encostassem à parede ou fosse proibido exercer mais do que uma actividade, escolheria a rádio», acrescentando ser um maior desafio ao profissional. Obteve já êxitos radiotónicos e falámos, por exemplo, de «Pão com Manteiga», de que surgiu uma revista. Carlos Cruz explicou-nos: «O programa

estava com muito impacto junto do público e nós tínhamos pena que algumas «obras-primas» se perdessem apenas em dois minutos de rádio, e eu estou à vontade porque era dos que menos escrevia».

Viveu em Nova York, e vive em permanente saudade dessa cidade. Foi conselheiro de Imprensa da nossa missão junto das Nações Unidas («mais do que nunca eu estava em contacto com a Comunicação Social de todo o Mundo»). Contudo, aproveitou a estadia para se aperfeiçoar, frequentando alguns cursos nocturnos, vendo muita televisão, lendo jornais, até pela obrigação da actividade: «tomando as minhas notas e fazendo os meus «dossiers», e julgo que hoje me continuo a ser útil e às vezes consulto-os para aperfeiçoar uma ideia, tirar uma dúvida...»

Em Portugal vê pouco televisão, não por preconceito intelectual, mas por falta de tempo e diz que mesmo que não goste do programa, pelo menos aprende a não fazer igual. «Gosto de ver programas de informação, mas isso, também por deformação profissional, gosta de séries históricas («Marco Polo», «A Jóia da Coroa»), é «fanático» de séries inglesas e gosta de um bom programa de variedades.

A leitura ocupa a Carlos Cruz pelo menos uma hora por dia,

concurso e «show». Continua elementos que lhe garantiam o que é indispensável em televisão, quando se sai do campo

Final do «1, 2, 3»

«O circo» foi ao Coliseu

O COLISEU dos Recreios de Lisboa foi palco da última sessão da primeira série de 18 programas do concurso «1, 2, 3» o qual voltará somente em finais de Setembro, depois de um merecido período de férias.

Aquele que é considerado o programa mais visto na RTP, tendo mesmo destronado «O Tal Canal», de Herman José, mostrou, de facto, a popularidade de que disfruta, ao «chamar» cerca de três mil pessoas que, «in loco», foram assistir às gravações de uma sessão cujo tema foi «O Circo», tal como os nossos leitores puderam ver na passada segunda-feira.

A «romaria» ao Coliseu começou cedo, cerca das 15 horas. A partir daí, uma enorme multidão concentrou-se no exterior daquela sala de espectáculos, levando mesmo a crer aos menos atentos, que se poderia tratar de algum «show» de um cantor brasileiro. Com alguma confusão, mas serenamente, os espectadores começaram a tomar os seus lugares, enquanto no palco, transformado a rigor para a ocasião, se iam dando os últimos retoques.

Já passava das 17 horas quando, após uma menina ter pedido umas gargalhadas e umas palmas extras (para incluir na montagem do programa), Carlos Cruz, vestido a rigor como mestre de cerimónias, apareceu de rompante, fazendo a assistência vibrar calorosamente. Depois, foi o que os espectadores viram no pequeno «ecran» com maiores ou menores cambiantes, uma vez que os que assistiram ao vivo, tiveram que aguentar as mudanças de cenário e guarda-roupa, que demoraram por vezes quase uma hora. Mas o prazer de assistir ao vivo ao seu programa favorito de TV, suplantou a possível «estafa» que apanharam.

Ibanez Serrador, o espanhol «pai» do original «1, 2, 3», assistiu como convidado especial e, ao que sabemos, ficou satisfeito pela maneira como o seu programa está a ser aceite entre nós. Pudera...



Ibanez Serrador, o «pai» do «1, 2, 3» à saída do Coliseu

Detecção computadorizada de contrabando em contentores

O **CONTRABANDO** instalou-se na sociedade dos nossos dias como um fenómeno já quase tão natural como o vulgar comércio dentro das regras legais, pois as chamadas «economias paralelas» são até por vezes uma fórmula mais ou menos «mágica» de alguns governos fazerem face aos graves problemas que enfrentam os seus países.

E, tradicionalmente, desde que muito do comércio internacional passou a fazer-se transportando os produtos em contentores (que facilitam a protecção das cargas e a sua melhor movimentação nos pontos de partida e chegada), logo os contrabandistas viram aí uma excelente oportunidade de utilizarem contentores para os negócios mais ou menos escuros que alimentam as suas contas bancárias. Armas, estupefacientes, explosivos ou bebidas alcoólicas são apenas uma pequena parte da lista de produtos contrabandeados em contentores ISO (International Standard Organisation) e, para tentar combater o flagelo, novas e mais sofisticadas formas de detecção foram imaginadas para uso das autoridades...

AO AUMENTAR a utilização de contentores de carga nos últimos anos, o transporte assim efectuado tornou-se, comparativamente a outros meios, mais seguro contra roubos e pequenos furtos, dado que a expedição do material se efectua simples e economicamente em grandes lotes dentro de contentores selados. Este sistema põe no entanto sérias dificuldades de controlo. Em primeiro lugar é considerável o custo de mão-de-obra que acarretam registos manuais eficazes e, em segundo lugar, esses registos provocam atrasos no tráfego que congestionam os portos, sendo por isso nocivos para a economia do país que os efectua. Acresce ainda que, ao quebrar os selos para inventariar o conteúdo do contentor, se cria o risco de estragos e roubos posteriores.

Em Junho de 1983 o Dynamics Group da British Aerospace, com sede em Bracknell, a uns 45 km a oeste de Londres, deu a conhecer uma solução para estes problemas, com a apresentação de um completíssimo equipamento capaz de examinar o interior de contentores recorrendo a técnicas espectrográficas de vapores e raios X hiper-energéticos de uso industrial, controlados por um computador.

Funcionamento do novo equipamento

O seu funcionamento é o seguinte: a informação do manifesto de embarque é introduzida no computador, que pode, caso se queira, estar ligado à central de informática de gestão existente a fim de possibilitar uma interligação total entre a administração do porto e o controlo do movimento de cargas.

Introduz-se então no contentor uma sonda vapodetectora do equipamento, que extrai uma amostra de ar que será analisada por um espectrometro comandado por um computador. Para diferenciar os resultados é utilizado um programa de dados compilado pelas autoridades portuárias com o objectivo de detectar as emanações de narcóticos, explosivos, bebidas alcoólicas ou

qualquer outra substância que exale vapores e cujo trânsito seja interdito. Se for detectada qualquer substância deste género, o aparelho dá imediatamente o alerta.

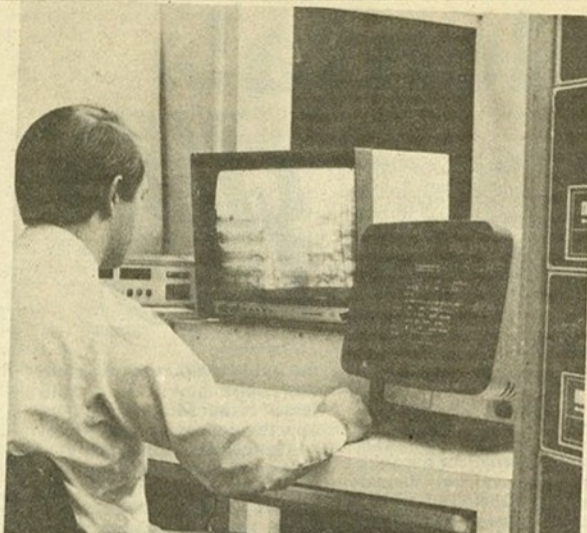
O contentor é inicialmente colocado sobre um transportador de rodas onde é pesado, comparando-se o seu peso com o do manifesto de embarque. Entra depois num compartimento estanque, onde é fechado: dentro deste compartimento o contentor vai atravessando o campo de raios X projectados por um foco gerador, em movimento contínuo mas gradual, dividido em etapas de cinco segundos de duração cada. Terminado o processo, o contentor sai, sendo descarregado pelo extremo oposto do transformador.

Os sinais criados pela exposição do conteúdo aos raios X são introduzidos no computador, onde se forma uma imagem com secções sobrepostas. O operador pode examinar as imagens conforme vão saindo ou armazenar a informação no computador para estudo posterior.

Capacidade e segurança

A British Aerospace estima em 20 os contentores examinados por hora. Uma secção é vista em cinco segundos, conseguindo-se atingir as 720 por hora. Este ritmo ajusta-se perfeitamente ao critério estabelecido pelas autoridades britânicas, que estabelecem um mínimo de cinco segundos de inspecção (igual a 720 malas por hora) das imagens radiográficas de bagagem nos aeroportos. Este critério baseia-se na experiência adquirida ao longo de muitos anos de funcionamento de instalações de controlo em aeroportos internacionais.

Com este ritmo de inspecção atinge-se um fluxo estimado de 1 000 000 contentores ISO por ano. A British Aerospace pensou também nos riscos de radiação provocados por uma energia de pico de 8 MeV utilizada nos contentores ISO e de 4 MeV



utilizada nos contentores de frete aéreo, e consequentemente, tomou medidas especiais para proteger o pessoal que trabalha com o equipamento bem como o pessoal que trabalha nas proximidades, instalando portas blindadas e construindo paredes de cimento, algumas com mais de 2 m de espessura.

Custos de exploração

A eficácia destas medidas é comprovada pelo visto de segurança concedido ao equipamento pelo National Radiological Protection Board (RNPB). De facto, a percentagem de fuga de radiações está muito aquém dos limites permitidos.

É óbvio que a unidade de controlo necessita de uma instalação permanente. O seu custo total, incluindo todos os elementos acessórios, está estimado em 8 a 10 milhões de libras esterlinas e calcula-se em 20 meses o prazo para a sua execução e montagem. Uma vez em funcionamento, o custo de inspecção por cada contentor ISO não atingirá as 50 libras esterlinas, incluindo mão-de-obra, manutenção, funcionamento, amortização de capital e juros num prazo de dez anos. São necessárias sete pessoas bem como a colaboração de outros operários na zona de classificação e zona do transportador.

A British Aerospace começará dentro de pouco tempo a montar o primeiro equipamento deste género. Prevê-se que seja adquirido por uma autoridade portuária ou um consórcio de aeroporto, que por sua vez o alugará por períodos determinados a empresas de navegação ou de transporte. A par da amortização do seu custo, o equipamento seria utilizado ao máximo.

O custo de 50 libras esterlinas por inspecção radiográfica terá que ser comparado com os cus-

tos de mão-de-obra actuais. A eficácia e rentabilidade da instalação só poderão ser comprovadas após um certo período de funcionamento.

Risco de estrago por radiação

Por exemplo, os artigos cuja imagem apareça opaca no ecrã terão que ser examinados abrindo o contentor. A formação do pessoal, que não será difícil, e a experiência adquirida contribuirão grandemente para reduzir o número de ocasiões em que se venha a verificar a necessidade de uma inspecção manual. Mas a eficácia do equipamento ver-se-á afectada se a maioria dos contentores contiver objectos opacos.

Será necessário manter em vigor um controlo rigoroso para que não passe pela instalação nenhum artigo passível de deterioração por radiação. As películas fotográficas são deterioradas pelos raios X; também não podem ser introduzidas certas drogas e remédios não resistentes à acção destes raios.

Apesar de poder parecer um grande obstáculo, basta formar o operador do equipamento para que distinga os poucos objectos que não devem ser radiografados, bem como assegurar que o expedidor forneça um manifesto de embarque claro e preciso a fim de poder separar facilmente os contentores contendo artigos não resistentes à radiação. Esta não é conservada nem emitida pelos objectivos radiografados.

No seu conjunto, este tipo de instalação já testada a fundo em protótipo, oferece enormes possibilidades de aceleração do trânsito de mercadorias bem como de contrariar os actos de sabotagem e contrabando de artigos proibidos.

Apenas falta o salto para cima

Recentemente, fizemos aqui referência ao «afastamento» de ALEXANDRA e é com muito gosto que nos referimos agora a um seu novo disco de qualidade, a provar que estas coisas nunca esquecem a quem sabe... Aliás, a presença da intérprete na «Festa» de Júlio Isidro, confirmou de maneira exuberante que as suas qualidades se mantêm intactas. Felizmente. Agora só faltará o «salto para cima», perfeitamente ao seu alcance...

Ainda «mexe»!...

Encontro recente com JOSÉ MANUEL CONCHA fez-nos saber que o antigo elemento de «Os Conchas», duo que fez furor nos anos 60, ainda «mexe», continuando a ganhar a vida com as cantigas, já que o bichinho não morre e o «Zé» é daqueles que quando gosta, gosta mesmo... Enveredando pelas canções românticas (nós, os leitores, somos assim...) José Manuel Concha faz carreiras em Casinos e Boites, não tendo razões de queixa da carreira que escolheu. «O que me custa é ouvir falar do rock português, como se ele tivesse sido inventado agora. Se a malta não soubesse o que se fez na década de 60...», lamentou o antigo ídolo da juventude, com indistigável mágoa...

faltarão empresários desejosos de dar o corpo à arrojada iniciativa...

Não há fumo sem fogo...

Apesar dos anúncios prejudiciais causados pela peça musical «Annie», o dinâmico empresário SÉRGIO DE AZEVEDO parece disposto a continuar, falando-se já num novo espectáculo tão interessante como arrojado. Embora Sérgio de Azevedo siga o sistema de alguns políticos, não confirmando nem desmentindo, a verdade é que raramente existe fumo sem fogo, pelo que se espera para breve a concretização da notícia. E de empresários dinâmicos e empreendedores que Portugal precisa. E não apenas no teatro, convenhamos...

Que bronca...

Parece estar iminente o «desenlace fatal» de um caso de amor entre duas conhecidas figuras do espectáculo, muito badaladas nas colunas da especialidade. Embora nesta secção não tenhamos o hábito de meter foice em seara alheia quando se trata de problemas de coração, não deixaremos de voltar ao assunto logo que estejamos munidos dos elementos indispensáveis. E que as razões são de tal maneira «pa-



Atenção, empresários!

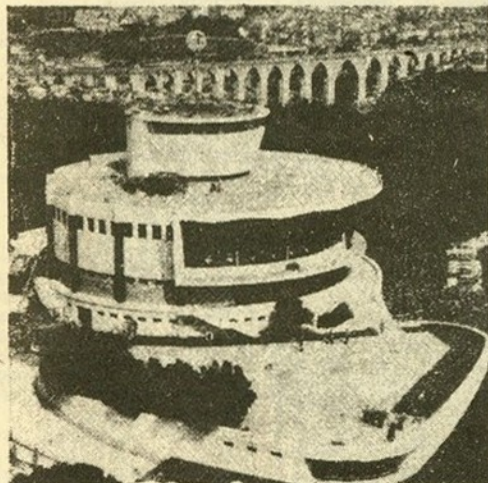
Emigrante durante muitos anos em terras de Espanha e França, o toureiro JOAQUIM SEABRA está de novo entre nós disposto a fazer carreira na terra que o viu nascer. Lutador de antes quebrar que torcer, o empreendedor artista traz na manga um projecto ambicioso que anseia pôr em prática e consiste em juntar no mesmo espectáculo touros e canções, servindo-se da sua invejável «queda» para cantar. Não ter amigos ou conhecidos em Portugal que possam dar-lhe o «empurrão» decisivo é por agora o seu maior problema, mas estamos em crer que não

tuscas», que não resistimos a revelá-las, quanto mais não seja, à maneira de exemplo... a não seguir!

Força!

Em recente espectáculo realizado na província, o organizador teve a coragem de proibir a actuação da cabeça de cartaz por esta se preparar para fazer play-back total. Uma atitude digna e corajosa que aqui se refere muito gostosamente, com votos de que possa ter larga continuidade. É urgente acabar com os oportunistas que vendem por alto preço a sua presença, deixando às cassette a missão de fazer o restante!...

Carvalho Ramos



Panorama de Monsanto



Conheça a classe dos Restaurantes GRÃO-MESTRE e TEMPLÁRIOS e jogue no nosso BINGO.

O PANORAMA oferece-lhe agora como prémios extras do BINGO, fins-de-semana no HOTEL DOS TEMPLÁRIOS, na ESTALAGEM LAGO AZUL, passeios no BARCO TURISMO SÃO CRISTÓVÃO e, ainda jantares nos nossos Restaurantes. Conheça o nosso BINGO.

CONHEÇA-NOS

BINGO

ABERTO DAS 22.00 ÀS 2.00 HORAS

Estrada da Bela Vista • Parque Florestal de Monsanto
1500 Lisboa - Portugal • T. 7861 16-781280 • Tlx. 16391 Monsanto P



SE estiver cansado procure boiar e não hesite em pedir socorro

A «Belle Epoque» das mulheres de barba

Vivem escondidas ou exibem-se nas feiras; algumas correm uma cruel glória. As técnicas de depilação, o cinema fantástico e o respeito humano fizeram-nas uma espécie em vias de extinção.

Recentemente 18 mil visitantes desfilaram no Museu de Artes e Tradições Populares, defronte da exposição sobre o «fenómeno»: as mulheres barbudas. Os espectadores vêm a cabeça numa mulher com barba, perfeitamente conservada. Sabe-se que já em 1880 esta cabeça figurava no primeiro catálogo do Museu Orfila, em Paris, entre outras curiosidades da medicina.

Júlia Bastrana, de origem mexicana, é um dos casos mais conhecidos. Em 1854 ela era apresentada como a «mulher-gorila» no circo Renz, em Berlim. Quando entrava em cena, o espanto era geral. Quando Júlia estava triste, cantava com uma voz nostálgica as canções do seu país. Após o seu número, ela saudava o público e desaparecia rapidamente, deixando-o ainda estupefacto debaixo do efeito da surpresa.

Em 1880, Júlia Pastrana decide casar. «Ele ama-me de verdade», confidenciou a uma cantora, a única amiga de quem se podia aproximar. Alguns meses mais tarde, Júlia dá à luz uma criança-monstro coberta de pêlos, que morreria algumas horas mais tarde. Ela morreria no dia seguinte. O proprietário do circo fez embalsamar os dois corpos e exibiu-os durante muito tempo de feira em feira.

Trinta anos mais tarde, em Viena ou na exposição antropológica de Munique, ainda se podia ver Júlia Pastrana com um vestido rosa.

Mas este caso não é único. Em 1902, como era realmente Anna Jones? Dizem que até era filha de família rica na Virgínia.

Mas a questão mantinha-se como explicar o fenómeno? No século XIX, os médicos procuram abordar a questão numa forma científica. Eles pensam que o excesso de pilosidade pode provir de uma disfunção nos ovários ou da tireóide. E para complicar ainda mais a situação, os casos para observação rareiam: apenas dez em um século! As mulheres com barba não vão ao médico. Ou excepcionalmente, como aconteceu em 1815 com Marie Lefort, que se apresentou ao doutor Beclar, apenas com a intenção de obter um certificado, atestando a realidade do seu sexo.

É uma das mulheres mais observadas pelos médicos e onde o sexo foi o assunto mais discu-

tido. Agora, resta a troca de informações entre e minentes personalidades de Viena, Berlim, Madrid ou Londres. E, acima de tudo, era preciso ir aos locais onde estas estranhas mulheres se exibiam.

Uma vez terminada a representação, a «mulher barbuda» retirava-se para a sua «roulotte». Um homem distinto bate à sua porta. É um professor que faz investigações sobre o seu caso. A «mulher barbuda» recebe-o gentilmente. É no entanto mais prático para ele dizer que «interessou numerosos cientistas». Ela olha para o certificado médico que atesta que «os seus órgãos genitais interiores e exteriores são normais».

Em seguida, o professor exa-

ba por partir à aventura. Em 1852, na Grã-Bretanha, foi surpreendida quando o padre exigiu, antes de os unir, um certificado de feminilidade.

Em 1904, um caso ainda mais estranho: numa vila normanda, as irmãs barbudas escaparam aos olhares dos médicos e dos curiosos. Clémence, de 28 anos, tinha uma barba negra e bigode à mosqueteiro. Berta, sua irmã, tinha menos sete anos, tinha idênticos problemas. Quando tinham 16 anos, os pêlos começaram a crescer. Sem nada compreender, as duas jovens olharam para o desastre, que da a dia se ia desenvolvendo mais. Desde aí, nunca mais saíram de casa.



Annie Goult, a mulher de barba do circo Barnum

mina-a. Por vezes, ele mede o diâmetro dos seus seios. Toma apontamentos e faz perguntas.

Mas este é mais um caso entre tantos: há o de Inês, a espanhola, que tinha sete filhos ou o da «Virgem de Nanterre» que acabou na mesa de autópsia do Instituto de Anatomia de Fribourg, cortada aos pedaços. Sem ir tão longe, existe igualmente aquele caso de Melle Fortune, mais barbuda que o seu sobrinho, e

Um fotógrafo de Paris conseguiu tirar algumas fotografias que depois vendeu sob a forma de cartões postais. Finalmente, casa com Clémence, mas é de Berta que tem um filho. Sem tardar, ele expõem-lhes o seu plano: «acabo de assinar um contrato de homem-serpente num circo. Levo-vos comigo para Paris. Juntos faremos uma fortuna... As irmãs, no entanto, recusam, jamais deixando a Normandia. O homem-serpente aca-

ba por partir à aventura.

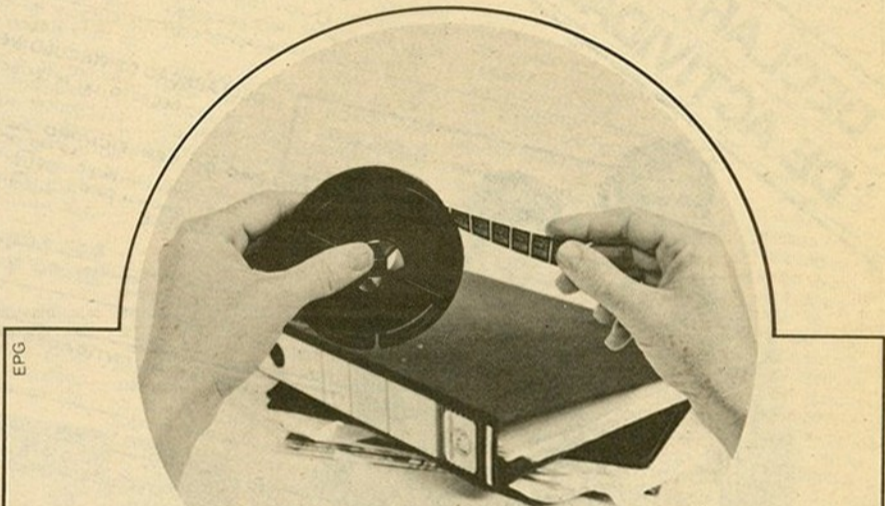
A pobre Clémence acaba por morrer num asilo de loucos. Berta, que não sabe como se ocupar do filho, entrega-o a vizinhos. De regresso a casa, Berta só sai à noite como um animal feroz. Numa manhã de Janeiro de 1951, encontram-na inanimada perto de um mar gelado. Está morta, a pouca distância do hospício. As suas netas têm hoje 18 anos e têm fotografias da sua avó. As pessoas do burgo olham com respeito os postais de Berta e Clémence. Às vezes, um colecionador de passagem propõem-se comprar a colecção por um bom preço. Elas recusam sempre. As lembranças não se vendem.

Um outro caso bastante célebre é o de Clémentine, dona do «Café da Mulher Barbuda», que fez sucesso na guerra na guerra de 1914, onde regimentos inteiros vinham-na visitar. Quando morreu a 21 de Abril de 1939, o «Paris-Soir» anunciava a notícia com o mesmo destaque do cinquentenário de Hitler!

O problema hoje tenta ser combatido por todas as formas, uma vez que constitui um «handicap» social e profissional importante. Soluções médicas e estéticas são procuradas. Poderão elas ser encontradas?



Zenora Pastarna (1889)



EPG

TRÊS SOLUÇÕES BELL & HOWELL PARA REORGANIZAR O SEU ARQUIVO!

A BELL & HOWELL é uma das maiores produtoras de equipamento para MICROFILME, a quem se deve a criação e desenvolvimento de um completo e avançado sistema de registo de documentos, microfilmagem e tratamento de informações. O sistema de arquivo de microfilme em bobines está indicado para:

- Arquivos de transacções comerciais.
- Registos activos ou históricos.
- Documentos ou formulários em contínuo.

E apresenta as seguintes vantagens:

- Consulta de qualquer documento de um arquivo em menos de 60 segundos.
- Segurança total do arquivo.
- Economia de espaço (98 %).

Por isso, Lima Mayer faz-lhe três sugestões, para reorganizar o seu arquivo:

- Ou nós vamos à sua empresa microfilmarmos o seu arquivo;
- Ou remete-nos a documentação para ser microfilmada nas nossas instalações;
- Ou adquira-nos um sistema BELL & HOWELL.

Tudo isto é resultado da enorme capacidade e versatilidade BELL & HOWELL para solucionar problemas de TEMPO, ESPAÇO e ARRUMAÇÃO no seu escritório ou empresa.

TRÊS SUGESTÕES, TRÊS SOLUÇÕES.



LIMA MAYER
Lisboa - Tel. 854071 - Porto - Tel. 693445 - Coimbra - Tel. 75562



Festival de Música do Estoril aposta em novos intérpretes de olhos postos na Academia



VOCACIONADO decididamente para o apoio aos novos intérpretes, o X Festival de Música da Costa do Estoril, traz este ano algumas novidades em relação a edições anteriores, da qual a mais importante é a futura criação de uma Academia de formação primária e auxiliar permanentes. Piñero Nagy, que dirige o certame desde o seu início, falou a «O País» sobre alguns dessas alterações.

«O País» — A realização, no período da Páscoa, do I.º Encontro de Música da Costa do Estoril foi uma iniciativa isolada ou insere-se num programa mais vasto que não é ainda do domínio público?

Piñero Nagy — Não. Trata-se, com efeito, de um passo decisivo para um projecto de grandes dimensões e que nos, organização do Festival, acalen-

tamos desde há dez anos. O Encontro de Música incluiu cursos de música de câmara, violino, guitarra e piano e repetir-se-á em Outubro a fim de tomar uma forma cíclica que permita daqui a poucos anos a criação de uma Academia que sirva de complemento à formação do artista e que possa introduzir nesta actividade com eficácia alunos sem quaisquer conhecimentos básicos, de uma maneira contínua.

— Nesta edição do Festival foi notória a preocupação face aos novos intérpretes. Muitos deles são alunos dos Cursos de Verão, dos quais, por sua vez, nasceu o Festival...

P.N. — É verdade. Teremos este ano uma série de espectáculos com a participação de um total de 12 jovens intérpretes. São eles Carlos Ramalhe, Luí-

Encarnação e Paulo Freitas (guitarra); José Bom de Sousa, Nuno Vieira de Almeida, Pedro Burmester, Paulo Santiago, Carla Seixas e José João Santos (piano); Mário Marques (contra-tenor) e Rui Roda (flauta).

— Quando em 1975 você assumiu a direcção do Festival sentiu que era, naquele momento, a única pessoa a poder cumprir o programa estabelecido?

P.N. — Eu fui um pouco atirado pelas circunstâncias para a organização do Festival. Em autor do programa que hoje ainda tentamos levar a cabo e tinha, já nessa altura, uma preocupação pelas coisas paradas e degradadas. Tal era a situação em 1975 e sabia que contribuindo com ideias e esforço podena vencer as dificuldades, pelo exemplo. Lembro-lhe que o Festival arrancou precisamente

numa época de retracção de iniciativas...

— O Festival não é, no entanto, um fim em si mesmo?

P.N. — Precisamente. O Festival deve ser um pretexto para chegar mais longe aliando no mesmo projecto o ensino da música e o apoio aos novos intérpretes. Sem isso não teria qualquer sentido fazer um certame musical desta natureza em Portugal.

— Apesar de você referir constantemente o problema de escassez de meios, estamos perante a edição do Festival do Estoril com maior número de concertos...

P.N. — E, parecendo que não, a mais internacional! A 10.ª edição conta com mais concertos do que nunca e não temos disponibilidade para estrelas internacionais, nem orquestras sinfónicas, nem grandes grupos in-

ternacionais. Mais de 50 por cento dos músicos são portugueses e, num Festival com a envergadura do da Costa do Estoril, na sua situação actual de membro efectivo da Associação Europeia de Festivais de Música isto é assinalável. E que, no fundo, o que faz de um certame destes algo de verdadeiramente internacional não é o número de artistas estrangeiros que inclui mas sim o âmbito de divulgação da sua importância no Mundo.

O Festival de Música da Costa do Estoril prossegue amanhã à noite com o ciclo de cinema propositadamente organizado para o certame em que será exibido o filme «A Morte de Maria Malibran», de Werner Schroeter. No domingo será a vez de «Une Chambre En Ville», de Jacques Demy. Ambas as películas serão projectadas às

18h30 no Casino Estoril. No mesmo dia 22, no Palácio da Cidadela, em Cascais, pelas 21h30, haverá um concerto do agrupamento Metais de Lisboa, estando programado para segunda-feira à mesma hora, mas no Teatro Gil Vicente, um recital pela Oficina Musical sob a direcção de Alvaro Salazar e que incluirá obras de Fernando Lopes Graça e Igor Stravinsky. Ainda pelas 21h30 mas na Igreja Paroquial de Carcavelos o jovem guitarrista Carlos Ramalhe interpreta a solo obras de Bach, Weiss, Martin, Britten e Ponce. A semana encerra com um duplo espectáculo no Teatro São Luís, em Lisboa, no dia 26, que consta de um recital para dois pianos por Friedrich Gulda e Chick Corea (18h30) e ainda da apresentação de Egberto Gismonti e Nana Vasconcelos (21h30).

DECLARAÇÃO DE ACTIVIDADE

DECLARAÇÃO DE VÍNCULO À ENTIDADE PATRONAL
DECRETO-LEI Nº 124/84 de 18 de Abril

IDENTIFICAÇÃO DO BENEFICIÁRIO

ASSINALE COM X

POSSUI VÍNCULO À SEGURANÇA SOCIAL? SIM NÃO

NÚMERO DE CONTRIBUINTE

1.º DC NO COM. Mes Ano

2.º DC NO COM. Mes Ano

LOCAL DE TRABALHO

ENTE

RECEBIDO EM

ASSINATURA E CARIMBO

O BENEFICIÁRIO (Assinatura legível)

Quem trabalha deve garantir os seus direitos.

Quem inicia a actividade profissional, ou muda de entidade patronal, deve entregar uma "DECLARAÇÃO DE ACTIVIDADE" à Segurança Social

No seu próprio interesse, dirija-se aos locais de atendimento indicados pelo Centro Regional da Segurança Social ou à Caixa de Previdência. Preencha e entregue a respectiva Declaração. **Guarde para si o duplicado.**

A Declaração deve ser apresentada até ao final do mês seguinte àquele em que tiver começado a trabalhar ou mudado de emprego.

A entrega da "DECLARAÇÃO DE ACTIVIDADE" reforça e acautela os direitos de quem trabalha, às prestações da Segurança Social.

A "DECLARAÇÃO DE ACTIVIDADE" feita pelo trabalhador não dispensa as entidades patronais do cumprimento das respectivas obrigações.

Todos precisamos de todos. Confie na Segurança Social.

COISAS DO NORTE

Maria de Lurdes Brandão

● **SENHORES** da Câmara Municipal do Porto: Que se passa com o Bairro do Viso?
Recebi uma carta assinada por moradores do Bairro do Viso, no Porto, em que me pediam para ir lá ver a vergonha daquele matagal abandonado e sujo, onde habitam milhares de pessoas trabalhadoras, e a que, pomposamente, chamam «O BAIRRO DO VISO».

Fui, e realmente, senhores da Câmara: Tenham vergonha, e assim como fazem os moradores de outros bairros cumprirem as leis sob pena de pesadas multas, cumpram os senhores também a vossa obrigação de limpeza de ruas, se àquilo que lá vai, se pode chamar de «ruas»...

● **SÃO** monturos de lixo, mato da altura de uma pessoa, buracos — crateras e lombos por onde só burros passam — é isto a beleza do centro comercial do Viso, que tem até um nome bonito, Praça de Bordeaux!!!

● **MAS TEM** mais. Moradores que entrevistámos, mas pedem para ficar no anonimato pois moram em casas camarárias e recebem represálias, disseram-nos que o lixo apodrece durante dias, o mato ninguém corta, não há policiamento, o apeadeiro não tem luz e há um prédio que a Câmara construiu não se sabe bem para quê que está abandonado, e é usado pelos ciganos, quando se casam. Lá fazem as suas grandes festas de casamento que duram 2 ou 3 dias, e terminam quase sempre com cenas de facadas entre eles. Enquanto duram essas tais festas, os moradores, com medo, nem podem circular pela praça e fazer as suas compras, pois são insultados e provocados pelos ciganos.

● **MEU DEUS!** Isto pode acontecer no PORTO? Mas afinal, aqui temos «guethos», e já nem é só o Bairro da Sé? Como podem as pessoas viver assim, ser cidadãos a acreditar na sigla do Pelouro da Limpeza do Porto, entregue à APU, «O Porto conosco é limpinho», quando a própria Câmara e os seus Pelouros responsáveis abandonam milhares de pessoas, para viverem como bichos?

Ganhem vergonha, meus senhores! Os leitores do Viso que me escreveram estão cheios de razão e espero que urgentes providências sejam tomadas para transformar esse bairro num lugar agradável e decente.

Ou os pobres não têm direito a ruas, policiamento, iluminação, protecção e viver sem lixo?!

● **O DR.** Pedro Ferraz da Costa foi o convidado de honra do almoço organizado pela Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã na Estalagem Via Norte, a que compareceram algumas dezenas de industriais. O tema abordado foi «A Economia Portuguesa numa óptica de médio-prazo: Problemas e Soluções».

● **OS INDUSTRIAIS** e possíveis investidores macaenses que estão de visita a Portugal, têm tido um programa intenso, aqui no Norte. A exposição do Palácio de Cristal mostrou uma gama belíssima de artigos «made in Macau», e muita gente pergunta-se: Afinal, eles vêm cá para investir... ou para vender?

No Club de Leça realizou-se um jantar oferecido pelo Banco Nacional Ultramarino. Presentes Mário Adegas, Costa Pinto, José Soares da Costa e Mário Martins. No dia seguinte foi a vez do Banco Pinto e Sotto Mayor oferecer nas suas instalações uma recepção de alto nível, aos 40 simpáticos macaenses e muito convidados. Depois continuaram as visitas e os jantares. As Organizações Soares da Costa marcaram uma presença positiva, e parece que há bons negócios em perspectiva.

● **NANNI** Strada, a desenhista italiana que lançou um «new-look» em moda jovem, está no Porto, em visita às suas lojas.

● **FOI** muito elogiado o discurso proferido por Miguel Veiga durante a homenagem que o PSD do Porto prestou a Francisco Sá Carneiro, no dia em que ele, se fosse vivo, faria 50 anos de idade. Estiveram presentes cerca de 400 pessoas, inclusive Francisco Pinto Balsemão. Aliás, sobre Miguel Veiga: que grande «surra» ele deu em certa facção do JN, conseguindo a absolvição da Administração desse jornal, num processo que demorou meses e apaixonou a opinião pública do Norte!

● **A PORTOCORK** organizou domingo passado o 2.º Torneio Internacional de Ténis, em que participaram 28 jogadores, todos eles directores das Caves do Vinho do Porto (a maioria ingleses). Depois seguiu-se um cocktail seguido de jantar para 20 pessoas, no caso do Comendador Américo Amorim, Presidente do Grupo Corticeira Amorim. As taças foram entregues aos vencedores pelo Cônsul Britânico, sr. David Wart.

Que política de solos?

PARA além de outros aspectos, será ainda indispensável que o Estado lance uma política de solos ética e quantitativamente significativa.

Só ele pode adquirir terrenos em condições de localização, de morfologia e geologia e, sobretudo, de preço francamente aliciantes para grandes empreendimentos, cujo desenvolvimento urbanístico integrado competiria às Câmaras Municipais, segundo um plano de desenvolvimento nacional previamente elaborado.

Esse plano nacional, instrumento essencial de programação e de definição de prioridades, seria elaborado a nível central, mas tomando em linha de conta os contributos provenientes das Autarquias Locais, especialmente quanto à quantificação de carências, à selecção de zonas de intervenção e ao tipo de população a servir.

E estou firmemente convicto de que tudo isto será possível, se realmente o quisermos todos.

Não se julgue ser tarefa impossível ou inexequível. Basta de grandes e mui elaboradas considerações técnico-políticas... para no final nada se fazer!

E bom frisar que a habitação não pode continuar a ser o sector enjeitado como o é desde há anos. E nele que reside o maior atraso em relação a todos os países europeus e urge recomençar a dedicar-lhe a atenção que merece.

Por isso, o Estado tem um papel fundamental a desempe-

ñar e não é justo nem correcto que alguém tenha a veleidade de atirar que a sua acção deve ser eliminada ou mesmo secundarizada. São esses os que, capciosamente vão provocando a derrocada do sector.

Mais tarde é de admitir que as Câmaras Municipais possam por si sós dispensar a intervenção da Administração Central. Agora, e nos próximos anos, não o podem fazer pelos motivos de todos bem conhecidos.

A terminar, desejo expressar a minha convicção de que não é mais possível manter a passividade actual. São evidentes os sintomas de agitação (no melhor sentido), quase de indignação e de grande preocupação, de todos quantos trabalham para a habitação ou dela careçam. E isso vai ter reflexos positivos imediatos. A política a seguir por um governo tem de ser a mais consentânea com as aspirações do País, e neste momento, o problema habitacional é o mais grave de todos, sendo este o sentimento generalizado e que tem de ser entendido e atendido sem demora.

Terreno: um terço de preço das casas

Entretanto, e a nível mais geral, tem interesse apresentar elementos acerca do peso dos diferentes factores no custo da habitação. Antes de os enumerar de uma forma sistemática diremos que, segundo muitos autores, a redução das áreas



habitáveis, dando uma economia desprezável, reduz de uma forma inaceitável a qualidade de vida. Na verdade, uma redução de dez por cento na área não daria, senão, uma economia de quatro por cento. Por outro lado, o uso, de projectos-tipo pode conduzir a economia da ordem dos 10 a 15 por cento. Num encontro de associações empresariais realizado na Feira Internacional de Lisboa, o eng.

Amorim Martins, presidente da Associação dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Norte, procurou quantificar a incidência dos diferentes aspectos no custo final da habitação.

Segundo disse, o custo da construção propriamente dita não representa, senão, metade do custo final. A parcela restante divide-se em partes iguais pelo custo do terreno e pelo custo dos seguintes fac-

tores: projecto, licenças, juros e lucro do promotor. Por sua vez, o custo da construção pode ser decomposto da seguinte forma: despesas de pessoal, 34 por cento; materiais, 38 por cento; máquinas, seis por cento; despesas gerais de estaleiro, sete por cento; despesas gerais de administração, oito por cento; margem de lucro, sete por cento.

Dai que, segundo este ponto de vista, seja prioritário nas actuais circunstâncias actuar no custo do solo e nos projectos, licenças, juros e benefícios do promotor pois, ao fazê-lo, estar-se-á a influir sobre metade do custo final.

Quanto à construção propriamente dita, processos tecnológicos mais avançados e uma normalização dos materiais poderão reduzir o peso da mão-de-obra, aumentando um pouco alguns dos outros factores. Mas em qualquer caso, as despesas de pessoal pesam menos que as dos materiais e qualquer redução das primeiras abrange apenas 17 por cento do custo final da casa.

Ainda uma palavra para dizer que outros autores estimam uma incidência maior para o terreno, o qual, com infra-estruturas, pode pesar até 30 ou 40 por cento do custo final.

OS INTERIORES DE LUXO DAS 5 ASSOALHADAS PRONTOS EM OUTUBRO

- Hall em mármore c/ tecto falso em madeira.
- Cozinhas em madeira de mogno ou pinho.
- Azulejos e louças sanitárias de prestígio.

Em 194,6 m², com arrecadação e estacionamento. Ótimo preço. Propomos-lhe escolha entre 2 tipos de acabamentos. Visite-nos na

Urbanização da Portela, Lote 156
Todos os dias, incluindo Sábados e Domingos
Telefs.: 76 00 54/5/6

J. A. SANTOS CARVALHO
Projecto e Construção, Lda.

NÓS TEMOS PARA VENDA

ANDARES (3 assoalhadas) 5000 contos (cada)
LOJA (c/ cave) - 7500 contos LOJA (c/ cave) - 7000 contos
Em Lisboa - Travessa de Sto. Ildefonso, 13 (entre Jardim da Estrela e Assembleia da República)

2.ª Fase - URBANIZAÇÃO BISSOL BICÉSSE - 3 KM DO ESTORIL

15 moradias (2 pisos) } ZONA SÓ DE MORADIAS
7000 contos (cada)
5 assoalhadas - cozinha - hall - despensa - 2 WC - alpendre p/ carro - jardim e quintal
ANDAR - ALMADA - 2950 contos
3 assoalhadas c/ jardim e quintal

SOMOS OS PRÓPRIOS SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES M. PAIVA, LDA.
Av. Cristo Rei, 7-7.º Esq. - Almada
TELEFS. 276 79 34 - 276 69 53

STRUCTO
CONSULTORES TÉCNICOS DE ENGENHARIA, LDA.
CALÇADA DA ESTRELA 82-5.º/6.º 1200 LISBOA

☎ 602815 • 604023 • 607555

- PROJECTOS COMPLETOS PARA CONSTRUÇÃO CIVIL
- PROJECTOS DE INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS E OBRAS PÚBLICAS
- PROJECTOS DE ESTRUTURAS
- PROJECTOS DE ARRUAMENTOS, ÁGUAS E ESGOTOS
- PLANEAMENTO E URBANISMO
- ESTUDOS ECONOMICOS DE INVESTIMENTOS
- FISCALIZAÇÃO DE OBRAS

JOSÉ PAULO DA SILVA MOREIRA, LDA.

AV. 25 DE ABRIL 53 1.º Esq. 2800 ALMADA
TELEF. 2753511 E 2763228



ANDARES

3 E 4 ASSOALHADAS COM ACABAMENTOS DE LUXO

- Cozinhas italianas
- Casas de banho com equipamento de requinte
- Tectos falsos em madeira com iluminação embutida
- Som ambiente em todas as divisões
- Possibilidade de estacionamento em garagem privativa
- Com empréstimo garantido

VISITE ANDAR MODELO
TAMBÉM AOS SÁBADOS E DOMINGOS
Rua Nuno Álvares Botelho, Lotes 1 e 2
ALMADA

Antigas urbanizações a preservar um caso — O Chiado

A CIDADE para possuir uma imagem vivificadora necessita de estabelecer conexões com o passado e o futuro, conexões que se materializam sobretudo ao nível do meio ambiente e que, tal como o homem, variam com a leitura do presente, não sendo hoje as mesmas que há 35 anos. Isto implica que os edifícios das zonas preservadas da cidade não mantenham o seu aspecto primitivo, mas vão variando de época para época, não na sua essência, mas numa infinidade de pormenores que de facto modificam o aspecto geral de uma rua e permitem situar o presente, constituindo por outro lado uma leitura viva do passado. Da revista *Arquitectura* reproduzimos um extracto de um artigo da autoria de Paulo Pernão sobre a preservação de uma das mais históricas zonas da vida alfacinha, o Chiado.

O CHIADO é um bom exemplo de uma zona que de privilegiada (ainda não há muitos anos era o centro vivencial e cultural do País) está a passar rapidamente a degradada, não obstante as suas reais qualidades arquitectónicas. A vida sociocultural de outrora, expressa no tervilhar dos cafés, na vida nocturna, deixou pura e simplesmente de existir. A habitação de luxoosa passou a albergar os estratos mais pobres da população, apenas subsistindo (ainda) de uma importante actividade comercial, que não resistirá por muito tempo ao proliferar de centros comerciais por toda a cidade, e sobretudo ao deslocar, cada vez mais sensível, do C.B.D. para a zona do Marquês — Avenidas Novas.

A preservação do Chiado como zona viva e importante da cidade só será possível a médio prazo, mediante uma actuação urbanística que, informada pela compreensão da dinâmica mutacional da cidade, a revitalize com actividades rejuvenescedoras, de forma a nas suas origens poder deter e inverter o processo de degradação. O Chiado e a zona envolvente já não respondem às necessidades básicas da nossa época, por

isso, pouco a pouco morrem. Para salvar o Chiado, e aquilo que de mais importante existe na área, é necessário destruir parte, de forma a que ele possa ser enquadrado numa nova dinâmica, esta já actual, como uma peça antiga e extremamente valiosa que entra numa nova máquina, concebida para a conter e funcionar com ela.

Rapidamente, no sentido de clarificar o que acima foi dito, vou esboçar uma hipotética actuação com vista ao problema específico do Chiado: supunhamos que um estudo arquitectónico, sociológico e psicológico determinou que as áreas mais importantes a salvaguardar (importância medida pelos parâmetros já atrás descritos e ainda descritos pelo valor intrínseco da arquitectura) eram na zona do Chiado, a Rua do Carmo, a Rua Nova do Almada, a Rua Garret e o Bairro Alto. Seriam, pois, estas as áreas a ser integradas numa dinâmica actual que as fizesse de novo funcionar activamente com a cidade. Para

isso, a primeira coisa a fazer seria estudar de novo a rede viária dessa parte da cidade, de forma a encontrar uma solução que permitisse, por um lado, retirar o trânsito das vias



preservadas, por outro, melhorar a sua eficácia, necessária devido às ulteriores modificações funcionais que a zona irá receber. A segunda fase seria, mediante as potencialidades da rede viária, e tendo como finalidade inserir as zonas preservadas num todo vivo, pensar a forma, o conteúdo e o funcionamento desse todo.

Suponhamos que o estudo na altura efectuado com esse fim indicava como resolução mais adequada do problema a construção de habitações de alta densidade populacional, bem como, e a fim de fazer voltar ao Chiado a vida cultural de

outrora, trazer para ali parte da Universidade de Lisboa, utilizando o Bairro Alto como zona

residencial para estudantes da província. Haveria finalmente que adaptar (converter), man-

tendo o comércio, as zonas preservadas à vivência do envolvente. Um exemplo da forma como entendo esse converter: o Chiado tem três igrejas, não necessárias, nem mesmo com o acréscimo da população introduzida pela modificação. Como forma de as tornar vivas (funcionais) conservar-se-ia apenas uma como igreja, transformando, sem mexer nas fachadas, as outras em equipamento para a população, por exemplo, uma piscina e uma sala de exposições-auditorio, o que por um lado beneficiaria a zona, pelo pólo de atracção que constituiriam, por outro beneficiariam os próprios edifícios, já que de mortos ou moribundos passariam a actuaes.

Não se pretende de forma nenhuma apresentar uma solução viável para o problema, solução que dependeria de um estudo profundo a efectuar no local, pretende-se apenas mostrar que para preservar qualquer parte da cidade é necessário compreender-lhe a dinâmica, e ajustá-la a uma realidade actual (para o que, normalmente, é forçoso a adaptação de antigas funções a novos fins, e na maior parte dos casos a destruição de uma parte, a fim de possibilitar a introdução de sangue novo que revitalize o tecido urbano, tornando-o de novo numa parte viva da cidade), e clarificar essa forma de actuação com um exemplo que de concreto tem a metodologia. A preservação, mesmo desta forma, só é possível se a zona em si não está já demasiado degradada, voltando à metáfora do automóvel, se não se andou com ele até o espatifar completamente, pois neste caso o custo económico torna a operação completamente inviável.

Espero que este pequeno ensaio, que se baseia em parte no livro «What time is this place» de Kevin Lynch, tenha atingido os seus objectivos, isto é, tornar claro que a preservação de qualquer espaço urbano só é possível se for encarada de uma forma dinâmica, como uma mudança dirigida. A cultura está em mutação constante e o viver de hoje não é igual ao de ontem, o que leva a que o environment de ontem não possa responder às solicitações de hoje, a não ser que parcialmente revisto nas suas finalidades, adaptado e inserido num contexto que já não pode ser o que lhe pertencia outrora, mas sim um previamente estudado para funcionar com ele. Só assim ele poderá subsistir e responder às necessidades do presente, que irá enriquecer com a poderosa carga associativa histórica e estética que contém.



PREDIAL VOUGA

DE: FERRAZ E COUTINHO

**COMPRA E VENDA
DE PROPRIEDADES**

R. Entreparedes, 6 — 1.º — Salas: 3, 4, e 6 (Batalha)
Telef: 38 24 94 — 38 25 42 — 38 69 94 — 4000 — PORTO



Moreira & Portugal, Lda.

compra e venda de propriedades

- Terrenos para Habitação
- Lotes para Armazéns e Indústria
- Pavilhões Industriais

R. P.º António, 97,1.º-D - MAIA ☎ *948 4858 *948 4612

ALMADA... MODERNIZA-SE E

URBISAN, Lda.
CONSTRUÇÕES

CONSTRÓI CASA PARA SI!

VISITE-NOS E VERIFIQUE POR SI MESMO

Andar: de 4 casas assalhadas, 2 casas de banho, fogão de sala, TV, Porteiro, lambrim azulejo século XVII no hall e sala de estar e outros acabamentos de 1.ª que poderá comprovar no local.

• NÃO COMPRE O SEU ANDAR • SEM NOS CONSULTAR

ESCRITÓRIO: Av. 25 de Abril, 4, r-c, esq.º — ALMADA — Telef. 276 97 26

Horas de expediente

OBRA: Telef. 275 52 82, sábados e domingos e horas de expediente

José Manuel Lory a o País:

«Lisboa está a ser publicamente assassinada»

DE TODOS os intervenientes num projecto de construção de edifícios, o engenheiro civil é quase sempre aquele que permanece na sombra, apesar da importância da sua função. Se é verdade que as linhas exteriores dos prédios são aquilo que é comentado pelo público mercê da sua beleza ou graciosidade, não é menos valiosa a contribuição do profissional que assegura a segurança da construção do edifício bem como a correcta implantação de sistemas de esgotos, distribuição de águas, electricidade, etc. Responsável por um gabinete de técnicos de Engenharia, José Manuel Lory, deu-nos a sua opinião sobre as modernas urbanizações bem como sobre a degradação do parque habitacional português.

QUE se deverá fazer face a um parque habitacional tão degradado quanto o nosso, foi a primeira questão que pusémos ao nosso interlocutor. «Antes de mais devem ser tratados a sério os casos em que vale a pena reformular os edifícios. A maior parte dos imóveis lisboetas são antigos, com estruturas do tempo dos gaioleiros, ou seja de madeira com tijolo e pedra, as quais aliás têm um comportamento aceitável do ponto de vista sísmico mas, por falta de conservação estão, na maioria dos casos, muito deterioradas. Daí que seja mais económico demolir e construir de novo. O processo de recuperação implica uma movimentação muito grande de capital, e, capital é algo que parece não existir no país.»

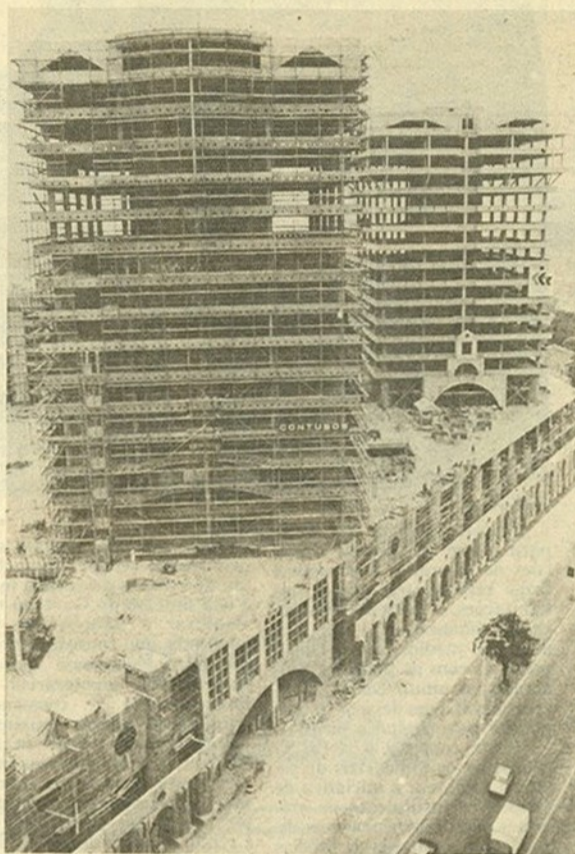
Não quer isto dizer que todos os prédios antigos devam ser demolidos, primeiro deve-se distinguir o «velho» do «antigo». Tal decisão compete à Câmara Municipal de Lisboa.

«Será ela — disse José Lory — que deverá decidir quais os que pelas suas características estéticas e enquadramento dentro do panorama urbanístico da cidade devem ser preservados, não esquecendo porém que Lisboa tem que evoluir e modernizar-se, daí ter que ser uma decisão isenta, sem qualquer subentendido.»

Esta questão prende-se com outra não menos importante relacionada com as novas urbanizações. Tendo uma opinião muito definida sobre este ponto o nosso entrevistado afirmou:

«Por outro lado também a Câmara deve ter uma preocupação constante de estética ao aprovar projectos para a construção de determinados complexos. Lisboa, quanto a mim, está neste momento a ser publicamente assassinada, devido à construção de vários edifícios que considero serem verdadeiras afrontas ao espírito estético de uma cidade. É o caso por exemplo das Olaivas, do que se está a fazer na zona das Amoreiras, de um edifício situado na Av. 24 de Julho, etc., que são verdadeiras aberrações. Os indivíduos que atentam contra a estética da cidade deveriam ser proibidos de projectar, ou então apenas poderiam fazê-lo dentro de determinadas normas que respeitem as linhas gerais do bom senso.»

Referindo-se tão abertamente contra o complexo das Amoreiras que embora polémico foi por muitos considerado um acto de ousadia e coragem do arquiteto Tomás Taveira, procurámos saber se não reconhecia inovação na traça arquitectónica dos edifícios em questão. «Não gosto de me pronunciar em assuntos de arquitectura pois sou engenheiro civil e não arquiteto — esclareceu — mas há questões que chocam mesmo um ignorante em assuntos de estética arquitectónica. Eu não posso aceitar que



Torres das Amoreiras

sejam autorizados a edificar em Lisboa prédios como os que foquei independentemente de ser este ou aquele arquiteto o autor do projecto. O

arquiteto deve ter uma liberdade de expressão, de criação e de pôr no papel e depois em obra as suas ideias, porque a evolução é necessária, mas daí a cometerem-se atentados ao equilíbrio estético da cidade julgo que a Câmara deveria estar mais atenta... Não vamos permitir que se façam coisas absolutamente anacrónicas, inaceitáveis.»

Sobre a segurança sísmica nos edifícios modernos esclareceu-nos José Lory -que teoricamente a construção moderna contempla devidamente a precaução contra tremores de terra, pois há regulamentos neste sentido de forma a garantir que os edifícios ofereçam uma determinada resistência ao sismo. Na prática nem sempre estas normas são observadas. No que diz respeito à prevenção contra o fogo já a situação piora pois nada está regulamentado embora, hoje em dia se comece já a dar atenção à segurança contra incêndios.»

Entre as diversas entidades debruçadas sobre a prevenção e segurança contra incêndios de realçar a participação dos Bombeiros

de Lisboa que elaboraram já um pequeno regulamento que é aplicável apenas a edifícios de dez pisos ou mais, mas está-se a avançar neste campo.

«Infelizmente não se nota ainda ao nível da construção habitacional, que como se sabe está 95% na mão do pequeno construtor, uma preocupação séria de segurança contra incêndios, mas em edifícios para escritórios, hotéis, empresas públicas, etc., este ponto é uma das principais medidas a ser observadas. Como não existe regulamentação portuguesa, seguem-se normas estrangeiras.»

A terminar o nosso entrevistado esclareceu que contrariamente ao que se passa no aspecto de arquitectura, em que muitos projectos são feitos por desenhadores e até construtores e que depois são assinados por um arquiteto, no caso específico da parte de engenharia tal não acontece. «Talvez porque — referiu — dentro de uma equipa de projecto, o engenheiro civil autor da estrutura é o único que tem direito a prémio no caso de um acidente, e o único que vai parar à cadeia...»

edifício RECIFE

CONSTRUÇÕES J. MALHEIRO
PROMOVE PREDIAL ZELA

VENDA POR ANDARES
TELEF. 363700 - 328388 - 328371

CONSTRUÇÃO DE LUXO
4-5-6
AMPLAS ASSOALHADAS
C/ ARRECADADO
Áreas desde 115m²

PREÇOS desde 4750 contos

VISITE O ANDAR MODELO

URB. das PEDRALVAS - Benfica
RUA LUCILIA SIMÕES, LOTE 19-20

É DINÂMICA

É COMPETÊNCIA

caixitejo

MARQUIZES EM ALUMÍNIO ANODIZADO
DIVISÓRIAS POLIBANS
ORÇAMENTOS GRATIS

TELEFONES 276 14 59 - 276 21 72

É PERFEIÇÃO

Rua Carvalho Freirinha, 13-15 - CACILHAS

edifício 5 de OUTUBRO 115 LISBOA

EDIFICADORA LUZ & ALVES, LDA

CONSULTÓRIOS
ESCRITÓRIOS
ÁREAS DESDE 64 m²

NÓS VENDEMOS O ESPAÇO
VOCÊ PERSONALIZA-O

CONSULTE-NOS NA AV. 5 DE OUTUBRO, 115
OU PEÇA INFORMAÇÕES

RUA GARCIA DE RESENDE, LOTE 5 - GALERIA
TELEFOS. 7580014 - 7586316 - TELEX 42560 EDIFIC P. 1700 LISBOA

SE nada pouco ou tem câibras não se afaste da praia

HABIANTAS - Propriedades
Gerência de: MÁRIO SOARES MAGANINHO
RUA DA CONSTITUIÇÃO, 236-1.º ESQ. (LIMA 5) - 4200 PORTO
☎ 402428 - 402478 (VISITE-NOS)

ATENÇÃO SENHORES EMIGRANTES

T0 - T1 - T1 + 1	T2 - T2 + 1	T3 - T3 + 1 - T4	MORADIAS
2200 - S. MAMEDE - T1	2600 - ERMESINDE - T2	3300 - RIO TINTO - T4	4900 - PEDRAS RUBRAS - T3
2200 - V. N. DE GAIA - T1	2675 - GIESTA AREOSA - T2	3300 - ERMESINDE - T3	5000 - MATOSINHOS - T3
2300 - JUNTO AOS MARQUÊS - T1	2750 - SENHORA DA HORA - T2	3450 - GUEIMIA - T3	5750 - PEDRAS RUBRAS - T4
2400 - RUA DA ALEGRIA - T1	2800 - PADRÃO DA LEGUA - T2	3500 - PADRÃO DA LEGUA - T3	5900 - VALE DE FERREIROS - T4
2500 - PRAÇA DO MARQUÊS - T1 + 1	2950 - ERMESINDE - T2 + 1	3850 - RIO TINTO - T3	6250 - PEDRAS RUBRAS - T5
2500 - LIMA 5 (MARQUÊS) - T1	3000 - GONDOMAR - T2	4000 - S. MAMEDE - T4	6500 - PADRÃO DA LEGUA - T5
2600 - SANTOS POUSADA - T1	3050 - V. N. DE GAIA - T2 + 1	4500 - ESTÁDIO DAS ANTAS - T3	7500 - VENDA NOVA - T5
2850 - PARANHOS - T1 + 1	3100 - MATOSINHOS - T2	5000 - COSTA CABRAL - T3	7500 - PEDRAS RUBRAS - T5
2900 - PRAÇA DO MARQUÊS - T1	3300 - RIO TINTO - T2	5250 - AV. DA FRANÇA - T3	8000 - MIRAMAR (PRAIA) - T4
3000 - V. N. DE GAIA - T1	3450 - ERMESINDE - T2 + 1	6350 - PRAÇA VELASQUEZ - T4	8000 - VENDA NOVA - T4
3100 - VILA DO CONDE - T1	3550 - ESTÁDIO DAS ANTAS - T2	7500 - AV. BOAVISTA - T4	9000 - MINDELO (PRAIA) - T3
3200 - COSTA CABRAL - T1 + 1	3650 - PRAÇA DO MARQUÊS - T2	9500 - NO FOCO - T4	9500 - URB. DA MAIA - T5

— COMPRE AGORA COM JURO BONIFICADO E FINANCIAMENTO GARANTIDO...
— ENTRADAS INICIAIS DESDE 350 CONTOS!!!
— AO COMPRAR NA «HABIANTAS» RECEBERÁ UMA OFERTA DE VERÃO...

Problemas financeiros inultrapassáveis

NADA foi feito no sentido de encontrar soluções alternativas para o escoamento das 40.000 habitações que estão por vender, persistindo-se no erro de se pretender resolver o problema apenas através da aquisição de casa própria, com recurso a linhas de crédito que de antemão se sabe não constituírem solução, tanto pela inadequação das condições de crédito como pela escassez do Volume de crédito disponível.

ESTA é a opinião do presidente da A.I.C.E. manifestada numa pequena entrevista concedida ao nosso jornal.

Por outro lado, reconhece-se que não é possível suportar através do O.G.E. bonificações que possam situar os encargos com a aquisição de habitação dentro de níveis compatíveis com a capacidade de centenas de milhares de potenciais compradores.

«Todos os governos constitucionais têm partilhado da opinião de que o melhor caminho para restabelecer o funcionamento do mercado é a recuperação do investimento imobiliário para arrendamento através da mobilização do aforo privado, mas, por falta de coragem política nunca se foi além de propostas de lei que não chegaram a vir à luz do dia.»

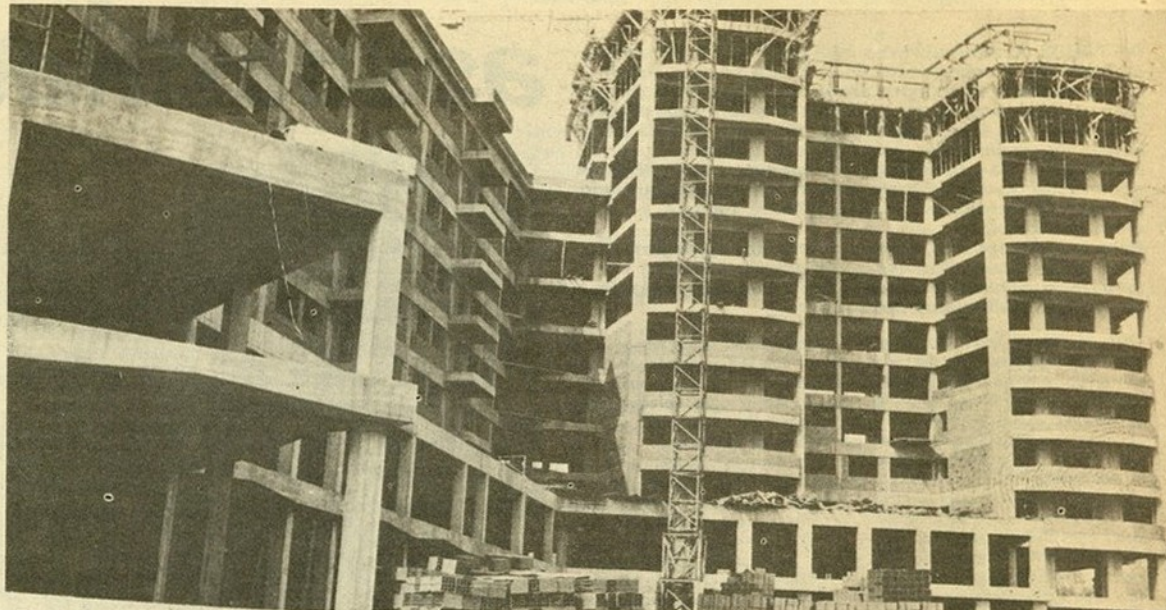
Acrescentou: «tal objectivo, só pode ser alcançado, se forem criadas condições que proporcionem aos aforrados uma justa retribuição do seu capital, tanto em termos de retribuição directa — renda indexada — como de forma indirecta, através da criação de isenções fiscais, particularmente da sisa, às dações, com prémios ou fracções para pagamento de dívidas às instituições de Crédito.»

«Outra medida que poderá ser tomada, a curto prazo, para o escoamento de mais de 40.000 fogos que se encontram por vender, será a criação de incentivos fiscais, nomeadamente isenções ou reduções temporárias de contribuição predial e do imposto complementar, para as habitações adquiridas para serem colocadas no mercado de arrendamento.»

Consciente de que, num futuro próximo, a Banca será, inexoravelmente o maior proprietário de imóveis do país, sem que seja essa a sua vocação, Eurico de Barros explicou que «a grande maioria das empresas do sector atingiram níveis de endividamento, e consequentemente, graus de descapitalização que as tornam completamente inviáveis.»

«Ora estas empresas são devedoras de várias dezenas de milhões de contos que lhes foram confiados a título de financiamento pelas instituições de crédito; esses valores constituem dinheiro dos depositantes e têm que ser geridos por forma a serem devidamente acatados, o que corresponsabiliza as próprias instituições de crédito na procura e participação das soluções necessárias.»

«O panorama que se nos de-



Construção civil — que futuro?

para é que nas actuais condições de mercado, é impossível fazer reflectir nos preços das habitações o aumento dos encargos financeiros, o que leva a que, à medida que o tempo passa e, com as taxas de juro actuais, a muito curto prazo, essas habitações deixem de responder pelo capital e juros.»

«Neste contexto a A.I.C.E. aconselha os industriais do sector a tomarem a iniciativa de propor às instituições de crédito o pagamento das suas dívidas com a entrega de prédios ou fracções de prédios con-

cluídos, que não tenham sido prometidos vender, como forma de evitar a derrocada total, e isto no caso do Governo não viabilizar a solução por nós apontada que consistia em estabelecer legalmente que os empréstimos hipotecários de financiamento à construção deixem de vencer qualquer juro em relação a todos os prédios ou fracções não vendidos seis meses após a sua conclusão, sujeitando-se a controlo por parte das Instituições de Crédito os níveis de preços praticados.»

Alguns problemas foram já resolvidos, nomeadamente o que diz respeito à tributação de contribuição predial dos andares não vendidos, se bem que a solução não seja de cariz definitivo o facto de ter sido prorrogado o prazo sem tributação predial de seis meses para dois anos, é pelo menos uma pequena ajuda para um sector a braços com uma crise económica desmedida.

A terminar dado particular realce às dificuldades burocráticas que envolvem o processo de venda de andares, assim como

ao problema do acesso ao crédito. Neste último ponto torna-se necessária uma «clarificação das regras de distribuição do crédito por parte das instituições especializadas e da Banca em geral, por forma a evitar tratamentos privilegiados para além dos contemplados pela Lei e resolvendo de uma vez por todas a situação discriminatória na atribuição de linhas de crédito para venda de habitações às empresas que se autofinanciaram ou foram financiadas pela Banca dita comercial.»

TORRE PANORAMICA 1004 CASCAIS

... para viver entre o mar e a serra!

Numa zona habitacional privilegiada, fica a escocina do seu andar numa nova e moderna Torre próxima do centro de Cascais.

Em fase de conclusão, em vista de verifique por si os amplos espaços e confirme a forma e a qualidade das construções colocadas em execução, materiais utilizados, até aos acabamentos gerais.

2-3 e 5 ASSALHADAS

O vasto R. II de entrada dá-lhe a uma dimensão do espaço do edifício complementado com uma espaçosa área coberta para recreio e área para um bar com esplanada junto a uma piscina privativa.

Um depósito de água para a emergência, abastecimento de gás, circuito interno de televisão a portaria e estacionamento privativo com arruagem são outras das várias vantagens que poderá encontrar na TORRE PANORAMICA 1004.

CONSTRUÇÕES António Augusto Soares, Lda

Contacte-nos e peça informações mais detalhadas:

Av. Infante D. Henrique, 598-1.º c/v Esq.
Telefones 286 86 95/28 03 53 — 2750 CASCAIS
Ou no local: Av. do Ultramar, 1004 — Alto da Pampilheira - Cascais

Licença n.º 2854/81, Processo n.º 1094/81, Câmara Municipal de Cascais

SOCIEDADE HOTELEIRA O NAVEGADOR S.A.R.L.

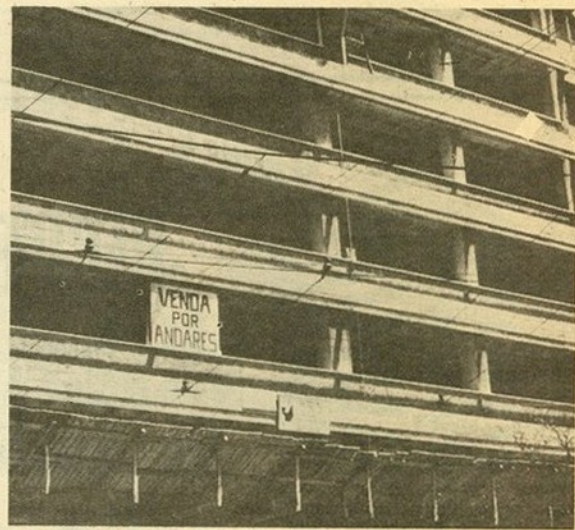
Apartamentos de luxo
Centro comercial
Piscinas

MOBIL

EDIFÍCIO O NAVEGADOR

OBRA:
Av. 25 de Abril ☎ 284 0428

ESCRITÓRIO:
Av. Mar. Carmona, 22 ☎ 28 19 14
2750 CASCAIS



São 40 000 habitações por vender

FAÇA FÉRIAS NA PÓVOA DE VARZIM

★

SULIMAR

★

COMPRA E VENDA DE IMÓVEIS

SULIMAR — AV. Mouzinho de Albuquerque — 56 — 1.º Telef: 6 11 09
4490 — Póvoa de Varzim

Habitação em três tons

AS CARÊNCIAS habitacionais no concelho de Montalegre, reflectem-se a três níveis: a falta de alojamento propriamente dita; a falta de condições de habitabilidade, no que se refere a condições de espaço e higiene e ainda o prolema da desintegração ambiental da habitação.

Quanto à primeira questão, a falta de alojamento, é sentida essencialmente pelos jovens casais e como é óbvio, as famílias de fracos recursos económicos que de forma nenhuma podem pagar uma renda avultada pelo aluguer de uma habitação.

Montalegre, possui apenas um bairro social de pré-fabricação em madeira, que agrupa um total de 86 habitações, muito poucas, portanto, para as necessidades existentes e porque são de pré-fabricação em madeira, estão já algumas em estado de degradação. Por outro lado e dado que esta Câmara se preocupa com a fixação de técnicos no concelho, necessários ao seu desenvolvimento, estes, vão ocupando por direito de reserva consignado na lei, a grande maioria das habitações do bairro, diminuindo a capacidade de resposta ao problema habitacional dos familiares já residentes. Montalegre necessita no momento de um novo bairro de habitações de renda social.

A segunda questão, põe-se em relação à falta de condições. A grande maioria das habitações tradicionais existentes estão em degradação, não possuindo, na maioria dos casos, condições de espaço e higiene, muitas delas não têm ainda casa de banho. Seria necessário que o crédito através do «Programa de Recuperação de Imóveis Degradados» tivesse condições de juro, de forma a possibilitar a recuperação

dessas habitações, mantendo o seu traço tradicional, mas dando-lhe o mínimo de condições.

A terceira questão é que para mim se inclui também no conceito de habitabilidade, põe-se em relação à desintegração ambiental da habitação. A maioria das habitações novas, não possuem de forma alguma as condições necessárias à integridade psicológica do indivíduo. As suas cores berrantes não inseridas no contexto paisagístico e muitas vezes até o material de construção utilizado e o próprio projecto não estão adaptados às condições climáticas da região.

Durante o Inverno, as temperaturas normais são bastante baixas, ocasionando grandes humidades dentro das habitações, não conseguindo estas tornarem-se no abrigo ideal para o homem. Mas, penso começar a notar-se um retrocesso neste estado de coisas. O emigrante começa a ter consciência de que a melhor forma de construir a sua habitação não é a que têm utilizado até agora. Começam a ver-se já no concelho bastantes casas começadas a construir-se em pedra e com projectos adaptados à paisagem. Neste sentido, o executivo comunitário, tomou já também algumas medidas. No entanto, todas as obras de caiação, pintura ou revestimento exterior terão de ter um prévio pedido à Câmara, devendo o mesmo ser assinado pelo técnico responsável pela obra e inscrito na Câmara Municipal. As cores a utilizar terão de ser o branco, branco sujo, creme, camurça e cinzento. Nas fachadas, é ainda proibida a utilização de azulejos ou pedra azul, bem como a telha do tipo argibetão.

Irene Esteves

Câmara Municipal de Montalegre

Cooperativa Agrícola dos Produtores da Batata-Semente

«Poderíamos produzir o dobro...»

A COOPERATIVA Agrícola dos Produtores de Batata-Semente de Montalegre nasceu em 1939 tendo sido transformada em cooperativa polivalente em 1976. Nessa altura foi criada para além da secção de batata-semente a secção de compra e venda, com a finalidade de fornecer aos associados todos os factores de produção em melhores condições de preço e oportunidade e receber dos agricultores os seus produtos, para serem comercializados através de gado, recolha de leite e serviço de assistência técnica veterinária. Existe um veterinário exclusivo da cooperativa devido a um protocolo com a Direcção Regional de Trás-Os-Montes. Além destas regalias, os associados dispõem de um inseminador artificial permanente, o que melhora a qualidade da raça de gado e evita a propagação de doenças.

O presidente desta cooperativa, eng.º José Justo, disse-nos estar prevista a abertura de mais duas secções: a secção de máquinas agrícolas com ceifeiras-debulhadoras, abre-valas e um pequeno «caterpillar» para arranjo de caminhos e a secção de transportes. Há ainda o projecto da comercialização da carne produzida pela cooperativa através de cooperativas de consumo.

Como principais dificuldades, apontou-nos o eng.º José Justo a falta de um fundo de maneio: «o ideal seria pagar aos agricultores, se não a totalidade, pelo menos uma parte, na altura da entrega dos produtos, mas por enquanto tal é impossível e temos que esperar pela comercialização para podermos pagar-lhes». A existir tal fundo, este constituiria um factor de mobili-

zação e aderência à cooperativa.

Quanto ao desafio da entrada de Portugal na CEE, mostra-se confiante, pois-se forem dadas condições de apoio, através da instalação de pequenos regadios, incentivo à aquisição de batata de semente elite, e créditos bancários adequados e compatíveis com as nossas realidades atrasadas, ou ainda um suporte financeiro enquanto os efeitos benéficos da rotação não se fazem sentir, podíamos produzir o dobro ou o triplo e competir com alguns países da Comunidade». Recorde-se que a batata-semente de Montalegre foi considerada no 3.º colóquio sobre batata de semente, em Maio último, superior à importada. Além disso, poderá chegar ao agricultor em melhores condições que a estrangeira.

O eng.º José Justo alerta também para as dificuldades dos produtos da região: «estamos preocupados com a subida dos adubos e com a alimentação do efectivo pecuário leiteiro, pois há agricultores aqui que não chegam a tirar rendimentos iguais ao ordenado mínimo nacional. É urgente que os preços dos produtos produzidos nesta região, nomeadamente batata-semente, centeio, carne e leite, sejam alterados, tendo em conta o aumento do custo de produção: provocado pelo contrabando de gado vindo de Espanha, por vezes doente, o que contamina o gado nacional, tão mais querido nesta região quanto é certo ser a única zona de produção de «raça Barrosa».

Agro-Barroso: a união faz a força

A AGRO-BARROSO é uma feira na sua 4.ª edição, e uma organização conjunta dos municípios da região do Barroso, Boticas e Montalegre. Nasceu dum ideia acarinhada pelos responsáveis autarcas dos dois concelhos e as câmaras celebraram entre si um protocolo em que se estabelece a realização da feira alternadamente em cada um dos concelhos.

Na 4.ª edição da feira em que o protocolo perfaz 4 anos, este precisa de ser revisto, repensado ou reformulado. Esta 4.ª edição realiza-se em Boticas de 12 a 19 de Agosto.

A feira tem alcançado os objectivos propostos. Há 2 anos em Boticas houve cerca de 50.000 visitantes o que para um concelho pequeno e com a população que tem é simplesmente extra-

ordinário. Este ano os objectivos são os 60.000 visitantes e tudo está bem encaminhado com vista à internacionalização do certame. Não há ainda a garantia mas há boas perspectivas de haver exposidores espanhóis já este ano. Aposta-se com força na feira e na exposição de gado, porquanto o desenvolvimento desta região passa fundamentalmente pelo desenvolvimento e pelo incremento da produção pecuária nomeadamente das raças tradicionais como a raça Barrosa. Há um forte investimento em termos até de concurso pecuário com centenas de contos para o concurso «EDUARDO BARROSO».

Esta região é fortemente agrícola e por isso haverá colóquios técnicos por pessoas conceituadas, como por exemplo o Presidente do «Instituto ANTONIO

SÉRGIO» que irá fazer uma comunicação sobre cooperativismo que assume uma importância fundamental na região. O professor Vaz Portugal fará um colóquio sobre as perspectivas da agricultura na região do Barroso. Haverá um outro colóquio sobre produção leiteira, e outro ainda sobre emigração com o secretário de Estado da Emigração, dado que esta zona é uma zona de muita emigração e neste período os emigrantes estão a passar as suas férias, o secretário de Estado, vai fazer um colóquio dedicado aos emigrantes.

Há depois a parte do festival do folclore em que os agrupamentos folclóricos da região vão estar presentes e vão ter possibilidade de se exhibir, sem esquecer a parte recreativa e desportiva.

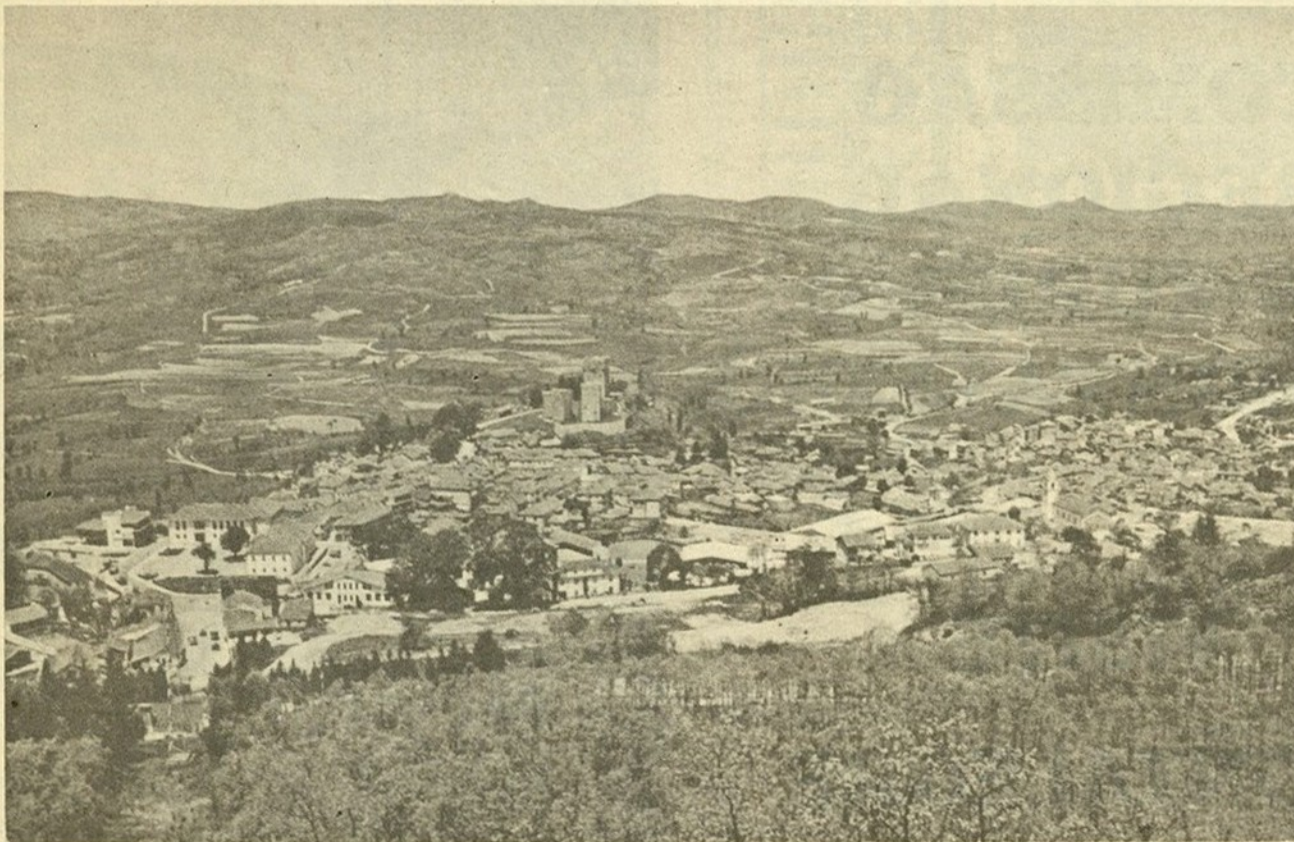
A feira tem fundamentalmente como objectivo a sensibilização dos agricultores que é a esmagadora maioria da população dos dois concelhos, para a introdução de novas técnicas de cultura, introdução inclusive de novas culturas na região mais rentáveis e já com uma certa perspectiva de integração na CEE.

O associativismo e o cooperativismo assumem uma importância particular na região de «mini-fúndio» (pequena propriedade), muito retalhada, em que é necessário um forte sentido cooperativista dos agricultores.

Com estes certames procuram-se sensibilizá-los, organizando colóquios, visitas de estudo, projecção de filmes. Este é o grande investimento para o desenvolvimento dos agricultores e da agricultura.



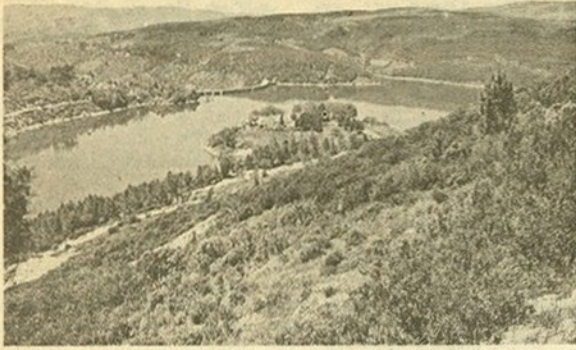
CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE



VISTA PARCIAL

VISITE MONTALEGRE

Água mole em pedra dura...



Dois bilhetes postais

● Montalegre

O SILÊNCIO assume aqui a força de muitas gerações e a geografia multifacetada é impressionante. Em todo este contexto, sentinela e alma da antiga Terra do Barroso, continua a existir uma vivência original, rusticamente social e etnográfica.

Data de 1237 o primeiro foral da vila, logo seguido da actuação de D. Dinis, que o confirmou e lhe deu notável castelo, reedificando um muito antigo já existente e encarregando-o da vigilância fronteiriça.

A vila continua a ser dominada pelo castelo, de bela torre de menagem, do qual, com o sem neve, se contempla impressionante vista panorâmica.

Desce-se à nascente do Rabagão ou sobe-se à serra do Larouco (1525 m de altitude, a terceira do País), caminha-se pelo vale de Solveira ou anda-se por povoados medievos, e por toda a parte se topa com a singularidade da gente e do meio num quase solene e solitário território.

As grandes riquezas de Montalegre são a pecuária e a batata. No que concerne à primeira, sabe-se que a raça bovina barrosa é um valor nacional pelos seus predados, além de constituir uma

determinante económica regional.

● Pitões das Júnias

É MUITO difícil desligarmos este ou aquele espaço de Montalegre da sua geografia física (serras, rios, vales e planaltos) da geografia humana que ativamente guarda o passado e das modernas barragens hidroeléctricas de Venda Nova, Paradela, Alto Cavado e Alto Bagadão (Pisões).

Não existindo já o poder imperativo de três castelos — Montalegre, Portelo e Piconhas —, nem as vias romanas, nem fronteiras ameaçadas, nem o total isolamento do território, há todavia numerosos monumentos documentados desde a era dos metais à tecnologia contemporânea, passando por evidentes sinais de castros.

O terrivelmente arruinado Mosteiro de Santa Maria das Júnias não foge a esta regra, no recôndito de uma paisagem distante e austera, onde a singular arquitectura assume força medieval desde o século XII.

De resto, recorda-se algures que D. Pedro Pitões, bispo do Porto, vindo deste insólito território, foi o animador da conquista de Lisboa em 1147.

FALAR de cultura, desporto e saúde a nível do Concelho de Montalegre, é falar de algo que todos nós, barrosões, gostaríamos que fosse muito diferente para melhor. Mas vamos por partes, pois cada um dos assuntos merece um tratamento diferente embora da boa harmonia entre as três normalmente resulte um equilíbrio social muito positivo pois elas estão intimamente relacionadas.

Existe no Barroso uma cultura no verdadeiro sentido da palavra, extremamente rica e a que não deslustrará chamar «cultura Barrosa» por uma série de razões que passam pela extensão geográfica deste Concelho (800 Km²) com 135 aldeias englobadas em 35 freguesias constituindo, cada uma destas aldeias, um aglomerado isolado dos seus similares e, por isso mesmo, com uma capacidade de auto-suficiência marcada, o que faz com que ao longo dos séculos cada aldeia «Barrosa» conseguisse viver e sobreviver isolada, soprasses donde soprasses os ventos da civilização.

Cada uma destas pequenas comunidades isoladas das suas irmãs aquando de intensos e prolongados nevoões, possuía no seu seio os meios indispensáveis para garantir sustento a pessoas e animais (farinha de centeio moída nos moinhos da aldeia, pão de centeio cozido no forno da aldeia que se conserva por mais de 3 semanas, carne de porco fumada, batatas e outros haveres). Mesmo nas peças de vestuário o barroso era auto-suficiente, pois possuía as roupas de linho de seu próprio fabrico e cujas peças hoje são raridades apreciadas em qualquer lugar do mundo. Possuía também os bisões onde a lã de ovelha era pisoada para produzir o burel com o qual se fabricavam e ainda fabricam as famosas capas de burel, cujas particularidades e qualidades serão bom realçar porquanto, além do

calor e aconchego que proporcionam aos corpos, são impermeáveis à chuva, de tal modo os tecidos são comprimidos de modo a formarem um todo compacto.

Outras particularidades existem nesta vasta região que fazem honra à cultura Barrosa. Estou a referir-me às formas de comunitarismo que aqui existem e que são um pouco decorrentes das razões atrás expostas. São a vezeira, o rego da água, as chegadas de bois, as cegadas (ceifas), as malhadas e as matanças do porco entre outras, que merecem maior destaque pelo folclore e tipicismo que encerram e que são de facto cartão de visita e grandes «ex-libris» desta região.

Taxa de analfabetismo elevada

Mas se por um lado existe uma rica e vasta cultura barrosa no que concerne às tradições, usos e costumes, às formas de comunitarismo, não é menos verdade que existe uma enorme lacuna das nossas gentes na «cultura dos livros», pois a taxa de analfabetismo atinge aqui números que talvez seja um pouco vergonhosos mencionar. Não andarei muito longe da verdade ao afirmar que das pessoas com mais de 40 anos, 50 a 60% delas não saberão ler nem escrever nem nunca frequentaram qualquer escola a não ser a da vida. Neste momento e felizmente para os mais novos, a situação começa a ser um pouco diferente pois existe desde há alguns anos uma escola secundária na sede do concelho onde se lecciona até ao 11.º ano de escolaridade e praticamente todas as aldeias ou pequenos aglomerados de aldeias possuem escola primária.

Existem também alguns núcleos da tele-escola dispersos pelo concelho e uma rede de transportes que se não é a ideal representa, pelo menos uma tentativa válida para proporcionar

aos alunos as facilidades de deslocação de suas casas ao estabelecimento de ensino que frequentam e que, juntamente com um centro de alojamento do IASE proporciona a todos os alunos razoáveis condições para a formação escolar que os mais idosos nunca tiveram.

Parece anedota mas não é

Mas se quisermos fazer um electrocardiograma de urgência ou um Rx simples de qualquer órgão ou uma análise de urgência, então aí temos que enviar o doente a Chaves, Vila Real ou Porto, sendo por vezes chamados à atenção por termos enviado um doente para Lisboa para uma consulta de cirurgia vascular pois foi o único local onde o doente conseguia ter a assistência que precisava, depois de ter corrido entre outros o Hospital de Chaves e o de St.º António do Porto, e isto porque a A.R.S. de Vila Real considera a consulta de cirurgia vascular é fácil de conseguir na zona Norte (só que não é quando o doente precisa!).

E que dizer de algumas das Extensões de Saúde que existem em algumas aldeias do Concelho, uma das quais pelo menos a funcionar numa antiga capela e onde médicos e doentes, se se virem «apertados» têm que ir ao quintal pois não têm quarto de banho. Parece anedota mas não é.

Aí o médico ainda se sente mais frustrado no exercício da sua profissão entregue apenas a si mesmo e à sua «estrelinha» e os exames ginecológicos, por exemplo, são feitos por imaginação, tal como os exames otológicos e oftalmológicos mais rudimentares.

Mas o mais engraçado acontece quando nós fazemos ver estas situações a Vila Real e eles nos dizem para pedir o material «que eles enviam». Mas será que é necessário pedir? Será que quando se abre uma extensão de

cuidados Primários de saúde apenas se abre a casa para tapar os olhos aos doentes? E as condições de trabalho do médico? Isto para não falar da enfermagem pois nenhuma extensão de saúde dos dispersos pelo concelho possui enfermeiro(a).

Nada disto é demais, pois desde 1982 (Fevereiro) por várias vezes pedimos uma bomba de oxigénio a Vila Real, porque asmáticos e bronquíticos por vezes necessitam fazer nebulizações e respirar oxigénio, mas nunca nada disto chegou a Montalegre. Incrível... não apenas ligeiros acidentes numa viagem cheia de percalços, dos quais o maior é a construção do novo centro de saúde com o patrocínio da Noruega, o qual foi iniciado há mais de quatro anos, e é o único do Distrito de Vila Real que não está terminado, talvez porque as nossas condições de saúde de facto «óptimas» e como motivação maior para a prática de tão boa medicina, ainda «obrigam» o clínico geral a viver em algumas aldeias com menos de 300 habitantes onde existem algumas extensões. Será caso para dizer que o «Rei da Saúde vai nú, no concelho de Montalegre» e que as coisas deverão mudar muito para que as pessoas sintam menos ansiedade ao pensar na assistência que terão quando eventualmente dela precisarem.

Que quem de direito não se esqueça que os barrosões são humanos e susceptíveis de adoecer, pois se os rigores do Inverno borrosão endurecem os ossos não é menos verdade que «água mole em pedra dura tanto bate até que fura» e se não fura mói e deforma os espinhos e os ossos de quem tem mãos calejadas e sua debaixo do Sol quente dos três meses de Inferno, mas também se contrai debaixo do frio e chuva dos nove meses de Inverno.

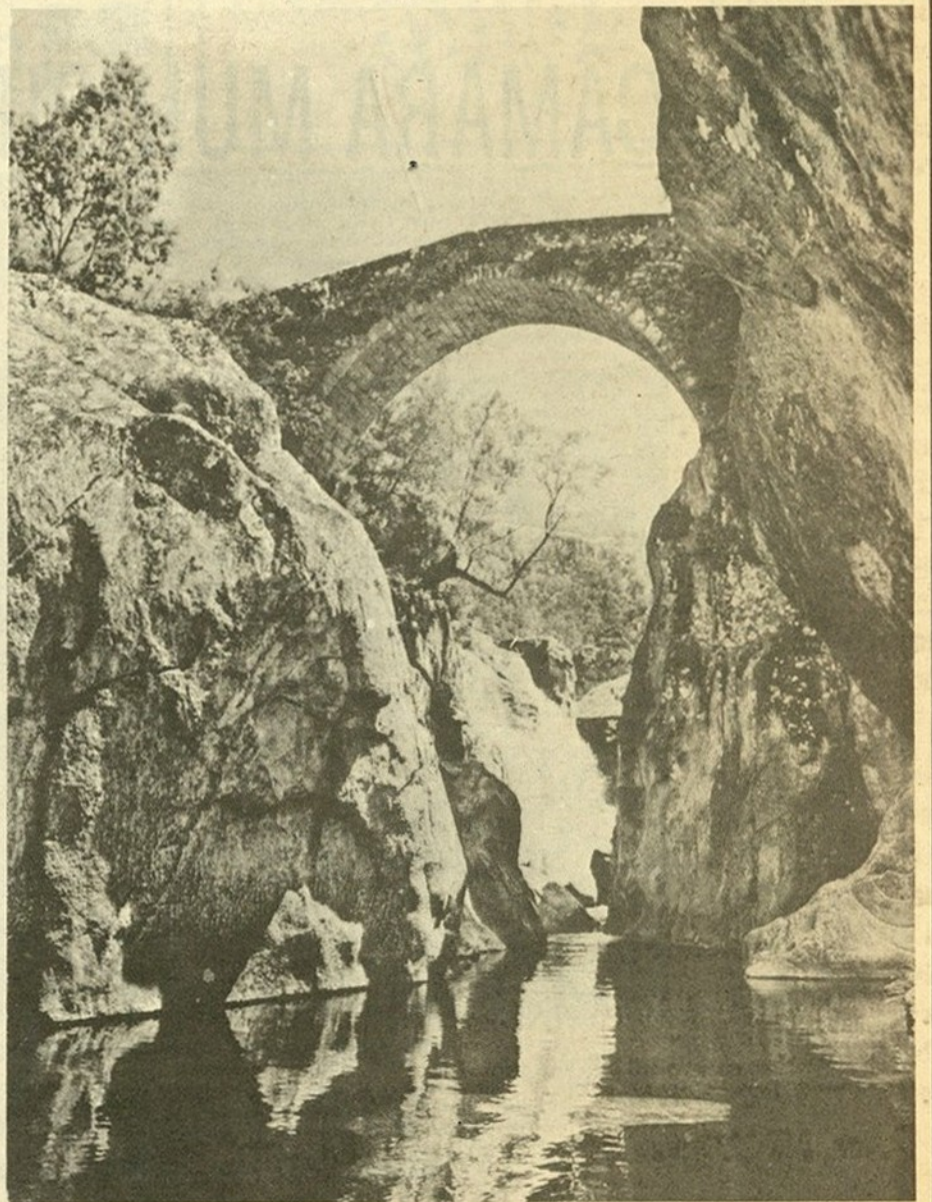
António P. Flecha
(Médico)

COMISSÃO REGIONAL DE TURISMO DE MONTALEGRE

VISITE

MONTALEGRE

PONTE DA MISARELA



FOI num ambiente calmo e sereno que o presidente da Câmara Municipal de Montalegre, José António Carvalho de Moura, aceitou a elucidar-nos acerca das principais questões que se põem na sua área de responsabilidade.

Homem bem humorado e rigoroso, o presidente da Câmara no enquadramento de um gabinete sóbrio e espaçoso, preocupou-se com o desenvolvimento da zona e tenta minorar as suas deficiências, que são muitas, através de uma acção dinâmica e dirigida ao progresso essencial da região.

Começando por nos falar da qualidade de vida de um concelho com 35 freguesias espalhadas em 802 kms, Carvalho de Moura refere que as populações vivem quase exclusivamente da agricultura e da pecuária. A produção de batata de semente é cultura relevante da região e a criação de gado bovino em moldes tradicionais é a actividade mais regular e mais generalizada.

Presidente da Câmara de Montalegre

«Ninguém se volta para o interior»

Além da agricultura, mais duas actividades económicas há ainda a considerar no concelho a produção de energia eléctrica e a extração de minério. Cinco albufeiras (Alto Rabagão, Venda Nova, Sezelhe, Paradela e Salamonde) alimentam três Centrais Hidroeléctricas (Alto Rabagão, Venda Nova e Salamonde), esta última situada no concelho de Vieira, que produzem energia eléctrica para a zona industrial do Porto e Matosinhos; das Minas da Borralha, a segunda maior do país a seguir às da Panasqueira, onde é o volfrâmio o principal minério extraído.

De salientar ainda como actividades económicas de subsistência familiar, o artesanato. Este, refere-se essencialmente ao vestuário (capas de burel, croças

de junco, meias de lã e socos), artesanato ainda vivo no Barroso, bem como os utensílios agrícolas e equipamento doméstico desde o arado e o carro de bois até às mantas de farrapo e de lã, passando pelos linhos, o próprio mobiliário tradicional de confecção rústica era produzido pela organização familiar ou comunitária.

Tem sido nossa preocupação dotar o concelho das principais infra-estruturas. Começou-se pela energia eléctrica e é bom dizer-se que, desde 1978, todas as aldeias se encontram electrificadas, havendo necessidade de se recorrer a remodelações em algumas delas. As atenções voltam-se depois para as comunicações, e neste momento, se nenhuma aldeia do concelho está

totalmente isolada e apesar de se investir cerca de 75% do nosso orçamento na construção de estradas, a verdade é que muito há ainda para fazer neste domínio. O concelho, pela sua dispersão e por não possuir estradas nacionais a cruzá-lo, necessitaria de um investimento superior a meio milhão de contos para acompanhar o desenvolvimento harmónico que se verifica no País. E isto que os governos esquecem sistematicamente e ninguém se quer voltar para o interior, ou melhor, nenhum governo quer analisar o interior, porque na província há concelhos que possuem quase todas as infra-estruturas e outros, como o de Montalegre, se os índices de atribuição de verbas não forem alterados, só atingirão esse «status» lá para o ano 2100.

No que concerne ao desenvolvimento desta região do Barroso, tendo em conta as suas características próprias ele terá de convergir sobre dois vectores fundamentais: o turismo e a agropecuária.

O turismo implica a beneficiação das vias de acesso a Barroso principalmente do lado de Braga (com especial destaque para a rectificação da EN 103, entre Venda Nova e Pisões), com a abertura de uma fronteira definitiva e permanente com a Espanha, situada em Sendim Via Baltar/Xinzo de Limia (a maior e mais arreigada aspiração dos barrosões), com o aproveitamento das nossas barragens e com o correspondente apoio hoteleiro praticamente inexistente e ainda com a preservação e manutenção das tradições comunitárias e a

defesa ecológica do ambiente.

A agro-pecuária, o suporte de uma grande percentagem da população, requer a melhoria dos regadios tradicionais e das pastagens a rotatividade das culturas como forma de garantir a qualidade da batata de semente, uma cuidada selecção das raças, privilegiando a raça autóctone barrosã (cuja qualidade de carne são sobejamente conhecidas) e a taurina, com vista ao aumentada produção de leite.

Depois de nos despedirmos de uma conversa informal e amigável, só interrompida pelos numerosos telefonemas inadiáveis, ficou-nos, assim, uma imagem de desenvolvimento e coragem da Câmara de Montalegre na modernização e recuperação deste concelho cheio de potencialidades.

JUNTA DE FREGUESIA DE VIADE

As condições geográficas e climatéricas do concelho de Montalegre, geraram desde outrora uma organização comunitária baseada na ajuda mútua como forma de subsistência, a qual ainda hoje confere à região de Barroso, características etnográficas e culturais de extremo significado. O boi do povo, o forno do povo, o rego da rega, os moinhos, os coutos, os baldios, as vezeiras, certos trabalhos agrícolas são, ainda hoje, instituições culturais comunitárias. A tradicional chega de bois continua ainda hoje a ser a manifestação cultural mais concorrida e mais frequente no concelho.

Das Festas e Romarias são de referenciar algumas das mais tradicionais: o Sr. da Piedade na Vila de Montalegre, a Sr.^a da Saúde em Vilar de Perdizes, a Sr.^a do Pranto em Salto, a Sr.^a da Natividade no Cortiço, a Sr.^a da Vila de Abril em S. Pedro, o S. Domingos de Morgade, a Sr.^a da Saúde de Friães e o S. Pedro de Venda Nova, entre outras.



Cooperativa Agrícola dos Produtores de Batata para Semente de Montalegre

TELEFONE, N.º 52253

5470 MONTALEGRE

SECÇÃO BATATA-SEMENTE

PRODUZ E COMERCIALIZA BATATA PARA SEMENTE DE ALTA QUALIDADE, GARANTIDA COM CERTIFICADO PASSADO PELOS TÉCNICOS DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA.

SECÇÃO DE COMPRA E VENDA

FORNECE AOS SEUS ASSOCIADOS TODOS OS FACTORES DE PRODUÇÃO E UTENSÍLIOS AGRÍCOLAS. RECEBE CENTEIO, MILHO E CASTANHA.

SECÇÃO DE PECUÁRIA

MÚTUA DE GADO BOVINO (SEGURO DE ANIMAIS), RECOLHA DE LEITE, CRIAÇÃO DE UM SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA VETERINÁRIA. INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL.

FUTURAMENTE COMERCIALIZAÇÃO DE CARNE DE VITELA BARROSÃ A DA MELHOR QUALIDADE DO MUNDO.

SECÇÃO DE TRANSPORTES

Um caminho a percorrer

A CIC-84, Feira Comercial e Industrial de Coimbra, que integrou a II Bienal de Vinho e II Bienal da Mateira, tornou-se já, como assinalaram os seus organizadores, um importante factor económico com repercussões a nível nacional e mesmo internacional. Com efeito dada a sua dimensão, tanto pelo número de expositores como visitantes e a apresentação de excelentes produtos dos mais diversos sectores de actividade, o impacto deste certame não se limitou apenas à região de Coimbra fazendo-se assim sentir por todo o País. Visitaram esta CIC cerca de 360 mil visitantes — 600 profissionais — sendo o maior recorde de sempre.

A CIC foi visitada pelo Presidente da República, pelo presidente da Câmara de Lisboa, ministro da Indústria e Tecnologia entre outros membros do Governo que assim reconheceram a importância do acontecimento, revelador das potencialidades regionais e nacionais.

Uma das maiores fábricas de Coimbra esteve ausente neste certame. Tivemos, no entanto, a oportunidade de aceitar o convite há muito feito pelo dr. Murta e visitamos a TERMEC que começando em 1959 com o fabrico de caldeiras de vapor, hoje possui 4 divisões, caldeiras, Têxtil, Indústria Alimentar e Tratamento de Água. Da longa conversa tida com o dr. Murta, constatámos que para a TERMEC, as portas do Mercado Comum não são um dilema mas sim o impor de um caminho — reforçar o Capital e ir em frente.



• TERRAR

Mais uma vez presente neste certame, este ano com um stand bastante maior o que nos deu a possibilidade de ver quatro bonitos modelos de cozinha. O Modelo VENEZA, novidade que muito êxito teve por parte do público em geral, e na

verdade a cozinha sonhada por todas as donas de casa, moderna bonita e funcional. A TERRAR tem sede em Raso de Paredes em Agueda e tem 70 trabalhadores. Neste momento, possuem ainda agentes em todo o país. Ao falar com João Fernandes, director comercial da TERRAR, constatámos mais uma vez que a crise é patente: fazer cobranças

é cada vez mais difícil, os nossos clientes cada vez atrasam mais as datas de pagamento.

Estamos preparados para entrar na CEE, diz-nos João Fernandes, mas precisamos é que as entidades oficiais deem incentivo ao investimento, o que não acontece. Não temos facilidades de importação de matérias-primas que não temos em Portugal. Sem estas, será difícil trabalharmos e fabricar cozinhas de nível Europeu. As principais matérias-primas que utilizamos são — pinho, mogno, madeiras exóticas provenientes das antigas colónias portuguesas, os apliques em latão.

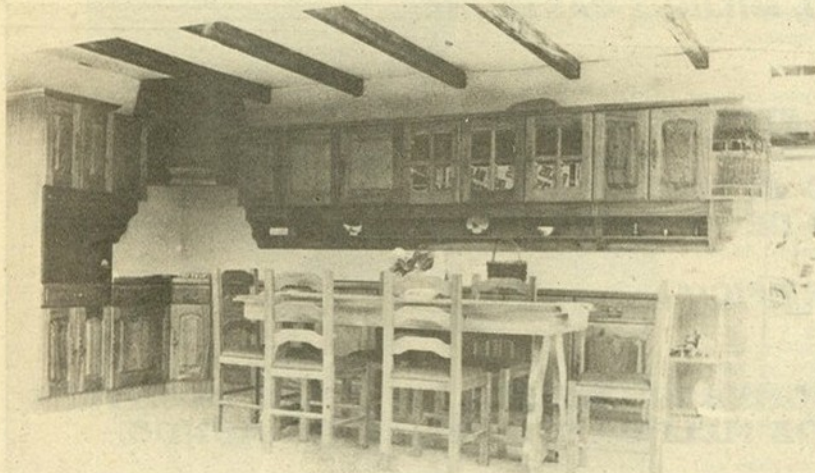
• HORALAR — Grandes armazéns de electrodomésticos

A «HORALAR» — Comércio de Artigos Eléctricos e Electrodomésticos — tem a sua sede social bem como os seus armazéns, na estrada de Eiras em Coimbra e dedica-se ao comércio, por grosso, de electrodomésticos e produtos afins.

Gerida por António Marques Amaro, Alvim Isidoro Ferreira, Maria Isabel Oliveira e Sérgio Ferreira a HORALAR, de harmonia com um plano de

HORALAR

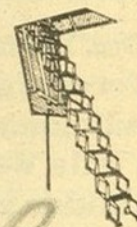
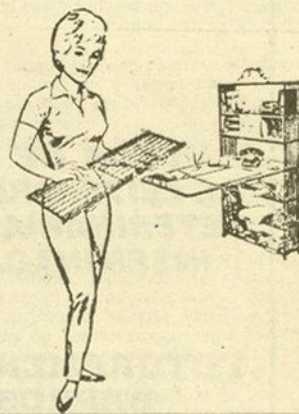
COMÉRCIO DE ARTIGOS ELECTRICOS ESTABELECIMENTOS, LDA



SEDE: Estrada de Eiras Apartado 499 — 3008 Coimbra Codex — Portugal
Telef: 35136 PPCA (4 linhas) Telex: 52316 HORA P



ESTANTES • ESCADAS



Expre

PATENTEADAS

EXPRES — Empresa Portuguesa de Móveis Desmontáveis, Lda

Telefones { 380659
314623

Calçada de Monchique, 15 A a 17
PORTO

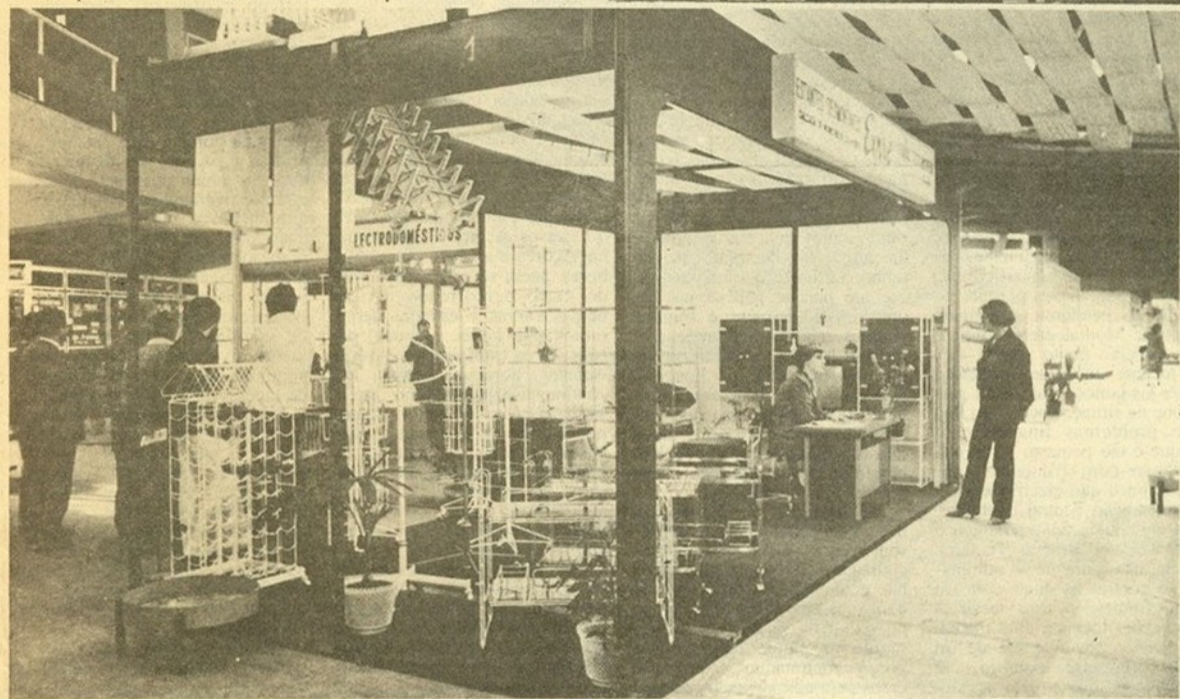
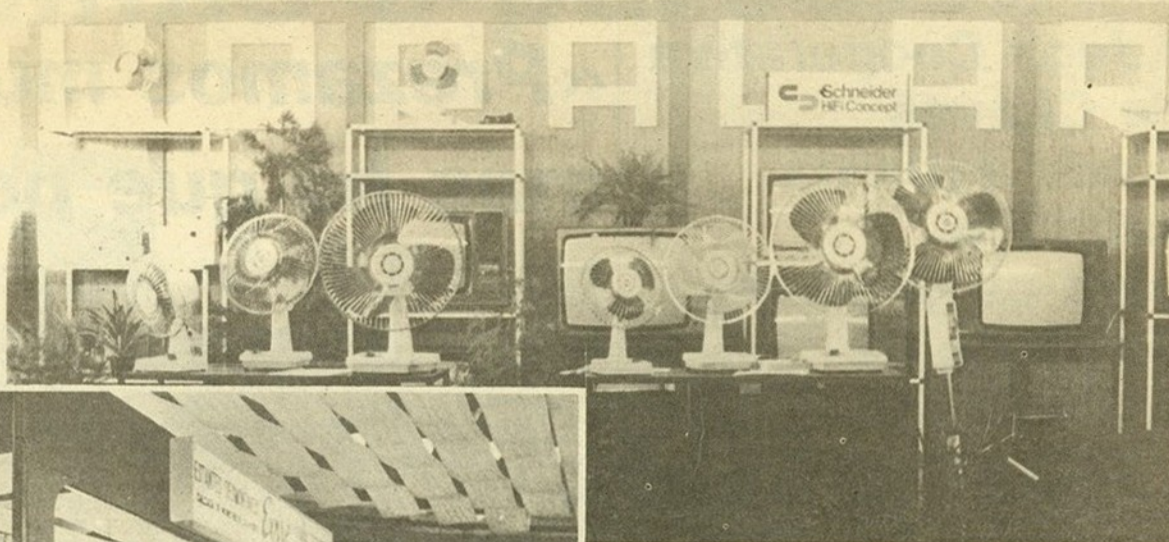
desenvolvimento cuidadosamente elaborado, tem registado um espectacular crescimento, estando hoje fortemente implantada em toda a Região Central, bem como numa parcela significativa da Região Norte, como atestam os seus quase mil e quinhentos clientes.

O crescimento da empresa e a procura de uma cada vez melhor funcionalidade é, no dizer do gerente executivo, Marques Amaro, uma constante da vida da empresa, consubstanciada há pouco tempo na montagem de uma rede automática de telefone e telex e de meios informáticos actualizados, que a par de uma moderna oficina de assistência técnica, permite cada vez com maior prontidão e eficiência

servir os seus clientes.

Ao comemorar mais um aniversário, a HORALAR promoveu um grande concurso entre todos os seus clientes e fará sortear entre eles três viagens a países da Europa, estreitando ainda mais, prossegue o Marques Amaro, os laços de amizade que, desde sempre, têm pautado as relações entre eles e a HORALAR. Aliás, o grande número de clientes que têm visitado os quatro pavilhões que a HORALAR mantém em exposição na CIC 84 em Coimbra é também, prova disso.

Algumas dificuldades do dia-a-dia, como sejam a cada vez mais difícil cobrança junto de alguns clientes e o inexistente apoio das entidades



oficiais bem como da Banca a este tipo de actividade, exigem um esforço suplementar sob o ponto de vista financeiro, que temos no entanto, conseguido saber vencer.

Relativamente ao futuro, na opinião do responsável pela HORALAR, a empresa continuará a considerar como seus objectivos principais os que sempre orientaram a estratégia da firma: sobreviver, prosperar, satisfazer cada vez mais e melhor os seus clientes e distribuir rendimentos, proporcionando a par disso melhores condições de trabalho aos seus cerca de vinte colaboradores efectivos. No que diz respeito ao sector em si, o Marques Amaro considera que, para conquista definitiva do prestígio que lhe é devido, deverá ser banida a forte concorrência desleal que é movida por empresas que não possuem a mínima

organização profissional.

● **EXPRES**
— **Empresa Portuguesa de Móveis Desmontáveis, Lda.**

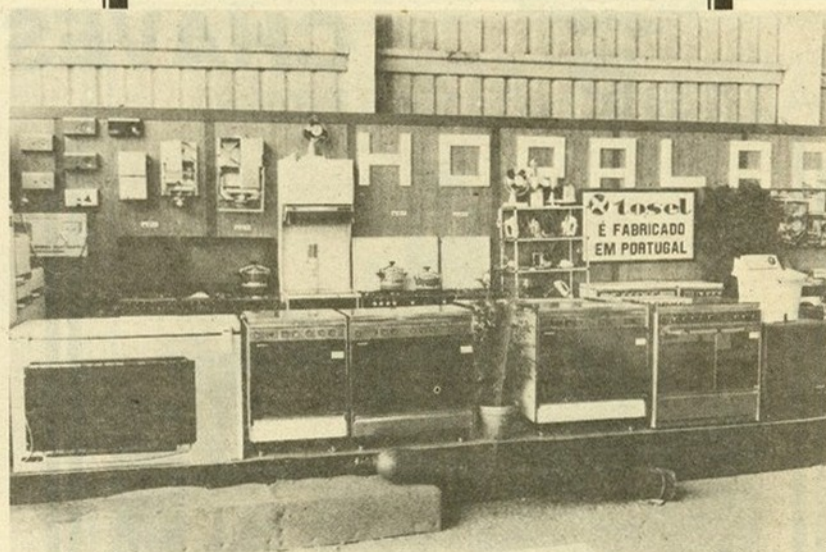
Com sede no Porto, é a maneira fácil e económica de mobilar uma casa, escritório ou oficina.

Os móveis EXPRES, são os ideais para as casas modernas, adaptáveis às necessidades e ao espaço, em escritórios ou fábricas, são funcionais. Entre as muitas vantagens é notável a de se poder modificar a decoração de qualquer destes espaços, podendo de um momento para o outro alterar a disposição dos móveis sob o ponto de vista da altura, largura ou espessura.

Quanto ao certame em si, o sr. Teixeira, disse-nos que os resultados não eram maus, mas que seriam muito melhores se a empresa que lidera vendesse directamente ao público.

INDÚSTRIAS METALÚRGICAS TERRAR, LIMITADA

INDÚSTRIAS METALÚRGICAS TERRAR, LIMITADA



RASO DE PAREDES ✕ TELEFS. 62181-63003 — APARTADO 47 ✕ 3751 ÁGUEDA Codex

Adega Cooperativa de Chaves ainda aguarda subsídio para as geadas de 1981 e 82

A COOPERATIVA Agrícola de Chaves surge-nos na deliciosa paisagem flaviense como um dos motivos de atracção, quer pelo seu esplêndido edifício sede, quer como unidade agro-industrial de apreciável valor económico e regionalista, sendo, de resto, uma das melhores de Trás-Os-Montes.

A adega cooperativa de Chaves é formada por várias secções: adega, secção frutícola, secção de compra e venda, ainda em formação e secção de lacticínios.

Esta tem a finalidade de saber quais são os problemas que existem na zona em que está implantada, problemas que infelizmente não se vêm resolvidos ao longo dos anos, porque ainda não houve o «pontapé de saída» para os problemas agrícolas. Fala-se muito nas necessidades que a agricultura tem, nos problemas dos agricultores, mas as promessas não se cumprem. Um caso recente, por exemplo, muito concreto relativamente à Cooperativa de Chaves é o caso das geadas de 1981 e 1982, consideradas catastróficas principalmente na parte de vinhos, em que a produção tem vindo a acumular problemas.

A direcção da Adega Cooperativa fez várias diligências e exposições e teve inclusive audiência com os responsáveis, não só a nível regional mas também a nível governamental onde o problema foi posto com toda a realidade. Foi dito à direcção que a cooperativa iria receber, por motivo da geada e excepcionalmente um subsídio de cerca de 10 mil contos para enfrentar estas dificuldades. Por parte do ministro houve esta garantia; entretanto, como sabemos na altura das eleições as coisas estão todas resolvidas, mas com a mudança do governo já ninguém sabia de nada.

«Embora tivesse dito que estava tudo despachado e encaminhado, o que é certo no fim ninguém tinha conhecimento de nada. Conclusão, o problema não foi resolvido, criando-nos dificuldades enormes», afirmou a «o País» o presidente da Cooperativa. E concluiu: «Esse facto levou-nos a recorrer às reservas da Secção Adega, valor de 16 mil contos, que os associados ainda pudessem vir a receber uma liquidação de 12500 em quilo. É claro que esses 12500 representam para o associado uma má campanha».

Presidente da Câmara de Chaves:

«Prezamos muito a pureza mas há que pensar também

«Há uma reivindicação a nível distrital e com um pedido à administração central do concelho de Montalegre, sobre a abertura da fronteira no concelho», conseguiu por nos afirmar o presidente de Câmara de Chaves.

«Evidentemente que eu reconheço o direito de Montalegre reivindicar a fronteira e o que quiserem, só que Montalegre também tem que compreender que Chaves não estará de acordo pelo facto de ter uma fronteira secular cujo peso se faz sentir na sua economia. E, por isso mesmo é tristeza nossa não podermos apoiar a reivindicação de Montalegre». No entanto, se Montalegre realisticamente reivindicar o posto fronteiriço para servir as populações porque não há dúvida nenhuma, a comunicação de Montalegre é difícil, é um concelho muito grande. Nós no tocante ao posto fronteiriço apoia-los-íamos, mas enfim penso que na situação actual do País com problemas financeiros e porque é tão pequeno e tão pulverizado com fronteiras, não acreditamos que efectivamente a administração central contemple essa reivindicação», adiantou o eng. Manuel Branco Teixeira.

«Se naturalmente a administração central os dotar com um posto fronteiriço para servir as populações locais é uma medida de alcance social e até de um certo interesse comum. Se pensar — o que eu não acredito — na fronteira formal, Chaves opor-se-á com muita tristeza porque temos muita simpatia pelo povo de Montalegre».

A saúde é outro dos problemas prementes de Chaves. «A nível do hospital de Chaves não há dúvida nenhuma que é uma bellissima unidade. Realmente nós precisamos de uma unidade desta natureza e com este equipamento. Tem havido muitas dificuldades, principalmente humano. Ainda é difícil às pessoas habituarem-se às grandes cidades, permanecerem na província. Penso que futuramente isso vai acontecer, porque a classe média já sente determinadas dificuldades nos meios grandes e que vão colaborar na descentralização do país, procurando a província e procurando o ar puro. Vai demorar, mas eu tenho confiança que isso aconteça, até porque não se justifica para os hospitais centrais, quando simples continuam a ser levados para os hospitais centrais, quando efectivamente os hospitais regionais estão bem equipados. Claro que compreendo que num hospital que abriu há seis meses não funcionem em pleno e principalmente por falta de poder central».

«O hospital de Chaves tem necessidade de adquirir mais pessoal menor, mais pessoal especializado. Efectivamente não o há, e também os problemas financeiros deste país reflectem-se no sector da saúde, e principalmente na saúde da província porque continuamos a ser esquecidos pela administração central. Falou-se nas últimas eleições até, através das duas pessoas mais responsáveis, nomeadamente o sr. primeiro-Ministro e

o sr. vice-primeiro-Ministro que diligenciaram no sentido de serem pagos os custos».

«Na verdade, depois do Orçamento Geral do Estado não vimos que efectivamente fôssemos contemplados com esses custos. Temos lutados contudo que se consignem na lei geral do país e ainda não o conseguimos nós vemos que efectivamente foi consignada a insularidade. Não temos dúvidas que os Açores e Madeira necessitam de receber esses custos, mas naturalmente seria muito mais justo que pagassem os custos de escolaridade dado que estamos mais isolados do que os Açores e a Madeira. Os Açores e a Madeira em duas horas põem-se em Lisboa, nos de carro percorrendo perigosas curvas e estradas demoramos sete horas, ninguém nos subsidia os transportes nas zonas isoladas, portanto a nossa luta continuará a incidir sobre a sensibilidade ao Governo Central no sentido de nos pagar esses custos, porque até pagamos os materiais de construção e os factores de produção virados à agricultura mais caros que noutras regiões do País, o que não se compreende».

«Se realmente houvesse justiça, as outras zonas do país pagariam a electricidade que nos produzimos mais cara do que nós, isso era justificável porque nós para abrimos um quilómetro de estrada municipal ou uma vala para esgotos ou para água custam dez vezes mais do que no centro e sul do país. Porque a constituição do nosso subsolo é

muito rochoso, abre-se muito mais facilmente um quilómetro de estrada em terra do que se abrem 50 metros em rocha e os custos são impossíveis».

«Temos uma topografia do terreno e orografia diferentes, praticamente não fazemos obras nenhuma em que não sejamos obrigados a introduzir uma obra de arte, que hoje têm custos extraordinários. Portanto, tudo se justifica, para que efectivamente eles olhem para este Norte do País e para as verbas que não dão, e venham em nosso apoio, que efectivamente as populações têm direito a viver com dignidade e com que vivem as outras, nomeadamente as do litoral e das grandes cidades. Parece-me nestas dificuldades económicas-financeiras que o País atravessa, os sacrifícios devem ser igualmente divididos por todos, mas continuamos a ver uma profusão de tapetes de asfalto nas grandes cidades, nomeadamente viradas ao Algarve. Eu digo Algarve porque a nossa classe política continua a rumar ao Algarve para passar férias; era melhor que viessem para o Norte onde o ar é muito mais puro, e enquanto se disputam pequenas verbas para dotar estas populações com o mínimo de infra-estruturas e qualidade de vida que há muito necessitam».

«Esta é a minha opinião pessoal e ao fim e ao cabo a população também sente aquilo que eu sinto. Efectivamente parece-me que a classe política tinha toda a razão em apoiar as populações pois têm sido dumha coerência

do nosso ar no desenvolvimento»

muito transparente e têm muitas qualidades de trabalho e ao contrário do que acontece à beira das grandes cidades, nomeadamente nas zonas de fronteira com o litoral e para o Algarve, aqui os empresários têm muitas dificuldades em obtê-los. As razões não as compreendo».

«Só me detenho numa suposição é que a de que a administração central tenha que ter isto como reserva ecológica. Efectivamente prezamos muito a pureza do nosso ar, mas o desenvolvimento desta região não de compadecer com o imobilismo da administração central e sobretudo com o empregar dinheiro para que a estância termal de Vidago e Pedras Salgadas e outras, nomeadamente Chaves procurem ter as infra-estruturas que dignifiquem quem procure essas mesmas instalações. Como digo sem acessos não acreditamos que efectivamente os turistas nos procurem e deixem aqui as suas divisas».

Amarradas à Sópete

«Paralelamente a esse facto reputamos de importância extraordinária a concessão de jogo para o Alto do Tâmega. Pedras Salgadas tem casino, tem condições de jogo só que se fez o 25 de Abril para acabar com os monopólios e eles subsistem. Inacreditavelmente, a Sópete tem o monopólio do jogo a Norte do País. As câmaras municipais têm reivindicado efectivamente, e com muita insistência, o jogo para esta zona com recusas sucessivas. Pensamos que o

Desenvolvimento de Turismo, mas enquanto os processos burocráticos se resolvem imediatamente para o litoral e para o Algarve, aqui os empresários têm muitas dificuldades em obtê-los. As razões não as compreendo».

«Só me detenho numa suposição é que a de que a administração central tenha que ter isto como reserva ecológica. Efectivamente prezamos muito a pureza do nosso ar, mas o desenvolvimento desta região não de compadecer com o imobilismo da administração central e sobretudo com o empregar dinheiro para que a estância termal de Vidago e Pedras Salgadas e outras, nomeadamente Chaves procurem ter as infra-estruturas que dignifiquem quem procure essas mesmas instalações. Como digo sem acessos não acreditamos que efectivamente os turistas nos procurem e deixem aqui as suas divisas».

«Paralelamente a esse facto reputamos de importância extraordinária a concessão de jogo para o Alto do Tâmega. Pedras Salgadas tem casino, tem condições de jogo só que se fez o 25 de Abril para acabar com os monopólios e eles subsistem. Inacreditavelmente, a Sópete tem o monopólio do jogo a Norte do País. As câmaras municipais têm reivindicado efectivamente, e com muita insistência, o jogo para esta zona com recusas sucessivas. Pensamos que o

jogo era, até certo ponto, o motor dinamizador do sector turístico nesta região, porquanto toda esta vasta Galiza procurava vir jogar a Pedras Salgadas onde se determinasse que devia ficar o casino. Inconceivelmente temos que estar amarrados à Sópete que não tem interesse nenhum em fazer aqui nada, o que lhe interessa sobretudo é manter e desenvolver o jogo na Póvoa do Varzim. Okala os nossos governantes não só se lembram de nós nos actores eleitorais. Precisamos que eles se lembrem a toda a hora e a todo o momento de Trás-Os-Montes, das Beiras que têm sede de desenvolvimento e que efectivamente não precisariam de lutar por uma vida digna: a obrigação da administração central que tem que ver os filhos deste país com os mesmos olhos».

«Não me sinto, nem de perto nem de longe, satisfeito: uma obra municipal nunca se acaba. Temos procurado há 8 anos a esta parte fazer uma gestão equilibrada, temos procurado que o dinheiro seja investido reprodutivamente para a comunidade que representamos. Não serei eu a pessoa mais indicada para falar desses aspectos, mas julgo que as Câmaras Municipais, a partir da responsabilidade dumha eleição democrática e directa têm produzido trabalho que não se produziu durante 50 anos de regime anterior. Evidentemente que isto tem custos e sobretudo na comodidade e na saúde das autarquias que felizmente me parece, são na generalidade res-

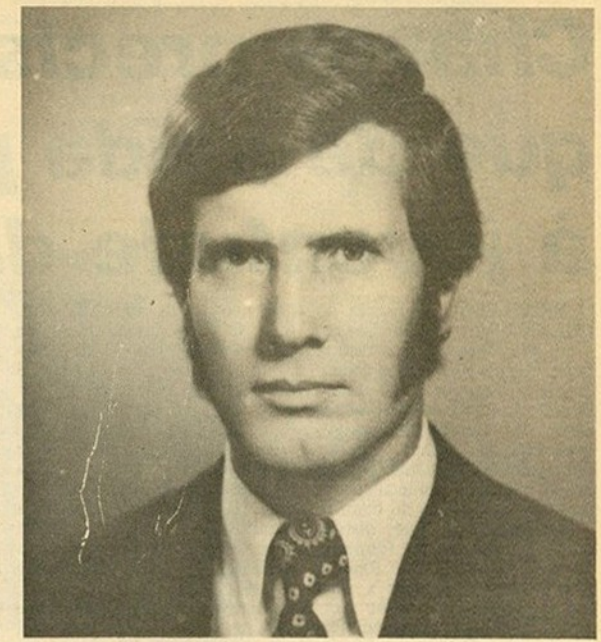
ponsáveis e tem muito em conta que a política é um serviço à comunidade, ao contrário do que acontece em Lisboa».

«Parece-me a mim que os homens de Lisboa, nomeadamente a classe política, fala menos em planos de desenvolvimento deste País, para se debruçar somente nos congressos e nos seminários em pessoas. E a luta pelo poder que me parece que não tem razão de ser quando temos um povo carenciado do mínimo indispensável para uma vida digna. Parece-me também as dificuldades da implantação sólida dumha democracia leva muitos anos, mas se efectivamente a classe política procurar lutar menos pela sua promoção e atende-se mais e evocasse o nome do povo não demagogicamente, concerteza estaríamos numa situação diferente daquela em que nos encontramos».

«Eu só faço votos que o bom senso imperie e que efectivamente se atenda mais ao povo, à comunidade que a classe política representa, e menos às pessoas. Quanto à carência de unidades hoteleiras no concelho de Chaves temos procurado um desenvolvimento no sector das termas e conseguimos aquilo que há muitos anos necessitamos: a construção de um hotel junto do balneario das termas, que está a ser construído e que nos vai permitir o termalismo ao longo do ano».

«É nosso objectivo a transformação do Forte de S. Francisco numa pousada de nível nacional. Além disto, temos necessidade de outras unidades hoteleiras e principalmente que a sociedade proprietária de Vidago, Pedras Salgadas e Melgaço sejam concedidos créditos a juros comportáveis com as possibilidades da empresa para que se recupere todo o património por que as unidades hoteleiras estão num estado de degradação. O custo das obras sobem em flecha, os dinheiros são cada vez menos, porque ao aumento da autonomia financeira das verbas atribuídas às autarquias, não sequer acompanha as percentagens das inflações anuais. A administração central tem de ter a noção exacta das dificuldades».

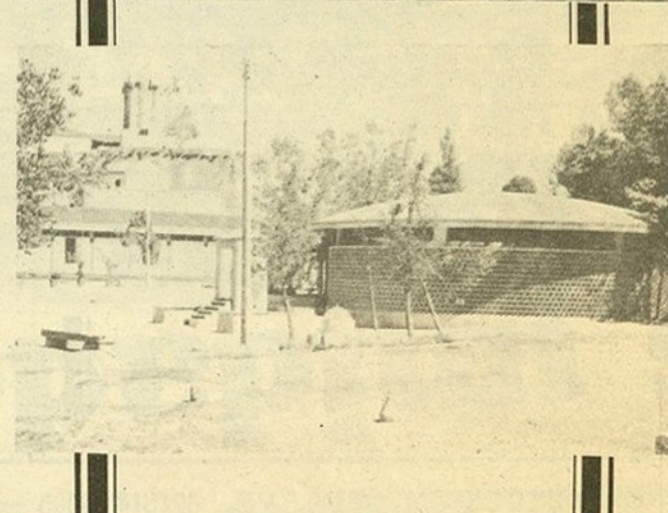
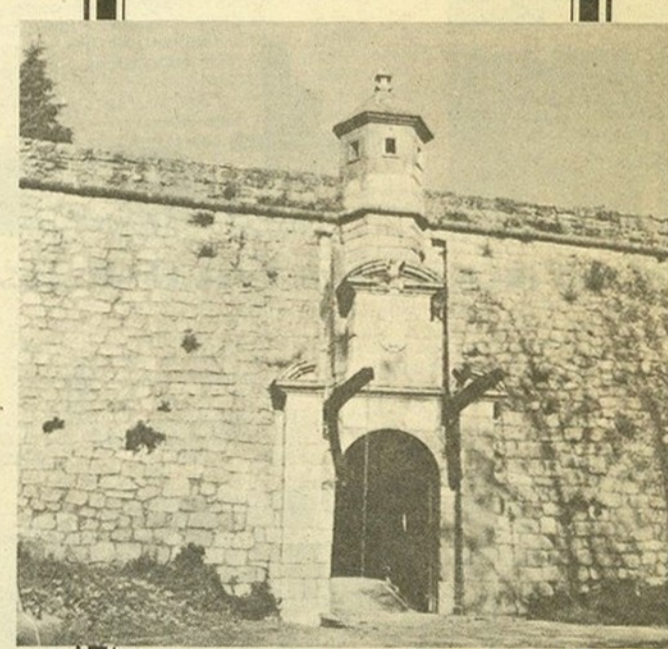
«Se queremos um poder local forte como por exemplo Suécia e Dinamarca que já têm percentagens de 60% para as autarquias não podemos continuar com os 18%. A administração local é o motor do desenvolvimento de um país».



Chaves

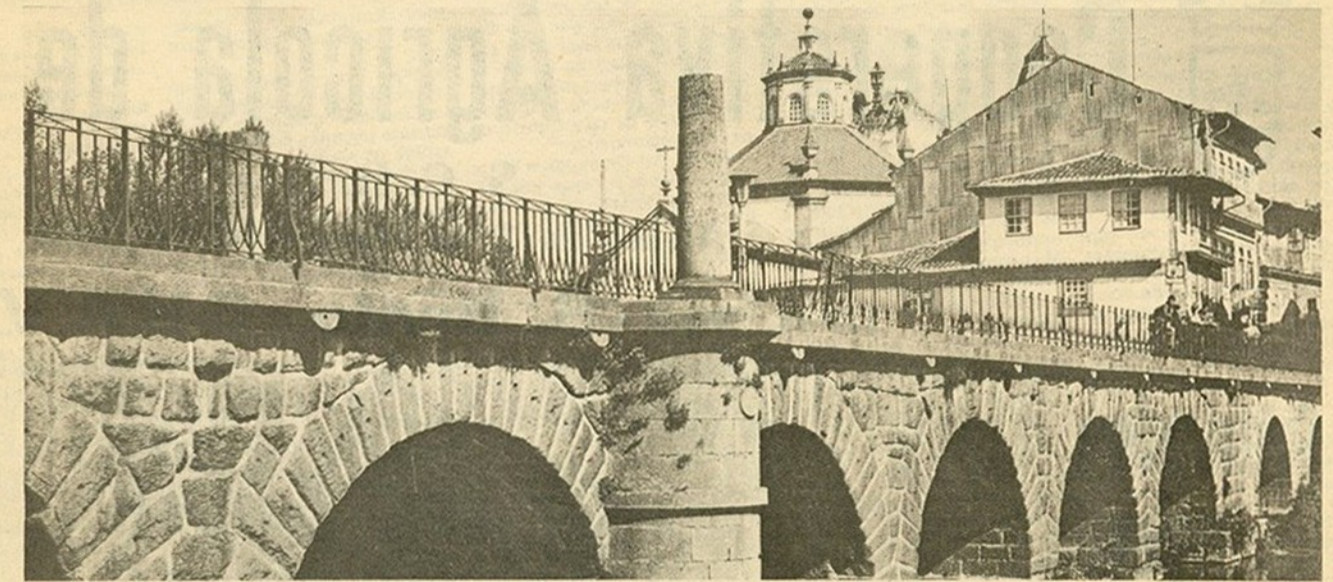


VISITE A CIDADE DE CHAVES



19. Julho.1984

Chaves



NAS SUAS FÉRIAS VISITE-NOS

19. Julho.1984

Chaves precisa de uma escola que dê saída profissional à juventude da região

O PROBLEMA da Escola do Magistério Primário de Chaves é um problema que se arrasta à muito tempo. Começa a enquadrar-se a partir de 1979 com o Decreto-Lei 513 do governo de Maria de Lurdes Pintassilgo, que cria o ensino superior politécnico. A comissão do ensino superior politécnico vai presidir nas capitais do distrito.

Acontece que este distrito tem duas escolas de formação de professores, Vila Real e Chaves. A de Chaves é uma escola irremediavelmente perdida. Na altura, a Assembleia Municipal, a Câmara e o Magistério contestaram o próprio decreto. Foi um protesto em vão: as coisas correram, o Governo caiu, veio outro Governo, outros Governos e nada se resolveu em relação ao assunto.

Ultimamente com a fase de instalação das Escolas Superiores de Educação, concretamente com a escola de Vila Real, o problema da escola de Chaves repõe-se como um problema importante a resolver. Processou-se o concurso para os mestrados, a escola de Vila Real tem as suas instalações prontas e pensa-se que entrará em funcionamento em 1985-86. Isto implica a extinção desta escola, mas acontece que é a maior do distrito em frequência e população escolar.

Segundo o dr. Benjamim Ferreira, da Escola do Magistério «nós consideramos que acabar com esta escola é uma injustiça social, mas é evidente

que não temos alternativas na mão. O sr. ministro, através de um despacho em 30 de Maio deste ano, cancelou a admissão de alunos à escola do Magistério Primário de Chaves, Vila Real, Lamego, Viana do Castelo, etc. A pretexto desse despacho nós fizemos uma manifestação de rua, salvo erro em 10 de Junho, em cuja manifestação, com o apoio da câmara, nós pedíamos que esta decisão do ministro fosse revista.

«É evidente que o problema está resolvido. Temos garantias que admitiremos 50 alunos em 84-85, mas não passam de garantias verbais, os exames vão decorrer em 10, 11 e 12 de Setembro e nós, nesta altura, ainda não temos nenhuma certeza do qual vai ser o futuro da escola. É evidente que isto cria gravíssimos prejuízos na orgânica da escola e a população da região está seriamente preocupada.

«De Chaves a Vila Real são cerca de 70 quilómetros, não é a distância em si mas é o alojamento em Vila Real é tudo aquilo que uma família tem que dispender para que um filho possa frequentar um curso de nível médio, nem sequer um curso superior. Em Chaves não existe outra escola de formação média, portanto extinta a escola do magistério ficamos só com o ensino primário, preparatório, unificado e ensino complementar. Os nossos jovens terão que deslocar-se para Vila Real, Porto, Coimbra ou Lisboa, isto



em termos de custos sociais é difícil, em termos de formação profissional para a região eu considero também muito grave.

«A escola de Chaves em 10 anos de funcionamento, já que foi fundada em 1974, formou cerca de 900 professores, o que para uma região como esta é muitíssimo bom, apesar da absorção do mercado profissional dos professores estar saturado temos consciência disso a nível regional, mas não está a nível nacional. Acontece que muitos jovens da nossa escola estão presentemente a trabalhar na zona da Grande Lisboa e sobretudo na zona sul. Na zona norte poucos, e concretamente na sua região também estão poucos alunos a trabalhar, poucos ex-alunos da Escola do Magistério.

«Em conclusão, que é que nós pretendemos? Se a escola fechar, que se crie uma alternativa à escola. Isto não implica que seja uma escola de formação de professores, pode ser uma escola de enfermagem, uma escola agrícola, algo que responda às necessidades da região. O nosso ponto forte é mantermos nesta cidade de Chaves uma escola de nível médio ou superior que dê saída à juventude que acaba o liceu, para ter acesso a outro tipo de cursos de formação que lhes proporcione um futuro mais ou menos risonho. Esta região é muito desfavorecida, carenciada, uma região desprotegida do poder central. Braga mantém a sua escola do magistério e

Guimarães também, e entre Braga e Guimarães há uma distância de 20 kms.

«Numa região como esta, carenciada e desprotegida, Chaves fecha a sua escola, Vila Real passa a escola superior e Bragança também passa a escola superior. Isto não tem sentido. Até porque Chaves é a região escolar mais populosa de todo o Nordeste e quem afirma isto são técnicos do ministério. Entre Vila Real, Bragança e Chaves, Chaves é a cidade que tem maior população escolar e é um tipo de razões que se poderiam induzir para a manutenção da escola como uma certa estabilidade do corpo docente, diria mesmo uma certa qualidade de trabalho que se tem produzido nesta escola e contra nós temos um factor fundamental, que são as instalações péssimas.

«A escola funciona num edifício que já foi antiga escola primária, antiga escola industrial e hoje é um edifício que serviria para tudo menos para uma escola, está degradado, é acanhado não tem condições de funcionamento e a autarquia ainda não tem alternativas na mão, porque eu penso que se tivéssemos uma alternativa de instalações teríamos um maior poder reivindicativo. Veremos o que é que o ministro decide; ele está convidado para visitar Chaves, esperemos que se convença de que esta região necessita duma escola de formação de professores ou de outra escola que dê saída profissional à juventude».



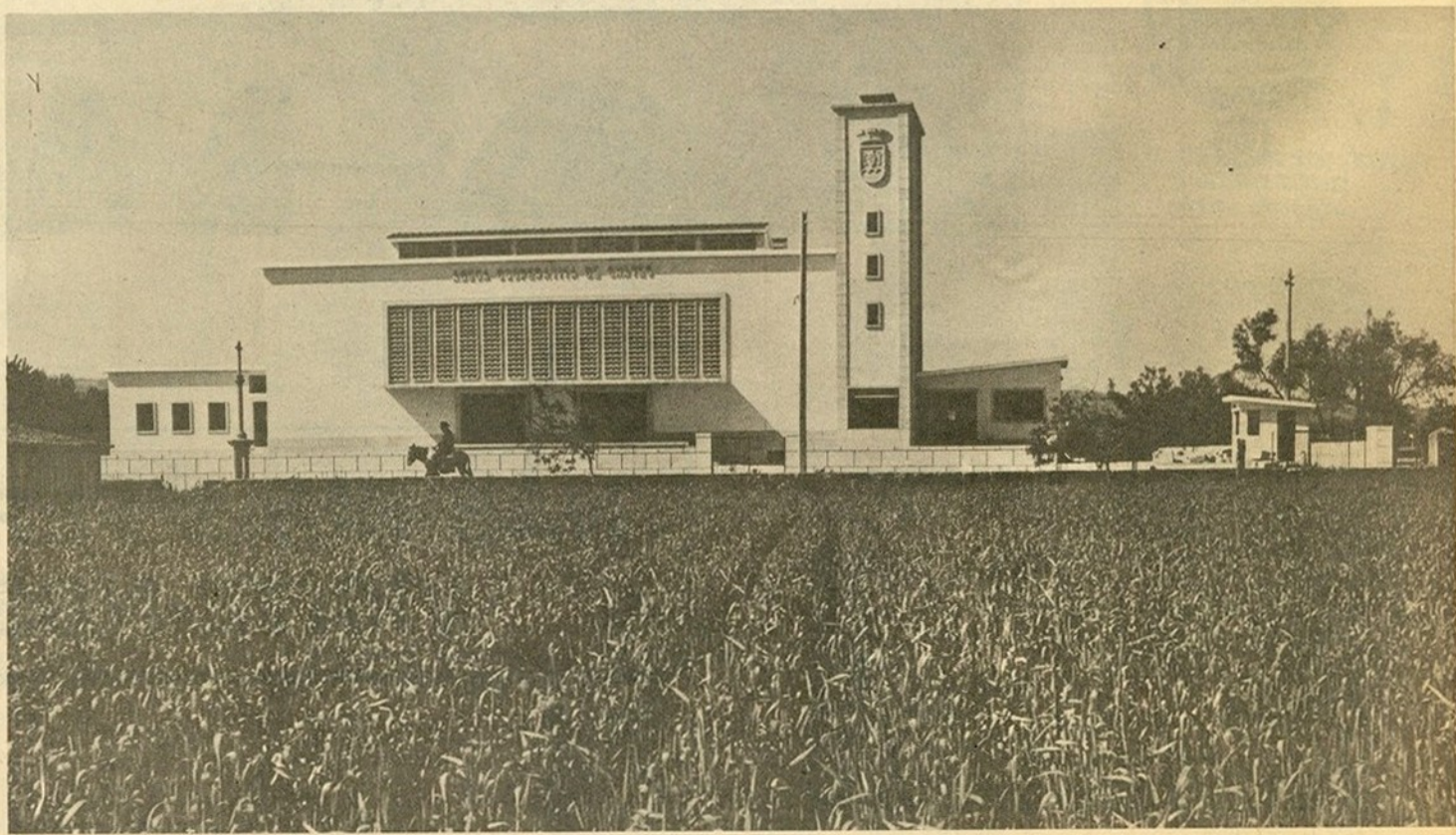
Cooperativa Agrícola de Chaves

S. C. R. L.

Alvará de 7 de Novembro de 1964

Telef. 393 - S. Bento - CHAVES

Continuadora
regional
das
actividades
da Adega
Cooperativa
de
Chaves





Futebol: Campeonato 84/85

O FUTEBOL aí está. A bola vai começar a saltitar com todo o fascínio e sortilégio. A vibração, o entusiasmo, o fervor clubista e a emoção vão regressar às bancadas dos grandes estádios e ao redor dos demais rectângulos. Terminado o período de férias, os jogadores (e técnicos) começam a regressar aos seus locais de trabalho, seguindo-se o período de adaptação e preparação até que, no dia 26 de Agosto, comece a girar a «roda» do mais dominante acontecimento do desporto português, ao

inciar-se o campeonato n.º 51 do nosso historial. Uns na procura do título, outros com objectivos mais modestos e alguns mais com a preocupação de não serem afastados do escalão primário do «association» cá do burgo. O Benfica parte com a responsabilidade de ostentar os doirados galardões, Porto e Sporting a tentar o ceptro e os demais a pensar em «na Europa» ou nem tanto. Um voto: que seja um campeonato marcado com o «ferrete» do «fair play».

CALENDÁRIO o País



Árbitro: a dura missão

1.ª JORNADA 16.ª

F.C. Porto-Rio Ave
Sp. Braga-Boavista
Vizela-Benfica
Belenenses-V. Setúbal
Sporting-V. Guimarães
Penafiel-Ac. Coimbra
Varzim-Farense
Portimonense-Salgueiros

2.ª JORNADA 17.ª

Rio Ave-Portimonense
Boavista-F.C. Porto
Benfica-Sp. Braga
V. Setúbal-Vizela
V. Guimarães-Belenenses
Ac. Coimbra-Sporting
Farense-Penafiel
Salgueiros-Varzim

3.ª JORNADA 18.ª

Rio Ave-Boavista
F.C. Porto-Benfica
Sp. Braga-V. Setúbal
Vizela-V. Guimarães
Belenenses-Ac. Coimbra
Sporting-Farense
Penafiel-Salgueiros
Portimonense-Varzim

4.ª JORNADA 19.ª

Boavista-Portimonense
Benfica-Rio Ave
V. Setúbal-F.C. Porto
V. Guimarães-Sp. Braga
Ac. Coimbra-Vizela
Farense-Belenenses
Salgueiros-Sporting
Varzim-Penafiel

5.ª JORNADA 20.ª

Boavista-Benfica
Rio Ave-Setúbal
F.C. Porto-V. Guimarães
Sp. Braga-Ac. Coimbra
Vizela-Farense
Belenenses-Salgueiros
Sporting-Varzim
Portimonense-Penafiel

6.ª JORNADA 21.ª

Benfica-Portimonense
V. Setúbal-Boavista
V. Guimarães-Rio Ave
Ac. Coimbra-F.C. Porto
Farense-Sp. Braga
Salgueiros-Vizela
Varzim-Belenenses
Penafiel-Sporting

7.ª JORNADA 22.ª

Benfica-V. Setúbal
Boavista-V. Guimarães
Rio Ave-Ac. Coimbra
F.C. Porto-Farense
S. Braga-Salgueiros
Vizela-Varzim
Belenenses-Penafiel
Portimonense-Sporting

8.ª JORNADA 23.ª

V. Setúbal-Portimonense
V. Guimarães-Benfica
Ac. Coimbra-Boavista
Farense-Rio Ave
Salgueiros-F.C. Porto
Varzim-Sp. Braga
Penafiel-Vizela
Sporting-Belenenses

9.ª JORNADA 24.ª

V. Setúbal-V. Guimarães
Benfica-Ac. Coimbra
Boavista-Farense
Rio Ave-Salgueiros
F.C. Porto-Varzim
Sp. Braga-Penafiel
Vizela-Sporting
Portimonense-Belenenses

10.ª JORNADA 25.ª

V. Guimarães-Portimonense
Ac. Coimbra-V. Setúbal
Farense-Benfica
Salgueiros-Boavista
Varzim-Rio Ave
Penafiel-F.C. Porto
Sporting-Sp. Braga
Belenenses-Vizela

11.ª JORNADA 26.ª

V. Guimarães-Ac. Coimbra
V. Setúbal-Farense
Benfica-Salgueiros
Boavista-Varzim
Rio Ave-Penafiel
F.C. Porto-Sporting
Sp. Braga-Belenenses
Portimonense-Vizela

12.ª JORNADA 27.ª

Ac. Coimbra-Portimonense
Farense-V. Guimarães
Salgueiros-V. Setúbal
Varzim-Benfica
Penafiel-Boavista
Sporting-Rio Ave
Belenenses-F.C. Porto
Vizela-Sp. Braga

13.ª JORNADA 28.ª

Ac. Coimbra-Farense
V. Guimarães-Salgueiros
V. Setúbal-Varzim
Benfica-Penafiel
Boavista-Sporting
Rio Ave-Belenenses
F.C. Porto-Vizela
Portimonense-Sp. Braga

14.ª JORNADA 29.ª

Portimonense-Farense
Salgueiros-Ac. Coimbra
Varzim-V. Guimarães
Penafiel-V. Setúbal
Sporting-Benfica
Belenenses-Boavista
Vizela-Rio Ave
Sp. Braga-F.C. Porto

15.ª JORNADA 30.ª

Farense-Salgueiros
Ac. Coimbra-Varzim
V. Guimarães-Penafiel
V. Setúbal-Sporting
Benfica-Belenenses
Boavista-Vizela
Rio Ave-Sp. Braga
F.C. Porto-Portimonense

Quadro de honra

Em 50: Benfica vence vinte e seis

CAMPEONATO DA LIGA

		J	V	E	D	B	P
1934-35	F. C. PORTO	14	10	2	2	43-19	22
1935-36	BENFICA	14	8	5	1	44-23	21
1936-37	BENFICA	14	12	0	2	57-13	24
1937-38	BENFICA	14	10	3	1	34-16	23

CAMPEONATO NACIONAL DA I DIVISÃO

		J	V	E	D	B	P
1938-39	F. C. PORTO	14	10	3	1	57-20	23
1939-40	F. C. PORTO	18	17	0	1	76-21	34

1940-41	SPORTING	14	1	2	1	58-23	23
1941-42	BENFICA	22	19	0	3	74-34	38
1942-43	BENFICA	18	15	0	3	74-38	30
1943-44	SPORTING	18	14	3	1	61-22	31
1944-45	BENFICA	18	14	2	2	79-26	30
1945-46	BELNENSES	22	18	2	2	74-24	38
1946-47	SPORTING	26	23	1	2	123-40	47
1947-48	SPORTING	26	20	1	5	92-40	41
1948-49	SPORTING	26	20	2	4	100-35	42
1949-50	BENFICA	26	21	3	2	86-33	45

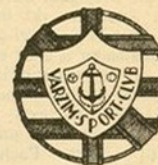
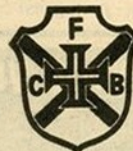
1950-51	SPORTING	26	21	3	2	91-28	45
1951-52	SPORTING	26	19	3	4	91-32	41
1952-53	SPORTING	26	19	5	2	77-22	43
1953-54	SPORTING	26	20	3	3	80-25	43
1954-55	BENFICA	26	18	3	5	61-20	39
1955-56	F. C. PORTO	26	18	7	1	77-20	43
1956-57	BENFICA	26	17	7	2	75-25	41

1957-58	SPORTING	26	19	5	2	79-21	43
1958-59	F. C. PORTO	26	17	7	2	81-22	41
1959-60	BENFICA	26	20	5	1	75-27	45

1960-61	BENFICA	26	22	2	2	92-21	46
1961-62	SPORTING	26	19	5	2	66-17	43
1962-63	BENFICA	26	23	2	1	81-25	48
1963-64	BENFICA	26	21	4	1	103-26	46
1964-65	BENFICA	26	19	5	2	88-21	43
1965-66	SPORTING	26	18	6	2	70-21	42
1966-67	BENFICA	26	20	3	3	64-19	43
1967-68	BENFICA	26	18	5	3	75-19	41
1968-69	BENFICA	26	16	7	3	49-17	39
1969-70	SPORTING	26	21	4	1	61-17	46

1970-71	BENFICA	30	18	5	3	62-17	41
1971-72	BENFICA	30	26	3	1	81-16	55
1972-73	BENFICA	30	28	2	0	101-13	58
1973-74	SPORTING	30	23	3	4	96-21	49
1974-75	BENFICA	30	21	7	2	62-12	49
1975-76	BENFICA	30	23	4	3	94-20	50
1976-77	BENFICA	30	23	5	2	67-24	51
1977-78	F. C. PORTO	30	22	7	1	81-21	51
1978-79	F. C. PORTO	30	21	8	1	70-19	50
1979-80	SPORTING	30	24	4	2	67-17	52

1980-81	BENFICA	30	22	6	2	72-15	50
1981-82	SPORTING	30	19	8	3	66-26	46
1982-83	BENFICA	30	22	7	1	67-13	51
1983-84	Benfica	30	24	4	2	86-22	52





Alves Henriques

A propósito da rescisão de contratos

Justa causa ou causas injustas?

PEGOU a moda dos profissionais de futebol se desvincularem dos clubes empregadores alegando entre outras razões «falta de condições psicológicas». Na presente temporada, vários tomaram os que renunciaram ao contrato apoiando-se em tal cláusula que consta de uma Portaria regulamentadora das relações entre empregados (futebolistas) e entidade patronal (clubes) elaborada no «calor de 1975» mas com a expressa obrigatoriedade de ser revista no prazo de um ano. Por conveniência (?) dos primeiros e instabilidade dos segundos o citado documento continua a vigorar sem qualquer revisão que aliás fora determinada por entidade governamental. Quem é o psicólogo com o saber bastante para averiguar a veracidade da «queixa» do trabalhador? E ou não possível ser o próprio trabalhador a criar essas situações de incompatibilidade para renunciar ao cumprimento laboral? Duas questões que podem ser associadas a muitas mais. Foi Jorge Pacheco, Valério (do Espinho) e também Norton de Matos. Isto quanto a confissões feitas pelos autores e que são do conhecimento público, já que a «balbúrdia» e anarquia, que vamos conhecendo, evidencia a existência de muitos mais casos semelhantes. E chegamos ao ponto de haver profissionais a assinarem, na mesma época, contratos-promessas com dois e mais clubes. Uma vergonha. E quando jogadores de craveira internacional vêm para a Imprensa dizer que

aqueles papéis não têm qualquer valor?... Gostariamos de continuar a ter pela profissão de futebolista o maior apreço, só que, o comportamento de muitos fez abalar esse sentimento. A orgânica futebolística segue ao ritmo de tudo o resto neste país. Anarquia e algo bastante mais grave que todos vamos sabendo e sentindo. No domínio do futebol nenhuma entidade procura corrigir os deslizes, os hiatos e os defeitos de uma estrutura caduca. Nem o ministério, nem a secretaria de Estado, nem a DGD, nem a Federação, nem associações. Todos esses órgãos responsáveis (?) assistem a «rebeldaria» (desculpe-se-nos a grosseria da expressão) de mãos nos bolsos e cérebro em repouso. Desinteresse ou incompetência? Cremos que ambas as coisas. Uma vergonha o que se vai passando. E vergonha maior por se consentir ter em determinados cargos pessoas sem capacidade para os ocupar com dignidade e eficiência. Outros e grandes culpados são os clubes que não conseguem constituir um parceiro social a quem fosse endossada a responsabilidade de moralizar uma situação imoral e atentatória das relações entre trabalhadores pagos a peso de diamantes e clubes (patrões) arruinados. Vem agora o sr. João Rocha afirmar que estabeleceu (mais uma) aliança com o sr. Fernando Martins para ambos darem torça para reanimação da «Liga



«Não tenho condições psicológicas para continuar nas Antas».

dos Clubes» que julgamos ter nascido e ficado repentinamente em coma profundo. De imediato seis clubes a norte do Mondego saltam a terreiro e apressadamente reúnem em Braga com igual sentido. Que mais é necessário para passar o atestado da insuportabilidade aos vários (certamente que não a todos) dirigentes colocados nas cadeiras directivas dos clubes? Será possível conceber uma Liga sem união? Nós, ingenuamente, pensamos (convictamente) que não. **O «caso Jaime Pacheco inspira proposta»** Como é sabido, o futebolista do F.C. do Porto Jaime Pacheco estava (e cremos que ainda estará) vinculado ao clube

portista, já que o seu contrato de trabalho cessava em 31 de Julho de 1985. Inesperadamente resolveu assinar documento vinculativo com o Sporting Clube de Portugal comprometendo-se a iniciar actividade neste clube no próximo dia 1 de Agosto. Justa causa terá sido invocada pelo trabalhador para renunciar ao contrato que ainda o ligava (e cremos que ainda ligará) à colectividade nortenha. Um caso análogo a outros mais. Dessa situação, nasceu uma proposta recentemente trazida pela Associação de Futebol do Porto à assembleia geral da Federação e que é do seguinte teor: «1. O jogador que ao abrigo da Portaria de Regulamentação do Trabalhador dos jogadores profissionais de futebol rescinda o seu contrato de trabalho com

o clube a que se encontra vinculado, invocando ou não justa causa, apenas poderá ser utilizado em jogos oficiais por outro clube, quer como profissional quer como amador, ainda que com este tenha celebrado um contrato como profissional desde que se verifique uma das condições seguintes: a) — Desde que apresente na FPF documento passado pelo clube com o qual rescindiu o contrato, certificando que nada lhe é devido em consequência da mesma rescisão; b) — Desde que, por motivo da rescisão, tendo havido litígio com recurso aos órgãos jurisdicionais da FPF, ou aos tribunais do Trabalho, tenha havido sobre o mesmo decisão transitada em julgado e o jogador faça prova de que lhe deu cumprimento; c) — A presente disposição terá aplicação a partir da época de 1984-85, e aplicava-se nos casos de rescisões de contratos que tenham tido ou venham a ter lugar e que se destinavam a vigorar nesta época ou nesta e seguintes». Uma atitude que classificariamos de moralizante se tomada noutras circunstâncias e que não deixasse transparecer qualquer suspeição quanto à causa da sua «apressada» apresentação. Trata-se, no entanto, de matéria que recomenda serena meditação ainda que se nos atigire conteúdo bastante aligeirado para a gravidade dos casos que vêm sucedendo. Será o mote para o tema. Haja quem o aprofunde, estude e resolva.

SEM VALIDADE. O documento depois de lhe serem averbadas as várias cláusulas contratuais foi assinado pelas partes contratantes e levado ao notário para o reconhecimento legal. Quando qualquer pessoa coloca a sua assinatura e ao levantar o bico da esferográfica fica vinculada. Questão de honra. Se assim não fizer actua de má fé para o que há fundamentos legais para incriminação. Não estamos a revelar qualquer originalidade nem a matéria foi agora incluída nos códigos que estabelecem as normas da coexistência das pessoas na sociedade.

TODOS nos recordamos que no dia 8 de Abril o Boavista (representado pelo seu dirigente maior Valentim Loureiro) e o profissional de futebol Fernando Chalana celebraram um contrato de trabalho. Para além dos outorgantes, o documento foi assinado pela D. Anabela Chalana que, pelo seu punho acrescentou o termo «estou de acordo e solidária». A cláusula 8.ª estabelece a penalização «para o outorgante que não viesse a cumprir o contrato o valor do mesmo contrato ou seja 24 mil contos para reparação dos prejuízos causados pelo seu incumprimento».

Depois, surgiu o «affaire» Fernando Martins-Chalana e este mudou de ideias tendo posteriormente surgido por parte dos dirigentes do SLB afirmações de que o futebolista nada tinha a pagar ao Boavista. As monstruosidades jurídicas surgem com alguma constância mas temos o dever de acreditar na Justiça mesmo quando duvidamos da honra e da moral de certas pessoas, pelo que, aquelas afirmações ainda que feitas por alguns indivíduos que tenha saído com diploma de qualquer Faculdade de Direito careceram do nosso acordo, porque fica-nos a convicção de que antes do julgamento não há

O caso Chalana-Boavista e os «códigos de honra»

sentença. A essa extemporânea afirmação junta-se agora a da D. Anabela Chalana quando afirma ao «Record» que «aquele papel azul não tinha validade nenhuma». Os compromissos não se cumprem apenas porque se actua de má fé. Será crime com premeditação? Pensamos que sim e isso será matéria agravante. Admitimos o incumprimento deste ou daquele dever mas desde que existam situações inesperadas que determinem essa involuntária falta, mas no caso em apreço as razões são bem diferentes. Trata-se dum caso entre dois outorgantes (Boavista e Chalana) e errado será associar a este ditendo o Sport Lisboa e Benfica a menos que algum dos seus dirigentes tenha aconselhado o futebolista a procedimento contrário às leis e à Moral. Nesse caso — no qual, repetimos, não acredita-



Chalana já está em Bordéus, enquanto o Boavista aguarda o cumprimento da honra do seu compromisso

mos — então está tranqueado o reino da desonra. Um processo que iremos seguir com cuidada atenção para melhor nos identificarmos com as normas que

regem a nossa integração num país onde os juizes constituem pedras básicas no apoio da estrutura que se deseja cada vez mais sólida. Só que...

Hóquei em patins: Benfica persiste na «teimosia»

AINDA não foi desta que o Benfica quebrou a tradição. Desde o tempo dos tabulosos Barata, Cruzeiro, Lisboa, Perdigão e mais alguns excelentes artistas da arte de bem patinar com taco na mão e bola a girar, que o clube benticuista tem mantido orgulhosas tradições no hóquei em patins português conquistando elevado número de títulos e sendo um dos principais «abastecedores» das diversas seleções portuguesas que ao longo dos últimos trinta anos tem vindo a somar êxitos para glória da modalidade e orgulho de todos nós. No

entanto, nenhuma das tortes equipas que o Benfica vem tendo conseguiu conquistar qualquer título europeu. No passado sábado viu escapar-se a soberana oportunidade de não deixar partir para Espanha a Taça das Taças. Havia que recuperar a diferença de dois golos referentes ao «quatro-seis» sofrido frente ao Réus no encontro da primeira «mão», todavia, e depois de ter conseguido esse objectivo chegando ao «dois-zero», os benticuistas (comandados pelo mais categorizado técnico do hóquei em patins português) baquearam surpreen-



Posição de luta, de sofrimento e de ensinamento. É assim que sempre tem estado Torcato Ferreira. Foi nesta posição que orientou a sua equipa (o Benfica) no passado sábado, mas o Réus não deixou escapar a oportunidade de levar a Taça.

dentemente frente ao seu opositor e foram derrotados por 5-4. O Pavilhão da Luz estava repleto de gente, de entusiasmo, de vibração, de crença e de esperança. Os aplausos foram a constante vinda das bancadas. Debalde. A desilusão manteve-se. Novamente a tradição. Uma atenuante neste caso: Torcato Ferreira tinha sofrido momentos antes rude golpe ao conhecer a morte de uma irmã e a tristeza e a dor ocupavam, por certo, aquele punhado de técnicos e atletas. E uma razão bastante para que a Taça fosse na bagagem dos hoquistas espanhóis. Daqui o nosso abraço de muita solidariedade para o magnífico treinador do Sport Lisboa e Benfica e quanto aos seus comandados o nosso apreço por terem chegado ao jogo derradeiro da difícil e prestigiosa competição.

Sexta coluna

- **CRISE DIRECTIVA** na Associação de Voleibol de Lisboa. Já por duas vezes que foram marcadas datas para entrega de listas com vista à eleição de corpos gerentes sem que tenham surgido candidatos. A situação tem-se vindo a agravar, e o presidente da Assembleia Geral acaba de dirigir uma circular a todos os clubes no sentido de resolverem a crise, estabelecendo o prazo limite até 30 do corrente e alertando os filiados (clubes) de que as eleições estão marcadas para 16 de Agosto «mesmo que, como das vezes anteriores, não seja apresentada qualquer lista». Um evidente sintoma de desinteresse dos clubes quanto à modalidade. Situação que se lamenta. E se condena com suprema veemência.
- **CERTAMENTE** por se haver chegado à conclusão de que em tempos recentes se cometeu a levandade de formar uma equipa com jogadores de idade irregular, vem, a Federação Portuguesa de Futebol, comunicar e alterar os clubes e associações para o que sobre o efeito se encontra determinado pela regulamentação internacional. Assim temos:
 - **JUNIORES:** Terem a idade mínima completada de 16 anos na data da entrada da inscrição na Associação, sem terem completado ainda 18 anos antes de 1 de Agosto dessa época.
 - **JUVENIS:** Terem a idade mínima completada de 14 anos na data da entrada da inscrição na Associação sem terem completado ainda 16 anos antes de 1 de Agosto dessa época.
 - **INICIADES:** Terem a idade mínima completada de 12 anos na data da entrada da inscrição na Associação, sem terem completado ainda os 14 anos antes de 1 de Agosto dessa época.
- **ISTO É TUDO UMA MAFIA.** Quem o afirma é o futebolista Festas ex-Sporting e que ora está inscrito pelo Sp. de Braga. Os termos utilizados e que foram escritos na «Gazeta dos Desportos» aqui ficam para meditação de todos: «no futebol uma pessoa tem que se dar bem com Deus e com o Diabo. Temos de saber estar no futebol porque isto é uma mafia, desde jogadores, dirigentes até árbitros.» De comentários, sentimo-nos dispensados.
- **CHEGOU E DISSE.** O sr. Alberto Rebelo que afirma ter sido adjunto do mestre Otto Glória chegou a Portugal e de pronto emitiu este parecer: «os cursos que cá fazem são uma brincadeira. Se uma pessoa é conhecida do futebol, arranja-se tudo para passar. Se se é um estranho... E depois há quem assiste a metade do curso e traga o diploma para casa.» A mensagem fica à consideração dos diplomados em Portugal, dos sindicatos da profissão e naturalmente de outras entidades, porque o sr. Rebelo chegou e... disse.
- **MEIRIM** terá fracassado em Moçambique? Ele diz que não e nós acreditamos, só que tarda a estabilização do técnico que em tempos não muito distantes nos fez crer na sua competência. Ou será competente e inconstante?
- **ACUSAÇÃO** vem do futebolista Simão recentemente saído do Agueda. Diz ele: «o presidente tratou-me como um cão.» Ao que nos consta, o futebolista teria ido ao clube com o propósito de receber certos débitos. Com o galgar da crise económica vai aumentando a crise educacional e de respeito. No futebol e demais actividades deste país. Bolas para isto!

APARTAMENTOS VIEIRA
SÓ DORMIDAS
CAMARATE Telef. 2573206

Arbitragem do futebol

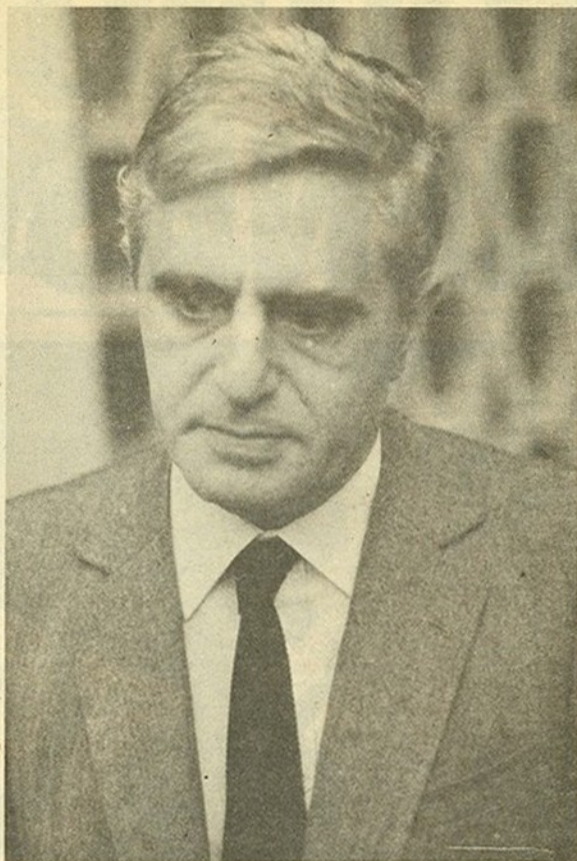
Para quando a «vassourada»?

MOSQUITOS por cordas no Conselho Nacional de Arbitragem da Federação Portuguesa de Futebol. Realmente aquele departamento da nossa estrutura futebolística anda a carecer de decisiva «varridela». Em certos dirigentes, talvez um ou outro funcionário e quanto a árbitros e delegados técnicos a limpeza há muito que tarda. Recentemente foi divulgada a classificação dos árbitros das diferentes categorias do quadro nacional e logo surgiram os brados discordantes, vindos, naturalmente, dos classificados na parte final da pauta. Com mais vigor, «saltou» o grito de protesto de Setúbal por discordância quanto à posição (8.º lugar) atribuída ao seu filiado Carlos Valente.

OUTROS casos de comissões distritais se vieram a revelar com semelhantes argumentos. Surgiu depois o Graça Oliva árbitro que durante muitos anos pertenceu aos quadros de Lisboa, mas que por interesses que ninguém ignora solicitou (e conseguiu) a transferência para a «distrital» de Leiria ainda que continuasse sediado em Loures. Os dirigentes que consentiram tal «habilidade» procederam erradamente e abriram um precedente extremamente perigoso: Viriato Oliva, que na época passada havia sido pontuado na modesta 26.ª posição da escala de valores, foi agora colocado na posição número vinte entre os trinta e cinco elementos do mesmo quadro. O árbitro Viriato Graça Oliva que um dia foi nomeado internacional, e naturalmente queremos continuar a pensar que terá sido exclusivamente pelo valor que os responsáveis lhe terão reconhecido e de forma alguma por razões marginais, estava, assim, irremediavelmente despromovido dessa categoria. Obviamente contestou e utilizou certas armas por nós bem conhecidas concedendo algumas entrevistas utilizando o

tom de vítima de determinado dirigente como se as classificações fossem da sua autoria.

Escolheu o idóneo, insuspeito e vigorosamente personalizado Porfírio Alves, ao qual dirigiu acusações que certamente terá de desmentir. O árbitro Graça Oliva deveria sobretudo reconhecer as suas limitações como árbitro e aceitar com dignidade e aprumo as decisões dos seus dirigentes tomadas em função do parecer dos delegados técnicos que semanalmente o vão observando e pontuando. Não escolheu o rumo da humildade que em tempo recente fez ressaltar em entrevista concedida ao seu admirado e respeitado companheiro de profissão Cruz dos Santos (A Bola). Deixou cair a máscara? De humilde passou a vaidoso? É um fenómeno generalizado daqueles que não cultivam o sentimento da humildade a partir do berço ou dos que após ostentarem riqueza material quebram a coluna da respeitabilidade. Em obediência aos regulamentos da arbitragem o árbitro Oliva perde a qualidade de internacional, porque em duas épocas consecutivas é classificado entre os menos ca-



Pinto de Sousa é desde sempre um dirigente desportivo que merece o respeito de todos os intervenientes do espectáculo futebolístico. Estará suficientemente identificado com as questões que afectam o sector de que é responsável?

pazes, no entanto, temos que lhe reconhecer o defeito de contestar a classificação tanto mais que o Conselho Técnico veio agora reconhecer de que houvera equívoco quanto aos seus colegas de Setúbal Carlos Valente que entretanto e por via dos confessos lapsos passara de 8.º para 3.º e assim merecer os galões de internacional. Não está em causa portanto contestar ou criticar as decisões que o Viriato Graça Oliva entenda tomar na defesa dos seus direitos, mas a forma escolhida como actuou. Acusou, denunciou e prometeu outras atitudes. É errada forma de coexistir? E os telhados de vidro? Já escutam por aí tanta coisa. Santo Deus!...

Os membros do Conselho de Arbitragem onde se situam os nossos admirados Pinto de Sousa, Porfírio Alves e Porém Luis, tiveram a dignidade bastante para, publicamente, viem confessar o lapso quanto às «contas» feitas nos relatórios e que conduziram à errada classificação de Carlos Valente, mas não lhe poderemos outorgar qualquer desculpa pelo erro, porquanto, cumpre-lhes, ao emitir um comunicado, proceder ao mais detalhado estudo para que não levante a mínima dúvida ou suspeição. E não é usual tecerem-se elogios ao responsável pelos serviços do Conselho? A propósito dos serviços internos, caberá perguntar quem transmite informações para o exterior? Não será caso para o sr. Pinto de Sousa mandar proceder a rigoroso inquérito quanto à denúncia de

assuntos que são do foro da confidencialidade? E o dr. Silva Resende ilustre advogado e presidente da FPF não tem conhecimento desses casos graves que ocorrem dentro da esfera do executivo? É ou não verdade que o sr. Cesar Grácio superintendente também nos domínios do departamento da arbitragem? Muitas questões a exigir «vassourada» de métodos e de pessoas.

A arbitragem pretende-se (e exige-se) uma causa fincada na moralização, mas, o que se sabe, o que se diz e o que se consta não aponta nesse trajecto. Os exemplos são constantes e elucidativos.

Depois das contestações do árbitro Oliva veio também o sr. António Rodrigues colocar o cutelo sobre a cabeça do dirigente (digno de inquestionável honorabilidade) Porfírio Alves apenas porque foi classificado na cauda da classificação. É possível que outros sigam estes maus exemplos menos o sr. Evaristo Faustino (de Leiria, distrito onde trabalha e reside) que assumiu esta honrada e aplaudida posição: «Desce e pronto; agora terei novamente de subir». Que bela atitude.

E já agora uma pergunta: no dia 10 de Abril confessava ao «Record» o sr. Pinto de Sousa de que «temos recebido por parte dos árbitros denúncias de tentativas de suborno». Para quando a denúncia das denúncias? Ficamos a aguardar pela resposta que se impõe. Ou terá sido uma afirmação gratuita?

A.H.

Simões: um «europeu» e «magriço» que veio para (não) ficar

FOI «MAGRIÇO» e também campeão europeu quando ao serviço do Sport Lisboa e Benfica fez parte da excelente equipa que no Estádio Olímpico de Amsterdão confirmou o triunfo obtido no ano anterior (em Berna) ao derrotar, categoricamente, o fabuloso Real Madrid que vencera as cinco primeiras edições da «Copa da Europa». Seu nome: António SIMÕES da Costa. Quando agora se designa Fernando Chalana como pequeno genial é bom que se diga que Simões não era mais alto do que o «canhoto» do Barreiro e nada lhe ficava a dever em génio, arte, talento e tecnicismo e quanto a brio e dignidade profissional Simões foi inultrapassável.



SIMÕES: «Tenho contrato em Las Vegas por mais um ano»

Ainda que a alteração política não tenha sido determinante, cremos que teve alguma coisa a ver com a sua ida para os Estados Unidos em 1975, onde continuou a sua carreira de futebolista de singulares recursos e por lá tem ficado no desempenho das funções de treinador, tendo dirigido várias equipas entre elas o San José que recentemente venceu o Sporting. Simões encontra-se de férias no seu (e nosso) país e por força do reconheci-

mento das suas notáveis qualidades tem sido assediado para ficar através de solicitações de diversos clubes, mas, segundo nos disse, as condições oferecidas não são (por razões distintas) tentadoras para rescindir o contrato de treinador que o vincula ao Phoenix de Las Vegas (válido até 31 de Julho do próximo ano) ainda que disponha de uma cláusula que lhe permite desvincula-

ção no caso de ser convidado para actuar fora dos EUA.

Simões, que foi inquestionavelmente um dos mais brilhantes artistas da arte futebolística e que assumiu frontalmente (e com personalidade bem vincada), algumas situações contrárias aos interesses da classe que representava, talvez seja um dos homens com quem José Torres gostaria

de contar para seu colaborador na selecção nacional, só que terá chegado a Portugal um pouco tarde em relação as «demarques» necessariamente feitas pelo actual responsável do nosso futebol a nível de selecções. Consta-se que mesmo assim, tivesse sido referido e sondado o que Simões desmente dizendo que a sua vinda a Portugal se fundamentou somente no desejo de passar férias com os seus familiares e reviver alguns dos bons amigos que por cá conta. Acreditamos que Simões mantenha a humildade que sempre o caracterizou até mesmo na altura em que dispôs de uma cadeira em S. Bento (nas bancadas do CDS) quando foi eleito deputado em representação dos nossos emigrantes. Nessa altura foi uma decisão de certa coragem o que reforça a forte personalidade do actual treinador de futebol do Phoenix de Las Vegas e que anteriormente estivera na Califórnia, no Texas e outros Estados.

António Simões está entre nós e tem passagem de regresso aos EUA marcada para o próximo dia 27. Mas será que não vai ser «forçado» a ficar por cá? Contem com o nosso voto.

BREVES BREVES BREVES

A «Briosas» aí está

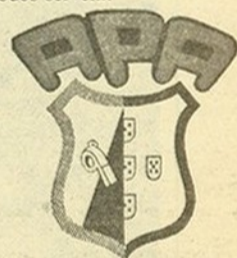


O jornal «O Árbitro» enaltece as nossas colunas

A BRIOSA voltou. Depois de alguns anos os «Pardalitos do Choupal» — velha e feliz citação da autoria do nosso velho amigo (muito firme, leal e franco) e mestre (de competência universalmente reconhecida) VITOR SANTOS respeitado chefe de redacção de «A BOLA» andaram com o emblema do CAC ao peito. Na próxima época, e a coincidir com o elogiável e festivo regresso dos estudantes de Coimbra ao escalão máximo do nosso futebol, aí teremos os futebolistas da Lusa Atenas com o símbolo da velha AAC bem agarrado às suas honradas camisolas.

Motivo de regozijo para todos quantos estão agarrados à mística da velha Académica. Daqui saudamos a decisão dos associados da grande colectividade.

Aquele abraço ao nosso estimado amigo e velho companheiro das velhas bancadas de Imprensa VIEIRA DE CARVALHO, hoje director do jornal «O Árbitro» — órgão da Associação Portuguesa de Arbitros — por, no n.º 25 daquele apreciado órgão informativo, haver transcrito dois artigos que aqui publicamos subordinados aos títulos: Futebol: há subornos na arbitragem? e outro que titulámos «E... Arrivistas Falhados». Agradecemos a distinção e formulamos votos para que «O Árbitro» e todos os árbitros dignifiquem a causa sobre que todos servem.



Maradona: rei de Nápoles

DIEGO Maradona chegou a Nápoles e teve honras de vedeta singular que certamente ultrapassaram as «marcas» da popularidade que conquistou depois de ter abalado da Argentina para a Europa. É a força do futebol.

5 MARAVILHOSAS 5 EXCURSÕES
 AVIÃO E AUTOPULLMAN
CIRCUITO DOS TRÊS ALPES 14 DIAS
 PARTIDAS A 29 DE JUNHO E 13 DE SETEMBRO

SUIÇA E ALEMANHA ROMANTICA
SUIÇA E AUSTRIA
SUIÇA, AUSTRIA E JUGOSLAVIA 8 DIAS
SUIÇA, ITALIA E AUSTRIA

Partidas: 12, 19 e 26 JULHO - 2, 9, 16, 23 e 30 AGOSTO - 6 SETEMBRO

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES DESDE 1840 PEÇA NOS PROGRAMAS DETALHADOS

abreu
 LISBOA - Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341
 LISBOA - Avenida de Roma, 66 - B - Tel. 803609
 LISBOA - Estrada de Benfica, 451 - C - Tel. 742180
 PORTO - BRAGA - GUIMARÃES - COIMBRA - CASCAIS
 ALMADA - FARO - PORTIMÃO - FUNCHAL

Ahaz 35 - OPERADOR TURÍSTICO

RÁDIO RENASCENÇA

GRAFIDEC

TODOS OS ANOS

Líder
Em cada dia, todos os dias.
De cada ano há já seis anos.

RÁDIO RENASCENÇA à frente em ONDA MÉDIA
(População maior de 12 anos)

CANAL	AUDIÊNCIA		
	MAXIMA	REGULAR	VÉSPERA
RÁDIO RENASCENÇA-O. M.	1.422.000	830.000	739.000
RÁDIO COMERCIAL-O. M.	1.389.000	809.000	727.000
ANTENA I-O. M. e F. M.	853.000	428.000	393.000

Estudo de Meios NORMA, Abril/Maio 1984

RÁDIO RENASCENÇA
A rádio que se ouve *mais!*



ASSIM, na recta final, a minha última semana. Foi uma alegria estar aqui todas as semanas. O tempo é de mudança e também preparo arduamente aquela revista que, tenho a certeza, fará as delícias dos meus fiéis leitores. Outubro o grande acontecimento editorial. Aguardem pela minha vez. Mesmo que as tempestades surjam. Que vou continuar bem lá no cimo só para variar...

Nesse aspecto poderia revelar imenso. Mas como diz o ditado, eu gosto muito de citar: -o último a rir...-

SEGUNDA-FEIRA — Não tenho gargalhadas, como poderiam ser sorrisos?

Uma semana agitada. Pouco tempo para respirar verdadeiramente.

Olho por este país, e aí, sim. Uma vontade grande de sorrir.

Almeida e Costa sofre da coluna ou engoliu o cabo da vassoura? Entrevistado pela TV, não vira a cabeça nem à esquerda, nem para a direita. Preocupa-me a sua saúde!

Não digo o mesmo de Ângel Correia, visto assim um dia destes, com um -look- de deitar abaixo qualquer galã de Hollywood. Disseram-me que o deputado do PSD está preocupadíssimo com a sua imagem, porque dentro em breve será vedeta das maiores. Ninguém acreditava naquela do miu-miau, pois não?

E como diz o outro, com voz empastelada... -cá vamos andando...-

TERÇA-FEIRA — Clara e Augustus foram veranear para Ibiza. As invejas cometidas por essas hostes. Os meninos andam curtindo uma boa, e gozam mesmo com D. Crise.

No -Sheraton- o jantar era assim uma -viagem- especial. Convidados e anfitriões em convivio pleno. Que, cá por mim, eu continuo a dizer como é sem precisar de intermediários. A revista Seções Reader's Digest e a TWA realizaram assim o apuramento dos vencedores do concurso efectuado em Abril sobre o tema -Viagens Grátis para Sempre na TWA-... Nunca aconteceu um prémio assim. Que coisa linda. Feliz do contemplado. Lá vi o Gonçalo Lucena sempre alegre. A crise não é com ele. O Chico Pope presente. A Isabel Melo e Castro magríssima, mas com uma pedala inesgotável. Ao contrário de mim querida. Quando mais trabalho tenho... mais gordo fico. Coisas das elegâncias...

Reencontrei Cáceres Monteiro com um pequeno bronze. A Rosário Maia da Ciesa com uma blusa decotada mas lindíssima. Jorge Dorez falou pouco. O bastante para reconhecer o cavalheiro simpatíssimo (dos poucos) que esteve naquela grande mesa!

Falei? Tá falado...
QUARTA-FEIRA — Reuniões de trabalho. Constantes e benéficas. Eu é que estou cá com uma pedala...

O jantar foi demasiado bonito para que não vos contasse. Apesar da intimidade. Eramos quatro. Eu, o Cáceres Monteiro, o Eduardo Baião e a anfitriã Vera Nobre da Costa. O grupo de Marrakech reencontrava-se. Uma noite linda no Alto da Barra, na casa magnífica que a Vera possui. Bom gosto e bem estar. Continua a ser por



O Arabela II em Portimão...



Fernando Barata «aposta» na gastronomia...

excelência uma das pessoas mais civilizadas que me foi dado conhecer. Uma amiga com imensa classe. Por que razão eu deveria estar triste?

Depois, a Vera é uma belíssima cozinheira. Nem queiram saber como foi o jantar!

QUINTA-FEIRA — Não falo de tudo porque não compareci em todas as festas. Com imensa pena faltei a essa -Sardinade-Rodeo- que a McCann-Hora organizou para lá de Loures. O gripo dos vaqueiros numa recepção bem à moda do Oeste. Adorava ter lá estado para dar uns tirinhos. Nem que fosse com o meu olhar venenoso como apregoam por aí...

Uma exposição de pintura na Galeria -o País-. A pintura e o talento de José Ralha. Um BRAVO bem forte e amigo. O tempo é o grande mestre da vida...

Uma corrida até às Olatas para o -show- de Moda e Móveis. On-de Ana Salazar e Maria Ângela Ladeira fizeram uma amostragem linda. A festa da -Dimensão Móveis- com imensa gente assistindo e... aplaudindo.

António Ladeira não cabia de contente com o sucesso. Muitos e bons. Tomás Taveira chegou atrasado mas a tempo e horas para o brinde. Com ele, a Amarilis, sempre amiga. E a Catarina mais a sua cara-metade. Maria Teresa Horta presente. O sucesso pertence-lhe. Graças...

Era noite e o jantar no Grémio Literário tinha que ser o acontecimento da semana. Foi outro acontecimento. Que esta semana foi de gritos.

Patrick Dillon ofereceu um jantar na despedida de António Pardete da Fonseca. Por isso aquela reunião de amigos e clientes. Também posso dizer do cinismo e da má-língua corrente na festa. Que pena, tanta maldade, que pena, a pessoa não terem um mínimo de dignidade. Verifiquei que um

percentagem grande dizia mal dos outros presentes. Sorriu... Mas a festa era de branco. E Pardete foi um ótimo amigo, um anfitrião impecável. Elegantíssimo no seu visual. Aliás, penso que os homens foram os mais caprichados na vestimenta. Dividendos?

José Nuno Martins todo -funk-. Augustus discreto mas com a Clara a derrapar em elegâncias. Ventura Martins de lacinho e muita disposição. Gostei do sorriso bonito da Mina. A Teresa Schetti não parou um momento. Maria do Rosário Rebelo da Silva como sempre ela mesma. Teresa Guilheme apareceu derrapante com uma saia de estalado. Que pierna menina...

Rosalina Machado cintilante. Era da blusa?

Alice Cruz a minha mais de sempre. Pela maneira bonita como está na vida. É o meu ponto de vista. Maria Helena de Almeida muito alegre, conversou e disse de sua justiça.

Recusei que certa figura se sentasse na minha mesa. É preciso luta para ter de aturar o -cachalote. E lata não lhe falta a ela não...-

Comigo à mesa só gente de bem. Ou quando dou o benefício da dúvida!

Marionela Gusmão, Maria Leonor, e Vera Lagoa tinham muito para contar. Que afinal a gente sabe de tudo. Mesmo que as -cartas- sejam enviadas secretamente. Depois o rissó é o máximo. Quem engana quem?

Não fiquei muito tempo no Grémio porque ia viajar. E andar nas asas do vento...

SEXTA-FEIRA — A convite de Fernando Barata fui até Albufeira. Estive no -Auramar- maravilhosamente instalado. Um hotel repleto de turistas. Mas lá fui para a inauguração do -Arabela II- em Portimão. A Zé Faisca coordenando o novíssimo espaço com a mão-



Os três sorrisos da festa. Se eu cortasse...



Pardete da Fonseca vai até o Brasil



Erika estava linda e bronzeada...

zinha da Rosy que se deslocou propositadamente para o evento. Foi uma festa simpática, bem ao estilo das que Organizações Fernando Barata costumam oferecer. Carlos Ganho como sempre um anfitrião extraordinário, uma pessoa de muita personalidade.

Reencontrei a Erika que está bronzeadíssima. Lá vi Pereira Marques, que ainda dá uns chutos na bola. Analide Guerreiro e os Cônsules de Grã-Bretanha e da Suécia. Carlos Cracias estava com a senhora.

O Turismo do Algarve. A Banca em peso. Nestas coisas um copo e um croquete ajudam sempre a digerir muita coisa...

Uma senhora loira: Michelle Tannock. António Medeiros do futebol. E o José Carlos Dias Mota com uma disposição de invejar. A Guida e o Rui Martins chegaram atrasadíssimos mas a tempo da noite enalorada...

O -Arabela II- vai fazer sucesso lá por Portimão. Basta que a Zé Faisca e toda a sua equipa façam mesmo que a Rosy Eduardo fezo Arabela em Lisboa. Que nesta vida de gastronomia, quem tem olho é rei!

Mas o Algarve é uma surpresa constante.

Um jantar lindo, no -Pirata-. Parabéns ao Carlos Nunes e José Rebelo porque na verdade o saber receber é uma virtude pouco vista. E vocês são anfitriões maravilhosos.

Adorei o vosso espaço. Comi divinamente. E a noite com o Carlos Bastos sempre artista, sempre impagável foi inesquecível. Obrigado pelo -Marialva-. Quero assinalar o Vítor Carmo que dedilha a guitarra portuguesa como poucos. Francisco Semedo na viola merece aqui o aplauso.

Uma noite de fado e de poesia. Como bem canta o Carlos Nunes

E que lindamente diz poesia o Zé. Uma plateia de gente bonita a aplaudir e a saber conviver. Aquela grupo enorme de bons apreciadores do fado e da noite merecem um bravo especial. A Tucha até derramou vinho nas calças...

Eu? Até disse umas quadras. Seria eu?

Dali, partimos para a Horta 2 onde o Domingos nos recebeu agradavelmente e a fazer esquecer alguns deslizes anteriores de... esquecimento!

Muita gente animada. Um -disco-jockey- fabulosamente alegre. Não vi o Luís Filipe Coelho.

E a correr para Lisboa. **SÁBADO** — Duas festas lindíssimas. Uma na Pousada de Palmela onde o chic e o charme derraparam tudo. Decoradíssima por Pimenta da Gama, esse 29 de óptimas recordações. Gente colunávd e do máximo -life-.

Apareci com a Maria Afonso que fez estremecer assim as velhas paredes do Castelo. Ia linda com um vestido comprido e um laço fabuloso. Muitas mulheres vestidas a rigor. E as jóias ofuscavam tudo. Depois eu conto que o tempo... pois é.

Falo sim em pormenor do jantar na casa do Henrique e Graça Mineiro. Uma reunião com gente bonita, onde o reencontro foi uma constante. Luízinha Bravo com as cores de Lisboa. Luís Morales e Manuela aqueles amigos de sempre e um casal maravilhosos. Manuela Mineiro adora pedras semi-preciosas. Eu também. Vítor Coelho nomeado no dia anterior para vice-presidente do Supremo. Pelo ar parecia feliz. Pedro Fernandes Homem e a Ana. O general Pedro Cardoso mais magro. Ou é da minha vista?

João Charter's de Almeida veio dos -states-. A Mariázinha sempre alegre e a marcar pontuação cá dentro. Diogo Saraiva e Sousa muito -in-. A Teresa vaidosíssima com a criança. Manuel Ferreira Enes estava muito calmo e não me pareceu nos seus dias. A Condessa de Vila Franca com um modê cor de champanhe a merecer aqui o meu aplauso. Gostei do encontro.

Maria de Lourdes Paes Cabral senhora viva e com uma extraordinária capacidade para honrar os visitantes dos seus filhos, esteve como sempre impecável. Adorei ouvi-la. Esse amor, esse cuidado, são as coisas mais lindas da vida. Por isso vivemos...

O João queimadíssimo do sol com a menina bonita. Romance?

Filipa e Zé Vacondes. Bem dispostos e preparando a chegada de Outubro para o grande momento. Muita sorte para já!

A Graça foi uma anfitriã com eu sempre idealizei. Afinal, eu é que ando frenético por vezes. Um abraço a este casal tão simpático que ainda consegue tempo para estas reuniões entre amigos. Voltarei sempre que possa...
DOMINGO — Mas quando é que descanço?

Um prazer grande noutro reencontro: António Alves e a Linda estiveram comigo num jantar d'ki-no no -Pagem-. Uma noite agradabilíssima. O que nós recordamos. Depois, horas mais tarde, a Ursula MacTizel comemorava o seu aniversário. Só entre amigos. A minha sueca mais linda estava como sempre gosto de a ver.

A correr, sempre a correr. Ico por aqui. Que o tempo é de férias e de projectos. Outubro será aquele acontecimento. Estejam a postos. Foi uma ALEGRIA estar aqui todas as semanas!

Por: Senhor Brig. Xisto Ximenes

DESDE o número um de «o País» e tendo até nascido a ideia por nossa iniciativa, a página humorística que constitui uma novidade no panorama jornalístico português tem-se mantido ao longo de toda a vida deste semanário e até à passada semana.

Por um daqueles caprichos do destino, acontece que um dos autores da página «Bocas» (e com grande desgosto do seu parceiro) entendeu terminar a sua colaboração exactamente no número anterior ao da suspensão, o que o coloca na posição original de ter sido o mais antigo colaborador e o primeiro — e único — a dar por findo o compromisso assumido com «o País».

É certo que, desde há algum tempo e em face do

inegável êxito que obteve a referida página lançada por «o País», o autor que agora tomou a decisão de desistir se expandiu por outra imprensa, por sinal aquela que não tem escrúpulos em endereçar convites a pessoas que se encontram vinculadas a outras publicações. E como a came é fraca...

Seja como for, impunha-se que deixássemos aqui a explicação devida aos leitores de «o País». Nós, como sempre, com a maior verticalidade, ficamos no mesmo sítio. E regressaremos com outras ideias, posto que imaginação é coisa que abunda cá por casa. Por hoje e para dar cumprimento ao hábito criado de manter a informação das semanas que faltam, aqui deixamos a indicação de que...

Nesta altura faltam 77 semanas para o homem se ir embora, mas quando regressarmos, em 4 de Outubro, então já só restarão 65 semanas... Que alívio!

Obras Públicas

Gestão irresponsável de Rosado Correia

O RECÉM anunciado Plano de Recuperação Económica do Governo, começa por revelar uma certa dualidade de critérios na sua primeira aplicação, segundo sectores afectados pela recente distribuição de verbas para as Obras Públicas e que originaram a paralisação de mais de 300 obras em curso.

Efectivamente, distribuindo apenas 150.000 contos dos 800.000 contos respeitantes à sua comparticipação em diversos empreendimentos nos sectores cultural, desportivo e social em todo o País, o governo preferiu o lançamento de obras novas, obrigando à paralisação obras já iniciadas em todo o País, muitas das quais quase concluídas.

Estão neste caso mais de cinquenta por cento dos setenta quartéis de bombeiros em construção em todo o país, cujas obras vão parar por falta de verba. Neste caso, o Ministério do Equipamento Social apenas distribuiu 137.047 contos dos 426.756 contos solicitados para reforço das verbas iniciais. Em Lisboa, por exemplo, dos 111.880 contos requeridos para obras, das quais mais de metade com mais de cinquenta por cento de execução, o Ministério atribui a irrisória quantia de 1000 contos. Destaca-se aqui o caso do quartel dos bombeiros da Ericeira que totalmente acabado, necessitava de uma verba de 2880 contos para liquidação da obra, e que não recebeu nem um centavo.

Em contrapartida para o Porto, para onde tinha sido solicitada uma verba de 5000 contos, o ministro Rosado Correia destinou um reforço de 21.632 contos. Para uma obra cujo projecto foi aprovado há 3 meses e que não foi iniciada nem sequer posta a concurso, em Paços de Ferreira (Freamunde) o ministro Rosado Correia decidiu distribuir mil contos, no seu despacho 202 deste ano.

Em contrapartida, para uma obra cujo reforço pedido tinha sido de mil contos, destinou dois mil e duzentos contos. Em Lagos para um reforço estimado em 3000 contos o MES dedicou a importância de 7.179 contos.

O Estado português deve actualmente aos empreiteiros a quantia de quatro milhões e meio de contos, grande parte dos quais respeitante a facturamentos de obras inacabadas. Tendo sido distribuída, pelo Ministério das Finanças e do Plano, a quantia de cinco milhões de contos para equipamento social, o ministério respectivo orientou essa verba para a realização de obras novas com destaque para novas estradas, barragens e pontes, num critério que é posto em causa pelos mais variados sectores.

Segundo fontes do próprio Ministério, o «ministro atribui verbas para pontes, em perfeitas condições», numa actuação que é considerada como essencialmente propagandística, para fins eleitorais.

Por que encerrou o «Notícias da Tarde»?

O VESPERTINO «Notícias da Tarde», trazido às bancas pela empresa proprietária do «Jornal de Notícias», deixou esta semana de publicar-se, ao que tudo indica por pressões exercidas pelo seu principal accionista, precisamente a Empresa Pública Notícias-Capital, proprietária do Diário de Notícias...

Todavia, por detrás desta decisão — que se diz ter a ver com o próximo lançamento de um tri-semanário desportivo — estará, eventualmente, uma manobra de

enfraquecimento do próprio «JN», que, como se sabe, é o jornal diário que maior número de exemplares vende e cujos resultados anuais são altamente positivos. Em jogo estarão mesmo pressões ao nível governamental para a suspensão do «Notícias da Tarde» e aparecimento do tal tri-semanário desportivo, este último numa tentativa de fazer concorrência dentro da própria empresa ao importante sector desportivo do JN que tem sido ao longo dos anos um dos principais motivos do seu sucesso junto dos leitores.

A SIDA em Portugal alvo da atenção dos médicos

UM ESPECIALISTA de doenças infecto-contagiosas do Hospital de Santa Maria, confirmou-nos que, neste momento, existem em Portugal suspeitas relativamente a dois ou três casos de doentes afectados pela SIDA, encontrando-se internados e sujeitos a estudo.

Apesar de não se poder confirmar se já se verificaram mortes com doentes afectados com o Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (SIDA), dado que casos como estes não são comunicados às entidades sanitárias, pensa-se que já se verificou um caso mortal no nosso País, sobre o qual os estudos prosseguem.

Não existindo ainda terapêutica eficaz contra este síndrome, o certo é que os especialistas não descansam enquanto não procurarem essa mesma terapêutica. Neste momento, os grupos americanos e franceses que estudam a doença isolaram um vírus, do grupo retro-vírus, que se admite seja o responsável pela SIDA. Pensa-se, inclusive, que esse retro-vírus, anteriormente não causador de doenças no homem, tenha sofrido uma mutação, tornando-o altamente infeccioso, acabando por destruir as células protectoras a nível da imunidade celular no organismo humano. Segundo aquele especialista do Hospital de Santa Maria, «dá-se como que uma explosão (passe o termo) em seara seca, onde todas as células de defesa do organismo, a chamada imunidade celular, são destruídas».

Números tornados públicos recentemente, dão-nos conta que existem 4021 doentes afectados pela doença nos Estados Unidos, 111 na Bélgica, 10 na França e 59 na Grã-Bretanha, apenas para referir alguns números, mas em todos os países o foco tem sido detectado.

Concretamente em Portugal existem alguns casos, um dos quais está documentado, tendo o doente passado pelos serviços respectivos do Hospital de Santa Maria, acabando por ser confirmado, em França. O caso diagnosticado em Portugal — como «o País» revelou em primeira mão — passou-se em 1981, com um cabo-verdiano, tendo o doente regressado ao seu país.

Dai para cá, desconhece-se, verdadeiramente,

quantos casos confirmados existem, mas o certo é que, não se conhecendo a terapêutica eficaz, o Hospital de Santa Maria, por exemplo, tem combatido todo o tipo de infecções oportunistas que surjam aos doentes, até porque, tratando-se de uma doença de longa evolução, pontualmente o doente não tem defesas, estando sujeito a adquirir essas infecções, as quais são combatidas com algumas «armas» que retardam a marcha para a morte.

Os especialistas que estudam as causas da doença pensam que seja transmitida por três vias, sobretudo, atingindo quatro grupos principais da população que se definem na monemónica dos «4 H» e, por isso mesmo, denominando-se a SIDA pela doença dos «4 H». São atingidos predominantemente os homossexuais, os haitianos (sobretudo os residentes nos EUA), os hemofílicos (que recebem transfusões de «concentrado do factor oito») e os heruínómanos (isto é, os toxicómanos de heroína injectável).

Pensa-se que a SIDA é um agente transmissível por via sexual e venosa (nos drogados), encontrando-se uma maior percentagem (cerca de 90 por cento) diagnosticada em homossexuais masculinos. Os especialistas pensam também que esse agente transmissível é, muito provavelmente, um vírus, ou melhor (como já o escrevemos), uma mutação de um vírus qualquer.

A doença só em 1978/79 começou a ser diagnosticada, visto que nos arquivos de todos os serviços de venerologia e infecciologia, não existia (até 1979) o quadro que aparece agora, constituído por uma deficiência imunitária geral, isto é, em termos práticos, as pessoas ficam privadas de defesa e adquirem infecções por agentes infecciosos que habitualmente não causam qualquer doença nas pessoas normais. A explicação que os especialistas poderão dar neste momento é que, os indivíduos sem defesas, ficam desprotegidos, adquirindo doenças por agentes inabituais, portanto, doenças que qualquer pessoa saudável não tem, são as chamadas doenças por agentes oportunistas e ocasionais, pensando-se, de facto, que seja um vírus.

No Rio de Janeiro

Manuel Telles cidadão honorário

MANUEL Telles, actual vice-presidente da direcção da Associação Industrial Portuguesa e presidente da Direcção da Associação Portuguesa das Empresas Concessionárias das Zonas de Jogo, acaba de lhe ver conferido o título de Cidadão Carioca, por decisão do município do Rio de Janeiro.

O título de Cidadão Honorário do Município do Rio de Janeiro vai ser entregue ao economista e empresário português no próximo dia 3 de Agosto. «pelos relevantes serviços prestados à cooperação cultural entre Portugal e o Brasil», numa sessão solene na Câmara carioca.

No dia 27 do corrente, porém, o dr. Manuel Telles será o orador oficial da sessão solene comemorativa do 61.º aniversário da Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro do Rio de Janeiro, instituição de que será feito sócio honorário.

Novo director da El-Al em Lisboa

ACABA de chegar a Lisboa o novo director em Portugal da companhia israelita de aviação, Josef Busso, que antes chefiava as vendas internas da El Al em Israel. Depois de um largo período em que a companhia esteve a ser dirigida desde Madrid, o novo responsável pela empresa junto de nós traz o encargo de incrementar ao máximo o tráfego de pessoas e mercadorias entre os dois Países.

Soltas

● DEPUTADOS de todos os partidos representados na Assembleia da República apresentaram um requerimento ao Governo sobre as dificuldades que estão a ser criadas às rádios livres.

● INVESTIGADORES empenhados no desmantelamento das Forças Populares FP-25 estão convictos de estar em posse de provas irrefutáveis de ligações daquele grupo com a organização terrorista espanhola ETA.

● OS PILOTOS da companhia espanhola de aviação Ibérica, em greve há um mês, ganharam o ano passado mais dinheiro que o presidente do Governo espanhol, segundo dados divulgados pelo «El País». Esses mesmos pilotos recebem maior salário que o presidente e a equipa directiva da Ibérica.

● A TERRA tremeu nos Açores nas passadas segunda e terça-feira, mais concretamente na zona da Ilha Terceira. Os sismos chegaram a causar algum pânico na população, embora não se tivessem registado danos materiais.

● A ÁGUA vai faltar hoje durante todo o dia em quatro zonas da cidade de Lisboa: Campo de Ourique, Alto de Campolide, Alto do Restelo e Alto da Ajuda. Obras de remodelação das canalizações no nó das Amoreiras estão na origem deste corte de água, a qual voltará a correr nas torneiras a partir das oito horas de amanhã.

● MOHAMED RASHID, o presumível assassino de Isam Sartawi, vai ser novamente julgado (em data a estabelecer) depois do primeiro julgamento ter sido anulado pelo Supremo Tribunal de Justiça. O novo julgamento deverá realizar-se só em Outubro após o fim do período das férias judiciais.

● COM 84 anos de idade, faleceu em Lisboa a actriz Hortense Luz, que se encontrava doente há quatro anos, após ter sofrido uma trombose. Hortense Luz abandonou o teatro há cerca de 15 anos, colaborando, posteriormente, na rádio e televisão.



O espectáculo continua!

O ESPECTÁCULO e a emoção de uma prova desportiva estão patenteadas na foto que apresentamos. Trata-se do evoluir de um carro de competição num circuito de terra, precisamente quando da segunda eliminatória da feliz iniciativa da Ford e da Diabolique, «Onde está o As?».

Dado o estado do piso, que se degradou com a passagem dos concorrentes (140 na totalidade), a direcção da prova decidiu adiar esta eliminatória para o próximo domingo, no mesmo local (Aeródromo de Espinho), mas noutro piso (mais alfalto do que terra).

OCDE revela:

Juventude abandona estudos

O RELATÓRIO da OCDE sobre a política educativa em Portugal, cuja apresentação pública acaba de ser feita, revela que tudo vai de mal a pior na educação no nosso País.

Várias são as causas apontadas pelos técnicos da OCDE, algumas das quais se prendem com a falta de estradas-capazes, o grau de isolamento rural no interior do País, a própria instabilidade dos programas escolares (os quais são constantemente alterados) e a falta de apoio aos professores, que motiva o absentismo dos docentes.

Mais dramático ainda, é o facto de muita juventude abandonar os estudos por falta de recursos, como foi agora comprovado pela OCDE. Em Portugal, cerca de 20 por cento dos alunos não prosseguem os estudos após o ensino primário enquanto 27 por cento dos jovens não se apresentam ao exame final do sexto ano escolar. Refere o relatório da OCDE que esta percentagem só pode ser diminuída com o contributo do «Ciclo Preparatório TV», cujo sistema, único em toda a Europa, abrange

cerca de 58 mil crianças em 1150 postos.

«O grau de isolamento rural, típico da grande parte do interior do País, não tem apenas consequências materiais: tem efeitos profundos nas atitudes da população perante o prosseguimento dos estudos para além da escola primária, bem como na atitude dos professores face aos seus postos e à vontade de neles participar», segundo se poderá ler na análise dos peritos da OCDE sobre as carências e obstáculos do ensino em Portugal.

RN: Novo Conselho de Gerência?

NOTÍCIAS recolhidas por «o País» de fonte fidedigna garantem estar neste momento em análise a futura composição do Conselho de Gerência da Rodoviária Nacional empresa pública que tem sido particularmente falada nas últimas semanas, essencialmente depois das notícias que o nosso jornal e outra imprensa publicaram sobre problemas graves que têm estado a ocorrer naquela

empresa. As mesmas fontes — próximas do Governo — garantem-nos que apenas um ou dois dos actuais componentes do CG permanecerão no seu posto e eles devem ser Feio Borges, actual presidente, e Neves da Silva, o mais recente dos gestores e o único nomeado pelo actual governo. Os restantes gestores deverão, pois, ser substituídos, nomeadamente os

drs. Aleluia e Leão Trigo. Sabe-se, entretanto que outros factos relacionados com a Rodoviária Nacional podem vir a público nas próximas semanas, nomeadamente em jornais que até ao momento não têm dedicado particular atenção ao assunto mas que, alertados pela divulgação de certos problemas parecem estar a reunir elementos para publicação.

o País

Pasteleiro francês em Lisboa

A RESTAURANTE, Siec e Sodal, principais firmas de equipamentos para hotelaria, levaram a efeito com a presença de um chefe pasteleiro da fábrica de fornos «Juno» numa das salas do Hotel Sheraton, demonstrações de fabrico de «croissants», tipo francês.

Esta acção integra-se numa acção promocional mais vasta que os referidos fornos estão a desenvolver que é a montagem de croisanterias para o qual ficou

demonstrado que, com reduzido equipamento e muito pouca técnica, é possível montar estas unidades em pequenos espaços.

As demonstrações que se realizaram durante todo o dia foram muito concorridas, particularmente, por profissionais da especialidade e empresários, os quais ficaram nitidamente surpreendidos com as excepcionais capacidades técnicas e produtivas dos fornos em causa.

A partir de 1986

Castelo de Bode dá água a Lisboa

A EPAL deverá brevemente aumentar em 75 por cento a sua produção de água, devendo gastar com esta operação cerca de 20 milhões de contos, segundo foi revelado por um elemento do Conselho de Gerência daquela empresa.

Entretanto, e se tudo correr

conforme planeado, somente a partir de Verão de 1986, Lisboa passará a dispor de 875 mil metros cúbicos de água contra os 500 mil actuais, quando entrar em funcionamento a barragem de Castelo de Bode, depois de feitas as respectivas obras, que se iniciaram há já seis anos.